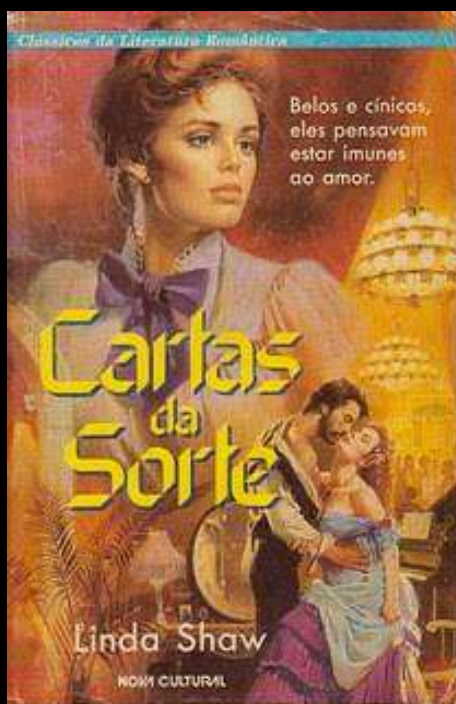


Cartas da Sorte

"Odessa Gold"

Linda Shaw



Belos e cínicos, eles pensavam estar imunes ao amor.

EUA, séc XIX.

Uma professora de alma livre se alia a um homem que joga a vida e a morte nas mesas de pôquer.

Sem outra alternativa, Genevieve Carlyle aceitou o risco de confiar em um ex-presidiário e jogador profissional. Quem mais poderia ajudá-la a encontrar o mau caráter que a iludira com promessas e roubara todo seu dinheiro?

Dez anos de prisão ensinaram Odessa Gold a lidar com marginais e a reconhecer os truques dos poderosos. Em alguns dias e com um pouco de sorte nas cartas, ele e Genevieve se transformaram em impostores que transitavam pelo esplendor da Quinta Avenida e pelos círculos luxuosos de Saratoga Springs.

O perigo perseguia-os a cada passo e logo os alcançaria. Odessa e Genevieve haviam imaginado que nada tinham a perder... Pagariam um alto preço por esse erro.

Digitalização e Revisão: Liana

Formatação: Cyntya D.

PROJETO REVISORAS



CAPÍTULO 1

Wyoming, 1897.

O punho raivoso do inferno erguendo-se contra o céu. Era assim que os antigos prisioneiros se referiam à prisão estadual do Wyoming. Suando sob o sol inclemente de julho, do lado de fora das sinistras paredes de pedra, o governador Nathan Hodges concordava plenamente com essa comparação. Em sua vida existiam dois severos aborrecimentos que ele suportava apenas por obrigação: um era esperar, o outro, sua esposa. Mas, naquele momento, Beatrice estava em Cheyenne, na mansão do governo. Uma bela mulher, sempre elegante, sempre fina e constantemente embriagada.

Ao enxugar o suor da careca e limpar os óculos embaçados, Hodges amaldiçoava o homem que motivara aquela desconfortável viagem da capital à prisão.

Á volta do luxuoso coche envernizado, oito batedores se agitavam, imponentes, em suas selas. Naquela região pródiga, o capim costumava atingir a altura de um homem, mas, junto à prisão, o chão de terra era uma prova do trânsito contínuo, necessário para manter a legalidade e a ordem no Oeste.

No alto dos portões da prisão, o vento quente movia frouxamente uma bandeira descorada e só as montanhas distantes aliviavam a paisagem desoladora. Eternas e serenas, prometiam o frescor de rios cristalinos e a sombra de vales verdejantes.

Hodges olhou para o relógio pela décima vez. Meio-dia e quarenta. O maldito Potanski se comprazia em forçá-lo a esperar.

Um dos batedores inclinou-se na sela a fim de olhar para dentro do coche, levantando uma nuvem de poeira que se infiltrou pela janela.

— Quer que eu vá me informar sobre a demora, Excelência?

— Não, não é necessário — resmungou Hodges, fechando o relógio. — Antes ficar aqui fora do que lá dentro com aquelas feras selvagens. Potanski sabe muito bem que eu estou derretendo debaixo deste maldito sol.

Se Hodges conseguisse encontrar alguém com um terço da capacidade de Potanski para dirigir a prisão, já teria substituído o carcereiro anos atrás. Mas era preciso uma raça especial de homens para lidar com criminosos sanguinários, por isso Hodges continuava a tolerar Potanski e Potanski continuava a votar, invariavelmente, em seus rivais políticos.

— Ele vem vindo, Excelência — avisou um dos patrulheiros, notando o movimento diante dos portões.

Endireitando a gravata e encolhendo a barriga para poder fechar a impecável casaca, Hodges apanhou o chapéu Panamá, uma moda lançada pelos homens elegantes do Leste e seguida fielmente pelo governador do Wyoming.

A um estalo de dedos do governador, dois patrulheiros desmontaram e, com as armas engatilhadas, se dirigiram até a entrada. Os portões se entreabriram para dar

Cartas da Sorte

Linda Shaw

passagem a dois guardas, permitindo apenas uma rápida visão do horror do pátio da prisão, e o carcereiro Potanski passou entre eles, um homem alto e de aparência intimidante.

Então, a sombra do prisioneiro projetou-se no chão de terra, mais alta do que Potanski e desmesuradamente maior do que o governador. Um chapéu de couro manchado e disforme obscurecia quase todo o seu rosto. A claridade do sol iluminava apenas a boca, oculta por um bigode cor de chocolate, e o queixo, também invisível sob a barba espessa. Um homem de trinta anos que, ao sair da prisão, aparentava quarenta.

Hodges suspirou. O terno do prisioneiro, embora bem cortado, saíra de moda há quase uma década, estava largo demais e ainda assim aquele homem mantinha uma postura altiva, de elegância descontraída e inexplicavelmente perigosa. Dez anos na mais temida prisão do Oeste não tinham conseguido vencer uma personalidade forte.

Potanski continuava a ladainha de recomendações, apesar do total desinteresse do homem. Quando ele terminou de falar, virou-se para Hodges, com a expressão de quem cumpriu um dever mas não se responsabiliza pelo resultado e, sem despedir-se, desapareceu novamente nas entranhas da prisão.

— Não façam nada sem ordens minhas — advertiu Hodges aos guardas que o acompanhavam em direção ao prisioneiro. — E, pelo amor de Deus, McPherson! Não fique em cima de mim!

McPherson, um antigo vaqueiro de expressão feroz, tinha a melhor pontaria do Estado do Wyoming e, certamente, o pior gênio.

— Eu não confiaria nesse homem, Excelência. Ele tem olhos de assassino.

— Mas não vai tentar nada bem na frente da prisão, McPherson.

— Nunca se sabe, não é?

Agora mais peno, Hodges distinguia as marcas deixadas por dez anos de encarceramento e a fina cicatriz na face direita. Entretanto, a voz que chegou até ele não perdera a ironia cortante.

— Governador — o homem curvou imperceptivelmente a cabeça — , é uma honra encontrá-lo à minha espera.

— Não se trata de uma visita social.

— Então já está providenciando sua reeleição para os próximos quatro anos.

Hodges estremeceu diante da violência contida naqueles olhos de um cinzento quase metálico. O prisioneiro, dando a conversa por encerrada, afastou-se alguns passos, como se estivesse impaciente por partir.

— Mas não precisava ter sido assim — prosseguiu Hodges.

— Sabe disso, não é?

— Fiz o que tinha de ser feito.

— Eu estou dizendo que você poderia ter sido libertado antes. Quero que compreenda bem.

— Se era só isso que tinha a me dizer, cumpriu sua missão, governador. O assunto está encerrado.

Uma estrada tortuosa e esburacada cruzava a aridez da planície e, ao longe, se

bifurcava. Uma delas seguia para Oeste, em direção a Laramie, e a outra, para Leste, onde ficava Cheyenne, a capital do Estado. O homem permanecia imóvel, o olhar perdido a distância, talvez escolhendo seu caminho.

— Droga! — berrou Hodges, exasperado.

O prisioneiro virou-se bruscamente e sua expressão revelava desprezo, repulsa e um ódio corrosivo. Hodges sentiu o impacto daquelas emoções negativas e recuou, prevenindo seus patrulheiros com um olhar nervoso.

— Por que não põe as cartas na mesa de uma vez por todas, governador? Nós dois ganharíamos tempo se falasse logo o que tem a dizer.

— Você tem razão, é claro. — Hodges enxugava o rosto banhado de suor. — Mas deve lembrar-se de que se recusou a responder a minhas cartas, recusou-se a me receber quando vim visitá-lo e a viagem até a prisão obrigou-me a cancelar compromissos extremamente importantes. Acha que posso perder tanto tempo assim por sua causa? Vou pedir-lhe, pela última vez. Abra um processo contra McFee e Platt. Você saiu da prisão, pode desaparecer sem deixar traços, mudar de identidade. Eles jamais o encontrarão.

— Se veio para insistir nessa tolice, desperdiçou sua viagem ao inferno, governador.

O sorriso do prisioneiro, sarcástico e desdenhoso, resumia-se a um leve curvar dos lábios. Os olhos de um cinzento tempestuoso transmitiam um ódio frio. Hodges enfureceu-se com o tom insultante e com a falta de respeito à autoridade que ele representava.

— Será que não enxerga como está sendo idiota? Não posso agir de mãos atadas! Eles são culpados. Não pode deixá-los livres, nem obstruir a justiça, recusando-se a denunciar os culpados diante de um tribunal. Tem que processá-los.

Com uma agilidade felina, o homem aproximou-se, quase colando o rosto ameaçador ao de Hodges. Os patrulheiros cercaram os dois, com as armas engatilhadas, mas Hodges fez um sinal para que se detivessem, embora se mostrasse extremamente assustado.

— Eu não tenho que fazer nada neste mundo a não ser morrer, na hora certa — rosnou o homem, com um esgar de fúria. — E, se pensa que me importo de bater as botas, é você quem está sendo idiota.

— Cão maldito! — Cuspindo no chão, McPherson avançou para o homem. — Não pode tratar assim o governador do Wyoming!

Sacando rapidamente o revólver, McPherson encostou o cano no peito do homem, que teve uma reação inesperada.

— Calma, calma! Não precisa ficar tão enfurecido. Somos homens civilizados e podemos resolver o assunto sem brigas.

— Ótimo. É assim que eu gosto...

McPherson não terminou de falar. Antes de atinar com o que estava acontecendo, sentiu o aço frio de sua própria arma pressionando-lhe as têmporas e um braço musculoso envolvendo o pescoço.

— O que estava dizendo, amigo? — o homem aumentava a pressão no pescoço de McPherson. — Sabe que eu poderia estrangulá-lo sem o menor esforço, não é? Ou apertar este gatilho e estourar os seus miolos. Aliás, um tiro seria a melhor opção para você, porque talvez não morresse imediatamente. Poderia continuar vivo por horas...

O som que saía da garganta de McPherson era um apelo por piedade e Hodges correu para junto deles.

— Por favor! Solte esse homem. A culpa é toda minha, não há necessidade de usar violência. Solte-o.

Hodges conhecera muitos criminosos, mas nenhum tão frio e implacável. Olhos cor do aço das pistolas, olhos de lobo.

O homem afastou McPherson com o cano da arma, provocando um rugido de dor.

— Eu agradeço a sua cooperação — gaguejou Hodges, enxugando o suor que escorria pelo rosto. — Não tocaremos mais nesse assunto. Você não precisa fazer queixas contra ninguém.

— Que gentileza a sua, sr. governador.

Com um sorriso de insultante desdém, o homem atirou longe a arma de McPherson. O metal da pistola rebrilhou ao sol como se fosse um inofensivo rojão de 4 de julho, mas nenhum dos batedores se moveu para recuperá-la quando finalmente caiu no chão.

Hodges estava profundamente arrependido de ter vindo até a prisão. Era impossível dialogar com aquela criatura teimosa e que se recusava sequer a ouvir seus argumentos. Como convencer um homem que não se impressionava com elogios?

— Confesso que me enganei a seu respeito — insistiu Hodges, teimosamente. — Pensei que se importasse com a justiça. Você afirmou que havia matado um homem porque ninguém teria coragem de incriminá-lo. Agora, estou tentando levar os outros dois a julgamento e não posso contar com a sua ajuda.

— Esse assunto não é da sua conta, governador. Volte para a sua segura e confortável mansão e tome um bom vinho em seus cálices de cristal com sua bela esposa. Deixe que as forças do mal resolvam seus problemas.

— Então você pretende fazer justiça com as próprias mãos? — gritou Hodges para o homem que se afastava. — Mais uma vez?

A pergunta de Hodges ficou sem resposta. O homem se afastava, indiferente a tudo, e seus passos levantavam pequenas nuvens de poeira que se erguiam no ar parado, sem um único sopro de brisa benfazeja. Ele caminhava com a negligência de quem assumia sua própria mortalidade e já não dava mais valor à vida.

Hodges desejou, ardentemente, encontrar um motivo para mandá-lo de volta para a cadeia.

— A situação mudou muito durante os anos em que você esteve preso. — Percebendo que fracassara, Hodges perdeu o controle do tom de voz. — Seus inimigos se tornaram homens muito poderosos. Pensa que pode voltar para sua vidinha aprazível e recomeçar tudo do ponto em que parou? Vai pedir a Deus por um amigo que o ajude

e... Está me ouvindo?

O homem continuou andando até desaparecer entre o capim alto e cor de púrpura que oscilava suavemente à sua passagem.

Vencido, Nathan Hodges retornou para a carruagem.

— Acho melhor tomar muito cuidado com a sua segurança, idiota — praguejou Hodges, venenosamente. — Não dou um tostão furado por sua vida.

— E agora, Excelência? — perguntou o cocheiro, derretendo em sua libré de veludo.

— O que está esperando? — reclamou Hodges, irritado, tirando a casaca ensopada de suor. — Vamos embora deste Lugar infernal agora mesmo... Não, espere! McPherson?

O cocheiro deteve a carruagem e McPherson chegou até a janela, descontrolado de ódio e com o rosto inchado.

— Sim, Excelência?

— Mande alguém seguir aquele homem. Quero saber detalhadamente para que lugares ele vai e com que pessoas entra em contato. E você pode ir agora para o correio. Envie um telegrama para McFee, informando-o de que o prisioneiro foi libertado.

— Um telegrama em seu nome, Excelência?

— Use um nome falso. Qualquer um serve porque McFee saberá quem o enviou.

Quando a carruagem começou a deixar para trás a sinistra prisão estadual do Wyoming, Hodges recostou a cabeça no confortável espaldar do banco forrado de veludo e soltou uma exclamação de profunda contrariedade.

Ele queria, desesperadamente, prender C.E. McFee e Manville Platt! Queria reabrir aquele caso e divulgá-lo de costa a costa. Com a cobertura que obteria ao se envolver em um dos crimes mais chocantes dos últimos dez anos, garantiria sua reeleição para o terceiro mandato no governo do Estado. E talvez fosse o primeiro passo para atingir seu sonho mais secreto: chegar à Casa Branca!

Não adiantava se desesperar nem desistir de seus objetivos. Existiam muitos meios de atingir uma determinada meta e a política, como Deus, escrevia direito por linhas tortas. Enquanto esperava que se abrisse um novo caminho, havia muito trabalho a ser feito.

Os magníficos cavalos puros-sangues percorriam velozmente a estrada em direção a Cheyene. Com os olhos semicerrados, Hodges pensava no frescor de sua imponente mansão, em sua santa mãe e em seus cálices de cristal francês. E na bela, fria e embriagada Beatrice, é claro!

CAPÍTULO 2

Havia tempo de sobra para pensar, mas Genevieve Carlyle se concentrou apenas nos assuntos que mais a inquietavam e, entre eles, se destacava o problema de sua virgindade.

Durante toda a tarde, o trem cruzara as planícies na excitante velocidade de quarenta quilômetros por hora. A partida fora em Cheyenne e já haviam atravessado o sudoeste do Wyoming, uma região assustadoramente agreste e tão desprovida de vegetação que abutres e águias voavam em círculos, procurando alimento. Se tivessem sorte, os famintos animais encontrariam uma cascavel ou talvez uma infeliz marmota.

Quatro cavaleiros tinham surgido no alto da encosta, com enormes guarda-pós claros e rifles que se delineavam de encontro ao céu. Emolduradas pelo sol do poente, suas silhuetas rubras lembravam um quadro de Remington, o mais famoso pintor de cenas do Oeste bravio.

Genny desviou o olhar, rapidamente se desinteressando daquela visão banal. Deviam ser vaqueiros empenhados em afastar da região seus maiores inimigos, os criadores de carneiros. No momento, ela não estava preocupada com as costumeiras guerras pela ocupação do território. Seus problemas principais eram as insinuações maldosas sobre solteironas e a fome. Acima de tudo a fome.

Quando chegasse a St. Louis, o problema da fome deixaria de existir. Na verdade, os dois problemas se resolveriam. Ao se tornar a sra. Adam Worthington, o mistério da virgindade seria desvendado e sua vida se transformaria num mar de rosas.

Em St. Louis, não se davam aulas por meses a fio sem receber um só centavo. Em St. Louis, os invernos não matavam as pessoas. Terminariam as noites gélidas em que ela ia para casa com fome porque havia colocado, disfarçadamente, a maior parte de sua comida no prato de Jessamine, que nunca desconfiara de nada.

Adam já havia partido meses atrás, a fim de regularizar a situação. Genny soubera vagamente que ele tinha brigado com o pai, um médico importante em St. Louis. Custava-lhe acreditar que alguém se conformasse em ser vaqueiro no Wyoming e em passar fome, quando podia viver numa cidade onde existiam jornais diários, frutas frescas e espetáculos de balé.

— Onde estamos agora, Genina?

Setenta e dois anos de vida sacrificada tinham dado à pele de Jessamine McGowan a consistência e a cor de um pergaminho antigo. Muito magra e sempre cheirando a alfazema, ela era a melhor amiga de Genny, a mãe amorosa que nunca tivera e a quem adorava.

— Nós só andamos vinte quilômetros desde que você me fez essa mesma pergunta — brincou Genny, afetuosamente.

— Portanto, estamos vinte quilômetros mais perto de St. Louis. Jessamine retirou os óculos, redondos e muito escuros. Co-

mó se ainda pudesse enxergar, limpou as lentes na barra de seu vestido de brim descorado.

— Vinte quilômetros mais perto de Denver, Genina — corrigiu ela.

— Sim, Jessamine. — Genny deu uma gargalhada. — E também mais perto de Kansas City e de St. Louis. Por que não vem sentar-se ao meu lado, querida? Estou sozinha neste banco e você poderia até se deitar para dormir um pouco. Quando acordar, dividiremos o sanduíche.

— Descanse você, querida Genina.

Um outro passageiro dormia a sono solto ao lado de Jessamine e ela se preocupara, desde o início da viagem, em não ocupar nem um centímetro a mais do espaço que lhe cabia. Agora, falava baixinho para não acordá-lo.

— E coma todo o sanduíche. Você precisa manter as suas forças e eu estou sem fome e sem sono. Não conseguiria dormir nem comer uma única migalha de pão.

Para demonstrar a Genny que não adiantaria insistir no assunto, Jessamine retirou da bolsa de pano uma meia verde de tricô ainda pela metade. Tricotar era a única atividade a que ela podia se dedicar após ter perdido a vista e só o conseguia com muito esforço, pois a todo momento perdia os pontos.

— Você não tem que se privar de nada, Jessamine. Contribuíu, como eu, para esta viagem e...

— Que tolice! — interrompeu Jessamine. — Os meus míseros centavos não cobririam nem a metade das despesas.

— Não vamos discutir de novo este assunto, Jessamine.

— E eu não vou atrapalhar os planos que você e Adam fizeram — continuou Jessamine, imperturbável. — Sempre achei que os jovens precisam conviver com pessoas de sua idade e não com velhos, por isso não se sinta obrigada a me incluir em sua nova vida, Genina.

Às vezes Genny se exasperava com a obsessiva independência de Jessamine McGowan!

— Não vou continuar esta conversa sem sentido! Venha sentar-se ao meu lado antes que eu perca a paciência, Jessamine. É você quem precisa manter as forças para agüentar ainda mais dois dias de viagem.

— Posso descansar perfeitamente bem onde estou, querida.

— Oh, Deus! — exclamou Genny, exasperada. — Juro que vou ficar velha antes do tempo por sua causa. Logo essa minha escandalosa cabeleira ruiva estará cinzenta como um rato.

— Você sempre ficou muito bem de cinza, Genina.

Desistindo de vencer a teimosia de Jessamine, Genny acomodou-se melhor no banco a fim de observar o passageiro à sua frente, que já estava dormindo quando elas tinham embarcado em Cheyenne.

Um chapéu gasto cobria seu rosto, deixando visível apenas o bigode, parte da

barba e algumas mechas rebeldes dos cabelos cor de chocolate. Suas longas pernas ocupavam todo o espaço entre os bancos e ele não se movera nem abrira os olhos quando ela e Jessamine se acomodaram.

Genny pensou em dar-lhe um pontapé para forçá-lo a ocupar apenas o espaço que lhe cabia. Acidentalmente, é claro! Mas, perturbar um desconhecido sem sequer ter visto seus olhos seria tão perigoso quanto colocar a mão na toca de algum animal selvagem.

A displicência com que ele ocupava todo o espaço disponível chegava a ser ofensiva! Quem seria esse desconhecido de botas remendadas que estavam gastas nos lugares errados para pertencerem a um vaqueiro? Seu terno, surpreendentemente bem cortado e fino, apesar de fora de moda, pendia de seus ombros como se ele não comesse há meses.

Repentinamente o homem se moveu, resmungando mas sem acordar. Genny recuou assustada e olhou ao seu redor para ver se alguém notara que ela o observava com uma atenção suspeita.

A maioria dos passageiros estava cochilando. Um casal de idade descascava ovos cozidos sobre um guardanapo, e uma jovem mãe tentava acalmar o filho que chorava. Certa de que ninguém perceberia, Genny encostou a ponta de seu sapato na bota do desconhecido e, depois de empurrá-lo com firmeza, virou-se para olhar a paisagem pela janela com uma expressão da mais pura inocência.

O homem resmungou, mas, naquele momento, a atenção de Genny se desviou. Os quatro cavaleiros que ela avistara imóveis no alto da encosta estavam agora cavalgando na faixa arenosa ao longo dos trilhos. Será que pretendiam interceptar o trem?

Aparentemente, nenhum dos outros passageiros os vira ou aquele fato não os preocupava. Entretanto, os cavaleiros continuavam a se aproximar e o som dos cascos de seus cavalos tinha um ressoar sinistro. Eles se comunicavam entre si por sinais, e suas mãos, cobertas por luvas de couro, agitavam-se no ar, a cada instante mais próximas.

Os bucólicos vaqueiros que evocavam um quadro de Remington tinham se transformado nos terríveis cavaleiros do Apocalipse! Ou seria o famigerado bando de Jesse James que estava prestes a assaltar o trem?

Genny afastou da mente aquela idéia absurda. Ela precisava controlar sua imaginação desenfreada, mais própria para uma escritora do que para uma simples professora. Mesmo assim, cobriu sua bolsa com a saia. Por sorte, entregara todas as suas economias a Adam quando ele partira para St. Louis!

Aliás, bastaria um olhar para que o mais famigerado dos ladrões desistisse de roubá-la. Pelas roupas, esta demonstrava que não possuía nada valioso. A saia, de linho marrom, revelava um uso constante durante anos a fio, e a blusa de cambráia creme só mantinha sua forma porque fora bem engomada. O chapéu de palha cor de caramelo não tinha um único enfeite, nem um laço modesto ou uma flor singela. Seus cachos ruivos escapavam pela rede, gasta demais para ser consertada, e as luvas, obrigatórias para completar a indumentária de uma dama, eram um luxo acima de suas posses.

Por sorte, Jessamine finalmente adormecera. Genny sorriu ao ver as botas que sua velha amiga sempre tentava esconder. Quando o juiz Parson morrera, sua esposa, Betty, as oferecera a Jessamine, que julgara preferível usar calçados masculinos a continuar com os pés gelados durante o rigoroso inverno do Wyoming.

Uma voz ecoou no fundo do vagão.

— Vejam! O que estará acontecendo?

Genny olhou para o corredor entre os bancos onde um homem, corpulento e de pele avermelhada, tentava manter o equilíbrio.

Uma jovem, gorda e também corada demais, colocou a mão sobre o busto avantajado.

— Não tenho a menor idéia, papai.

— Pois eu acho que eles pretendem parar este trem! — uma outra mulher, nitidamente apavorada, interferiu na conversa entre pai e filha. — Devem ser criminosos e... será que vão nos assaltar, Amos?

Segundo Amos, a idéia de sua esposa era totalmente absurda.

— Nem pense nisso, dona — acrescentou um homem, com roupas de vaqueiro e também incrédulo. — Desculpe o mau jeito, mas essa história de assaltos no trem só acontece nos livros. É pura baboseira. Os homens estão com pressa para resolver algum assunto pessoal ou talvez precisem levar uma mensagem pro presidente Cleveland mais depressa que o vento!

— E para que o senhor acha que servem esses postes do telégrafo bem ao lado da linha do trem? — perguntou a esposa de Amos, sarcástica. — Se não forem para enviar mensagens urgentes ao presidente Cleveland, alguém mentiu para mim.

O corredor entre os bancos foi subitamente invadido pelos passageiros. As mulheres lutavam contra as incômodas crinolinas enquanto se inclinavam para olhar pelas janelas. Os homens endireitavam seus coletes, comentando que o país estava perdido porque pessoas honestas já não podiam mais viajar sem correr risco de vida. O brilho do sol do poente cegava homens e mulheres, e o bebê, assustado com a algazarra, recomeçou a chorar.

— Talvez o maquinista consiga aumentar a velocidade e escapar desses malfeitores.

— Eu tenho uma pistola Colt na minha sacola de mão. Devo pegá-la?

— Por que você me trouxe para este maldito lugar, Amos? Índios e assaltantes de trens! Eu devia ter ficado na casa de meu pai!

— Devia mesmo, mulher.

Genny não entendia como o desconhecido podia continuar dormindo em meio a tal gritaria. Jessamine acordara e, com os gestos vagos dos cegos, tentava tocá-la.

— O que está havendo, Genina?

— Alguns cavaleiros começaram a galopar ao lado do trem — explicou Genny. — As pessoas se perguntam se vamos parar ou não.

Os quatro cavaleiros tinham desaparecido, mas a locomotiva continuava a toda velocidade, lançando fumaça e cinzas para dentro do vagão. Os passageiros começaram

a voltar para seus lugares ainda inquietos, murmurando apreensivos e sobressaltando-se ao menor ruído inesperado.

Então, Genny lembrou-se dos quatro dólares guardados dentro de um lenço em sua bolsa, tudo o que ela possuía depois de ter confiado suas economias a Adam. Se aqueles homens detivessem o trem com o intuito de assaltar os passageiros, ela seria obrigada a entregar o que lhe pedissem e preferia morrer a dar-lhes o dinheiro que guardara com tanto sacrifício!

Disfarçadamente, retirou o lenço da bolsa e inclinou-se entre as saias de Jessamine e as pernas do desconhecido.

— Não se assuste, Jessamine — murmurou ela, levantando a barra da saia da amiga. — Apenas estique seu pé.

— Meu pé? Você ficou...

— Por favor, não discuta e estique o pé.

Sem compreender nada do que estava acontecendo, Jessamine obedeceu e Genny colocou dois dólares em cada uma das botas da velha amiga. Enquanto escondia o dinheiro, ela olhava para o desconhecido que dormia. Aquele homem só podia ser surdo! Então, ao retornar para a posição normal, encontrou-se diante dos olhos mais estranhos e fascinantes que já vira, de um cinzento metálico, ao mesmo tempo prateados e quase negros.

— É um bom esconderijo. Você está salva..., pelo menos por enquanto.

A voz do desconhecido era uma estranha mescla de polidez e rusticidade, como se pertencesse a um professor que havia abandonado a carreira acadêmica para ser contrabandista de bebidas. O bigode não encobria os lábios que se curvavam num sorriso, nem a barba ocultava a fina cicatriz sobre a face que evocava uma vida de violência.

Enrubesceu de vergonha por ter sido apanhada em uma atividade pouco digna, Genny endireitou-se no banco. Sem dúvida, aquele homem era um traficante de uísque falsificado!

— Perdoe-me se o acordei, senhor.

A voz e a atitude de Genny erguiam uma barreira entre ela e o desconhecido, demonstrando que certas fronteiras sociais não devem jamais ser ultrapassadas.

— Eu supus que estivesse dormindo — prosseguiu ela, com uma expressão de distante cortesia.

— É muito perigoso acreditar em suposições, dona — murmurou o desconhecido, apenas tocando a aba do chapéu.

Então, o desconhecido apenas fingira um sono profundo? Durante toda a viagem estivera acordado, vendo e ouvindo o que as duas faziam e falavam? Céus! Ela lhe dera um pontapé! Que loucura!

— O senhor devia ser mais polido, ao cumprimentar..., as damas.

A risada breve e seca do desconhecido assemelhava-se ao ranger metálico da locomotiva.

— Não sou um homem polido com ninguém, dona. Nem mesmo com as damas.

— Certamente veio de Laramie — declarou Genny, com um tom de voz definitivo

e professoral. — Com licença, sim...

Com o máximo de altivez permissível a alguém que foi apanhada escondendo suas parcas economias numa bota, Genny começou a levantar-se do banco. Infelizmente, ela escolheu o momento mais inconveniente para se movimentar.

O maquinista decidiu, finalmente, obedecer às ordens dos quatro cavaleiros e, com um rangido ensurdecedor, os vagões do trem foram parando aos trancos. Malas e sacolas de mão tombaram das prateleiras em cima dos bancos e deslizaram pelo corredor. Passageiros perderam o equilíbrio, caindo sobre seus vizinhos, e as mangas de vidro dos lampiões presos às paredes tilintaram e algumas se partiram com o impacto.

Agitando os braços numa tentativa vã de manter-se ereta, Genny acabou sendo atirada de encontro ao companheiro de banco com uma tal força que deixou os dois sem fôlego.

— Céus! — exclamou ela, pouco antes de bater com a testa no queixo do desconhecido e ficar sem o chapéu.

O homem soltou uma exclamação de surpresa e, ao reabrir os olhos, Genny constatou que se encontrava em uma posição comprometedora. Seu rosto estava colado ao dele que cheirava a sabonete e era inesperadamente macio. Seus corpos se tocavam com uma intimidade jamais permitida nem a Adam e, como se não bastasse, suas pernas se entrelaçavam sem o menor pudor!

O trem demorou uma eternidade até parar definitivamente. Atordoada pelo ruído e pela confusão, Genny apenas percebeu que estava sendo recolocada no banco enquanto o desconhecido saltava para acudir Jessamine que se inclinava em direção à janela.

— Calma. — O desconhecido soltou as saias de Genny que haviam se enrolado nas pernas dele. — Está tudo bem agora, dona Jessamine.

Ela não se enganara. Aquele miserável estivera acordado o tempo todo! Sabia o nome de Jessamine e que ela era cega. Então também ouvira.., o que poderia saber a seu respeito? O que teria dito sobre si mesma?

O trem finalmente se imobilizou por completo e os passageiros, ainda aturdidos, tossiam e se engasgavam com a poeira que descia do teto. Aos poucos, as pessoas foram se recuperando do susto e se entreolharam, assustadas. De longe, vinha o som de vozes que gritavam e a jovem mãe tentou acalmar o bebê em prantos. Risos nervosos ecoavam no vagão.

— Você está bem? — perguntou o desconhecido, tocando o braço de Genny.

Será que aquele idiota não percebia seu mal-estar? Ela estava a ponto de desmaiar de susto!

— Sim... acho que estou bem. — Quase sem forças, Genny recostou a cabeça no espaldar do banco.

Uma voz estridente soou acima das risadas nervosas.

— E positivamente insuportável! — gritou a esposa de Amos. — Só acontecem desgraças neste maldito lugar!

— Quer me deixar em paz, criatura?

Subitamente Genny percebeu que estava com a cabeça descoberta.

— Meu chapéu! — exclamou ela, inclinando-se para procurá-lo no chão.

— Deixe comigo, dona.

O homem apanhou o chapéu que caíra embaixo do banco e o segurou nas mãos como se tentasse ressuscitar um animalzinho que perdera a vida numa armadilha humana. Seu gesto refletia uma intimidade incômoda, criada pelos poucos momentos que ambos tinham partilhado havia pouco.

— Talvez a respiração artificial ajude — murmurou ele, mudando completamente seu modo de falar.

— Agradeço-lhe a boa intenção mas não irá adiantar. — Genny arrancou o chapéu das mãos dele e prosseguiu com uma rispidez inexplicável: — Este pobre trapo nunca teve vida própria, já nasceu velho.

A risada do desconhecido surpreendeu Genny. Ela não esperava um som tão agradável, como o frescor da sombra de um bosque num dia tórrido de verão.

Jessamine já conseguira se recompor e então tateava à sua volta procurando o tricô.

— Acho que dormi bastante até...

— Até o trem parar — disse Genny, sem saber por que sentia a necessidade de falar.

— O gado atravessou os trilhos, Genina?

Genny não respondeu, perturbada demais com os olhos metálicos do desconhecido que não se desviavam de seu rosto. Abaixando a cabeça, ela prendeu com uma das mãos os cabelos que haviam se soltado, enquanto procurava o alfinete do chapéu com a outra.

— O que perdeu, Genina? — perguntou Jessamine com a sensibilidade apurada dos cegos.

— Eu não consigo encontrar...

— Por acaso foi isto que você perdeu?

O desconhecido retirou o longo alfinete do assento de seu banco.

— Oh! Espero que não tenha se ferido, senhor.

— Com esse objeto tão frágil? — Ele sorriu, à vontade. — Não seria possível.

Ao devolver o alfinete, o desconhecido o moveu no ar como se estivesse esgrimindo, e Genny percebeu, contrariada, que também sorria para ele.

Genny sentiu que, naquele momento, algo em seu íntimo mudava de lugar, criando um novo mosaico de emoções e transformando-a irremediavelmente. Ela não teve tempo para analisar o que acontecera porque o som de esporas nas escadas do trem indicaram a chegada dos malfeitores.

A conversa morreu dentro do vagão. Todos esperavam, angustiados, pela porta que se abriria para dar entrada aos facínoras. Genny olhou para o desconhecido e espantou-se ao constatar que ele não revelava emoção alguma em seu rosto inexpressivo.

Afinal, ele não seria o único a enfrentar uma situação perigosa! Genny não

Cartas da Sorte

Linda Shaw

possuía jóias, nem mesmo uma aliança de noivado. Sentia-se feliz por ter impedido Adam de gastar o dinheiro de suas economias com um objeto caro e de importância meramente simbólica, pois iria perdê-lo. E graças à sua esperteza, também não entregaria seus preciosos quatro dólares aos ladrões.

A porta se abriu com estrondo, assustando todos os passageiros. Dois homens empoeirados, os mesmos que Genny avistara no alto da colina, entraram no vagão, empunhando seus rifles e espalhando no ar o cheiro forte de suas montarias.

Um deles permaneceu de guarda junto à porta enquanto o outro avançava até o meio do corredor. O som das botas sobre o chão de tábuas ecoou no recinto silencioso e então todos viram a estrela prateada presa ao amplo guarda-pó coberto de terra vermelha.

— Genevieve?

Genny sabia que Jessamine só a chamava pelo nome quando estava desesperada.

— Graças a Deus! — exclamou Genny, suspirando de alívio. — São homens da lei.

Todos os passageiros começavam a se acalmar, tentando convencer seus vizinhos que não tinham se assustado com aquele imprevisto. Logicamente, haviam percebido desde o primeiro momento que não se tratava de um assalto!

Então Genny, também recuperando a tranquilidade, olhou para o desconhecido. O suor cobria seu rosto tenso e duro como uma máscara de granito e ela notou a rigidez do corpo musculoso, prestes a perder o controle. Aquele homem transmitia uma sensação de perigo iminente.

— Senhoras e senhores. — O homem da lei esperava que se acalmasse o tumulto provocado por sua aparição. — Por favor, fiquem tranquilos e permaneçam em seus lugares. Pedimos desculpas pelo atraso, mas gostaríamos que cooperassem conosco. Prometo-lhes que não tomaremos muito do seu tempo de viagem.

— O que está acontecendo, xerife? — perguntou o corpulento Amos.

— E... nós temos o direito de saber — insistiu uma outra voz.

Por favor, madame — disse o homem da lei, ignorando as perguntas — , mantenha o garoto sentado, sim?

— Genevieve? — repetiu Jessamine, ainda mais angustiada. Antes que Genny pudesse responder, o desconhecido se moveu com uma rapidez inesperada e, sentando-se ao lado dela, segurou-a pelos cabelos. Aparentemente, era um gesto carinhoso, ela porém sabia que estava presa e à mercê de um homem perigoso.

— Senhor...

— Genevieve! — insistia Jessamine, aflita. — Genny...

— Senhor... — murmurou Genny, tremendo de medo. — Não pode...

Ela sentiu os lábios do desconhecido tocarem seu rosto, num beijo que talvez significasse a morte. Então por que não tinha forças para reagir e escapar do poder misterioso daquele homem? Quem era ele? O que pretendia?

— O meu nome é Gold. Odessa Gold. — A voz, muito baixa, refletia um desespero contagiante. — E eu preciso muito de você, Genny. Preciso que seja minha esposa pelos próximos dez minutos. Por favor?

CAPÍTULO 3

Ele não se chamava realmente Odessa Gold.

Há trinta anos, nascera em Albany, capital do Estado de New York, o quinto filho de Felícia Stuart Goldman, o único menino após quatro garotas. Essa criança saudável e sempre risonha logo demonstrou ter recebido uma herança especial: o temperamento firme e disciplinado dos Goldman se aliara à beleza e ao talento artístico dos Stuart. Ele foi chamado de Andrew Stuart Goldman.

As cinco crianças Goldman receberam uma educação com todos os requintes e luxo típicos de uma elite privilegiada. Casamentos excelentes foram arranjados para as jovens, e seus dotes, embora excepcionais até mesmo para os padrões da época, representavam apenas uma pequena parcela do patrimônio familiar. O único herdeiro seria Andrew e esperava-se que ele perpetuasse o nome e as tradições da família e cuidasse do império financeiro criado por seus antepassados.

Felícia não se rodeou de enfermeiras, babás e governantas como fizera após o nascimento de cada uma das filhas porque decidira encarregar-se pessoalmente de seu adorado Andrew, o predileto de toda a família Goldman. Ele ainda não completara cinco anos quando viajou para a Europa em companhia da mãe, um hábito que só se interromperia com o casamento dele.

A luxuosa mansão dos Goldman, às margens do rio Hudson, foi o cenário de uma infância idílica. Dias inesquecíveis transcorriam nos imensos gramados que se estendiam até a beira da água e no jardim de rosas, o refúgio predileto de Felícia. Nas tardes douradas de verão, Andrew desenhava a mãe cuidando das flores enquanto teciam, juntos, planos para o futuro.

As mães de encantadoras garotinhas da elite de Albany se dedicaram, desde muito cedo, a conquistar a amizade de Felícia e Morgan Goldman, a fim de agarrarem, para suas filhas, um marido perfeito. A mais determinada de todas era, sem dúvida, Portia Houseman, convencida de que só sua pequena Anne seria o par ideal para Andrew.

Anne Houseman descendia de uma tradicional família de intelectuais. O pai, Samuel, recebera de seus antepassados a conhecida Houseman Press que, entre outras obras famosas, publicara os primeiros livros de Benjamin Franklin. Como a fortuna dos Goldman provinha da manufatura do papel e a dos Houseman da publicação, todos consideraram perfeita a união de Andrew e Anne.

Apesar de ainda jovem, Andrew começava a ser conhecido no mundo da arte por suas gravuras, além de estar plenamente preparado para assumir o comando das indústrias Goldman quando surgiu a oportunidade que iria transformar sua vida. O sogro, Samuel Houseman, o considerou talentoso o suficiente para ilustrar um livro

sobre o Oeste americano. Era uma chance única de consagrar-se em definitivo como desenhista.

Semanas após o casamento, Andrew e Anne partiram para a lua-de-mel que seria também uma viagem de negócios. Durante oito meses, os dois vagaram pelo Oeste e Anne, que estava escrevendo o texto para as gravuras do marido, não desistiu de acompanhá-lo, mesmo depois de ter ficado grávida. Ela era uma jovem moderna e recusava-se a abandonar suas atividades normais só porque seu corpo passava por transformações que considerava absolutamente naturais.

Eles estavam a caminho de Santa Fé quando o trem em que viajavam foi assaltado. Três homens, com os rostos cobertos por lenços e empunhando ameaçadores rifles, dominaram o maquinista, entraram no vagão em que viajava o jovem casal e, infelizmente, foram superados em número pelos alertas funcionários. A fim de garantirem sua fuga, os ladrões precisavam de um refém e agarraram uma mulher. Nas últimas semanas de gravidez, Anne Houseman Goldman não parou de se debater e gritar enquanto os bandidos a arrastavam para a porta do vagão.

Cego pelo desespero e pela raiva, Andrew tentou lutar contra os bandidos, de mãos nuas porque não possuía uma arma. A ânsia de salvar a esposa dava-lhe forças sobrenaturais, mas não seria possível vencer três oponentes.

Um deles, irritado com mais um problema que atrasaria sua fuga, bateu com a coronha do rifle no rosto do homem que lutava desesperadamente. Andrew guardaria pelo resto da vida a cicatriz provocada por aquele golpe, mas conseguiu ao menos aproveitar-se do momento de desatenção do bandido e arrancou o lenço que cobria suas feições.

Talvez a intenção dos bandidos não fosse matar a esposa e o filho de Andrew. Certamente Anne se transformou num empecilho para a rapidez da fuga e por isso foi abandonada em meio à natureza hostil onde um parto prematuro e difícil terminou com a morte da mãe e do bebê em uma poça de Sangue.

Andrew estava com a patrulha que encontrou o corpo de Anne. Ajoelhando-se ao lado da mulher amada e do filho que não chegara a conhecer, ele desceu às profundezas do desespero. A sua vida, feliz e sem problemas, não o preparara para enfrentar uma tragédia tão arrasadora. Com os punhos cerrados, ele batia na terra árida e de seus lábios escapava um gemido selvagem o grito eterno de um animal fendo de morte.

Repetidamente, Andrew esmurrou o chão que servira de mortalha para a esposa e o filho enquanto seus gritos de angústia ecoavam pelas planícies silenciosas. Só parou quando sentiu o sangue escorrer de suas mãos feridas. Então, o pranto substituiu seu lamento e ele permaneceu por um tempo indefinido junto aos corpos dos dois seres que mais amara.

A partir daquele momento, Andrew passou a ser um homem obcecado pela vingança ele não descansaria enquanto não matasse os malditos que haviam destruído a sua família.

Arrasado, Samuel Houseman foi para Santa Fé a fim de conduzir o corpo da

filha para o túmulo da família em Albany, mas não conseguiu convencer o genro a voltar com ele.

Andrew entregou ao sogro as gravuras que desenhara durante oito meses de felicidade e iniciou uma nova fase de sua vida.

Andrew começou, lentamente, a se transformar num outro homem. Comprou um revólver e um rifle, praticando tiro ao alvo dia e noite até usá-los com uma perícia mortífera. Seus reflexos adquiriram uma rapidez letal e os traços perfeitos desapareceram sob a máscara amarga e implacável. Ele afastou-se do convívio humano. Não se comunicava com ninguém e guardava as cartas que sua mãe enviava na mochila presa à sela de seu cavalo, sem sequer abri-las.

Durante os longos meses de um inverno excepcionalmente rigoroso, Andrew viajou a cavalo através do Oeste, parando em todas as cidades, vilarejos e até nos mais insignificantes agrupamentos de casas, procurando pelos três homens. Conversou com delegados, patrulheiros e federais que o tratavam com simpatia, mas o preveniam que esse tipo de busca e conseqüente punição era trabalho deles. Falou com donos das mais reles estalagens, com vaqueiros, comerciantes e jornalistas sem nenhum resultado.

Andrew desenhava continuamente os três homens até gravar os mais insignificantes detalhes em sua mente e, com olhos de artista, distinguia características que escapariam a observadores casuais. O rosto que ele conseguira ver era encovado e o nariz adunco acentuava a finura dos lábios. O outro tinha a estrutura óssea de um buldogue, com olhos azuis quase encobertos por sobrelhas grisalhas e em forma de arco.

O terceiro homem devia ter um rosto longo e a única peculiaridade, que passaria despercebida a não ser para um artista, eram os cabelos. Amarelo, vermelho e castanho se misturavam a mechas já com alguns fios brancos.

Para Andrew, cada um daqueles rostos tinha características tão particulares quanto impressões digitais e não duvidava que acabaria por encontrá-los. Nesse dia, que ele esperava ansiosamente, faria justiça com suas próprias mãos e sua vingança seria implacável.

Nove meses após a morte de Anne, Andrew chegou a Fort Laramie, no Wyoming, um purgatório em que jogadores, pistoleiros e renegados procuravam abrigo em sua descida aos infernos.

A aparência de Andrew se assemelhava à do pior deles. As mãos de artista haviam perdido a maciez, um chapéu disforme cobria parte de seu rosto, mas deixava à mostra a cicatriz na face. As roupas estavam empoeiradas e já não trocava de camisa havia semanas, mas o Colt preso à coxa e o rifle enfiado na alça da sela rebrilhavam, impecavelmente polidos.

Andrew desceu do cavalo diante do único hotel da cidade e, com uma rapidez que se tornara automática, apanhou o rifle e a mochila presa à sela.

— Eu quero um quarto — disse ele ao porteiro.

Checkers Peabody trabalhava no Sweet Charity desde que o hotel abrisse as

portas e não havia ninguém que ele não conhecesse.

— Não é permitido levar armas para o quarto, senhor.

— Realmente?

Apesar de estar acostumado a receber os mais assustadores tipos de hóspedes, Checkers Peabody estremeceu diante do brilho metálico dos olhos do recém-chegado.

— São ordens, senhor. E só retirá-los quando for sair do hotel.

Checkers guardou o revólver e o rifle que Andrew colocara sobre o balcão em um armário já cheio de outras armas.

— Pode arrumar alguém que cuide do meu cavalo?

— Deixe comigo, senhor — respondeu Checkers, colocando o livro de registro diante do novo hóspede.

Ao aproximar-se do balcão para assinar, Andrew viu sua imagem refletida no espelho às costas do porteiro e chocou-se por não se reconhecer naquele estranho de rosto cínico e descuidado. O cabelo embaraçado e coberto de poeira se assemelhava à pelagem de um animal selvagem e a boca que sua mãe, sorrindo, dizia ser tão bonita quanto a de uma bela mulher, se deformara num ricto de amargura.

O que diriam seus pais se o vissem agora?

Envergonhado por ter se transformado num farrapo humano, Andrew hesitou em assinar seu nome e, finalmente, ao pousar a pena sobre o livro de registro, escreveu Odessa Gold. Ele já estava se aproximando da escada que levava aos quartos quando voltou atrás. Retirando do bolso um papel sujo e amassado, ele colocou diante de Checkers o desenho do bandido de quem arrancara o lenço durante o assalto.

— Conhece este homem? — perguntou ele, esticando a folha de papel sobre o balcão.

Checkers retirou com toda a calma um par de óculos do bolso do colete e, depois de um rápido olhar, empurrou o retrato de volta para Andrew.

— Mas é lógico que conheço! É Elli Wright, o xerife de Laramie.

Genny Carlyle não demorou muito para decifrar o enigma. Envolvida pelos braços de um desconhecido, ouvindo o ranger metálico das rodas do trem raspando nos trilhos e vendo de soslaio o brilho das estrelas dos homens da lei, ela sentiu um impacto quase físico ao atinar com a verdade.

— Você! — murmurou ela, enquanto tentava escapar daquele abraço fatal. — É você que eles querem. Foi por sua causa que pararam este trem!

Apenas uma leve pressão dos braços ao redor dos ombros de Genny indicou que o homem ouvira suas palavras. Um observador sem segundas intenções não veria nada de anormal no casal que conversava com as cabeças muito próximas.

Genny sentiu o sangue fugir de seu rosto e um suor nascido do pânico cobriu-lhe a pele. Aquele homem cometera um crime sem perdão. Ele precisara de auxílio para escapar de seus perseguidores e, com a força de sua personalidade magnética, conquistara a confiança dela. Ingênua demais, caíra em uma armadilha mortífera.

Odessa aprendera a tratar as mulheres com carinho, embora após a morte de

Anne não tivesse sequer se aproximado de nenhuma. Naquele momento tinha nos braços uma jovem inocente e sentia-se culpado por colocá-la em uma situação de cumplicidade. Infelizmente, Genny Carlyle significava sua liberdade e talvez até sua sobrevivência.

Genny era completamente diferente das mulheres que Odessa conhecera no passado, e ele reconhecia as qualidades daquela jovem que não fora mimada pela vida porque já não era mais o mesmo homem de dez anos atrás.

Como ele gostaria de não ter provocado o pânico de Genny com seu pedido de ajuda!

— O que você fez? — perguntou ela, enquanto os homens da lei avançavam pelo corredor entre os bancos,

— Não tenho tempo para explicar — cochichou Odessa, sempre sorrindo. — Por favor, não me recuse sua ajuda, Genny. E... confie em mim, se puder...

Embora não fosse possível ter certeza de que aqueles homens haviam sido enviados por seus inimigos, Odessa confiava em sua intuição, apurada durante dez anos de solidão e perigo. O que C. E. McFee e Manville Platt imaginavam que ele fosse fazer? Falar? Contar às autoridades quem eram os outros dois homens responsáveis pela morte de Anne? Durante dez anos, ele suportara o isolamento em uma cela imunda na prisão mais temida do Oeste e não abrira a boca. Por que iria denunciá-los agora? Algo estava errado!

Após a primeira reação de pânico, Genny começou a perceber as implicações daquela situação terrível. Estava se tornando cúmplice de um fora-da-lei e ajudando-o a enganar a justiça, portanto era tão criminosa quanto ele.

Os delegados entravam em cada um dos bancos, procurando em cada um dos rostos um sinal que indicasse inocência ou culpa. Quando chegassem diante dela, bastaria ver seus olhos para descobrir a verdade.

— Para onde vai, senhor? — perguntou um delegado ao homem que estava a dois bancos atrás de Genny.

Odessa Gold soltou o ombro de Genny e colocou a mão, carinhosamente, no pescoço dela.

— Vou para Denver. Minha esposa...

— Eu e Amos vamos para Denver visitar meu pai. Ele é um homem importante, dono de um jornal!

Com as pernas cruzadas e o chapéu colocado com displicência sobre um dos joelhos, Odessa Gold se comportava como um homem que não tem nada a temer nem sente a menor curiosidade pelo que está acontecendo.

"Aja agora!", disse Genny para si mesma. "Qualquer atitude é melhor do que nada! Seja uma heroína!"

Com a mão muito firme, Odessa Gold arrumava as pregas da saia de Genny.

— Não fique tão nervosa, Genny. Sorria. Sorria e fale comigo. Diga-me qual é seu sobrenome.

Aquilo não estava acontecendo! Ela era uma professora, uma solteirona que

Cartas da Sorte

Linda Shaw

sabia apenas ensinar as crianças. Não se envolvia em situações perigosas, não costumava sentar-se ao lado de criminosos e muito menos permitia que homens a tocassem com intimidade!

— É Carlyle. Meu sobrenome é Carlyle — murmurou ela, com voz trêmula. — Não sei mais o que dizer.

— Fale sobre Cheyenne, querida, sobre sua mãe. Sorria. Conte-me como conheceu Jessamine. Quatro dólares é realmente todo o dinheiro que você tem?

Como se Genny tivesse lhe dado uma resposta espirituosa, Odessa Gold começou a rir. Ela já se encantara com o riso contagiante daquele homem, mas percebia que o som melodioso mal encobria o perigo.

— Eles vão perceber que estou mentindo. Não conseguirei disfarçar.

— Você está falando comigo, não com eles. Não pense em nada, veja apenas os meus olhos. Olhe para mim, Genny Carlyle.

Ela não teve forças para resistir ao olhar penetrante daquele homem que a fitava fixamente, examinando cada detalhe de seu rosto.

— Você é linda, Genny. Sabe o quanto é bonita?

A expressão de Odessa refletia uma sinceridade inesperada. Por um instante, os dois se sentiram isolados do mundo e longe do problema em que o destino os colocara. Genny conteve o impulso inexplicável de tocar o rosto moreno e afastar a mecha rebelde que caía sobre a testa de um homem que ela não conhecia.

— Não sou bonita — respondeu Genny, recuperando a habitual sensatez. — E também não gosto de sua tentativa de me lisonjear. Se quiser algo, peça. Não é preciso me bajular.

— Não acredito! — Um brilho fugaz iluminou os olhos cinzentos. — Não existem espelhos em Cheyenne?

O tinir de esporas soou muito perto de Genny e ela sentiu o cheiro forte de homens que tinham andado horas a fio a cavalo.

— Mantenha a calma, querida. — Ele inclinou a cabeça, quase tocando o rosto de Genny com os lábios. — O delegado está na cadeira bem atrás da nossa. Sorria. Sorria para mim.

Genny sentia-se como uma atriz que não conseguia vencer o medo do palco e permanecia paralisada e incapaz de emitir um único som. A sua respiração estava alterada, mas a de Odessa Gold também revelava um intenso nervosismo.

— Não consigo.

— Que tolice! É claro que consegue sorrir.

Naquele momento, o chapéu de Odessa Gold escorregou de seu joelho e caiu entre os pés de Genny. Os dois se abaixaram para pegá-lo e bateram as cabeças. Sem dar-se conta de sua reação, ela devolveu o sorriso que suavizava os traços duros daquele homem imprevisível.

— Está vendo? É tão fácil!

Sempre sorrindo, Odessa Gold arrumou o chapéu de Genny que, com o impacto, se deslocara.

— Genina? — a voz de Jessamine revelava sua tensão.

— Não tenha medo, querida. Não está acontecendo nada que possa nos ameaçar.

Por que sentir medo? Afinal, ela só estava perdendo a capacidade de raciocinar e sendo cativada pelo olhar fascinante de um estranho!

Odessa recolocou seu chapéu e esticou as pernas, numa atitude completamente descontraída. O delegado começava então a interrogar o casal sentado no outro lado da passagem entre os bancos.

— O que uma moça tão bonita fazia em Cheyenne?

A repetição do elogio acabou por conquistar Genny, embora ela não gostasse de ser enganada com lisonjas falsas e não acreditasse que ele estivesse sendo sincero.

— Eu dava aulas, sr. Gold.

— Ah! Uma professora? É uma profissão nobre. Dá aulas há muito tempo, Genny?

— Antes de ser professora, eu trabalhava com um missionário que ajudava os índios.

— Uma ocupação igualmente nobre...

— Você roubou um banco? — perguntou Genny, sem rodeios.

Novamente, o som rico da risada de Odessa Gold encantou Genny, que esqueceu o medo. Já era possível distinguir as letras na estrela de prata do delegado bem ao seu lado.

— Não. Não roubei nenhum banco.

Chegara o momento ideal para agir. Aquela era a hora certa de gritar, de pedir socorro. Odessa Gold não estava armado. Pelo menos, Genny não vira nenhum vestígio de revólver. Ela poderia alertar o delegado com um piscar de olhos. Bastava erguer a cabeça.

— Madame? — o delegado se dirigia a Jessamine. — Está tudo bem com a senhora?

Virando-se de costas para o delegado, Odessa Gold segurou as mãos de Jessamine.

— Ela é cega — a voz de Odessa revelava impaciência enquanto ele afagava as mãos de Jessamine. — E está muito assustada.

— Desculpe, madame.

O delegado olhou para trás, procurando seu companheiro e, quando se virou bruscamente para encarar Genny, ela mal conteve uma exclamação de pânico.

— E a senhorita? Para onde está indo?

— Para St. Louis.

— E esse homem? — O delegado apontou para Odessa, que continuava confortando Jessamine. — Por acaso é seu marido?

Genny não conseguia mentir. Ela permaneceu calada, sentindo no ar a tensão provocada por seu silêncio. Então, Odessa Gold largou as mãos de Jessamine e a fitou.

Ela nunca vira um desespero tão intenso. A expressão daquele homem revelava a vulnerabilidade de alguém que já perdera tudo na vida, até mesmo as forças para

sentir esperança. A situação bizarra e absurda colocou-a diante de uma revelação surpreendente. Naquele momento criava-se entre eles um elo inquebrantável: a segurança de ambos dependia de sua união.

— Sim — respondeu ela, sem acreditar que ouvia sua própria voz, mentindo com tanta calma. — É o meu marido.

O delegado inclinou-se para a frente a fim de ver melhor o rosto de Odessa Gold, e Genny cedeu a um impulso que questionaria pelo resto da vida. Fingindo um acidente, ela derrubou no chão tudo o que trazia dentro da bolsa. Um pequeno vidro de perfume e três moedas caíram entre as botas empoeiradas do homem da lei, mas o toco de lápis e uma correntinha rolaram para debaixo do banco.

— Céus! — exclamou ela, inclinando-se para pegar o vidro de perfume e as moedas.

— Deixe comigo, querida — disse Odessa, enquanto se ajoelhava no chão, com a cabeça quase sob o assento do banco.

— Mil perdões, dona — desculpou-se o delegado, nitidamente sem jeito'.

— Genny tem pavor de armas de fogo, delegado — prosseguiu Odessa, sem erguer a cabeça. — Quando me casei com ela, precisei desistir do meu revólver.

— Peço-lhe desculpas mais uma vez, dona. — Embaraçado, ele virou-se para o companheiro que estava no outro extremo do vagão. — Está tudo certo por aqui, Earl. Vamos embora.

A partida dos dois homens da lei provocou exclamações de alívio por parte dos passageiros. Genny sentiu que Odessa Gold se apoiava em seu joelho para. erguer-se e o rosto dele revelava uma mescla de surpresa, incredulidade e gratidão.

O som das esporas sobre o metal da escada revelava que os policiais estavam saindo do trem. Logo os três homens surgiram ao lado de seus cavalos, gesticulando. Sua postura indicava desânimo e derrota.

O trem recomeçou a andar antes de os três cavaleiros se decidirem em que direção deveriam seguir. Em poucos segundos, a locomotiva aumentou a velocidade e logo Genny via a paisagem se transformar num borrão indistinto. Não. Era a sua vida que estava perdendo a nitidez cristalina da pureza.

Ela não tinha jurado solenemente dizer sempre a verdade? Não prometera a si mesma nunca ultrapassar a linha que separava a honestidade de um mundo de mentiras, falsidades e destruição, a linha que seus pais haviam cruzado? Rejeitara todos os seus propósitos para se tornar um fantoche nas mãos de Odessa Gold?

Genny encolheu-se no banco, apoiando a cabeça sobre o espaldar duro. Com os olhos semicerrados, fitou o homem que a justiça perseguia. Agora Odessa Gold lhe contaria porque estava sendo caçado pelos delegados e revelaria o motivo de seu intenso desespero. Ou talvez a convencesse com mentiras hábeis? Não importava. Ela queria apenas ser convencida de que sua atitude reprovável fora justificada.

Mas Odessa Gold voltou para seu lugar ao lado de Jessamine, sem dar nenhuma explicação e puxou o chapéu sobre o rosto, ignorando-a completamente.

Paralisada pelo choque, Genny não conseguia acreditar na desfaçatez daquele

homem que voltara a dormir como se nada tivesse acontecido. Estaria perdendo o juízo? Ajudara um criminoso a escapar das malhas da lei, ajudara um homem sem saber que tipo de crime hediondo ele cometera e arriscara todo o seu futuro num ato impulsivo e irracional. Seria ela a única a avaliar a gravidade daquele fato?

Sentia-se uma perfeita idiota! Deixara-se seduzir por um sorriso encantador, perdera a virtude por um par de fascinantes olhos cinzentos. Não conseguira superar os traços que tanto reprovava em sua mãe. O que diria a Adam? Ele a esperava em St. Louis, certo de que receberia a jovem honesta e incapaz de mentir com quem sonhara em se casar. Se fosse uma esposa dedicada e dócil, talvez Deus perdoasse o seu pecado, mas Genny duvidava que algum dia perdoasse a si mesma.

Do lado de fora da janela do trem, a paisagem desoladora retratava com perfeição os sentimentos de Genny Carlyle.

CAPÍTULO 4

Odessa Gold cometeu um grave erro ao acreditar que poderia passar três longos dias percorrendo mais de mil e quinhentos quilômetros ao lado de Genny Carlyle, sem pagar um preço muito alto.

Na prisão, ele havia se educado a não sentir nenhuma emoção. Desenvolvera a arte da apatia até que nada mais o afetava, nem a alegria, nem a tristeza e certamente nenhum sentimento que atingisse o seu íntimo.

O domínio férreo de suas emoções durara até o momento em que Genny Carlyle se ajoelhara no chão para esconder quatro dólares nas botas de Jessamine. Aquela jovem, com uma cabeleira rebelde e atrevidamente ruiva que contrastava com sua aparência solene, trazia de volta à sua mente um mundo perdido nas brumas do passado.

Antes mesmo de saber seu nome, ele imaginava a curva suave dos quadris, a textura acetinada da pele cálida e muito alva, a forma perfeita dos seios rijos e a graciosidade das pernas esguias.

O segundo erro de Odessa Gold foi não ter mudado de lugar. Quando o trem recomeçou a marcha, após a saída dos homens da lei, Genny encolheu-se junto à janela, como se precisasse de isolamento para esquecer o que se passara. Aquele teria sido o momento ideal para agradecer a ajuda dela, despedir-se cortesmente e mudar de vagão.

Mas ele continuara sentado ao lado de Jessamine, também isolado em seus pensamentos. Logo a noite transformou o céu rubro do poente num dossel de veludo negro pontilhado de estrelas, mas o esplendor da natureza não afastava sua preocupação. C. E. McFee e Manville Platt tinham sabido muito depressa de sua saída da prisão. Quem os informara? Potanski? Havia a possibilidade, sem dúvida, de que os homens da lei não estivessem à sua procura, porém ele não conseguia acreditar nessa hipótese. Dez anos não tinham sido suficientes para encerrar o drama de seu passado. Não devia envolver Genevieve Carlyle em seus problemas mais do que já o fizera e para isso o melhor seria manter-se de boca fechada.

O trem continuava a parar em pequenas estações ao longo do caminho, mas logo os passageiros foram vencidos pela escuridão. O condutor percorria periodicamente todos os vagões, anunciando a próxima parada e, após sua passagem, o silêncio voltava a reinar. Ouvia-se apenas o som das rodas sobre os trilhos.

Genny Carlyle dormia. A rebelde cabeleira ruiva emoldurava seu rosto e Odessa sentiu o desejo insensato de mergulhar os dedos entre as mechas sedosas. Aquela jovem jamais conseguiria transmitir uma imagem puritana se não escondesse bem seus cabelos indisciplinados.

Odessa sorriu, encantado com a contradição entre a aparência austera e a

Cartas da Sorte

Linda Shaw

exuberância contida de Genevieve Carlyle. Então, como se adivinhasse seus pensamentos, ela abriu os olhos.

— Muito obrigado pelo que fez por mim, hoje à tarde, srta. Carlyle.

Por que ele, não conteve o impulso de se comunicar com Genny? Tinha decidido manter-se de boca fechada.

— Não é necessário me agradecer, sr. Gold. — Seu tom de voz, frio e distante, indicava que ela também não pretendia se envolver com um estranho perigoso.

O que a tornava tão diferente das outras mulheres? Certamente, não era a beleza. Embora as feições fossem delicadas e regulares, nenhum traço chamava a atenção a não ser a pele muito alva, pontilhada de sardas, e os olhos de um verde raro de folhas douradas pelo sol.

Talvez a beleza perfeita não tivesse tanta sedução quanto aquele rosto expressivo e em constante mutação. As transformações súbitas e inesperadas fascinavam Odessa, que não conseguia desviar os olhos dela, sempre à espera da emoção que se revelaria em suas feições.

Colocando o braço sobre os olhos, Genny demonstrou que não pretendia mais tomar conhecimento de um indesejável companheiro de viagem. A fragilidade do pulso delicado despertou uma inesperada onda de ternura em Odessa e, para fugir dessa emoção que o assustava, ele recomeçou a falar, ansioso por romper o silêncio.

— Está indo para St. Louis?

— Sim.

— Para encontrar sua família? — insistiu ele.

— Não.

Odessa suspirou, desanimado.

— Bem, pelo menos, você diz o que pensa, srta. Carlyle.

— O senhor não tem a menor idéia do que penso. — Endireitando-se no banco duro, Genny o fitou com ar beligerante. — Pode estar certo que não sabe mesmo, sr. Gold.

Ele preferia ter sido ajudado por uma jovem feia e pouco inteligente, mas o destino colocara justamente Genevieve Carlyle em seu caminho.

— A senhorita se surpreenderia se soubesse que eu já não tenho certeza de mais nada.

— Eu estou muito cansada, sr. Gold.

Odessa prometeu a si mesmo que não tentaria mais se comunicar com Genny. Recusando-se a participar da conversa, ela estava fazendo um grande favor a ambos. Depois que se separassem no final da viagem, aquela noite passaria a ser apenas uma lembrança vaga, e ele conseguiria certamente agüentar as longas horas até o amanhecer, sem agir como um tolo insistente.

— Então, é melhor descansar, srta. Carlyle — resmungou ele, esticando as pernas e puxando o chapéu sobre o rosto.

— Boa noite.

Satisfeito por ter recuperado o bom senso, Odessa esforçou-se por se

Cartas da Sorte

Linda Shaw

concentrar no som ritmado das rodas do trem e não ouvir os rancos dos outros passageiros. Então, a voz suave de Genny voltou a romper o silêncio e a perturbar sua concentração.

— Eu não fiz nada de que possa me envergonhar, sr. Gold.

Odessa não queria ver de novo o rosto que o fascinava. Felizmente, aquela era a última noite antes de chegarem a St. Louis!

— Basta estar vivo para ter feito algo de que se possa envergonhar, srta. Carlyle.

Cerca de cem quilômetros antes de alcançar St. Louis, o trem parou em um reservatório de água e os passageiros aproveitaram a oportunidade para mover as pernas. Todos estavam desesperados com o confinamento no vagão, inclusive Genny.

— Saia também, querida — insistiu Jessamine, com uma expressão benevolente no rosto enrugado. — Você precisa de ar fresco e exercício. Eu ficarei melhor aqui no trem do que tropeçando nas rochas lá fora.

— Não me incomode nem um pouco de ajudá-la a encontrar o caminho, Jessamine.

— Nem pense nisso, querida. Vá depressa, não perca tempo comigo.

A linha do trem corria ao longo das montanhas Ozark e o solo era irregular, coberto por uma vegetação rasteira e por pedras de todos os tamanhos. Os passageiros logo perceberam a dificuldade de se movimentarem entre as rochas e se limitaram a passear até a torre de madeira onde ficava o reservatório de água.

Odessa não sentiu a menor vontade de sair atrás de Genny. Preferia ficar comodamente sentado ao lado de Jessamine a seguir a jovem, saltitando sobre as rochas, como um cabrito montês. Quando a velha senhora derrubou o novelo de lã, ele apanhou-o debaixo do banco.

— Acho que minha mãe também gostava de tricotar — comentou ele, colocando o novelo nas mãos de Jessamine. — Não tenho muita certeza, mas... o som das agulhas evoca uma lembrança vaga de um navio qualquer. Vejo-a sentada no convés ensolarado, com os cabelos despenteados pelo vento.

— Percebo que é um homem muito viajado, sr. Gold.

— E... eu já estive em muitos lugares — respondeu Odessa, preocupado com o rumo da conversa.

— Sei que não devia ter cedido à insistência de Genina e aceitado acompanhá-la para St. Louis. Sou uma carga pesada para alguém tão jovem, mas estou adorando cada minuto desta viagem. Adoro conhecer todo o tipo de pessoas.

A ironia de Jessamine divertiu Odessa.

— Sem dúvida, já tirou suas conclusões sobre o "meu" tipo, sra. McGowan.

— Eu não nasci ontem, rapaz — disse Jessamine, sorrindo maliciosa. — Tenho a experiência da idade.

Odessa tinha a experiência nascida do sofrimento e sentia-se ainda mais velho ao ver a alegria inocente de Genny, que caminhava energicamente para mais perto do

reservatório de água. Com os cabelos soltos ao vento e as mangas arregaçadas, ela se movia com a graça inconsciente de um felino.

Genny lutava, em vão, contra o vento que transformava sua magnífica cabeleira em um manto de seda rubra e cada um de seus movimentos refletia a energia vibrante fluindo à vontade em plena natureza. Naquele momento, Odessa descobriu por que se sentira tão atraído por ela.

As outras mulheres caminhavam sobre o solo acidentado com a delicadeza de bonecas frágeis. As cinturas apertadas por espartilhos e as incômodas crinólinas as impediam de se movimentar livremente e, para manter o equilíbrio, se agarravam aos braços de um homem.

O mesmo vento que despenteava os fascinantes cabelos de Genny revelava que ela dispensava as crinólinas e os espartilhos. A saia, colada ao corpo, realçava as formas puras de uma escultura pagã em que os ossos delicados não escondiam o vigor de sua feminilidade.

Assustado com as emoções que Genny lhe despertava, Odessa forçou-se a concentrar sua atenção em Jessamine.

— Eu quis dizer que recebeu uma educação aprimorada, sr. Gold. Como o meu querido marido, que Deus o tenha!

— É uma pena que a maioria das pessoas não seja tão perceptiva... ou tão benevolente quanto a senhora — disse ele, com um sorriso irônico. — Qual era a ocupação do seu marido, sra. McGowan?

— Ele criava gado. Infelizmente, também jogava no mercado financeiro e perdeu tudo o que tínhamos. O pobre homem acabou morrendo de tristeza! Eu costumava viajar muito com ele, até ficarmos sem nada. E o senhor? O que faz?

Uma emoção, longamente adormecida, veio à tona, preocupando Odessa que se habituara a não ter sentimentos.

— Eu costumava desenhar...

— Então é um artista? — exclamou a velha senhora, admirada.

— Eu *era*, sra. McGowan. Não pego num lápis ou num pincel há muitos anos.

— Oh! O senhor tem que recomeçar! Existe tão pouca beleza no mundo.

— Não creio que seja possível. Não me considero mais um artista.

— Pois é uma pena. — Jessamine moveu as mãos num gesto vago. — Perdoe o meu atrevimento, mas... posso lhe perguntar corno o sr. Gold é? Loiro ou moreno? Magro ou gordo?

Rindo, Odessa colocou uma das mãos de Jessamine sobre seu rosto. Ao perceber que os dedos dela se retraíam, relutantes, sentiu medo de tê-la ofendido.

— Eu não nasci cega, sr. Gold — explicou ela, sem disfarçar a timidez. — Perdi a visão recentemente e não estou acostumada...

— Perdoe-me, sra. McGowan. Fui precipitado e grosseiro.

— Não, de modo algum! — Hesitante, Jessamine começou a mover os dedos pelo queixo de Odessa. — Para falar a verdade... nunca tive coragem de fazer esse pedido a ninguém, nem a Genina. Ela está me ensinando braile, sabe?

Odessa já não tinha dúvidas que iria sentir muitas saudades de Jessamine McGowan!

— Então, vamos fazer uma experiência científica. Prometo que esta pesquisa... facial será um segredo entre nós dois apenas. Coragem!

Lentamente, os dedos de Jessamine percorreram cada centímetro do rosto de Odessa. Ela sorriu ao encontrar o sulco formado pelas rugas na testa e suspirou ao tocar a cicatriz na face.

— Acho que estou descobrindo um rosto de muita personalidade, sr. Gold. — Ela o tocava então com mais desembaraço. — A testa alta é um sinal de grande inteligência, portanto não me enganei em meu primeiro julgamento.

Odessa não teve coragem de mentir. Viu que Genny estava retornando e, por um instante, imaginou-a correndo ao seu encontro, de braços abertos, com os cabelos transformados em fios de cobre sob o brilho do sol e o som melodioso de sua risada ecoando no ar puro da manhã. Precisava falar antes que ela chegasse.

— Eu passei dez anos na prisão, sra. McGowan. — Ele segurou as mãos da velha senhora, esperando diminuir o impacto de sua revelação. — Fui condenado por matar um homem. Queria que soubesse a verdade a meu respeito, mas talvez já tenha adivinhado...

— Não foi uma dedução muito difícil, meu querido rapaz. — O sorriso de Jessamine revelava uma ternura infinita. — A cicatriz em seu rosto...

— Na prisão, eu fui forçado a lutar pela sobrevivência e ninguém conseguiu chegar perto de mim a ponto de ferir meu rosto. — Deu uma risada amarga. — A cicatriz é anterior a esse período, pois a minha educação aprimorada teve uma falha grave. Não aprendi a me defender.

O apito da locomotiva afastou a melancolia que envolvera os dois. Os passageiros voltavam apressadamente para o trem e suas vozes e risadas alegres invadiram o vagão silencioso.

— Por favor, não pense mal da minha Genina, sr. Gold — murmurou Jessamine, com a expressão cúmplice de quem revela um segredo importante. — Entenda que ela não tem intenção de ser rude -. Apenas não sabe aceitar gestos corteses. nem atitudes bondosas. Ela é muito especial.

Odessa calou-se porque não queria magoar Jessamine McGowan. A bondade dela, evidentemente, distorcia sua habilidade em avaliar as pessoas.

Anne era uma pessoa realmente especial. Ela simbolizava o ideal feminino, amorosa, alegre e uma companheira perfeita em todas as situações. Desde o berço, soubera que iria se casar com um homem fino e, para preservar uma vida de harmonia e requinte, aprendera a agradar o marido.

Genny Carlyle não tinha nada de especial! Ela era tão amorosa quanto um porco-espinho e tão agradável quanto uma pedra no sapato! Seria essa atitude agressiva que o atraía tanto?

Só mesmo um louco compararia duas mulheres nascidas em mundos diferentes. Irritado por ter dado asas à imaginação, Odessa retirou o relógio do bolso e o abriu

para ver as horas.

— Oh! O senhor tem um relógio! — exclamou Jessamine, encantada.

— O meu único elo com o passado, infelizmente. Sem dúvida alguma, este relógio é o meu ponto fraco, sra. McGowan. Ganhei de presente do meu pai no dia em que me casei.

A mansão de Nathan Hodges, que todos em Cheyenne chamavam de palácio de Buckingham, fora construída por seu pai, Buck Hodges, bem antes do Wyoming se tornar um Estado da União, em 1890.

As casas de Cheyenne eram em sua maioria enormes, mas rústicas sedes de fazendas, rodeadas por pastagens que se perdiam de vista. Algumas tinham cerca, outras não, pois se precisava de um verdadeiro exército de pistoleiros armados até os dentes para fincar os mourões e esticar o amaldiçoado arame farpado.

Imogene Hodges lutara arduamente e por um longo tempo a fim de evitar uma mudança para o Oeste. Buck Hodges conseguiu apaziguar a belicosidade da esposa, prometendo-lhe que construiria uma mansão digna do luxo ao qual ela estava acostumada.

Buck nem pensou em dizer que pretendia usar o dinheiro de Imogene para construir um mausoléu de trinta cômodos às margens do rio Creek. A fortuna dele foi gasta, até o último centavo, na luta inglória contra os arrasadores invernos do Wyoming além das outras inevitáveis calamidades daquela natureza primitiva e que ele chamava de manifestações da cólera divina.

Os aspectos mais espetaculares daquele monumento tinham vindo do Leste em um trem especial: o mármore do amplo vestíbulo e da imensa escadaria onde Buck morrera, fulminado por um ataque cardíaco; o mogno da biblioteca, que abrigava a maior coleção de livros do Oeste, possivelmente a única; os vitrais italianos; os tapetes orientais e os quadros de pintores da época; as lâmpadas e os abajures de ouro e prata.

Imogene não poderia prever que sua magnífica criação acabaria sendo ridicularizada por todos em Cheyenne. Ela pesquisara, a fundo, a sociedade novaiorquina e, em especial, os hábitos dos milionários que viviam na Quinta Avenida, como Caroline Astor, em quem se inspirou para oferecer chás e jantares luxuosos. Nenhuma pessoa importante passava pelo Wyoming sem ser convidada para uma recepção no "palácio de Buckingham".

A esperança de Imogene era Nathan. O filho recuperaria seu lugar de direito na sociedade, que fora perdido por Buck, e restauraria o prestígio dos Hodges. Com esse objetivo em mente, ela entregou-lhe, antecipadamente, a herança que só passaria para as mãos dele após a sua morte, e comprou-lhe o governo do Estado sob uma única condição. Queria continuar vivendo em sua magnífica mansão, agora a residência do governador do Wyoming, até o último de seus dias.

Quando Nathan casou-se com Beatrice Kemp, a guerra dividiu o "palácio de Buckingham". Sogra e nora viviam em alas separadas e só se encontravam durante as

refeições.

Cansado das queixas constantes da esposa e da mãe, Nathan precisava de um lugar onde pudesse fugir das duas mulheres, a qualquer momento do dia ou da noite. A solução foi montar seu escritório no quarto mais isolado da casa e ali ele colocou um terminal de telégrafo e a mais recente e espantosa invenção que surgira no leste, o telefone. Ali também ficava um elemento vital para sua paz de espírito: um excelente secretário particular, chamado Lewis Roberts.

Na época em que Nathan assumiu seu primeiro mandato no governo do Wyoming, o julgamento de Andrew Goldman por assassinato era apenas mais uma notícia que ele lera nos jornais. Até o dia em que Samuel Houseman acampou diante da porta de sua mansão.

Ele ignorara as cartas e os telegramas desesperados, enviados por Houseman, durante anos a fio. Então, o sogro de Andrew Goldman veio para Cheyenne, acompanhado por seus advogados, para pedir a intervenção do Estado do Wyoming no caso de seu genro.

Como era seu hábito, Nathan pediu, em primeiro lugar, a opinião da mãe sobre a atitude que deveria tomar.

— Não importa se Andrew Goldman é inocente — declarou Imogene. — Sem o testemunho dele, você não pode fazer nada para ajudá-lo.

Então, Lewis Roberts teve uma idéia brilhante. Por que não usar o caso Goldman para aumentar seu prestígio político? Mesmo se o rapaz fosse culpado, Hodges seria visto por todos como um paladino da justiça, que luta para defender os inocentes. Esse tipo de propaganda o ajudaria a conseguir um segundo mandato no governo.

A idéia encantou Nathan que deu um substancial aumento de salário para Lewis e convidou-o a morar no "palácio de Buckingham". Essas medidas tiveram um resultado inesperadamente positivo. Além de manter os negócios sempre em dia, o incansável secretário também se dedicou à conquista de Beatrice.

Os jantares no "palácio de Buckingham" eram acontecimentos memoráveis.

Todos os dias, Imogene supervisionava o arranjo da mesa de jantar, com porcelanas Limoges, talhes de prata de lei e cristais franceses, trazidos da Filadélfia. Eram colocados sempre vinte e quatro lugares, e o mordomo Raines controlava os chefes de cozinha, que se esmeravam para preparar o cardápio elaborado com um mês de antecedência, também pela mãe de Nathan Hodges.

A escolha dos convidados era responsabilidade do filho. Nathan certificava-se, também algumas semanas antes do evento, de que sua lista incluísse um membro do clero, um comerciante local e sua esposa, alguém pertencente à comunidade educacional, um porta-voz dos índios, dois militares e um advogado.

Invariavelmente, estivesse bem ou indisposta, Beatrice tinha que comparecer ao jantar com um traje de gala e ser uma graciosa anfitriã para os eleitores do marido.

Naquela noite, Raines foi obrigado a interromper o cerimonioso ritual e perturbar o jantar do governador.

— Chegaram dois homens que precisam vê-lo, excelência. — sussurrou Raines, a

fim de ser ouvido apenas por Nathan.

— Coloquei-os no escritório.

Nathan limpou cuidadosamente a boca e colocou o guardanapo de linho nas mãos do mordomo antes de levantar-se da cadeira para se dirigir a seus convidados.

— Peço-lhes desculpas, queridos amigos. Um assunto de extrema importância exige a presença de seu governador. — Ergueu os braços como se estivesse abençoando os convidados. — Mas, por favor, continuem a se divertir durante minha ausência que será breve. Vou, pedir ao senador Hathaway que encante as damas com seu proverbial senso de humor.

Sempre sensível ao mais insignificante elogio, o senador deu um sorriso melífluo e bateu dramaticamente no peito.

— Eu defenderei o forte em seu lugar, governador.

Risos ecoaram ao redor da mesa cintilante de porcelanas e pratarias e, mais uma vez, todos brindaram a próxima re-eleição do governador para um terceiro mandato.

— Então não esqueçam quem está colocando comida em suas bocas na hora de colocar os votos na urna — resmungou Hodges, certo de que ninguém o ouviria e, já junto à porta da sala, dirigiu-se ao mordomo. — Os homens disseram quem eram, Raines?

— Não, excelência. Mencionaram apenas que foram enviados por alguém chamado McFee.

— Ótimo!

Beatrice observava a saída do marido, lutando contra uma violenta dor de cabeça. Sentada ao lado do senador Hathaway, ela desejava não ter que falar de política, não ter descido para jantar, nem ter se casado com Nathan Hodges. O melhor mesmo seria não ter nascido!

Sua sogra a encarava sem disfarçar o desprezo. Ela cometera mais uma de suas inúmeras gafes ao mencionar que os índios eram os legítimos donos da terra, inclusive da área onde fora erguida aquela mansão. Sem dúvida, Imogene e Nathan ficariam, até de madrugada, discutindo a sua incapacidade de ser a esposa perfeita para um ambicioso governador com um futuro brilhante.

Ela já não conseguia permanecer, nem por mais um minuto, rodeada pelos hipócritas que se reuniam naquela mesa. Tentando não cambalear, Beatrice levantou-se da mesa e Raines correu imediatamente para o seu lado. Pelo menos, os criados a ajudavam a suportar uma vida infernal!

— Espero que me desculpem, mas... estou com uma dor de cabeça terrível...

— Pode retirar-se, querida — ordenou Imogene, com um sorriso malicioso. — Você está realmente lívida. Vá para o seu quarto. Mandarei Raines levar-lhe uma bandeja com a sobremesa.

Depois de encararem Beatrice com muita curiosidade e sem nenhuma simpatia, os convidados se voltaram para os prazeres da mesa. Ela ainda não chegara à porta da sala quando Lewis surgiu ao seu lado.

— Eu a ajudarei a subir as escadas, sra. Hodges.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Acompanhe-a, Lewis — declarou Imogene, em voz muito alta. — Leve a pobre Beatrice até o quarto.

Ela desejou ter coragem suficiente para atirar o vinho em seu copo no rosto fingido de Imogene. Será que adiantaria insistir, ainda mais uma vez, para que Nathan lhe concedesse o divórcio?

— Não é necessário me acompanhar, Lewis. — Ela tentou soltar a mão que segurava firmemente o seu braço. — Termine o jantar...

Sem responder, Lewis a puxou para fora da sala e então segurou-a pela cintura.

— Seria terrível se caísse nas escadas e ficasse com manchas roxas em sua pele tão alva.

Beatrice já não tinha forças para impedir que Lewis a tocasse antes mesmo de chegarem ao quarto. Ela estava cansada, com dor de cabeça e sem a menor disposição de se submeter aos caprichos sexuais daquele homem insaciável. Entretanto, era mais fácil ceder do que resistir e, se tomasse mais um copo de vinho, talvez conseguisse suportar a degradação.

A criada de quarto estava tirando a colcha da cama quando os dois entraram no quarto. Sem fitá-la, Beatrice foi até a mesinha junto à lareira para se servir de vinho, mas derrubou a taça de cristal no chão.

— Não se preocupe, madame. — A criada correu para ajudá-la. — Eu limpo tudo num minuto.

— Dê o fora, Gretchen — resmungou Lewis, desabotoando as calças.

— Mas...

— Eu já lhe disse para sair deste quarto. Ou será que quer participar... da nossa festinha?

Contendo o ódio, Gretchen obedeceu. Mais tarde, ela voltaria para dar um banho naquela pobre criança e colocá-la na cama!

Antes que Beatrice pudesse encher novamente seu copo de vinho, Lewis a puxou para o divã ao lado da janela e, com gestos bruscos, começou a despi-la.

— Nunca me canso de seu corpo fascinante, Bea.

Lewis tinha um orgulho irracional de sua virilidade. Adorava se vangloriar de sua perícia como amante ardoroso e exigia que Beatrice elogiasse o seu físico másculo e sua potência. Quando não era suficientemente lisonjeado, ficava frustrado e esse estado de espírito o transformava num homem perigoso.

— Por favor, Lewis — implorou Beatrice. — Eu estou realmente com dor de cabeça.

— Sei exatamente como curá-la, boneca.

Com um sorriso de intenso prazer, ele virou Beatrice de bruços no divã.

— Sei exatamente do que você precisa, minha querida meretriz.

A mão dele desceu com violência sobre as nádegas de Beatrice e, só quando sua excitação atingiu o limite máximo, Lewis penetrou o corpo da mulher que tentava escapar da degradação.

Felizmente, a ala ocupada pela sra. Hodges ficava afastada da sala de jantar e

ninguém poderia ouvir seus gritos. Na manhã seguinte, as manchas roxas seriam explicadas por mais um costumeiro tombo nas escadas. Afinal, a pobre Beatrice estava sempre bêbada e sempre caindo!

Os dois delegados se levantaram quando Nathan Hodges entrou na biblioteca.

— Por favor, fiquem sentados. — Com um sorriso frio, Nathan dirigiu-se à mesa onde ficavam as bebidas. — O que querem tomar?

Com as roupas empoeiradas e pouco à vontade na luxuosa biblioteca, os dois homens hesitaram para responder. Impaciente, Nathan os serviu de vinho, sem esperar pela escolha deles.

— Vieram me trazer notícias de McFee? — perguntou ele, acomodando-se na poltrona mais confortável.

— Bem... — Depois de se entreolharem, um deles se dirigiu ao governador. — O sr. McFee recebeu o seu telegrama, senhor... excelência. Quando chegamos à estação, o trem já havia partido, mas conseguimos interceptá-lo. Acho que alguém lhe forneceu informações falsas porque Goldman não estava nesse trem.

Com gestos calmos e metódicos, Nathan colocou sua taça de vinho sobre a mesinha ao seu lado e começou a polir as lentes do óculos.

— A família de Goldman vive em Albany, portanto ele acabará indo para lá. Quero que coloquem homens em todas as estações entre Cheyenne e Albany. Pelo menos, nas maiores como Kansas City, Denver e SI. Louis.

— Acho difícil, excelência — replicou um dos policiais, nitidamente constrangido. — Seria preciso ter muito dinheiro, ligações importantes e...

— Para tudo é preciso ter dinheiro e amigos nos lugares certos. Afinal, McFee quer ou não encontrar Goldman?

— É claro que ele quer. Tem que encontrar esse homem.

— Então mexam-se porque não há tempo a perder. Vão diretamente enviar os telegramas, usando a descrição de Goldman que lhe forneci. Eu pretendo cobrar esse favor no momento que me convier, por isso não esqueçam de avisar McFee sobre sua dívida comigo.

— Ele não esquecerá que lhe deve um grande favor, excelência.

Nathan não gostava de se envolver com subalternos e só não os mandou embora de sua casa porque aprendera a ser prudente. McFee estava mordendo a isca. Não era a hora de demonstrar força e sim sabedoria.

— Se não têm mais nada a me dizer, peço-lhes licença para me retirar. Preciso voltar para junto de meus convidados.

Como por encanto, Raines surgiu à porta do escritório para conduzir os dois homens para a saída lateral, usada apenas em casos sigilosos. Tão logo se viu sozinho, Nathan apanhou o telefone.

— Quero que você ligue para a pensão da viúva Holmes e chame Cyrus McPherson, Ella Mae — disse ele para a telefonista da central de Cheyenne. — Quando ele estiver na linha, volte a me contatar.

— É assunto oficial, sr. governador?

— Não seja intrometida, Ella Mae. Apenas complete a ligação.

Nathan sabia que precisaria agir com toda a rapidez. Logo McFee encontraria Goldman e ele tinha que estar por perto porque pretendia apanhá-lo com as mãos ainda molhadas de sangue.

CAPÍTULO 5

A Union Station de St. Louis não podia ser comparada a nenhuma outra do país. Considerada uma das maiores estações ferroviárias do mundo, fora construída por Theodore C. Link com o objetivo de agradar até o mais exigente dos viajantes.

Genny ainda não percebera a imensidão nem o luxo daquela estação que intimidava até viajantes menos inexperientes. Ela estava mais preocupada com sua inexplicável relutância em perder a companhia de um homem que nem sequer conhecia.

Jessamine aproveitara um momento de desatenção de Odessa Gold para lhe contar que ele confessara ter matado um homem e havia passado dez anos na prisão. Genny não compreendia por que continuava a pensar nele, mesmo sabendo que era um assassino.

Ela devia estar vibrando de felicidade por ter chegado sã e salva a St. Louis, onde iniciaria sua nova vida como futura sra. Worthington. E, no entanto, uma inexplicável sensação de abandono e perda a envolvia sempre que pensava no fim daquela viagem ao lado de Odessa Gold.

Quando o trem finalmente parou na plataforma de desembarque, ele se prontificou a ajudar Jessamine, e Genny os seguiu, irritada com aquela solicitude que encantava sua velha amiga. Então, ela parou na escada do vagão, tomando conhecimento de que não chegara a uma estação igual às outras.

Havia uma quantidade incalculável de trens parados nas plataformas que se estendiam até algum ponto impossível de ser visto sob a imensa construção que se assemelhava a uma estranha catedral de ferro. Genny teve a impressão de que entrara em uma gigantesca caverna ocupada por um monstro pré-histórico de metal. Os ruídos ensurdecedores aumentavam a sensação de irrealidade.

Genny sentiu um início de pânico. Onde estava Adam? Ela imaginara encontrá-lo à sua espera na porta do vagão e era Odessa Gold que via, oferecendo-se para ajudá-la a descer!

Apesar de ingênua, ela percebera que devia evitar qualquer contato físico com aquele homem. As sensações despertadas por Odessa Gold só podiam ser perigosas porque nunca as sentira quando Adam a tocava. Disposta a se manter distante, estendeu-lhe a ponta dos dedos.

De nada adiantou ser prudente! Ele segurou-a pela cintura e levantou-a no ar, antes de colocá-la suavemente no chão. Então, as pernas de Genny fraquejaram, os braços musculosos a envolveram com firmeza e, por sorte, a voz de Jessamine soou ao lado deles, rompendo o encanto.

— Genina? Onde está Adam?

Aquela pergunta trouxe Genny de volta à realidade. Por que Adam não viera encontrá-las na plataforma?

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Deve estar nos procurando no lugar errado e começando a se preocupar, Jessamine.

A ausência de Adam seria menos mortificante se Odessa não estivesse presente.

A gentileza e a ternura com que ele se despedia de Jessamine acabaram por descontrolar Genny. Com um gesto de antiquada cortesia, ele beijou a mão da velha senhora e ninguém poderia duvidar que sua afeição fosse sincera.

— Adeus, Jessamine.

— Tudo dará certo para você, rapaz. Não importa para onde vá, nem o que faça, porque Deus o acompanhará.

— Ele ficará ao seu lado também, Jessamine.

O sibilar de uma locomotiva que se afastava da plataforma abafou o som de suas vozes. Já não era possível conversar, mas Odessa Gold continuou parado diante de Genny, para o adeus final.

Como podia estar tão desesperada só porque ia despedir-se de um companheiro de viagem? Mas Odessa não era apenas um passageiro que se sentara ao lado dela durante algumas horas. A expressão distante de Genny desmentia uma convivência prolongada no confinamento aconchegante de um vagão de trem e negava que ela comprometera seus princípios e mentira para dois homens da lei a fim de ajudá-lo.

— Por favor, não se preocupe comigo, sr. Gold. — Genny estendeu-lhe a mão, decidida a tratá-lo como um verdadeiro amigo. — Estamos sendo esperadas e logo nos encontrarão. Agradeço sinceramente o carinho que demonstrou a Jessamine. Foi muito importante para ela.

— E para você, Genny Carlyle? O que significou para você? As únicas palavras que lhe vinham à mente não poderiam ser ditas. Aquele homem possuía o dom de invadir seu íntimo, exigindo respostas e sentimentos que Genny não tinha coragem sequer de admitir.

— Genny?

O tom de voz de Odessa era tão suave que Genny sentiu uma incontrolável vontade de chorar.

— Eu também espero que tudo dê certo para você. Espero que consiga solucionar seus problemas do melhor modo possível.

Embora estivesse com a cabeça abaixada, Genny pressentiu que o rosto de Odessa ficara tenso. Então, viu a ponta das botas dele se aproximarem da barra de sua saia.

— Em outra época da minha vida, eu não desistiria tão facilmente, Genny Carlyle — a voz dele era dura e agressiva. — Iria atrás de você até impedi-la de continuar fugindo de mim.

Subitamente, Odessa Gold revelava a força autoritária de sua masculinidade e, assustada, Genny recuou. Ela pressentiu o beijo mas não sonhara com a doçura de seus lábios se encontrando. Foi um contato muito breve que, ao se romper, provocou uma sensação de abandono e de perda irrecuperável.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Adeus, Genny Carlyle. Nas longas noites de insônia, pense em mim — disse ele baixinho, antes de dirigir-se a Jessamine. — Adeus, sra. McGowan. Espero que logo encontrem a pessoa que veio buscá-las.

— Oh, Adam não demorará. Homem algum deixaria de vir ao encontro da futura esposa.

Genny jamais esqueceria a expressão de perplexidade magoada no rosto de Odessa Gold .que, sem dizer mais nada, desapareceu no meio da multidão.

— O próximo! O senhor é o próximo?

Assustado, Odessa percebeu que o bilheteiro já lhe fizera a mesma pergunta várias vezes.

— Sim, sou eu. Quando parte o próximo trem para Saratoga Springs?

Como pudera ser tão tolo ou tão cego? Durante aquela longa viagem, ele acreditara em algo que existira apenas em sua imaginação.

— Às sete e vinte, senhor.

— E está no horário?

— Sim, senhor. Partirá dentro de dez minutos. Já deve estar na plataforma, aberto para o embarque.

— Muito obrigado.

— Espere, senhor! Ainda não carimbei sua passagem!

— Sim... é claro. — Voltando para o guichê, Odessa devolveu a passagem ao bilheteiro. — Qual é a plataforma?

— Plataforma sete. Ei! Está esquecendo seu bilhete, senhor!

À distância, um homem alto e bem vestido observava o guichê de passagens. Então, ele aproximou-se e, ignorando a fila de compradores que protestavam, passou na frente de todos e inclinou-se, fitando o bilheteiro com um olhar duro.

— Para onde vai aquele homem de barba que acabou de comprar uma passagem?

— Sinto muito, senhor. Não posso lhe dar essa informação. O nosso regulamento...

— Acho melhor mudar de idéia e esquecer esse regulamento ou garanto que se arrependerá.

— Bem... — respondeu o bilheteiro, com o rosto subitamente coberto de suor — ele vai para Saratoga.

— Então, me dê um bilhete para esse mesmo trem.

— Mas eu estou na fila! — reclamou uma senhora, irritada.

— Quero uma passagem para Saratoga. Entendeu o que eu disse, rapaz? — insistiu o homem alto e bem vestido, indiferente às reclamações. — E depressa.

— R-realmente... o trem parte em nove minutos — gaguejou o bilheteiro, contrariado. — Da plataforma sete. Acho melhor correr ou não embarcara.

Mas Odessa Gold, após consultar o relógio, concluiu que ainda teria tempo de comprar algo para comer. Embora soubesse que os preços eram exorbitantes dentro

da estação, não estava disposto a fazer mais uma longa viagem passando fome.

Então, enquanto procurava pelo bar da estação, seu olhar recaiu sobre Genny e Jessamine McGowan, ainda sentadas no mesmo banco onde as deixara.

Odessa sentiu uma raiva incontável e reconhecidamente irracional. Onde estava o maldito Adam, o homem que não deixaria de vir ao encontro da futura esposa? Talvez esse homem fosse um canalha, mas, sem dúvida alguma, esse assunto não era da sua conta.

Infelizmente, Odessa não conseguiu afastar-se sem olhar mais uma vez para as duas.

Jessamine colocara as mãos magras sobre a bolsa de tapeçaria em seu colo e permanecia ereta, como se fosse tirar uma fotografia. Em pé ao lado dela, Genny olhava ao seu redor, com uma expressão de abandono no rosto delicado.

A inocente fragilidade de Genny despertou uma esperança irracional em Odessa. Por um momento, acreditou que ela procurava o seu rosto entre a multidão. Mais uma vez, ele sentiu-se dividido entre o desejo de protegê-la e a certeza de que cometeria uma imperdoável indiscrição se fosse ao encontro das duas mulheres abandonadas na estação.

Genny Carlyle deixara bem claro que não o queria em sua vida. Só um cego não teria visto que ela esperava com ansiedade a chegada do noivo.

Agarrando sua mala de mão com a mesma determinação que demonstrara quando Nathan Hodges tentara impor-lhe sua vontade, Odessa caminhou resolutamente para a plataforma sete. Ele parou antes de descer as escadas a fim de olhar, pela última vez, para Genny e a viu murmurar algo ao ouvido de Jessamine.

O barulho da locomotiva chegava até o alto das escadas. O vapor se erguia entre as rodas do trem indicando a partida muito próxima. Os mecânicos, com os uniformes sujos de graxa, já haviam terminado a última vistoria e o chefe de plataforma gritava, chamando os passageiros para o embarque.

Odessa tirou o chapéu e mergulhou os dedos entre os cabelos, atormentado pela indecisão. Então, com um suspiro resignado, desistiu de lutar e, abrindo caminho entre a multidão que descia as escadas, caminhou na direção das duas mulheres.

No instante em que Genny o avistou, um sorriso radiante iluminou suas feições.

— Sr. Gold! — exclamou ela, dando um passo para a frente. Odessa sentiu vontade de tomá-la nos braços ao ver os olhos muito verdes brilhando como esmeraldas. Mas a transformação do rosto de Genny não durou mais do que um segundo. Percebendo que fora ousada demais, ela forçou-se a recebê-lo com a dignidade austera de uma jovem à espera de um outro homem.

— Pensei que já tivesse partido — disse ela, virando-se para a amiga. — E o sr. Gold, Jessamine.

— Que bom! — exclamou Jessamine, com um sorriso de felicidade. — Foi muito gentil em voltar, sr. Gold.

— Ele não voltou, Jessamine. Apenas estava passando e...

— E voltei! — completou Odessa, incapaz de controlar a alegria de revê-la.

A voz musical de Genny dava-lhe a sensação de estar voltando ao lar. Como pudera achar que ela não era a mais linda das mulheres? Na claridade difusa da estação, Genny Carlyle lembrava um quadro impressionista em que as sombras realçam a luz ensolarada de um rosto vibrante e belo.

— Eu também pensei que não fosse mais encontrá-la aqui, srta. Carlyle.

Ele foi deliberadamente malicioso e aguardava as habituais explicações e os inevitáveis elogios sobre o maravilhoso Adam que, apesar de suas incomparáveis qualidades, as esquecera na estação. Genny o surpreendeu com sua sinceridade.

— O meu noivo não veio nos esperar, sr. Gold.

— Algo muito sério deve ter acontecido — sugeriu Odessa, surpreso com a intensidade de sua alegria.

— Adam sempre considerou a pontualidade uma questão de boa educação — disse Genny, sem disfarçar uma ligeira irritação. — Só posso imaginar que algo muito grave o tenha impedido de vir.

— Talvez esteja doente — acrescentou Odessa, ainda mais alegre diante daquela possibilidade.

— Que horas são, sr. Gold? — perguntou Jessamine, aflita.

— Sete e dez, sra. McGowan.

O apito de uma locomotiva ecoou na imensa estação.

— Não é o seu trem, sr. Gold? — indagou Genny, preocupada.

— Oh, não! — mentiu ele, sem remorsos. — O meu trem está muito atrasado.

Enquanto o trem para Saratoga Springs se afastava da plataforma, um homem alto e bem vestido percorria os vagões observando meticulosamente o rosto de cada um dos passageiros. Ele procurava um homem sobre o qual recebera uma detalhada descrição e por quem esperara o dia inteiro, mas só avistara muito rapidamente, momentos atrás, na bilheteria da estação.

Todos os vagões estavam praticamente lotados e ele queria se certificar de que não o perderia de vista em nenhuma das estações do caminho. Não sabia quem era aquele homem, mas pessoas muito importantes precisavam encontrá-lo com toda a urgência~

Genny envergonhou-se de sua alegria ao rever Odessa Gold. Reconhecia que essa emoção não tinha nenhuma relação com a sensação de abandono provocada pelo atraso de Adam nem com seu medo de que algo grave houvesse impedido o noivo de ser pontual.

Ela sentia que um elo profundo se originara quando haviam se beijado. O contato, muito breve, tinha sido uma vivência partilhada com uma intensidade única, revelando uma sensualidade que jamais existira e jamais existiria com Adam.

Embora inocente, Genny pressentia que essa emoção nascia de uma atração física muito intensa. Odessa era sedutor e dono de uma virilidade agressiva que encantaria até mulheres mais experientes e sofisticadas do que uma jovem ingênua do

interior do Wyoming. Ela admitia que também não seria fácil resistir ao fascínio do passado misterioso daquele homem, nem à urgência de seus instintos de sobrevivência ou à sua habilidade em despojá-la de todas as defesas para trazer à tona emoções primitivas e desconhecidas.

Mas não se tratava apenas de uma atração física. A despeito dos mistérios de sua vida, Odessa Gold era um homem que exigiria uma entrega completa da mulher amada, mas também lhe ofereceria tudo. Nenhuma emoção deixaria de ser partilhada, nenhum sentimento seria usufruído superficialmente porque ele vivia com intensidade o momento presente como se não esperasse nada do futuro.

Enrubescendo, Genny percebeu que desejava ser novamente envolvida pelos braços dele, sentir seus lábios...

— Se você quiser, posso tentar descobrir onde ele está, srta. Carlyle.

— Ele? — perguntou Genny, sem saber sobre quem Odessa estava falando.

— O seu noivo. — O sorriso de Odessa irradiava, a cada instante mais felicidade. — O seu amante, Adam.

— Adam Worthington não é meu amante, sr. Gold!

— Então, ele é mais tolo do que eu imaginava.

— Considero imperdoável o seu comentário grosseiro, sr. Gold. Não se intrometa em assunto que não é da sua conta. Eu mesma descobrirei o paradeiro de Adam, não se preocupe.

— Tem razão, srta. Carlyle. Não me intrometerei em seus assuntos e, para falar a verdade, não estou nem um pouco preocupado.

Ignorando deliberadamente a irritação de Genny, Odessa sentou-se ao lado de Jessamine e, depois de desabotoar a casaca, esticou as pernas com a tranqüilidade de quem não tem nada de mais importante a fazer do que ficar conversando com uma desconhecida na estação.

— Já que Genny vai passar muito tempo “descobrimdo” onde está o noivo, eu me sentirei feliz de ficar ao seu lado, sra. McGowan.

— Oh! Muito obrigada, sr. Gold! — exclamou Jessamine, com uma alegria tão evidente que Genny ficou ainda mais enfurecida.

— Sr. Gold...

— Por favor, não precisa me agradecer, Genny querida — interrompeu ele, com uma expressão de inocência angelical.

— Vá cuidar de seus assuntos sem medo. Eu comprarei um jornal e lerei as notícias para Jessamine. Fique tranqüila.

Genny sentiu vontade de agarrá-lo pelos cabelos e puxá-los até que o insolente sorriso de Odessa Gold desaparecesse de seu rosto zombeteiro.

— Mesmo assim eu agradeço, sr. Gold — resmungou Genny, afastando-se dos dois.

Depois de atravessar inúmeras vezes a Union Station à procura do guichê de informações, Genny finalmente conseguiu falar com o administrador da estação.

— Preciso encontrar uma pessoa em St. Louis — disse ela a um homem gordo que

não se levantou à sua chegada. — O que devo fazer?

— Sabe o endereço certo dessa pessoa, moça?

— Não, mas tenho uma idéia do lugar onde moram os pais dele.

— Sinto muito, mas não posso fazer milagres, moça. Se eu fosse você, ia falar com o xerife.

— E onde posso encontrar o xerife? — Ela não conseguiu evitar a ironia. — Tem um endereço certo?

— Geralmente está em sua sala, mas eu iria antes falar com o *maitre* do restaurante. O xerife costuma jantar lá todos os dias, mais ou menos a esta hora.

Genny já superara o estágio inicial de pânico e começava a sentir raiva de Adam. Quando o encontrasse, não o trataria como uma dócil noiva que não se incomoda de ser abandonada em uma estação amedrontadora.

Um hotel e um magnífico restaurante dentro da estação tinham sido planejados por Theodore C. Link para dar aos viajantes o conforto e o luxo sem que fosse preciso ir até o centro da cidade. Sobre todas as mesas, cobertas por toalhas de linho engomado, brilhavam pratas e cristais. Garçons impecáveis cruzavam o salão iluminado por imensos candelabros, carregando bandejas com lagostas, trutas e apetitosos rosbifes.

O *maitre* examinou Genny da cabeça aos pés, com um olhar de desprezo. Para evitar que alguém tão mal vestido entrasse em seu luxuoso salão, pediu-lhe que esperasse à porta enquanto ele ia chamar o xerife.

O xerife Hickney era um homem corpulento, de cabelos brancos e sorriso calmo.

— A senhorita deve estar procurando o filho do dr. Craig Worthington — disse ele, depois que Genny lhe explicou a situação.

— Sabe o endereço dele?

— O doutor trabalha no hospital St. Mary e foi ele quem operou minha mãe. A pobrezinha tinha pedras no rim, imagine! Sinto tanta falta dela... Céus! Não pense que ele teve algo a ver com a morte de mamãe. Ela ainda viveu um ano depois da operação, que foi um sucesso. Então, tropeçou num tapete e rolou a escada. Que Deus a tenha.

— E o senhor *tem* o endereço do dr. Worthington?

O delegado a examinou com um olhar desconfiado.

— Você é da família, moça?

— Não agora mas, em breve...

Ela pretendia casar-se com o confiável Adam apesar de Odessa Gold!

Após muita hesitação, o delegado escreveu o endereço dos Worthington em um pedaço de papel. Genny ainda pensou em voltar até o banco onde deixara Jessamine para contar-lhe o que pretendia fazer, mas logo mudou de idéia. Se Odessa descobrisse quais eram suas intenções, se ofereceria para alugar uma carruagem a fim de ir ao encontro do dr. Craig Worthington e ela não queria ficar devendo mais nada àquele homem que ameaçava sua paz de espírito.

Pela primeira vez na vida, Genny entrou em uma carruagem de aluguel e, controlando o nervosismo, mostrou o papel ao cocheiro. Logo soube que aquele

Cartas da Sorte

Linda Shaw

endereço ficava no bairro mais elegante e fino de St. Louis e não esperava levar um choque tão grande.

Genny nunca vira nem sequer imaginara uma residência tão suntuosa. Se não estivesse preocupada com a sua sobrevivência e a de Jessamine, teria voltado à estação e nunca mais se aproximaria da família de Adam.

Um mordomo, ainda mais intimidante do que o luxo daquela mansão, abriu a imensa porta com enfeites dourados.

— Madame? — perguntou ele, comportando-se como se estivesse abrindo a porta para alguém chegado de um outro planeta. — Em que posso ajudá-la?

Com ódio de Adam, que a colocara naquela situação, Genny criou coragem para enfrentar aquela criatura altiva e alarmante.

— O doutor e a esposa estão passando o verão em Newport, madame — disse ele, depois que Genny explicou a situação. — Foram para a casa da dona Amy, que vai ter um bebê, o primeiro neto deles.

— Na verdade, estou procurando pelo filho, Adam Worthington.

A expressão do mordomo se transformou em uma máscara inexpressiva.

— Ele voltou para St. Louis há pouco tempo — insistiu Genny, lutando contra um pressentimento funesto.

— Ele sempre volta para St. Louis, madame — replicou o mordomo, com uma voz desanimada. — Mas, como brigou com o pai, não continua morando nesta casa. Em que mais posso ajudá-la, madame?

Não mora mais com a família? — perguntou Genny, alarmada. — E para onde foi?

— Por acaso, a senhora trabalha para algum escritório de advocacia?

— Não! Sou... apenas uma amiga.

— Bem... acho que não há necessidade de me prevenir contra a senhora. Sabe onde fica Hollybrook Street?

— Não, mas certamente o cocheiro deve conhecer essa rua. Qual é o número?

A angústia de Genny crescia enquanto a carruagem atravessava a cidade, desta vez cruzando bairros sempre mais pobres. Logo, o cheiro de maresia e o apito lúgubre dos navios indicaram que ela estava na região do porto. Colocando um lenço sobre o nariz para suportar melhor o odor de putrefação que entrava pela janela aberta, ela mal controlava o pânico.

Finalmente, o cocheiro parou diante de uma construção quase em ruínas. Colocando uma nota de um dólar na mão dele, Genny pediu-lhe para esperar pela sua volta.

— Então, trate de se apressar, moça. Não é meu passatempo favorito ficar parado nestas ruas do porto. E a pior região de St. Louis.

E por acaso aquele homem pensava que ela viera até aquele lugar sórdido por passatempo?

O apartamento de Adam ficava no terceiro andar e, à medida que Genny subia as escadas, sua raiva dava lugar ao desencanto e à mágoa. Fora uma idiota! Não se deve perseguir quem não quer ser encontrado, mas precisava, ao menos, tentar

Cartas da Sorte

Linda Shaw

recuperar o dinheiro que entregara a Adam. Se conseguisse ter de volta a quantia que lhe custara tanto poupar, esqueceria o compromisso do noivado e essa situação degradante, e retornaria ao Wyoming. Esqueceria tudo e desapareceria da vida dele!

Pelo menos, no Wyoming fora tratada com mais honestidade. Afinal, ela só estivera muito perto de morrer de fome naquele Estado. Era bem menos grave...

Genny bateu à porta e, enquanto esperava que os passos se aproximassem mais, respirou fundo, criando coragem para enfrentar uma calamidade.

"Prepare-se", pensou. "o pior pode acontecer".

Ela não se enganou. Uma jovem mulher atendeu à porta.

CAPÍTULO 6

Aos treze anos, Genny descobriu para onde sua mãe ia, quando desaparecia de casa à noite, e fez uma solene promessa a si mesma: jamais seria como Amélia. Não teria sonhos impossíveis de realizar, não sonharia com o inatingível e respeitaria os compromissos que assumisse.

Raymond Carlyle sempre fora um homem trabalhador. Plácido e de fala mansa, ele era ligado à terra e honesto por temperamento. O reparo das linhas férreas da Missouri Pacific Railroad o afastava durante semanas da rústica casa de três cômodos à beira do rio Missouri e ele retornava com o costumeiro sorriso de menino em seu rosto envelhecido prematuramente pela vida ao ar livre.

Quando o pai retornava, Genny cuidava de seu cavalo e se encarregava da água de seu banho. Após o jantar, preparado por Amélia, Raymond cochilava em uma cadeira de balanço na varanda e Jogo se retirava para dormir o sono tranquilo de um homem que não deve nada a ninguém.

Amélia raramente reclamava, mas seus passeios noturnos tornaram-se mais freqüentes e mais longos. Ela dizia que precisava do ar fresco da noite para acalmar seus nervos. Ao entrar na adolescência, Genny percebeu que a mãe ficava ainda mais distante. Por vezes, sentia-se sozinha mesmo quando as duas estavam juntas na mesma sala.

Um dia, Genny perguntou à mãe por que seus nervos precisavam se acalmar.

— Não é um assunto que interesse as crianças de sua idade. Não faça perguntas nem pense mais nisso.

Numa quente noite de junho, Raymond terminou de fumar seu cigarro de palha na varanda e depois retirou-se, como sempre, para o quarto. Logo, seu ressonar ecoava na pequena casa e, pela primeira vez na vida, Genny viu o pai como um homem sem interesse por nada além de seu trabalho.

A porta de tela foi entreaberta com cuidado. Levantando-se da cama, Genny atravessou a casa na ponta dos pés e parou junto à janela da cozinha. Ao longe, ouvia-se o pio noturno de uma coruja e o sussurrar da folhagem agitada pela brisa vindo do rio.

Ela sentiu o estômago se contrair ao avistar Amélia cruzando o jardim. O luar transformava o algodão branco da camisola em uma mancha prateada que deslizava entre as sombras das árvores. Seus movimentos rápidos e sinuosos refletiam uma energia que aumentou a inexplicável inquietação de Genny.

Impulsivamente, ela esgueirou-se pela porta e seguiu a mãe. Amélia se dirigia para a margem do rio e, quando um homem surgiu entre as sombras à beira da água, Genny não se surpreendeu.

Amélia correu para os braços do desconhecido e beijou-o. Genny desejou

desesperadamente ter ficado em seu quarto, mas uma curiosidade doentia a mantinha escondida entre os arbustos.

O homem tirou a camisola de Amélia e sua nudez brilhou sob o luar com a perfeição da madrepérola.

Genny não compreendia o significado dos murmúrios que rompiam o silêncio da noite nem a convulsão que a impelia a se aproximar mais dos dois vultos misteriosamente entrelaçados junto da água cristalina do rio.

Amélia estava deitada sobre a relva macia e suas pernas muito brancas contrastavam com a pele morena do homem que se movia sobre ela.

Talvez pressentindo a presença da filha, Amélia virou a cabeça e olhou fixamente para Genny. Então, os movimentos do homem se tornaram mais urgentes, os murmúrios se transformaram em gemidos, e a mulher, dominada pela paixão, fechou novamente os olhos e arqueou o corpo numa entrega lasciva.

Na manhã seguinte, mãe e filha se dedicaram às suas tarefas habituais em silêncio. Amélia movia-se pela casa com uma expressão de raiva no rosto bonito e Genny não ousava fitá-la.

Duas noites depois, enquanto Raymond dormia, Amélia esgueirou-se de casa para mais um de seus passeios noturnos e nunca mais voltou.

Embora Genny repetisse a si mesma que Amélia fizera sua escolha, sentia-se responsável pela fuga da mãe. Atormentada por um complexo de culpa irracional, mas contra o qual não conseguia lutar, ela tentou assumir o papel materno, tomando conta de Raymond com a dedicação obsessiva de uma mãe que trata de uma criança carente.

Durante dois anos, Raymond lamentou e chorou a deserção de Amélia. Então, ele parou de trabalhar. No início, esperava a noite chegar para sentar-se no alpendre e beber até perder a consciência, esquecendo assim a mulher que o abandonara. Depois, a figura de um homem incapaz de superar a própria fraqueza surgia desde cedo na varanda com uma garrafa na mão.

A vegetação crescia envolvendo a casa que se transformava em uma ruína descuidada enquanto Raymond se entregava a um desespero mudo. Numa tarde de outono, as folhas vermelhas e douradas cobriram o corpo do homem que desistiu de sofrer e morreu tão silenciosamente quanto vivera.

Um período da vida de Genny chegou ao fim com o enterro do pai. Ela agora era uma mulher mas não se interessava pelos homens. Viveu, até os dezesseis anos, na casa da vizinha mais próxima, uma solteirona amorosa.

Minerva Carson nascera para ser professora e ensinou Genny a ler e a escrever. Fascinada com a inteligência da jovem, deu-lhe aulas de história, latim e matemática. Então, ela encontrou um amor, casou-se e mudou de cidade.

Um missionário itinerante contou a Genny que estava indo para o território do Wyoming a fim de catequizar os índios e ofereceu-se para pagar-lhe os estudos se ela o ajudasse em sua missão.

Genny não pensou duas vezes e partiu, sem olhar para trás, em busca de uma nova vida. Ela terminou os estudos e, quando começou a dar aulas, mudou-se para uma

pensão em Beech Street, no centro de Cheyenne. Ali, conheceu Jessamine McGowan, dona de uma modesta loja de chapéus.

Adam Worthington foi o primeiro homem que se interessou por Genny. Atraente e bem-humorado, ele não a ameaçava nem lhe despertava emoções inquietantes.

Chegara a hora de iniciar uma nova etapa. Genny achou muito fácil aceitar a proposta de casamento e pensar em viver na dependência de um homem.

A mulher, muito jovem, olhava com desconfiança pela fresta da porta.

Genny apreendeu todos os detalhes num único olhar. A garota, de rosto cativante e cabelos loiros, não podia ter mais do que vinte anos. Havia uma aliança em sua mão esquerda.

Pela porta entreaberta, Gennie via uma sala pequena e quase sem móveis, mas que o toque feminino transformara em um ambiente aconchegante. Um xale de crochê disfarçava o estofamento rasgado do sofá, uma manta colorida cobria a cama de ferro e modestas toalhas bordadas a mão escondiam o mármore rachado da cômoda logo à entrada.

— Sinto muito ter vindo perturbá-la tão tarde — disse Genny, contendo-se para não fugir dali, correndo. — Eu estou procurando uma pessoa e me deram, por engano, o seu endereço. Desculpe-me...

— Por acaso... é Adam quem você procura?

Censurando-se por ter sido tão impulsiva, Genny recuou, disposta a evitar uma explicação. A jovem porém, segurou-a pelo braço.

— Não vá embora. Por favor! Sou Mary Faye Spencer. Está procurando por Adam? Entre. Desculpe-me, mas não sei qual é o seu nome.

Ela não queria estar naquele vestibulo sombrio e malcheiroso, conversando com aquela mulher! Queria estar de volta à estação, à pensão de Beech Street... Qualquer lugar seria menos apavorante do que aquele.

— O meu nome é Genny — murmurou ela, angustiada. — Genny Carlyle.

— Adam nunca me falou sobre você.

— Tenho certeza de que não.

— Não o culpe por esse esquecimento. — O riso de Mary Faye era da mais pura inocência. — Adam e eu nos conhecemos há pouco tempo. Ainda não sei tudo sobre ele.

Incapaz de tratar aquela jovem gentil com a grosseria necessária para evitar uma explicação que a magoaria, Genny deixou-se conduzir para dentro da sala. Quem sabe conseguiria inventar uma história plausível para justificar sua vinda?

— Posso lhe oferecer apenas um chá — disse Mary Faye, colocando a chaleira sobre o rudimentar fogareiro de querosene. — Não tomo café...

— Eu prefiro chá.

— Sempre gostei mais de café, mas, ultimamente, só o cheiro me provoca náuseas. — Sentando-se bem em frente de Genny, Mary Faye deu um sorriso de felicidade. — Estou grávida de quatro meses e fico enjoada com muita facilidade.

Genny fechou os olhos, horrorizada.

— Você e Adam vão ter um filho?

— Ah! Se você conhecesse Adam! — disse a jovem, sem disfarçar seu amor. — Ele sonha em nos dar uma vida de luxo, mas... teve uma briga terrível com o pai. O dr. Worthington é muito rico e, infelizmente não percebeu ainda as qualidades do filho.

A água começou a ferver e Mary Faye levantou-se para preparar o chá.

— Adam partiu para Saratoga, há duas semanas — prosseguiu ela, animada. — O lugar onde milionários de New York freqüentam durante o verão, sabe?

— Sim, já ouvi falar.

— Pois Adam foi para esse lugar a fim de ganhar muito dinheiro. Como pode ver, nem arrumamos o nosso apartamento porque era preciso reunir todo o dinheiro possível para a viagem a Saratoga. Ainda não recebi notícias, por isso fiquei, tão nervosa quando você bateu à porta. Achei que algo terrível tinha acontecido com ele.

Genny sabia que jamais se perdoaria se agisse como uma covarde egoísta, fugindo do problema para chorar a sua perda pessoal. Tinha que pensar na criança inocente que sofreria com a sua falta de coragem.

Mary Faye era muito jovem e mais cega do que Jessamine. Confiava plenamente em Adam e o esperaria até não lhe restar um único centavo. Então, teria que ir para um asilo onde seu filho nasceria e, por falta de condições apropriadas para criá-lo, seria obrigada a entregá-lo para adoção.

Maldito Adam Worthington!

— Esqueça o chá, Mary Faye. — Levantando-se, Genny puxou a jovem para longe, do fogareiro. — Precisamos conversar. Sei que será penoso, mas, se eu estivesse em seu lugar, gostaria que alguém me contasse a verdade.

Mary Faye empalideceu e Genny, antecipando a mágoa que causaria, quase perdeu a coragem. Apenas por sorte ela não estava na mesma situação daquela jovem ingênua!

Depois de contar toda a verdade e consolar Mary Faye, Genny também chorou pela criança que nasceria sem pai. Antes de partir, prometeu que voltaria e, juntas, tentariam encontrar um caminho. Também aconselhou à jovem que procurasse ajuda e a esposa de um pastor seria a pessoa ideal.

Genny retornou para a carruagem, sem saber se teria forças para superar a angustiante sensação de ter participado de um funeral. Ela não perdera um ser amado, não vira seu corpo ser enterrado, não podia colocar flores num túmulo inexistente nem relembrar a felicidade do passado. Não lhe restara nenhum consolo.

Seu único desejo naquele momento era mergulhar nas águas do Mississipi e esfregar sua pele até purificar-se. Queria apagar de sua mente todas as lembranças que incluíssem Adam, queria morrer para esquecer.

Não. Ela não podia fugir da vida como uma covarde. Quem cuidaria de Jessamine?

— Não sou Mary Faye Spencer — repetiu ela, enquanto a carruagem se afastava do porto. — Não sou Amélia Carlyle e muito menos Raymond Carlyle! Sou Genny e encontrarei o meu caminho. Não desistirei sem luta!

Suspirando, Genny reconheceu que não tinha a menor idéia de como reagir e superar a adversidade.

"Nunca mais confiarei em homem algum!", prometeu a si mesma. "Nem em Odessa Gold."

Acima de tudo, Genny não podia confiar em Odessa Gold! Finalmente ela cedeu às lágrimas, mas o pranto não aliviou sua dor.

Odessa Gold estava lendo as notícias do *Post Dispatch* para Jessamine, mas, embora seus olhos seguissem as linhas impressas e sua boca pronunciasse as palavras, ele só conseguia pensar em Genny.

Por que ela estaria demorando tanto? Perdera-se na cidade ou teria sido assaltada? Visões trágicas de Genny sendo roubada e depois largada em uma viela escura o atormentavam. Por que ela ainda não voltara?

Um preto, com o uniforme dos funcionários da estação, passou diante deles, empurrando um carrinho com frutas.

— Maçãs doces como o mel! Maçãs fresquinhas, colhidas na beira do rio!

Ele não resistiu ao desejo de agradar Jessamine e comprou três maçãs. Estava começando a descascar a segunda quando, ao erguer momentaneamente a cabeça, avistou um vulto familiar se aproximando entre a multidão.

Em pânico, Odessa sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Ele quase não reconhecera Genny! Sensível a todas as reações emocionais, Jessamine também demonstrou sua inquietação.

— Genina voltou. Finalmente!

— Sim, ela está voltando.

Como explicar a Jessamine que a jovem que se aproximava deles não era a mesma? O que acontecera com a indômita Genny Carlyle?

A orgulhosa independência desaparecera de seu rosto. O corpo esguio revelava então uma extrema fragilidade e Genny se movia com a lentidão de um pássaro mortalmente ferido. Os olhos continuavam brilhantes, mas de lágrimas que não chegavam a cair. Então, ela parou, apoiando a cabeça num pilar de ferro, sem forças para continuar.

— Genina está sozinha?

Odessa tinha se esquecido da existência de Jessamine.

— Sim.

— Oh, Deus. Ele não cumpriu a promessa.

Quantas vezes Odessa ouvira seu pai criticar a insensatez de pessoas que se envolviam em problemas alheios? Se fosse esperto, diria adeus naquele instante e desapareceria da vida das duas mulheres. Não tinha condições de mudar a realidade nem de ajudar Genny, e ela o odiaria por estar presente em sua hora de maior desespero.

Mesmo se Genny procurasse um ombro amigo para chorar sua dor, logo os dois admitiriam que não tinham sido criados para partilharem nada. Cada um seguiria o seu

caminho, ainda mais desiludidos com a vida. De que adiantaria tentar?

— Eu sabia que isso ia acontecer. O meu querido marido sempre me preveniu contra homens como Adam Worthington. Muito falantes e sorridentes, eles fazem planos que não realizam e promessas que não cumprem. Ou será que estamos imaginando o pior, sr. Gold?

— Não creio, Jessamine — respondeu ele, tentando disfarçar sua preocupação.
— Não saia daqui. Vou ao encontro de Genny.

A única resposta de Jessamine foi um suspiro angustiado. Para onde ela poderia ir? Genevieve Carlyle fora um raio de sol em sua vida sombreada pelas trevas. Depois de perder três filhos e enterrar o marido, ela encontrara em Genina alguém para amar e agora dependia física e emocionalmente dessa criança encantadora.

Odessa Gold correu ao encontro da mulher que, em tão pouco tempo, assumira um papel tão importante em sua vida. Com a energia de um garoto irrequieto, ele saltou por cima das bagagens e caixotes que permaneciam esquecidos nas plataformas, mas não foi o cansaço que acelerou as batidas de seu coração.

— Genny?

Ela o fitou com o olhar desorientado de quem não sabe sequer onde está e não reconhece um rosto familiar. Seus lábios se entreabriram num protesto e o corpo ficou tenso diante das mãos que se estendiam para transmitir-lhe conforto como se o mais simples toque lhe fosse penoso.

— Não posso falar agora, sr. Gold.

— Não é preciso falar, Genny. — Ignorando a rigidez do corpo dela, Odessa abraçou-a com firmeza. — Não importa o que tenha acontecido, eu a ajudarei.

Por um breve momento, Genny não resistiu ao conforto de sentir-se amparada, mas logo recuperou o controle de suas emoções.

— Sinto muito. Eu não devia...

— Genny querida...

Erguendo o queixo num gesto de desafio, ela tentou arrumar as mechas que caíam sobre sua testa e procurou manter a costumeira atitude distante.

— Não sei o que aconteceu comigo, sr. Gold. O meu problema não é da sua conta... quero dizer que não é de sua responsabilidade.

— Então peço-lhe desculpas, mais uma vez, por ter interferido em sua vida. Quis apenas ajudar, mas não sabia que você estava armada!

— Por favor, sr. Gold. — Ela enrubesceu diante da ironia magoada de Odessa. — Não tive intenção de ofendê-lo nem de ser grosseira, recusando sua ajuda. É que...

— Você não confia nos homens, não é?

— Realmente, eu não me sinto inclinada a confiar em ninguém.

— Já que mencionamos o sexo forte, seria intromissão de minha parte perguntar onde está o "confiável" sr. Adam Worthington?

Ao contrário do que Odessa esperava, Genny não revelou tristeza nem desatou no pranto. Uma raiva intensa transformou suas feições delicadas e apenas um brilho fugaz nos olhos muito verdes indicou que ela lutava contra o descontrole emocional.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Agradeço a gentileza de ter feito companhia a Jessamine durante minha ausência, sr. Gold. Agora posso assumir essa responsabilidade porque tenho tudo sob controle novamente.

— Tem mesmo? — perguntou Odessa, exasperado com a insistente formalidade de Genny.

— E verdade, sr. Gold. Está tudo bem e não quero mais atrapalhar a sua vida. Sei que tem seus próprios problemas para resolver e não devo mais tomar o seu tempo.

Odessa nunca se sentira tão ofendido antes. Seu gesto de apoio fora rejeitado e ele quisera apenas aliviar a mágoa de Genny. Precisava livrar-se daquela situação constrangedora o mais depressa possível. Realmente, já perdera tempo demais, tentando resolver os problemas de uma mulher hostil e irracional.

— A senhora está mesmo certa, dona — ele voltou a falar como um vaqueiro rude. — Vou saltar no meu cavalo e dar o fora deste ninho de cobras. Afinal, tenho uma porção de crimes pra cometer! Vou roubar alguns bancos, assaltar alguns trens e molestar mulheres inocentes. A vida é assim mesmo, só trabalho duro. Gostei de conhecer uma dona tão bem educada e espero que sua sorte mude e encontre o seu Adam. Vocês foram feitos um para o outro.

Odessa afastou-se, sentindo ódio de si mesmo. Não devia ter permitido que o desejo contido durante dez anos viesse à tona, nem acreditado em ilusões sobre o futuro. Fora muito tolo em pensar que existiria lugar para ele no mesmo mundo de Genny Carlyle.

— Você distorceu o sentido de minhas palavras!

Ele ouviu a voz de Genny, mas recusou-se a virar para responder.

— E a sua cabeça que está distorcida, moça! Nesta vida, nada tem sentido.

— Odessa!

Quando ele a viu, com as mãos cobrindo os lábios trêmulos e os olhos cheios de lágrimas, não teve coragem de deixá-la entregue ao desespero. Sentindo uma necessidade incontrolável de demonstrar sua ternura, tomou-a nos braços e a acalentou como se Genny fosse uma criança perdida num mundo de adultos insensíveis.

— Não chore, Genny. Por favor, não chore.

A fragilidade de Genny o surpreendeu. Embora tivesse imaginado, obsessivamente, os contornos daquele corpo esguio, assustou-se ao tomá-la nos braços. Os seios pressionados de encontro ao seu peito eram os de uma mulher, mas os quadris e as pernas esbeltas podiam pertencer a um adolescente etéreo.

Que tipo de homem seria capaz de magoar uma jovem tão meiga? Quem era Adam Worthington? Um algoz sem coração que não se importava com o sofrimento de Genny?

— Como eu gostaria que nada disso tivesse acontecido para você, Genny — murmurou ele, com os lábios tocando as sedosas mechas ruivas. — Se dependesse de mim...

— Foi horrível! Senti-me tão humilhada, tão culpada que, se eu pudesse morrer...

— Não diga mais nada, Genny querida. Entendo que agora você tenha perdido a

Cartas da Sorte

Linda Shaw

vontade de viver mas logo se recuperará dessa mágoa. Acredite em mim. Por pior que seja, a vida é sempre uma dádiva divina. Coragem! É preciso recomeçar.

Tomada por uma fúria súbita, Genny afastou-se dele, dando uma gargalhada amarga.

— Recomeçar? Como? Adam levou tudo o que eu e Jessamine tínhamos poupado durante nossas vidas. A não ser pelos quatro dólares, que agora são só três, nós duas ficamos sem um único centavo. Portanto, deixe de bancar o bom-samaritano e me aconselhar a começar de novo, Odessa Gold! Eu estou na miséria e arrastei a pobre Jessamine comigo por confiar demais num maldito homem!

Odessa sempre soubera que o drama do seu passado voltaria a atingi-lo quando ele menos esperasse. Teria muito para oferecer a Genny, mas, por um capricho cruel do destino, estava de mãos vazias e não poderia ajudá-la a superar uma situação angustiante. Wright, C. E. McFee e Manville Platt continuavam a destruir suas chances de ser feliz.

Eles permaneceram abraçados, sem consciência de nada a não ser de seus dramas íntimos. Nenhum dos dois percebeu que ambos estavam se rendendo ao inevitável e lentamente aceitando seguir juntos por um caminho ainda indefinido.

Odessa Gold se comovera com a coragem daquela jovem frágil que recuperava a energia para lutar antes de secarem as lágrimas presas em seus cílios. Genny sentia admiração pela capacidade de ternura de um homem que vivera um passado de violência.

Ela queria continuar nos braços de Odessa, ouvindo o bater do coração de um homem que também lutava para superar as adversidades. Tinha que absorver a força máscula, capaz de perpetuar gerações, construir impérios e desafiar o mundo. Precisava ser consumida pela chama de uma vontade mais forte, perdendo a consciência e a memória até mergulhar no esquecimento.

Mas o seu murmurar hesitante demonstrava que Genny ainda não aprendera a reconhecer os desejos mais secretos do coração.

— Preciso ir agora, sr. Gold.

Com os olhos fechados, Odessa lutava para livrar-se da prisão do passado. Eles não passavam de duas crianças traídas pela vida, que haviam perdido a inocência antes de terem uma chance de sonhar com um futuro feliz

— Ir para onde, Genny?

Já não havia nenhuma emoção na voz dela. Nem raiva, nem esperança.

— Não sei...

— Então, vamos procurar Jessamine. Ela está à nossa espera.

CAPÍTULO 7

— Maldito seja Adam Worthington!

Com a voz clara e desapaixonada de um juiz, Jessamine McGowan condenou o réu.

Sentando-se ao lado da velha senhora, Odessa sentiu-se emocionalmente esgotado. Mas Genny, que superara o choque inicial, andava de um lado para o outro na frente dos dois, tentando ordenar os pensamentos e reorganizar sua vida e a de Jessamine.

A cólera e o pânico geravam a energia nervosa que mantinha Genny afastada da depressão. Com movimentos bruscos e o rosto corado, ela reagia com uma liberdade que habitualmente não ousaria demonstrar.

Fora de si ou apenas espontânea, Genny Carlyle era a mulher mais fascinante e imprevisível que Odessa já encontrara em toda a sua vida!

— Adam disse que iria para Saratoga — explodiu Genny, dando uma gargalhada que revelava a intensidade de seu ódio.

— O lugar ideal para um patife como ele! Certamente, pretende seduzir mais uma garota inocente, só que, desta vez, escolherá uma milionária e deixará mais uma criança sem pai! Deus do céu! Eu nunca me enganei tanto a respeito de uma pessoa!

Odessa quase interrompeu o desabafo de Genny para dizer-lhe que jamais se enganaria se confiasse nele.

— Se eu pudesse pôr as mãos naquele canalha! — prosseguiu ela, tomada pela cólera. — Eu o arrastaria pessoalmente a um tribunal e o processaria por quebra de compromisso! Depois, o processaria por ter roubado todas as minhas economias e as de Jessamine! E depois...

Subitamente, os ombros de Genny se curvaram, numa postura de derrota. Quase sem forças, ela arrastou-se até Jessamine e, ajoelhando-se no chão, colocou a cabeça no colo da amiga. A velha senhora a acolheu em seus braços, no gesto de conforto que une as mulheres nos momentos difíceis.

— Calma, querida. Calma...

— Nós teremos que ficar nesta cidade, Jessamine. Pelo menos, por algum tempo, sabe? Conseguirei um trabalho e... prometo-lhe que tudo vai dar certo. — Genny ergueu a cabeça, tentando demonstrar confiança num futuro sombrio. — Logo poderemos alugar um apartamento, modesto como o de Mary Faye, mas comeremos pão de farinha branca e encontraremos bons livros na biblioteca local. Vou procurar um gatinho que lhe fará companhia enquanto eu estiver fora de casa. Você verá que St. Louis nos trará mais felicidade do que o Wyoming...

Odessa não conteve mais a raiva e levantou-se bruscamente.

— Não agüento mais! Chega!

Genny só não se irritou com a atitude explosiva de Odessa porque ainda sentia-se grata pelo apoio que ele lhe dera durante um momento de crise.

— Nós agradecemos, do fundo do coração, a sua generosidade, sr. Gold — declarou ela, estendendo-lhe a mão. — Sinto que mudou seus planos por nossa causa e sua gentileza o impede de nos ajudar por esse contratempo. Se existir algo que possamos fazer para ajudá-lo, é só dizer.

Naquele momento, Odessa não sabia de quem sentia mais ódio. Seria de Adam ou de Genny, que se obstinava em continuar fazendo planos como se nada tivesse acontecido?

— Eu tenho algo a dizer e você vai me ouvir, de boca fechada, Genny Carlyle! — explodiu Odessa, quase encostando o dedo no rosto dela. — E quando eu terminar, não quero que me responda com essas frases idiotas de cristã resignada ao infortúnio! Não me diga que Deus escreve direito por linhas tortas, nem que é preciso aceitar a vontade Dele!

Chocada com aquela agressão inesperada, Genny virou-se para ele, com o rosto corado de raiva.

— Ótimo! Eu prefiro brigar com você do que consolá-la! resmungou Odessa, cruzando os braços. — Agora que recuperou o espírito de luta, ouça bem o que tenho a lhe dizer. Sei que Jessamine lhe falou sobre o meu passado, por isso não perca tempo negando.

— Talvez ela tenha mencionado que você esteve preso, mas, sinceramente, não me lembro.

— Eu cumpri a minha sentença, Genny. — Ele desistira de lutar contra a loucura que o impelia a tomar atitudes inexplicáveis. — Não sou um homem procurado pela lei.

— É espantoso — comentou Genny, ironicamente. — Então, por que aqueles homens detiveram o nosso trem?

— Dois homens envolvidos na morte de minha esposa nunca foram denunciados à justiça. Eles têm muito a perder se eu contar o que sei.

— E você contaria?

Muita gente gostaria de saber a minha resposta a essa pergunta, Genny. Francamente, eu farei tudo para evitar mais violência.

Genny analisou o rosto tenso de Odessa, que não refletia paz mesmo quando repousava, e suspirou. Ele não conseguiria fugir da violência que existia em seu íntimo, tão à flor da pele quanto a de um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Por que se conforma em ser tratada assim por Adam Worthington?

— Assim como?

— Você está resignada a ficar em St. Louis e a reconstruir, com muito sacrifício, a vida que ele arrasou. Por que se deixa vencer e finge que nada aconteceu? Por que não recupera o seu dinheiro?

— Perdeu o juízo, Odessa Gold? — Enfurecida pela crítica injusta, ela levantou-se, mas manteve-se junto de Jessamine. — Eu nunca poderei recuperar o meu dinheiro.

— Pode e deve, Genny Carlyle!

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Adam está em Saratoga Springs. O que acha que eu *devo* fazer? Exigir os meus direitos por telegrama?

— Vá atrás dele.

Odessa retratava a inconsciência dos homens que têm força e o poder de desafiar o destino. Como todos os outros, ele ignorava os obstáculos colocados no caminho das mulheres que são obrigadas a lutar pelos centímetros percorridos. Genny sentiu um desejo incontrolável de apagar a expressão de superioridade daquele rosto orgulhoso.

— Quantos homens já matou, sr. Gold?

Ela arrependeu-se imediatamente de ter sido tão venenosa.

— Não me provoque, madame — disse ele com uma suavidade alarmante. — Seja mais prudente.

— Eu... sinto muito. Perdi o controle porque estou confusa, não sei como agir. Não tenho a menor idéia do que fazer.

Embora acreditasse sinceramente que explicações desvalorizavam a integridade do ser humano, Odessa queria que Genny soubesse toda a verdade sobre seu passado.

— Eu era um artista antes de ir para a prisão. Ganhava a vida desenhando e ilustrando livros.

— Verdade? — zombou Genny, sem esconder a incredulidade. — Então, é só recomeçar, sr. Gold.

— Infelizmente, a pintura não é uma arte muito valorizada na prisão e eu tive que desenvolver outros talentos.

— Que tipo de talentos, sr. Gold? — Genny não desistia de provocá-lo. — Pode contar ou...

Odessa queria contar que aprendera a ser rápido no gatilho e nas decisões porque a vida era muito breve. Ele precisava de mais uma chance e queria se apaixonar por Genny Carlyle. Mas ainda não chegara a hora e a sua precipitação só provocaria rejeição.

— Eu aprendi a jogar cartas.

— Você e... um jogador?

A reação de Genny demonstrava claramente que o jogo era considerado um pecado mortal. Então, ela deu uma gargalhada alegre e o som melodioso fez renascer a esperança no coração de Odessa.

— Pelo menos é um bom jogador, Odessa Gold?

— Sou muito bom — respondeu ele, sem disfarçar a alegria provocada pela aceitação de Genny. — Para falar a verdade, sou excepcional.

— E por isso que está indo para Saratoga?

— Adam também está em Saratoga, Genina.

— Eu sei muito bem onde esse canalha está, Jessamine — desabafou Genny, irritada com os dois que se uniam para pressioná-la. — Se é que Adam não mentiu para Mary Faye. Ele tem agido com uma desonestidade exemplar. Mas nem adianta pensar em persegui-lo. Não há dinheiro suficiente para as passagens até Saratoga.

— Esse obstáculo pode ser facilmente contornado — disse Odessa, sorrindo.

— Não diga mais nada, sr. Gold. — Ela o fitou com um olhar de suspeita. — Se pretende nos oferecer dinheiro para as passagens, não perca o seu tempo. Agradecemos suas boas intenções mas não poderíamos aceitar empréstimos de um desconhecido.

A atitude ofendida de Genny preocupou Odessa. Se ela se ressentia diante de uma possível oferta de dinheiro, como reagiria em uma situação inversa?

— Eu gostaria de poder lhes dar essa quantia, mas infelizmente tenho apenas dois dólares. — Ele hesitou, embaraçado. — Se você me emprestar os seus três dólares, Genny, prometo que conseguirei o dinheiro para as passagens.

"Raios não caem duas vezes no mesmo lugar, Genny. Confie, entregue o seu dinheiro. Os raios seguem leis e leis nunca mudam."

Ela tentava organizar os pensamentos que se entrecruzavam em sua mente, sem coragem de olhar para o chão e descobrir que um raio abrira um buraco aos seus pés. Jessamine limpava os óculos com uma diligência obsessiva. Odessa a fitava, querendo partilhar seus problemas e oferecendo-se para ajudar.

Mas Genny perdera a capacidade de confiar. Será que ele não entendia seu receio?

Odessa interpretou corretamente a relutância de Genny, embora ela não tivesse hesitado por mais do que uma fração de segundo.

Sem dizer uma só palavra, ele afastou-se do banco, com passos rápidos, deixando-a com seus preciosos três dólares. Genny o viu atravessar o imenso saguão da Union Station e quis segui-lo, mas seus pés não obedeciam. Não podia ser enganada de novo, não podia confiar em homem algum e muito menos num ex-presidiário, com uma cicatriz no rosto que não combinava com suas mãos de artista.

Genny prendeu a respiração, esperando, inutilmente, por um olhar de Odessa, ainda que fosse de ódio. Ele parou diante de um guichê e, depois de conversar com um homem do outro lado da parede de vidro, tirou algum dinheiro da carteira. Como não teve resposta, retirou o relógio do bolso e mostrou-o ao funcionário da estação, que o examinou atentamente e desapareceu.

Após algum tempo, o homem voltou com o relógio dentro de um envelope e um maço de notas. Ele escreveu algo em uma folha de papel e apontou uma porta a distância.

Genny sentiu vontade de gritar, chamando Odessa de volta. Ele não podia agir como se ela e Jessamine tivessem deixado de existir! Depois de forçá-la a aceitar ajuda, de obrigá-la a admitir a participação dele em sua vida, desaparecia sem preocupar-se com a mágoa que essa partida provocaria? Então, Odessa começou a caminhar na direção delas com um papel na mão.

— Ele está voltando — murmurou ela, no ouvido de Jessamine.

Sem controlar o nervosismo, Genny tentou esconder as mãos trêmulas do olhar penetrante de Odessa.

— Tomei algumas providencias...

— Por favor, Odessa!

— Você e Jessamine têm um quarto à sua disposição no terceiro andar do hotel da estação — continuou ele, ignorando a interrupção de Genny. — Infelizmente, só consegui reserva para duas noites. Este é o comprovante do pagamento.

A cortesia de Odessa aumentava a vergonha de Genny. Ela agira como uma egoísta, se lamentando, ignorando os sentimentos alheios e tratando-o com uma desconfiança ofensiva. Como ele podia ter uma atitude tão correta, tão digna de confiança?

— Eu não...

— Nós aceitamos, sr. Gold — interferiu Jessamine, com uma firmeza incomum.

— Deus o abençoe.

— Compreenda que eu não tenho segundas intenções, Genny Carlyle. E... adeus.

Atordoada, Genny não conseguia se mover nem falar. Odessa estava partindo para sempre e, nos olhos de Jessamine, ela lia as mesmas acusações que fazia a si mesma.

Por que o deixaria ir embora? Por que se conformara em perder o único homem que estimulava sua inteligência e despertava emoções tão profundas? Ao lado de Odessa, ela conseguia se entender melhor, aceitar suas próprias fraquezas e até descobrir algumas qualidades insuspeitas. Por que fora, mais uma vez, incapaz de escolher o caminho certo?

— Oh, Jessamine!

— Só você pode tomar essa decisão, querida — respondeu a amiga com a sabedoria da idade avançada, antes mesmo que Genny formulasse a pergunta.

— Estou confusa demais. Tenho medo de agir precipitadamente.

— Ouça apenas a voz do coração, Genina. Existem situações em que o tempo não significa nada.

— Mas eu já errei uma vez. Estou sempre me enganando a respeito das pessoas.

— Só Deus é infalível, sabia?

Odessa já desaparecera nas escadarias que levavam às plataformas. Segurando a saia, Genny correu na tentativa de alcançá-lo, mas quando conseguiu finalmente cruzar o imenso saguão já não havia mais sinal dele.

Quase sem fôlego, ela desceu as escadas e misturou-se à multidão que chegava e partia. O ruído era ensurdecedor e a fumaça dos trens dificultava ainda mais a visão. Desesperada, Genny aproximou-se de um funcionário da estação.

— Estou procurando um homem alto, de terno marrom e...

— Não adianta descrevê-lo. Para onde ele vai, madame?

— Saratoga — murmurou ela, perdendo as esperanças. — Ele deve ter ido para Saratoga Springs.

— Mas esse trem partiu há muitas horas, madame. — O funcionário da estação tentou segurar Genny que começava a se afastar. — O expresso para Saratoga saiu da plataforma sete que agora está vazia. Não adianta...

Cartas da Sorte

Linda Shaw

- Genny já não tentava se desviar das pessoas que vinham em direção contrária tal a sua ansiedade em alcançar a plataforma sete. Então, ela viu uma silhueta alta, caminhando lentamente e com os ombros curvados numa postura de profundo desânimo.

— Odessa!

A voz de Genny se perdeu entre os ruídos dos trens que chegavam e partiam. Quando ela recomeçou a correr, Odessa virou-se e fitou-a com um olhar de incredulidade.

Com os braços abertos, Genny correu ao encontro do homem que não queria perder. Ela sentia-se protegida de tudo nos braços de Odessa, menos do sofrimento. Naquele momento, porém, queria apenas se perder no brilho prateado dos olhos cinzentos que representavam um porto seguro em meio à tormenta.

CAPÍTULO 8

— Acho que vai precisar de sapatos novos, Genina.

Já deitada e com os olhos fechados, Jessamine falava com voz sonolenta. Ela estava esgotada, mas Genny não a deixava dormir.

— Como? Do que está falando, Jessamine?

— Se você continuar andando de um lado para o outro no quarto, vai gastar a sola dos sapatos e também o tapete do hotel. Não se inquiete pelo dia de amanhã, criança. O sr. McGowan sempre dizia que ao dia basta a própria aflição.

— Pois eu sempre pensei que Jesus tivesse dito essas palavras.

Só agora Genny começava a avaliar o quanto se arriscara ao entregar toda a sua fortuna de três míseros dólares a Odessa Gold.

As duas tinham chegado ao quarto do hotel, à beira de um colapso por exaustão física e emocional. Genny ajudara Jessamine a ir até o banheiro do corredor e, depois de acomodá-la na cama, cedeu a uma crise de arrependimento.

Se Odessa Gold fosse um homem honrado, já a teria procurado! Só mesmo alguém muito idiota não perceberia que ele não ia voltar. Como Amélia não voltara e Adam também não! Ela seria sempre vítima de abandonos e traições?

Jessamine tinha razão. Não adiantava ficar se angustiando pelo resto da noite e perder preciosas horas de sono. Mas Genny não estava em condições de agir racionalmente e continuava presa à janela, procurando em vão pelo vulto de Odessa Gold na rua quase deserta.

Ela devia ter se jogado debaixo de um trem! Pelo menos, seria uma morte rápida! Por que se expusera mais uma vez

a uma situação angustiante? Por que permitira que ele a envolvesse com mentiras que já devia reconhecer por experiência própria?

Ao longe, os sinos de uma igreja bateram onze horas. O ar da noite estava úmido e pesado, indicando uma tempestade prestes a desabar. Relâmpagos frequentes iluminavam as pedras da rua. Do porto distante, chegava o apito melancólico dos rebocadores.

— Deus meu! — murmurou Genny, cobrindo o rosto com as mãos. — Será que eu nunca vou aprender?

Havia sempre um lado bom mesmo nas desgraças. Por causa de Adam, ela e Jessamine tinham sido levadas a deixar o Wyoming. St. Louis era uma cidade grande, com maiores ofertas de empregos e talvez fosse possível dar aulas durante o dia e cuidar de algum casal idoso em troca de casa e comida.

— Por favor, dê-me uma outra chance, Senhor. Eu prometo não ser mais tão crédula.

O rressonar de Jessamine ecoava no quarto silencioso. Pelo vão dos dedos, Genny

entrevia a névoa que formava uma cortina densa no fim da rua, reduzindo o mundo a uma estreita faixa de pedras terminando no abismo do desconhecido.

Cansada demais, Genny desistiu de ficar esperando pela improvável volta de Odessa. Ela já estava se afastando da janela quando um movimento entre as espirais de neblina que desciam sobre a rua renovou suas esperanças.

Um homem caminhava lentamente em direção ao hotel. Só podia ser Odessa! Ninguém mais tinha esse andar displicente, de arrogante indolência! Ninguém mais tinha coragem de usar um chapéu tão gasto e disforme!

Desorientada, ela aproximou-se da cama para avisar Jessamine, mas a pobre mulher dormia profundamente e seria egoísmo acordá-la sem saber se teriam dinheiro para comer na manhã seguinte ou passariam fome. Genny voltou novamente para a janela.

Ele ganhara ou perdera? Estava trazendo dinheiro ou apenas a notícia de que a situação se agravara mais?

Incapaz de resistir por mais um instante sequer à incerteza,

Genny tirou rapidamente a camisola, vestiu a saia e a blusa sem se preocupar com as roupas de baixo e jogou o xale de Jessamine sobre os ombros. Agarrando a chave do quarto ela saiu para o corredor, ainda fechando os últimos botões. Desceu as escadas correndo e atravessou a portaria do hotel, indiferente aos olhares de espanto dos hóspedes que chegavam em horas tardias.

— Posso ajudá-la, madame? — perguntou o porteiro, surpreso.

— Não, obrigada — respondeu Genny sem se deter.

Um grupo de homens, nitidamente embriagados, tentou impedi-la de passar pela porta.

— Ei, boneca! Onde vai com tanta pressa? Espere por nós! Mas Genny já estava na rua, correndo ao encontro de Odessa que parara na esquina para acender um charuto. Ansiosa, ela procurava ler no rosto ligeiramente abaixado o que o destino lhe reservava.

Odessa pressentiu a aproximação de Genny e, com um sorriso arrebatador, piscou maliciosamente.

"Não se iluda, Genny", dizia uma voz cautelosa em sua mente. "Não o julgue o homem mais maravilhoso da face da terra. Não espere que ele tenha trazido dinheiro. Não espere nada."

Mas o seu coração não queria ouvir a voz da razão e vibrava de alegria. Genny não controlava nem as esperanças nem a velocidade de seus passos e quase caiu ao chocar-se contra o corpo dele.

— Que recepção calorosa! — brincou Odessa, segurando-a pelos ombros para evitar que ela caísse. — Só uma pessoa insensata sairia correndo pela rua a esta hora da noite, querida professora! Mas espero que você não tenha perdido o juízo e possa responder à minha pergunta com lucidez. Está contente de me ver, não é? Se disser que não, atiro-me no rio Mississipi!

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Eu estou contente! Muito contente mesmo! — exclamou ela, colocando as mãos sobre o peito de Odessa. — Fale logo, conte tudo! Você ganhou?

Ele não se iludia pensando que a sua presença fosse responsável pelo entusiasmo de Genny. Mas a alegria estivera ausente de sua vida por dez longos anos e bastava-lhe ouvir aquela risada encantadora e admirar o rosto iluminado pela expectativa de uma criança à espera de um presente.

— Devia se envergonhar, Genny Carlyle. Achou que eu não ia voltar, não foi? Confesse que ficou muito preocupada.

— Eu? Imagine! — A luz baça do lampião não escondia o súbito rubor de Genny. — Bem... talvez eu tenha me preocupado um pouquinho.

— Pensa que eu nasci ontem, professora? Você quase morreu de medo!

Uma onda de desejo envolveu Odessa ao perceber que só o tecido muito fino da blusa cobria as curvas sedutoras do corpo de Genny.

— Eu adoro você..., apesar de seu chocante materialismo, Genny Carlyle. Onde está Jessamine?

Deliberadamente, ele a puxava para a sombra de uma viela ao lado do hotel. Um casal encostado à parede beijava-se avidamente. Genny não conseguia desviar o olhar daquela cena que despertava uma lembrança vaga mas inquietante.

Ela tentou se afastar de Odessa, que segurava firmemente sua cintura.

— Não pude acordar Jessamine — murmurou ela embaraçada. — A pobrezinha estava exausta.

O homem ao lado colocara as mãos sob o vestido da companheira e a acariciava. Genny lutava para não pensar nas mãos de Odessa tocando sua pele.

— Você perdeu todo o dinheiro, não foi? Sei que está criando coragem para falar. Chega de suspense, Odessa. Conte-me a verdade por pior que seja.

Odessa tentou controlar as emoções, ajeitando melhor o xale que escorregara dos ombros dela. Queria ter coragem de contar o quanto a desejava naquele momento. A noite revestia Genny de um encanto especial e a brisa da madrugada moldava as pernas esguias sob o tecido leve da saia. Era quase impossível resistir ao corpo maduro para a paixão e que se expunha sem consciência de seu fascínio.

— Eu não perdi.

— Então ganhou? — ela deu rédeas livres à euforia. — Verdade? Não posso acreditar!

— Eu sempre ganho. Tenho muita sorte... nas cartas.

— Pensei que você estivesse se vangloriando quando disse que era um jogador excepcional.

— Eu nunca me vanglorio, Genny.

— Quanto, Odessa? Quanto você ganhou?

— Não sei. Ainda não contei.

Genny aproximou-se dele, sem se preocupar com seus corpos que se tocavam.

— Então, conte, idiota! Quer que eu enlouqueça?

— A sua ganância me encanta, Genny Carlyle — disse ele, dando uma gargalhada

alegre. — Eu sempre confio em pessoas gananciosas.

Ainda rindo, Odessa começou a levar Genny na direção das carruagens que ficavam na esquina do hotel à espera de passageiros.

— O que acontece quando você enlouquece, Genny?

— As minhas garras aparecem. — Ela tateava os bolsos do paletó de Odessa e, ao ouvir o estalar das notas, arregalou os olhos. — É muito dinheiro!

— Provavelmente.

— Vamos para algum lugar onde possamos dividir tudo entre nós dois.

— Foi exatamente o que pensei. Não seria possível dividir tanto dinheiro na rua.

Quando Odessa fez um sinal para o cocheiro da carruagem mais próxima, Genny entrou em pânico.

— Não. Eu não vou a lugar algum...

— Então, não tem vontade de contar a nossa fortuna?

Odessa ansiava por ficar a sós com Genny e sabia que a tentação de contar o dinheiro seria irresistível. Sem dar tempo para arrependimentos, empurrou-a para a carruagem.

— Nós queremos ir até o rio — disse ele, colocando um maço de notas na mão do cocheiro.

— Mas vai chover. — O homem continuava com a mão estendida. — E será uma tempestade forte.

Só depois que Odessa colocou mais algumas notas em sua mão, o cocheiro sorriu, abrindo a porta da carruagem.

— Afinal, quem tem medo de uma garoinha à toa?

Contrafeita, Genny sentou sem apoiar as costas no banco. Censurou-se por não ter perdido mais tempo para se vestir adequadamente. Os olhares de Odessa davam-lhe a sensação de estar nua!

— Espero que você não morra de frio — zombou ele, percebendo que Genny tentava se cobrir com o xale. — Caixões custam caro.

Subitamente, a carruagem se moveu, jogando Genny contra o encosto do banco. Odessa deu uma gargalhada.

— Não vi nada de tão engraçado — resmungou ela, tentando ajeitar a saia.

— E que você não tem senso de humor. — Inclinando-se para a frente, Odessa afastou os joelhos de Genny.

— Sr. Gold!

— Só quero arrumar sua saia, Genny. E, por favor, não demonstre sua desconfiança com tanta frequência. Tenho um ego extremamente frágil.

Genny não teve tempo de protestar. Odessa jogava notas e moedas sobre sua saia e em tal quantidade que ela perdeu a fala.

— Nunca vi tanto dinheiro em toda a minha vida — disse Genny, fascinada. — E muito menos em minhas mãos!

— Se eu soubesse que algumas notas realizariam esse milagre, teria ficado mais tempo ganhando no jogo.

- Você não é mesmo um homem decente, Odessa Gold.
- Incapaz de disfarçar o entusiasmo, Genny tocava as notas em seu colo. — Vamos contar!

Com um ar de extrema concentração, Genny foi separando as notas mais altas até chegar às moedas, que colocou na mão de Odessa para contá-las mais facilmente.

- Nós temos sessenta e nove dólares!

Imprevisível como sempre, Genny surpreendeu Odessa ao inclinar-se para a frente, rodeando o pescoço dele com os braços.

- Estamos milionários! Você é um gênio, Odessa Gold! Vou comprar laranjas, uvas e aqueles melões dourados que sempre tive vontade de experimentar. — Ela respirou fundo como se sentisse o perfume das frutas. — Quero comer, comer até perder a fome!

Genny culpou-se pela sua impulsividade, considerando-se a única responsável pelo que aconteceu. Podia ser uma solteirona, mas não era idiota! Percebera que Odessa Gold sentia-se atraído por ela e provavelmente a desejava. Para um homem que passara dez anos na prisão, até as irmãs feias de Cinderela seriam beldades!

Quando Odessa afastou do pescoço as mãos de Genny, algo dentro dela se partiu em mil pedaços.

Subitamente, ela voltou à realidade, envergonhada e trêmula de frio. O eco dos cascos dos cavalos sobre as pedras do calçamento invadiu a carruagem silenciosa, acompanhado pelo ressoar surdo dos trovões e pelos apitos lúgubres dos barcos. A vergonha de Genny quase a impedia de respirar.

Odessa pressentiu que seu gesto fora mal interpretado e manteve as mãos dela entre as suas.

- Genny querida...
- Deixe-me em paz! Tire as mãos de mim!
- Por favor, querida. Eu só queria falar com você antes...
- Antes do quê?

Percebendo que Odessa também se sentia frustrado, mas por outros motivos, Genny começou a empurrar as notas para longe dela.

- Não quero nada, não quero nem um centavo! Meu Deus! Não sei por que vim, não sei o que estou fazendo aqui! — A beira das lágrimas, Genny tentou soltar as mãos presas entre as de Odessa. — Gostaria de voltar para o hotel. Imediatamente, sr. Gold.

O erro de Odessa foi tratar Genny como uma criança teimosa. Ela era uma mulher, forte e determinada a agredi-lo.

- Diabos! Pare de se fingir de ingênua, Genny!
- Fingir? — Ela perdeu completamente o controle e tentou atingi-lo com os pés. — Como ousa... Com que direito...

Por uma fração de segundo, a luz de um relâmpago clareou o interior da carruagem, iluminando a pele muito alva das pernas de Genny. Odessa não controlou mais o desejo de possuir aquela mulher e forçou-a a se deitar sobre o banco da

carruagem.

No fundo, Genny reconhecia que a verdadeira ofensa fora a rejeição de momentos atrás e não a paixão irrefreada de Odessa.

— Eu odeio você, Odessa Gold.

— Amanhã, eu me odiarei ainda mais.

Experiente, ele sabia que a magoara. Naquele momento, imaginava-a tão sedenta de amor que, se a beijasse, todas as ofensas seriam esquecidas.

As mãos de Odessa tocaram os seios de Genny, ainda através da blusa, e ela não conteve uma exclamação de angústia. Não podia se entregar a sensações que a impediam até de raciocinar.

— Genny querida — murmurou ele, com a voz rouca de desejo. — Impeça-me de continuar ou nós dois sentiremos muito ódio amanhã.

As palavras de Odessa eram vãs porque ele não tinha intenções, de recuar diante de nada, e Genny também não encontrava forças para resistir. Embora soubesse que estaria se arriscando a sofrer, ela queria perder a inocência e se transformar numa mulher nos braços daquele homem atraente.

Mas Genny tentou, ainda uma vez, lutar contra a tentação irresistível.

— Pare. Por favor, não...

Aquele não era o primeiro beijo de Genny, mas só descobriu a volúpia de duas bocas se fundindo com avidez quando os lábios de Odessa se apoderaram dos dela. Adam nunca transmitira tanta paixão nem tanto desejo em suas carícias.

Um relâmpago mais forte iluminou o interior da carruagem e os cavalos relincharam com o estrondo do trovão. Genny sentiu-se em pleno centro da tormenta, dominada por emoções inebriantes. As mãos de Odessa abriam-lhe a blusa e ela não encontrava forças para impedi-lo. Os lábios deslizaram, ardentes, procurando os seios que se enrijeciam de antecipação. Nada mais importava então, a não ser o prazer.

Em que momento impreciso ele soltara suas mãos? Quando ela deixou de lutar para se entregar à sedução?

Odessa se movia sobre ela, contagiando-a com a intensidade de seu desejo. Uma mulher desconhecida surgia no íntimo de Genny, uma fêmea sem medo e ávida por se entregar à paixão. Tinha chegado a hora de esquecer-se dos preconceitos e dos pudores para descobrir o prazer dos sentidos nos braços do homem que despertara instintos até então adormecidos.

Contudo, o delírio e a volúpia não conseguiram vencer a virgem que descobria a paixão. No momento em que Odessa acariciou as coxas de Genny, preparando-a para aceitar a consumação do desejo mútuo, ela reagiu contra a violação de sua inocência.

— Não... — murmurou Genny, lutando para recuperar o controle. — Eu nunca... eu não quero.

Genny empurrava as mãos de Odessa, forçando-o a se afastar. Ele finalmente recuou, pálido e tentando controlar a respiração alterada. Quando ambos conseguiram superar o delírio que os envolvera, restou apenas uma frustração angustiante.

Um sentimento que Genny ainda não reconhecia como amor impeliu-a a pousar as

mãos, afetuosamente, na cabeça de Odessa.

— Sinto muito, mas... eu nunca...

— Eu sei, Genny. A minha atitude não tem perdão. Acredite, eu não quis assustá-la... Não sei como me desculpar.

— Está tudo bem, Odessa. Não vamos mais pensar nisso.

— Não. Não está tudo bem e será impossível não pensar, Genny.

Mais uma vez, ela sentiu-se culpada pelo que acontecera. Odessa tinha razão. Embora não costumasse lamentar-se, Genny sabia que aqueles momentos de loucura deixariam marcas e nenhum dos dois se desculparia por ceder à paixão e também por não ter consumado o desejo.

Então Odessa viu as lágrimas no rosto de Genny e avaliou a extensão de sua insensatez.

Genny jamais se lembraria com nitidez de sua volta ao hotel. Odessa abraçou-a carinhosamente, confortando-a com palavras que nada significavam e das quais ela nunca se lembraria. Envolvida por uma profunda apatia, foi levada até a porta do quarto e sentiu, surpresa, um leve roçar de lábios em sua testa.

Ela estava cansada, cansada demais. Só queria encostar a cabeça no travesseiro e dormir para esquecer todos os acontecimentos daquele dia que parecia ter durado toda uma eternidade. Precisava descansar, recuperar as forças e as esperanças...

Mas Odessa a impediu de entrar no quarto. Com uma ternura inesperada, segurou o rosto dela entre as mãos e acariciou-o com a ponta dos dedos.

— Ah, Genny — murmurou ele, com um sorriso triste. — Você merece muito mais...

Quando ele a abraçou, Genny sentiu o corpo de Odessa estremecer, como se soluços se avolumassem em seu peito.

Se Odessa fosse um homem capaz de chorar, se ele tivesse, em seu íntimo, tanta capacidade de ternura, Genny marcaria aquele momento como o mais perfeito de toda a sua vida. A paixão recém-descoberta seria menos preciosa do que o abraço final.

Mas só uma romântica incurável acreditaria que Odessa podia chorar ou se entristecer. E, na manhã seguinte, chegaria o arrependimento. Nenhum dos dois escaparia da consciência culpada. Tudo tinha um preço e Genny aprendera que ninguém deixava de pagá-lo quando ainda morava na casinha rústica, à beira do rio Mississippi.

CAPÍTULO 9

O rosto de Odessa, refletido no espelho da barbearia, revelava os efeitos de uma noite de insônia e arrependimento. Ele não conseguia afastar da mente o seu comportamento vergonhoso sem deixar de ver a expressão magoada de Genny. Talvez o barbeiro fizesse um favor à humanidade se usasse a navalha para cortar o seu pescoço em vez de seus cabelos.

— Não está satisfeito, senhor? — perguntou o barbeiro, diante da expressão contrariada do cliente. — Tem alguma sugestão?

Odessa olhou para a navalha e permaneceu calado. Durante a longa madrugada, jurara a si mesmo que não envolveria Genny ainda mais em sua vida. Queria evitar que ela fosse atingida ou apenas maculada pelas forças destrutivas de seu passado. Se realmente sentisse afeto por aquela garota inocente e espontânea, não permitiria que seus erros a ameaçassem. E gostava dela mais do que seria prudente admitir!

— Talvez o senhor ficasse mais satisfeito se tirássemos a barba — sugeriu o barbeiro, esperançoso.

Aquele era um detalhe indispensável para a sobrevivência de Odessa. Se C. E. McFee e Manville Platt fossem os responsáveis pela busca no trem, ele precisaria continuar com o rosto escondido atrás da barba para não ser reconhecido. Pelo menos, por enquanto!

— A barba fica — declarou Odessa, aceitando o espelho de mão que o barbeiro lhe oferecia, examinou o corte de cabelo, sem muito interesse. — Está ótimo.

Odessa colocou algumas moedas sobre o balcão, enquanto o barbeiro escovava seu paletó. Ele enviara o terno e a camisa para a tinturaria do hotel e, para sua surpresa, o recebera de

volta uma hora depois, embrulhado em papel de seda. Sem dúvida, os serviços de hotelaria tinham evoluído muito nos últimos dez anos!

Ele estava se aproximando da porta da barbearia que se abria para a estação quando um engraxate o chamou.

— Num vai engraxá os sapatos, patrãozinho? Quando Odessa se virou para trás, viu um jovem negro, um pouco mais moço do que ele, e possivelmente o homem mais bonito que já encontrara. O físico também era de causar inveja, e as mãos, embora finas como as de um pianista, demonstravam força e habilidade.

— Custa só dois centavos, patrãozinho.

O engraxate simulou alguns passos de sapateado, agitando a flanela de dar brilho aos sapatos. Sorrindo, Odessa se dirigiu a uma das cadeiras no fundo da barbearia.

— Acho melhor concordar porque você seria capaz de me enforcar com essa flanela, se eu recusasse. — Ainda rindo, Odessa sentou-se na cadeira, — Qual é o seu

nome? Sansão?

— Não, patrãozinho. Miosótis.

Odessa não conteve uma gargalhada. O jovem negro porém, não ria, concentrado em examinar a costura das botas que ia engraxar.

— Conheço estas botas.

— O quê? — Odessa interrompeu o gesto de tirar o charuto do bolso do paletó.

— Eu deveria ter dito que conheço o homem que fez estas botas.

O dialeto do negro desaparecera, misteriosamente, para dar lugar a uma voz educada que falava o mais perfeito inglês do Reino Unido e com um ligeiro sotaque que Odessa deduziu ser francês.

— Comprei estas botas em Paris — disse Odessa.

— Na *Maison* de Arnaud Duprée.

— Como pode saber?

— Eu o conheço de nome. — Com um sorriso malicioso, ele começou a lustrar as botas. — Eu nasci e vivi muitos anos em Paris. Minha mãe era uma bailarina e meu pai era francês. Isso só é possível num país sem preconceitos.

Atônito, Odessa o impediu de continuar lustrando as botas.

— Então, seu nome não é Miosótis.

— Claro que não. Chamo-me Angouleme Tulane, senhor.

— Pode repetir? — pediu Odessa, ainda mais perplexo.

— Minha mãe me chamava de Angel porque eu era o anjo da vida dela. — Ele deu uma risada alegre. — Meu pai me chamava de filho e todos os outros me chamam de negro. E só escolher.

— Com efeito! — exclamou Odessa, impressionado. — Acho que você não nasceu para ser engraxate, Angel Tulane. O que espera conseguir chamando os clientes de "patrãozinho"?

— É uma questão de sobrevivência, sr. Gold. Os brancos fazem questão de serem chamados de "patrãozinho".

Embora preocupado, Odessa decidiu não perguntar como Angel Tulane sabia seu nome enquanto o barbeiro estivesse por perto e pudesse ouvi-los. Depois de pagá-lo, esperou que ele reunisse seus instrumentos de trabalho e fez-lhe um sinal para que o seguisse até a porta.

— Agora pode me dizer como descobriu meu nome, Angel. Uma das portas da barbearia se abria para a rua à frente da estação. O movimento de carruagens não cessava nunca, trazendo dezenas de viajantes por minuto. Uma quantidade inacreditável de trens partia da Union Station levando passageiros para os mais remotos pontos do país.

— Sei o seu nome porque tive ocasião de admirar a sua perícia no pôquer no cassino do Boone, ontem à noite.

Odessa ficou tenso. Além de culto e inteligente, Angel Tulane era um homem perigosamente misterioso.

— Eu engraxo sapatos para ganhar a vida, mas não sou engraxate, sr. Gold.

— E o que você é, Angel Tulane?

— Formei-me em engenharia pela Universidade de Paris e, quando completei o curso aos vinte e um anos, vim para este país. Eu era um jovem cheio de sonhos e planos que havia decidido fazer fortuna na América e escolhi Nova York por ser uma cidade livre de preconceitos. Pelo menos, eu pensava que fosse. Então, conheci o Harlem...

Odessa lembrava-se bem do Harlem. Ele tinha ido, num passado distante, desenhar crianças no bairro que se transformara em uma espécie de gueto dos negros em Nova York.

— E evidente que você não ficou rico no Harlem.

— Para falar a verdade, eu quase perdi a vida em Nova York. Desenhei um alarme para ladrões, encomendado por um cavalheiro muito rico da Quinta Avenida e criei uma verdadeira obra-prima. Ele podia trancar todas as portas da casa, apertando um único botão disfarçado na mesa de seu escritório. Quando terminei, fui cobrá-lo pelo trabalho.

— O que aconteceu?

— Ele recusou-se a pagar.

— E havia algum motivo para isso?

— O cavalheiro disse apenas que o sistema de segurança tinha ficado excessivamente caro. Mandou seu mordomo branco atirar-me no olho da rua e ameaçar-me de morte caso eu voltasse àquela casa.

— Por que não o processou?

A risada cristalina de Angel ecoou na barbearia.

— Nunca se ouviu falar de um negro que tenha processado um branco e escapado com vida, sr. Gold. É por isso que estou engraxando sapatos na estação em St. Louis.

O tempo estava passando depressa demais para Odessa. Ele viu, no relógio da estação, que faltavam apenas três minutos para ir ao encontro das duas mulheres no restaurante do hotel e ainda não pensara no que dizer a Genny. Talvez estivesse se preocupando sem motivo porque ela poderia se recusar até a cumprimentá-lo depois de seu comportamento na noite anterior.

Aproximando-se da porta que se abria para a estação, ele apalpou o envelope onde colocara o dinheiro de Genny. Então, um estranho pressentimento o fez voltar.

— Angel...

Um novo cliente estava se sentando na cadeira para engraxar os sapatos, mas Angel Tulane virou-se para trás. Odessa

sentia-se como nos momentos que precedem uma jogada vitoriosa.

— Tenho algo a lhe propor, Angel Tulane.

Angel girou a flanela, sem dizer nada.

— Minha intuição raramente me engana. Quero lhe oferecer um emprego.

O novo cliente estava impaciente e Angel começou a trabalhar.

— Estou interessado — disse Angel, sem desviar os olhos da bota que

engraxava.

— Bem... — Odessa tinha pressa mas procurava ganhar tempo até que pudesse falar a sós com Angel. — Estou indo para Saratoga Springs.

Um grupo ruidoso de homens entrou na barbearia e Angel aproveitou o tumulto para terminar mais rapidamente o seu trabalho. Quando o cliente se levantou, ele aproximou-se de Odessa.

— Saratoga Springs é o lugar onde os homens mais ricos deste país vão jogar, Angel — prosseguiu Odessa, acendendo um charuto.

— Eu conheço Saratoga, sr. Gold.

— E eu pretendo ganhar muito dinheiro nessa cidade.

— Não tenho dúvida.

— Tudo ficaria mais fácil se eu contasse com a ajuda de alguém inteligente e capaz de frequentar um ambiente sofisticado.

— Acredito que sim.

Eu lhe pagaria bem.

— Também não tenho dúvidas, sr. Gold.

— Partirei em poucas horas, antes do meio-dia.

Odessa parou diante do espelho para colocar o chapéu e surpreendeu-se com sua aparência. Ele não parecia um homem que acabara de sair da prisão.

Teria ele se livrado da sombra sinistra de seu passado? Quando estivesse com Genny, precisava lembrar-se dos dez anos de cativo, de Elli Wright, de McFee e Platt e não pensar na pele macia daquele corpo que despertava um desejo intenso.

Estarei pronto, sr. Gold.

O dom de comunicar-se sem palavras sempre surpreendia Odessa. Angel compreendera que papel ele iria assumir em sua vida e o desempenharia com perfeição. Entusiasmado, estendeu a mão para selar o acordo.

— Tenho que lhe dar o dinheiro da passagem.

— Permita-me recusar a sua oferta. Costumo viajar com excesso de bagagem e tudo o que levo comigo é indispensável para o meu bem-estar. Providenciarei a minha passagem, não se preocupe, sr. Gold.

— Então, eu o encontrarei no trem, Angel. Gostaria que me chamasse de Odessa embora o meu nome seja Andrew. Andrew Goldman. Nós formaremos uma boa dupla.

— Tenho certeza absoluta de que sim, Odessa.

Se o físico atlético de Angel causava inveja a qualquer homem, seu sorriso cativante despertava a simpatia de todas as mulheres.

Os *rntres* se consideravam, talvez com razão, grandes conhecedores do comportamento humano. Nas últimas décadas, os hotéis da América tinham sido eleitos como ponto de encontro preferido pela elite e os salões de seus restaurantes se transformaram num teste de sofisticação social.

— Uma mesa para duas pessoas, *mademoiselle*?

Philippe Sorel não precisou olhar duas vezes para as mulheres que entraram no

Cartas da Sorte

Linda Shaw

salão onde estava sendo servido o café da manhã, para ter certeza que elas não lhe dariam gorjeta. A mais velha era cega e a mais jovem...

A jovem era uma das mulheres mais atraentes que Philippe já vira. Comparada, porém, às outras damas que atendera desde o início da manhã, sua elegância e sofisticação deixavam muito a desejar. Estava decidido a conduzi-las para o fundo do salão quando ela sorriu.

— Por favor, não se preocupe — disse a jovem, fitando-o com olhos de um verde translúcido. — Qualquer mesa serve, mas estamos esperando mais uma pessoa. Talvez..., ele se atrase.

Philippe percebeu que estava retribuindo o sorriso da jovem, algo que não fazia havia anos. Impulsivamente, conduziu-as à melhor mesa da sala.

— Tenho certeza de que *mademoiselle* prefere uma mesa no terraço, com vista para o rio.

— Jessamine? — Genny sempre desconfiava da generosidade de estranhos. — Você gostaria de ver o rio?

— Seria maravilhoso. Obrigada, rapaz.

Sentindo-se despido de todas as defesas diante do olhar cego da velha senhora, Philippe curvou-se respeitosamente.

— Posso oferecer-lhe meu braço para conduzi-la à mesa, madame?

— Creio que você tem a galanteria dos antigos cavalheiros, rapaz — disse Jessamine, pousando a mão sobre o braço dele. — E como o meu finado marido.

— Esse é o maior elogio que ela poderia lhe fazer, senhor.

Desde o início da madrugada, Genny vinha lutando contra a depressão. Naquela noite, ela sonhara com a mãe e vira Amélia deitada sobre a relva à beira do rio, com os braços abertos para o desconhecido ajoelhado ao seu lado.

Em seu sonho, os odores tinham uma nitidez irreal. As flores noturnas exalavam perfumes inebriantes e a relva recendia a primavera. Um raio de luar iluminava o rosto do desconhecido, realçando a boca sensual e possessiva. Então, ela reconheceu... Odessa Gold.

E a mulher envolta apenas pela maciez da relva? Quem era a sombra diáfana e de pele alva que se movia num convite à paixão? O corpo vibrante de desejo não pertencia a Amélia. Era ela, Genny, que se oferecia a Odessa Gold com uma avidez voluptuosa.

Genny tinha acordado transtornada e tremendo de frio. Ainda agora, vendo o Mississippi, com um brilho de prata sob o sol da manhã, continuava sob o impacto emocional do sonho perturbador.

— Muito agradecida, senhor — disse ela a Philippe, com um leve sorriso. — A vista é mesmo maravilhosa.

— Posso trazer-lhes algo enquanto aguardam o cavalheiro?

— Não, obrigada. Preferimos esperar.

Perplexa, Genny o viu afastar-se da mesa.

— Esse homem me deixa nervosa — disse a Jessamine. — Não tenho idéia do

que ele possa querer de nós.

Com a ponta dos dedos, Jêssamine se familiarizava com o arranjo da mesa. Ao tocar os talheres de prata e a porcelana frágil das xícaras, ela sorriu, encantada.

— Fie não quer nada, Genina. Ele sabe, ou, se não souber, sente.

— Sabe o quê, Jessamine? Você está muito enigmática hoje.

— Estou mesmo, Genina?

— Você não tem a menor noção do que está falando, Jessamine — declarou Genny, irritada e temerosa diante da percepção apurada da amiga. — E, se estiver insinuando que há algo de errado comigo, engana-se por completo!

Um sorriso de compreensão e sabedoria iluminou o rosto da velha senhora.

— O amor cria uma aura, um círculo de calidez em torno dos seres que amam. Qualquer pessoa que se aproxime, sente essa emanção. As mães a possuem pelos filhos e os amantes por suas amadas. O sr. McGowan e eu tínhamos esse brilho especial e agora é sua vez, Genina.

— Mas... não aconteceu nada entre nós! — exclamou Genny, encolhendo-se. — Nada mesmo!

— Nem é preciso que aconteça, querida.

Genny sentiu-se finalmente, despertando do sonho, com a estranha impressão de que não sonhara. Em seu íntimo, já se entregara a Odessa Gold e a parte física de sua rendição seria apenas uma conseqüência sem grande abalo emocional.

— O triste é que essa aura radiante desaparece se o amor não for cuidado com muito zelo — disse Jessamine, colocando o guardanapo no colo. — De que cor é a toalha, Genina?

— Cor-de-rosa — disse Genny, chocada com sua descoberta.

— Estou com tanta fome que seria capaz de devorar os guardanapos, querida.

— Talvez ele não venha. — Aflita, Genny olhou mais uma vez para o relógio da parede. — Talvez tenha mudado de idéia.

— Nem um terremoto impediria o sr. Gold de vir à sua procura, Genina. Acredite em mim.

Se Odessa fosse prudente, teria recuado no instante em que avistou o rosto de Genny, emoldurado por um halo de rebeldes mechas acobreadas. Se seguisse a intuição que sempre o alertava de grandes perigos, fugiria para muito longe e nunca mais a veria.

— Deseja uma mesa, cavalheiro?

Odessa assustou-se de não ter percebido a aproximação do *maitre* que permanecia ao seu lado, à espera de uma resposta. Retirando do bolso o envelope com o dinheiro de Genny, tentou falar, mas as palavras saíam com dificuldade de sua garganta, inesperadamente seca.

— Está vendo aquela jovem junto à janela? — perguntou ele, apontando Genny para o *maitre*.

— Quer que eu lhe entregue esse envelope, senhor?

Odessa esforçou-se por reencontrar a apatia emocional dos últimos dez anos, que anulava todos os seus sentimentos. Naquele momento, porém, soube que não suportaria partir e não ver mais o rosto de Genny e não ouvir mais seu riso espontâneo.

— Não... — Desprezando-se por sua fraqueza, ele guardou o envelope novamente no bolso. — Eu mesmo levarei.

A cada passo em direção à mesa, Odessa repetia para si mesmo que não estava se apaixonando por Genny Carlyle. O longo período de celibato afetara sua capacidade de diferenciar uma simples atração física de uma grande paixão!

Genny Carlyle era apenas uma mulher como todas as outras e, certamente, não possuía o poder que ele estava lhe atribuindo. Não iria magoá-la nem ser destruído por ela porque a luz do dia devolveria a ambos a capacidade de raciocinar e os dois recuariam diante de um envolvimento absurdo.

Então, Genny o fitou, e ele sentiu o mesmo desejo irresistível que o descontrolara na penumbra da carruagem.

— Bom dia — disse ele, surpreendendo-se com sua súbita falta de fôlego.

— Bom dia — respondeu Genny, abaixando a cabeça e amassando convulsivamente o guardanapo.

Um instante de silêncio passou-se muito lentamente e Odessa, percebendo que ela não pretendia convidá-lo a sentar-se, puxou a cadeira ao lado de Jessamine.

— Bom dia, Jessamine. Estão me esperando há muito tempo?

— Sim! — exclamou Genny, contradizendo-se imediatamente. — Não! Quer dizer...

Apesar de perceber que se refugiava na serenidade de Jessamine quando se perturbava, Odessa dirigiu-se à velha senhora.

— O seu rosto está radiante, minha cara Jessamine. Deve ter dormido muito bem.

— Eu não era "radiante" nem quando jovem, Odessa — ela respondeu no mesmo tom brincalhão. — E agora que estou velha...

— Sinto muito, mas não acredito que você tenha sido uma entediante jovem bem-comportada, Jessamine.

— Tem razão, rapaz. Cometi as loucuras próprias da idade e...

— Duvido que o sr. Gold esteja interessado em suas . . .loucuras juvenis, Jessamine — interferiu Genny, num tom inesperadamente ríspido.

A chegada do garçom, que viera anotar os pedidos, distraiu a atenção dos três. Depois de ter passado todo um inverno com fome, Genny fascinou-se com os pratos do cardápio e pediu um lauto café da manhã. Escolheu uma omelete de cogumelos com molho de ervas, peixe do Mississipi com batatas cozidas e tomates assados, além de pães, geléias e café com creme.

— O trem para Saratoga parte dentro de apenas duas horas — comentou Odessa, quando o garçom se afastou da mesa.

— Nós sabemos — declarou Genny, sem perceber que ele insinuara não haver

tempo suficiente para um desjejum tão farto.

Antes de o garçom retornar com os pedidos, Odessa colocou o envelope, com o dinheiro que ganhara no jogo, diante de Genny. Queria ver o rosto sem malícia se iluminar ao se dar conta de que ele só retirara o necessário para pagar as despesas.

Genny, porém, enfiou o envelope furtivamente na bolsa, mais fascinada com os pratos que o garçom colocava sobre a mesa. Durante alguns instantes, ela apenas admirou a beleza dos alimentos, dispostos artisticamente nas travessas. O garçom permanecia junto à mesa, com um sorriso de expectativa nos lábios, e Philippe, a poucos passos, admirava a jovem que comia sem disfarçar o prazer.

Odessa quase não comeu. Ele não estava com muita fome e preferia apreciar os gestos delicados de Genny, que devorava o café da manhã com uma rapidez surpreendente.

Ela estava colocando a última colher de geléia no último pedaço de pão quando o garçom surgiu ao seu lado trazendo uma vasilha de cristal com morangos e creme.

— Mas... não pedimos...

— Eu achei que você ia gostar — disse Odessa, sem disfarçar sua satisfação diante da alegria de Genny.

— Morangos com creme batido, Jessamine! — disse ela, colocando uma fruta na boca da amiga. — Estão divinos!

As pessoas das mesas mais próximas estavam, como Odessa, fascinados com o prazer de Genny diante de um simples café da manhã. Todos sorriam, encantados com a espontaneidade daquela jovem que não disfarçava seu saudável apetite.

Odessa não se surpreenderia se todo o restaurante tivesse se levantado e aplaudido Genny quando ela, finalmente, colocou o guardanapo sobre a mesa.

Depois que os pratos foram retirados, Odessa recostou-se na cadeira e acendeu um charuto.

— Encontrei um homem excepcional. — disse ele, contando tudo sobre Angel Tulane às duas mulheres.

— Porque não o trouxe para tomar o café da manhã conosco? — perguntou Genny, notando pelo tom de voz de Odessa o quanto ele respeitava aquele desconhecido.

— Angel precisava se preparar para a viagem.

Genny pressentia que ela também precisaria preparar-se psicologicamente para aquela viagem.

— Há muita gente em Saratoga, durante a temporada?

— Milhares de pessoas, Genny.

— Então, talvez eu conheça alguém...

Ela não saberia dizer que impulso provocara o seu comentário desastroso. Não tinha pensado em encontrar ninguém e, muito menos, em iniciar um romance como suas palavras sugeriam. Talvez estivesse se sentindo culpada pelo seu comportamento leviano da noite anterior. Talvez quisesse forçar Odessa a declarar que não as deixaria depois que ela encontrasse Adam e recuperasse seu dinheiro.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

A sua impulsividade teve um efeito desastroso. Colocando os braços sobre uma mesa, Odessa a fitou com um olhar de ódio.

— Sobre o que está falando, Genny Carlyle?

— Não fui bastante clara? Eu disse que...

— Eu ouvi muito bem o que você disse. O difícil é acreditar em palavras tão absurdas!

— E por quê?

— Acho chocante que você esteja disposta a caçar um marido em Saratoga.

— Preciso pensar no futuro — Genny defendeu-se, ao sentir que a conversa tomava um rumo perigoso. — Eu e Jessamine temos que criar raízes, não podemos continuar vagando sem destino.

— Continuo chocado — declarou Odessa, lívido de raiva.

— É inacreditável.

— As pessoas se sentem solitárias e, às vezes, aceitam uma situação que não seria o ideal apenas para terem uma companhia. Sei que não sou muito atraente, mas talvez encontre alguém mais idoso e solitário capaz de dar, a mim e a Jessamine, um lar seguro.

— Em troca de quê, Genny Carlyle? — Odessa perguntou entre os dentes. — De dinheiro?

Genny já fora magoada demais pela vida para se descontrolar com a fúria de Odessa. O rosto dele demonstrava uma ânsia incontida de feri-la e só lhe restava se defender.

— Nunca fez nada por dinheiro, sr. Gold? — perguntou ela, com uma doçura venenosa.

— Não. Eu mato as pessoas de graça!

— Por Deus! Não foi isso que eu quis dizer!

Odessa levantou-se tão bruscamente da mesa que quase derrubou a cadeira. Genny olhava a rosa que ela desfolhara sem perceber. O prazer daquela refeição perfeita fora destruído por culpa sua. Por que abrira a boca? Por que escolhera palavras tão infelizes? Por que insinuara que aceitaria um casamento de conveniência se jamais se rebaixaria a caçar um marido?

— Por favor, sr. Gold. — Ela também levantou-se. — Sente-se de novo. Fique com Jessamine e tome mais um café. Eu tenho mesmo que voltar ao quarto e terminar a arrumação das malas.

Genny precisava ir embora para ficar a sós com suas emoções. Não entendia por que aquele homem, um jogador oportunista, um ex-presidiário com um passado misterioso, despertava nela desejos irrealizáveis. E por que a certeza de que almejava o impossível provocava essa dor infinita? Afinal, sua vida fora uma sucessão de frustrações e ânsias irrealizadas, mas o sofrimento nunca tinha sido tão arrasador.

— Deixarei o dinheiro para pagar o meu café da manhã e o de Jessamine. — Genny colocou algumas notas sobre a mesa e virou-se para a amiga. — Fique com o sr. Gold enquanto eu vou fechar nossas malas, querida.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

Com um gosto amargo na boca, Odessa acompanhou com o olhar a saída de Genny. Comparada às outras mulheres, apertadas por espartilhos, com os rostos pintados e cabelos frisados, ela representava a beleza pura da primavera.

A sua preocupação, no momento, não era descobrir as nuances do fascínio de Genny. Odessa sabia que as palavras dela, involuntárias ou deliberadas, refletiam uma verdade absoluta. Aquela jovem inocente não imaginava como seria fácil encontrar uma dezena de homens ansiosos por aceitar Jessamine só para poderem pôr as mãos nela.

— Droga! — resmungou ele, descontrolado. — Por favor, desculpe-me, Jessamine. Você não abriu a boca até agora e, sem dúvida alguma, deve ter algo a dizer.

— Eu sou cega, Odessa. Como poderia saber o que está acontecendo entre vocês dois?

— Mas certamente se lembra de como se sentia quando um homem cometia uma gafe imperdoável, não?

Um sorriso compreensivo iluminou o rosto amoroso de Jessamine.

— Vou-lhe contar um segredo, Odessa Gold. O sr. McGowan era um mestre em cometer esse tipo de gafes!

Antes de deixar o hotel, Odessa tomou duas atitudes importantes. A primeira foi recuperar seu relógio, deixado como garantia do empréstimo que fizera para pagar a estada das duas mulheres. Depois, encontrou-se com Angel Tulane e, juntos, foram até um cartório.

Enquanto esperavam que o tabelião os atendesse, a secretária redigiu um documento, bastante semelhante a um testamento. Se algo acontecesse com ele, Genevieve Carlyle e Jessamine McGowan deviam receber a sua herança que permanecera intocada num banco em Nova York desde a morte de Anne.

— Eu quero que você seja o executor deste documento, Angel.

— Tem certeza do que está fazendo, Odessa?

Ele não respondeu e, depois que o papel foi assinado também por duas testemunhas, decidiu revelar seu passado a Angel.

— Eu não mencionei esse assunto porque esqueci e não porque quisesse esconder os fatos. Se mudar de idéia e não me acompanhar mais, eu compreenderei.

Odessa falou sobre C. E. McFee, Manville Platt e o governador do Wyoming.

— Talvez eles não estejam à minha procura, mas podem estar, por isso...

— Os problemas do seu passado não alteram a minha decisão, Odessa. Vou com você para Saratoga.

Os dois já haviam saído do cartório quando Angel deu uma gargalhada sonora.

— Eu não perderia essa aventura por nada no mundo, Odessa. Tenho o pressentimento de que vamos passar umas férias inesquecíveis! A nossa temporada em Saratoga entrará para a história!

Odessa pensou em Genny sendo perseguida, avidamente, por uma dezena de respeitáveis senhores de idade.

— Deus nos ajude se você estiver certo, Angel. Deus nos ajude!

CAPÍTULO 10

— Pode me explicar por que mudou de idéia justamente agora?

Eles tinham se refugiado à sombra de um salgueiro do jardim, na frente da estação de Amsterdam, no Estado de Nova York. Jessamine, Angel Tulane, Odessa e Genny haviam descido do trem de St. Louis, acompanhados por um inesperado companheiro de viagem. Beggar, um perdigueiro de pêlo dourado e olhos meigos, era parte do excesso de bagagem de Angel.

A tempestade que caíra sobre St. Louis há duas noites avançara para leste e a umidade chegara a Amsterdam antes do trem, transformando a pequena cidade industrial num lugar insuportavelmente quente.

As venezianas de todas as casas estavam fechadas para impedir a entrada do calor, não havia ninguém nas cadeiras de balanço nas varandas nem nas ruas desertas.

A conexão para Saratoga ainda demoraria quatro horas para deixar a estação. Jessamine estendera seu xale sobre a grama do jardim e, sentada com as costas eretas, abanava-se com gestos lentos. Ao lado dela, Angel Tulane descascava uma laranja sobre um prato de porcelana Limoges.

Genny se surpreendera com a elegância e o requinte de Angel Tulane, compreendendo por que Odessa o contratara. O piquenique que ele trouxera em uma magnífica cesta de vime agradaria o mais exigente dos aristocratas, com uma toalha de linho bordado, talheres de prata, porcelana francesa e até um buquê de primulas em um pequeno vaso de cristal.

Ele explicara, sem falsos pudores, que não dispensava os requintes do luxo e viajava sempre com um enorme baú com reforços de latão.

— Sou como uma tartaruga que carrega a casa nas costas. Vejam esta faca. — Angel colocou o objeto nas mãos de Jessamine para que ela pudesse tocá-la. — Minha mãe a comprou na Albânia. O povo desse país é mais conhecido por seu excelente artesanato em pedra, mas...

Angel descascava a laranja com gestos naturalmente elegantes.

— O que você quer dizer com "mudar de idéia", Odessa?

— insistiu Genny, irritada. — Já estamos quase chegando em Saratoga.

— Eu não disse que mudei de idéia, Genny. — Ele sorria, bem-humorado. — Simplesmente, mudei meus planos.

— Dá no mesmo.

— De modo algum, minha cara.

O calor excessivo já seria suficiente para afetar o costumeiro bom humor de Genny, mas o maior motivo de sua irritação era Odessa Gold. Sentado sobre as raízes de uma árvore, ele a fitava fixamente e movia o lápis numa folha de papel.

— O que você está fazendo?

Odessa não respondeu e a raiva de Genny deu lugar à curiosidade.

— Céus! Você está me desenhando!

Ainda mais curiosa, ela aproximou-se de Odessa mas ele escondeu o papel, sorrindo maliciosamente.

— Você gosta mesmo de me provocar. Odessa Gold! — explodiu Genny, começando a ficar furiosa.

— Eu preferia fazer amor com você, mas sou sempre rejeitado — disse ele, continuando a desenhá-la.

Voltando para junto de Jessamine e Angel, Genny pegou um gomo de laranja do prato de porcelana. Desde seu calamitoso comentário durante o café da manhã em St. Louis, a tensão entre ela e Odessa atingira um ponto crítico e os dois estavam sempre prestes a discutir pelos motivos mais insignificantes.

Incapaz de controlar a curiosidade e a raiva provocadas pela atitude zombeteira de Odessa, Genny aproximou-se dele sem ruído e tentou arrancar-lhe o papel das mãos.

— Francamente, srta. Carlyle! — exclamou ele, impedindo-a de ver o desenho. — Estarei captando uma ponta de vaidade em seu austero comportamento?

— Até solteironas não gostam de ser objeto de caricaturas ridículas.

— Essa falta de confiança em meu talento é ofensiva, Genny. Um artista captura a essência de seus modelos, retrata-lhes a alma. — O olhar malicioso de Odessa percorreu o corpo dela. — Se o seu íntimo é belo, você tem beleza exterior. Se não é...

Genny já não tinha dúvidas de que Odessa estava procurando um motivo para iniciar uma briga. Se era isso que ele queria, iria dar-lhe munição para travarem uma verdadeira guerra!

— Por que mudou de planos? O que havia de errado?

Com toda a calma, Odessa terminou o desenho, dobrou o papel e guardou-o no bolso da camisa. Então, ainda sem se dignar responder, pendurou-se em um dos galhos do salgueiro, com um sorriso de satisfação nos lábios sensuais.

Perturbada, Genny desviou o olhar do corpo musculoso que se revelava sob a camisa molhada de suor. Os homens eram verdadeiras crianças! Infelizmente, alguns também eram muito atraentes.

— Perdi muitas horas preocupando-me com o seu futuro, Genny. Cheguei à conclusão de que seus interesses serão melhor cuidados sê nos desviarmos da rota inicial, passando antes por Nova York.

— Não seja cínico, Odessa Gold! Você não tem o menor interesse no meu futuro!

— Que maldade a sua! — exclamou Odessa e, voltando-se para Angel, prosseguiu, no mesmo tom de voz pretensamente magoado. — Confirme as minhas palavras, Angel! Não lhe disse que Genny precisava de um guarda-roupa decente antes de sair à caça de um marido velho e rico?

Genny cerrou os punhos, lutando contra a raiva. Jessamine acariciou a cabeça de Beggar, que latia baixinho, pressentindo uma situação ameaçadora, e Angel deu uma

gargalhada.

— Não me envolva nessa situação explosiva, Odessa! — Ao notar a expressão tempestuosa de Genny, Angel tentou demonstrar mais sisudez. — Não sei do que você está falando, amigo.

— Genny, Genny — murmurou Odessa, aproximando-se dela, com um sorriso inocente. — Você precisa, urgentemente, de roupas novas se quer mesmo encontrar um marido. Tem que mostrar um pouco mais de... seus atributos físicos, porque os velhos...

Prestes a perder o controle, Genny fulminou Odessa com o olhar.

— Desculpe-me, querida Genny — disse ele, fingindo arrependimento. — Eu sei que deveria ter dito... cavalheiros de idade avançada. Mas, de qualquer forma, esses senhores precisam de estímulos mais fortes que os jovens, entende? Se pretende ser uma noiva radiosa, tem que mudar a sua aparência, transformar-se numa mulher ousada também em seu modo de vestir.

Naquele preciso momento, Genny seria capaz de matar Odessa Gold! Sabendo o quanto ela se envergonhava do estado de suas roupas, modestas e gastas, continuava a ofendê-la. Nunca se arrependera tanto de sua impulsividade! Falara sem pensar e estava sendo acusada de um crime que jamais cometeria. Preferia morrer a aceitar um casamento de conveniência.

Infelizmente, já não podia cancelar aquele comentário infeliz. Se Odessa fosse um cavalheiro, evitaria tocar no assunto, mas começava a perceber que ele queria forçá-la a se retratar diante de todos!

— Sinto-me honrada por seu interesse, sr. Gold — disse ela, com uma meiguice venenosa. — Prometo-lhe que será o primeiro a receber o convite de meu casamento. Não acha justo, Jessamine?

A velha senhora era esperta demais para se manifestar e continuou calada, acariciando a cabeça de Beggar.

— É muita gentileza sua, srta. Carlyle. — A expressão sombria de Odessa indicava que ele já não estava mais achando graça na conversa.

— Estou apenas... cuidando de seus interesses, .sr. Gold.

Os dois se fitavam com ódio, mas Genny aproveitou a situação de conflito para aproximar-se rapidamente de Odessa e arrancar o papel de seu bolso.

O comentário sarcástico morreu em seus lábios quando ela abriu o papel. Odessa a desenhara da cintura para cima e, com poucos traços, captara realmente a sua essência. No rosto erguido num gesto de constante desafio, os olhos revelavam inocência e, ao mesmo tempo, a eterna malícia feminina.

— Odessa... — murmurou ela, tocando o papel com reverência. — Você não pode continuar desperdiçando seu talento.

O silêncio constrangido de Odessa inquietou Genny. Ao fitá-lo, percebeu que invadira a privacidade dele, trazendo à tona um passado de sofrimento.

Num momento de estranha lucidez, Genny admitiu que ela guardava em seu íntimo uma mulher desconhecida e que Odessa Gold também não era apenas o ex-presidiário amargo. Ele tinha sido, no passado, um dos eleitos, um homem para quem o

privilégio era um direito de nascença.

A prisão estadual do Wyoming criara Odessa Gold sem atingir Andrew Goldman que, em breve, ressurgiria para assumir seu lugar numa sociedade requintada e poderosa. Alguns beijos ardentes no banco de uma carruagem de aluguel não significavam nada além de carícias sensuais e sem afeto. Ela não pertenceria nunca ao mundo privilegiado de Andrew Goldman e ele jamais encontraria um lugar na vida sacrificada de Genevieve Carlyle.

Distraída, Genny não notou a aproximação de Odessa e não pôde impedi-lo de recuperar o desenho. Amassando o papel, ele jogou-o para Angel.

— Não! — gritou Genny, correndo para apanhar a bola de papel que caíra na grama. — Como ousa destruir tanta beleza? Quem lhe dá esse direito?

Angel e Jessamine acompanhavam, chocados, a discussão que começava a se degenerar. Genny desconfiava que, se as vozes de três garotos não distraíssem a sua atenção e a de Odessa, aquela situação alarmante teria terminado de forma desastrosa.

Três garotos haviam chegado ao jardim em frente à estação, empurrando uma bicicleta de dois lugares. Nenhum deles tinha mais do que cinco anos.

— Anda logo, Joey! — gritou o maior dos três, que segurava o guidão da bicicleta. — Se você não conseguir montar, vai voltar pra casa!

— Eu consigo! Juro que consigo! — insistia o pobre Joey.

— Me dá mais uma chance!

Joey, o menor deles, tentava alcançar o banco de trás da bicicleta onde o segundo garoto já conseguira se acomodar. Mas, apesar da ajuda dos outros dois, ele não passava a perna muito curta sobre o cano central.

Subitamente, a bicicleta tombou no meio da rua, entre gritos e protestos. Assustado, Beggar começou a latir.

— Eu disse! Eu disse! — berrava o maior deles, vermelho de raiva.

— Me deixa em paz, Goofer — choramingou Joey.

— Cala a boca ou te dou um soco no nariz, nanico! Você é baixinho demais pra alcançar os pedais! Bem que eu disse!

— Se me bater, vou contar pra sua mãe o que você estava fazendo atrás da mercearia e ela te dá uma boa surra!

— E eu te dou outra, seu verme!

Acostumada a lidar com crianças que estavam sempre brigando, Genny preferiu observar as reações de Odessa. No início, ele se mantivera distante, esforçando-se para não se envolver no problema dos garotos. Consultou o relógio, olhou para os trilhos que brilhavam sob o sol forte, mas sempre com uma expressão de tristeza melancólica no rosto habitualmente amargo. Então, ele não resistiu mais e, colocando o chapéu, aproximou-se do pequeno grupo reunido em torno da bicicleta.

— Oi! — disse Odessa, com um sorriso. — Que bicicleta bonita.

Os três garotos se entreolharam, assustados.

— Bonita mesmo — insistiu Odessa, sentando-se sobre os calcanhares para ficar

da altura dos meninos. — Qual é o seu nome?

— É... Eddy. — O garoto agarrou com mais força o guidão da bicicleta. — Não vai tirar ela da gente, não é? Aquele é seu cachorro?

— Não. — Ele apontou para Angel. — O dono de Beggar é aquele outro homem.

Um dos aspectos da prisão que mais amargurara Odessa fora a ausência de crianças em sua vida. Se o seu filho não tivesse morrido, estaria com dez anos.

— E de quem é a bicicleta? — perguntou ele, passando os dedos na roda cromada.

— A gente não roubou, moço! Ela estava encostada no muro da tinturaria, lá onde eles jogam a água suja no rio. Eu juro! Pode perguntar pra qualquer um...

— Acredito em você, Eddy.

Mas os três, evidentemente, não acreditavam em Odessa. Genny percebeu que ele nunca tivera a oportunidade de lidar com aquele tipo de crianças, garotos de rua, acostumados a roubar para sobreviver.

Quando ela aproximou-se, Odessa passou o braço em torno de sua cintura, como se a discussão de momentos atrás nunca tivesse acontecido.

— Eles encontraram a bicicleta, Odessa. É claro que não seriam capazes de roubá-la. Só estão verificando se ela funciona bem para devolvê-la ao dono.

— É isso mesmo, moça — falou Edjy, enquanto os Outros dois concordavam com gestos de cabeça. — A gente estava só vendo se ela funciona direitinho antes de devolver.

— E mesmo! — insistiu Goofer.

Joey, o menor dos três, permanecia em silêncio, sem tirar os olhos da cabeleira revolta de Genny.

— Por que os seus cabelos são dessa cor, moça?

— Porque eu como muitas maçãs — murmurou Genny, como quem partilha um segredo.

— Oh! — exclamaram os três, em uníssono.

— Como eu sei que estão indo devolver a bicicleta, gostaria de falar de negócios com vocês — interferiu Odessa, com um sorriso enigmático. — Tenho uma proposta muito vantajosa para lhes fazer.

Os três tornaram a se entreolhar, já mais apreensivos.

— Odessa! — advertiu Genny, também desconfiada.

— Bem... eu estava pensando em...

Eddy já era esperto o suficiente para não perder uma boa oportunidade.

— Qual é a proposta, moço?

Determinada, Genny colocou-se na frente de Odessa, para impedi-lo de continuar.

— Olhem, garotos...

— Não prestem atenção nela. — Odessa empurrou-a de novo para trás. — Vocês poderão comprar um punhado de balas depois de devolver a bicicleta. Vão me ouvir ou não?

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Está querendo alugar a bicicleta, moço? — perguntou Eddy, coçando a cabeça.

— Pode ser — disse Odessa, com uma expressão de dúvida, - mas tudo depende do preço que vocês pedirem pelo aluguel.

— Dois centavos! — gritou Eddy, aflito. — É pegar ou largar, moço!

Genny acompanhava a discussão de negócios com interesse crescente. Sem a menor dúvida, Odessa tinha muito jeito para lidar com crianças!

— Estou achando o preço alto demais.

— Bem... a gente pode...

— Mas eu aceito. — Odessa retirou um dólar de prata do bolso, diante dos olhares fascinados dos três garotos. — Infelizmente, não tenho trocado mas... será que aceitam essa moeda?

A moeda de prata cintilou no ar e os três correram para apanhá-la, dando gritos de alegria. Odessa agarrou a bicicleta antes que ela caísse nas pedras da rua e curvou-se diante de Genny.

— *Milady...* a sua carruagem a espera.

Incrédula, Genny sentia a força irresistível do encanto de Odessa Gold.

— Você está brincando.

— Juro que não, *milady*.

— Mas... eu não posso...

— Quer dizer que também não pode andar de bicicleta, Genny? — Ele suspirou alto. — A sua vida deve ser muito monótona não pode fazer quase nada.

— Eu sei muito bem qual é a sua intenção, Odessa Gold! Está usando esse argumento porque sabe que não resisto a desafios. É lógico que eu *posso* andar de bicicleta mas não pretendo fazê-lo em sua companhia.

— Se você sabe qual é a minha intenção, aceite o meu convite, Genny. Faremos uma trégua pelo resto da tarde... Vamos, monte na bicicleta!

Genny continuava com o queixo erguido e de braços cruzados.

— Minhas outras intenções são as de um homem honrado. Eu juro! — exclamou ele, erguendo os olhos para o céu. — Dou-lhe minha palavra.

Mesmo sem acreditar nele, Genny não conseguiu resistir. Montado na bicicleta, Odessa parecia um corsário sedutor convidando-a a cruzar os mares em seu galeão. E por que não aceitar? Ela não estaria admitindo a derrota só por ter dado um passeio de bicicleta com um homem!

Apesar da saia, Genny acomodou-se no banco de trás e conseguiu deixar à vista apenas uma nesga de seu tornozelo.

— Jessamine! — Ela já sabia que iria se arrepender, de novo, por ter sido impulsiva. — O sr. Gold está me levando para dar um giro com ele.

— Com efeito, Genny! — Odessa deu uma risada irônica.

— Por que usou palavras que se prestam a outras interpretações? Jessamine pode pensar que estou levando você., só Deus sabe para onde!

— Esqueça as interpretações de Jessamine e trate de cumprir sua parte nos pedais, Odessa Gold. Não pretendo carregar você nem na ida nem na volta.

Ao admitir que o único motivo daquele passeio era ficar a sós com ela, Odessa quase se arrependeu. Quantas vezes seria possível repetir o mesmo erro com a mesma mulher? Já perdera a conta do número de crimes que cometera contra a inocência de Genny.

Mas quando ela ergueu o rosto, como uma garotinha pronta a iniciar uma aventura inesquecível, Odessa não encontrou forças para se privar de tanto prazer. Certamente Genny não fora uma menina dócil, com laços de fita nos cabelos sempre penteados como as irmãs dele.

Genny Carlyle só podia ter sido uma criança de rosto sardento, com as tranças sempre se desfazendo ao vento, enquanto ela subia em árvores ou mergulhava nas águas cristalinas de um riacho.

Então, ele imaginou o corpo intocado de Genny Carlyle sendo acariciado por outros homens. Não existia mais uma garotinha que se banhava nua num riacho transparente, protegida por sua inocência. A jovem mulher, ainda inconsciente de sua sensualidade, despertaria desejos e seria derrotada por sua própria confiança nos seres humanos.

— Você precisa de um chapéu — declarou Odessa, tentando não pensar no futuro. — Use o meu.

Depois de colocá-lo sobre os cachos brilhantes de Genny, Odessa começou a pedalar. Ela lutava para manter o chapéu grande demais sobre sua cabeça e, ao mesmo tempo, encontrar os pedais da bicicleta.

— Vá mais devagar! — gritou ela, agarrando-o pela camisa. — Assim eu perco o equilíbrio!

— Até uma tartaruga andaria mais depressa do que nós, Genny Carlyle! — Eufórico, Odessa sentia que recuperava suas habilidades de ciclista. — E eu lhe agradeceria muito se não marcasse minhas costas para sempre com essas unhas afiadas, amor!

A não ser pelo número maior de chaminés desenhadas contra a linha do horizonte, Amsterdam continuava a mesma cidade que Odessa conhecera na infância. Ainda menino, ele acompanhava os pais aos tradicionais jantares de Ação de Graças, oferecidos por tia Sophie. Não se esqueceria nunca das orgias culinárias que obrigavam os convidados a dormirem algumas horas antes de recuperarem o ânimo para voltarem a seus lares.

As fábricas de tapetes de Amsterdam continuavam a poluir o rio Mohawk. As ruas do centro da cidade ainda eram barulhentas e cruzadas continuamente por carroças que levavam máquinas e rolos de lã e algodão. Dia e noite, os teares funcionavam sem cessar, produzindo milhares de quilômetros de tapetes que forrariam casas de todo o país.

Logo, os dois se afastaram da agitação do centro comercial, entrando num bairro de sereno luxo. As rodas de borracha das carruagens não enchiam de ruído aquelas ruas ladeadas por casas no imponente e austero estilo vitoriano.

Casas iguais à de tia Sophie. Forradas com tapetes espessos, rodeadas por jardins floridos e gramados impecáveis. No esplendor formal dessas alamedas, não se ouviam portas de tela batendo à passagem de crianças, nem cachorros que as seguissem, correndo e latindo. Durante os anos de prisão, Odessa chegara a acreditar que esse mundo de conforto silencioso só existisse em sua imaginação.

Em pouco tempo, os dois alcançaram as colinas e a cidade ficou distante, pequena como um presépio, e rodeada pelo rio que corria para o sul, entre campos cobertos de sisal. Genny avistou, maravilhada, as flores silvestres que começavam a surgir na beira das estrada.

— Está tudo bem com você, Genny? — perguntou Odessa, parando de pedalar.

Genny estava exausta, mas continuava preferindo morrer a demonstrar fraqueza diante de Odessa.

— Eu estou ótima, mas, aparentemente, você decidiu parar porque ficou cansado.

— Como pôde ter uma idéia tão absurda? — declarou ele, enxugando o suor do rosto.

— Notei que você estava curvado e deduzi que era um sinal de exaustão.

— Sou corcunda de nascença — brincou ele. — Não tinha notado ainda?

— Anime-se, Odessa. A volta será mais fácil. São apenas descidas.

Encostando a bicicleta na cerca à beira da estrada, Odessa conduziu Genny até a sombra de um pequeno bosque. Com apenas alguns passos, eles penetraram num mundo bucólico e sereno.

O vento soprava mais forte no alto da colina e nenhum ruído abafava o canto dos pássaros e o zumbir das abelhas procurando mel nas flores que cobriam o chão num tapete colorido. Inconsciente de sua sensualidade, Genny ergueu os braços para prender os cabelos no alto da cabeça.

Odessa não trouxera consigo nem lápis nem papel e estava diante de um quadro perfeito. A natureza emprestava a Genny a graça terrena de uma ninfa dos bosques e seus gestos sem artifício refletiam o vigor de uma mulher passional. Ele se consideraria um artista realizado se conseguisse capturar o sutil contraste entre uma beleza livre e uma doce feminilidade.

Genny representava um desafio constante, sempre em mutação.

— Eu perdi a noção das horas, Odessa. Há quanto tempo estamos pedalando?

— O suficiente para que você ganhasse mais algumas sardas.

— Oh! Eu sei que não posso tomar sol!

— Não foi tão grave — murmurou Odessa, inclinando-se para examinar o rosto de Genny. — Acho que você só tem mais duas sardas...

Antes mesmo de falar, Odessa já sabia que se arrependeria.

— Como eu gostaria de descobrir se você também tem essas sardas encantadoras no resto do corpo, Genny Carlyle.

Fia sentiu-se transportada para o momento em que admitira sua incapacidade de lutar contra o fascínio de Odessa Gold.

— Se eu não soubesse como sua mente funciona, ficaria ofendida com esse comentário, Odessa — disse Genny, evitando os olhos dele.

— Ainda bem que um de nós sabe. Graças a Deus!

— Esqueceu-se de que estivemos casados por dez minutos?

— E, pelo seu tom de voz, deduzo que a lua-de-mel terminou.

Depois do penoso café da manhã em St. Louis, os dois haviam evitado todos os contatos e sabiam que aquele passeio a sós poderia ter conseqüências desastrosas. Genny abaixou-se para colher as flores aos seus pés, mas, quando tornou a erguer a cabeça, não conseguiu desviar os olhos de Odessa.

Ele tirara a camisa para enxugar o suor do rosto. O sol dourava a pele bronzeada e Genny sentiu um desejo incontrollável de deslizar os dedos pelos músculos do peito amplo e dos braços fortes.

— Acho melhor voltarmos — murmurou ela, com medo de não controlar as próprias emoções.

Odessa olhou para Genny, incapaz de seguir o caminho que havia escolhido. Porque a paixão não enviava um sinal, avisando os amantes que bastaria mais um passo para a loucura? Ele tomara decisões a respeito de Genny e reafirmara suas intenções a cada dia, minuto a minuto. Mas agora, a idéia de passar o resto da vida longe dela era inaceitável.

— Ainda temos tempo, Genny.

— Eu sei... — murmurou ela, escondendo o rosto entre as flores.

Mas Genny não poderia saber a intensidade do desejo que o impedia de raciocinar e o impelia a cometer um ato do qual se culparia até o último de seus dias.

— Quero beijar você, Genny. — Odessa segurou o rosto dela entre as mãos. — Nós dois sabemos que eu não deveria, mas preciso sentir de novo o sabor dos seus lábios. Por isso... não lute contra o inevitável...

Desde o momento em que aceitara o convite de Odessa para aquele passeio, Genny soubera que estava se expondo ao perigo. E, no entanto, esperara ansiosamente por um beijo.

— Você já tentou me seduzir antes, Odessa. — Ela tentou aliviar a tensão e ganhar tempo.

— E fracassei. — Sorrindo, Odessa prendeu Genny mais firmemente em seus braços. — Tenho que continuar tentando, querida.

O brilho de triunfo nos olhos de Odessa assustou Genny por que era um reflexo dos seus. Ela já não conseguia mais lutar contra a ânsia de se entregar àquele homem.

— Você não me deseja, Odessa. Quer apenas uma mulher... qualquer mulher.

Então, nada mais importava além do beijo. Os lábios de Odessa exigiam uma entrega absoluta, e Genny mergulhou num mundo de sensações inebriantes. Ela não queria resistir, não podia fugir de tanto prazer.

— Se você acreditasse nisso, nós dois não estaríamos aqui, Genny Carlyle.

A força da atração que ambos tentavam negar já escapara ao seu controle. A fagulha de desejo se transformará na chama que os consumiria.

Era assim que as pessoas se esqueciam de suas promessas e quebravam os juramentos? A volúpia de Amélia correria sempre em suas veias, mais forte do que a pureza de seus sentimentos? Há dois dias, ela estava noiva de outro homem a quem amaria pelo resto da vida. Agora se entregava sem pudor a um desconhecido que a ajudara num momento de crise. Era assim tão fácil perder a vergonha, os pudores e a dignidade?

Horrorizada, Genny rompeu o encanto que a prendia. Um bando de perdizes levantou vôo da relva rasteira quando ela recuou bruscamente, soltando-se dos braços de Odessa.

— Genny! O que...

Talvez o impulso feminino de lutar contra a dominação masculina tenha provocado em Genny o desejo de fuga. Ela queria correr para os braços de Odessa e, descobrindo o mistério da paixão, se transformar em uma mulher como as outras.

Mas ele não a amava. Embora Genny o desejasse, sabia que nunca poderia amá-lo. O amor não acontecia inesperadamente, era um sentimento que nascia do carinho e precisava amadurecer com a lentidão das flores que se transformam em frutos doces. Onde estava a magia do romance? Onde estaria o príncipe encantado que a envolveria com demonstrações de amor idílico?

Genny corria pelo túnel de galhos entrelaçados sobre sua cabeça. Sem um destino certo, ela fugia de Amélia e de Raymond Carlyle, de uma vida árida e sem sonhos. Mas os passos às suas costas soavam sempre mais próximos.

— Genny! — Odessa conseguiu segurá-la pela blusa e forçou-a a fitá-lo. — Fale comigo!

— Por quê? — ela deu vazão ao desespero. — Por que tudo aconteceu? Como tudo terminará?

Odessa também tinha medo das conseqüências e só podia oferecer a Genny a proteção momentânea de seus braços.

— Tudo vai dar certo, Genny — mentiu ele, abraçando-a novamente. — Não tenha medo.

Mas Odessa não compreendia. Genny tentou explicar a angústia de sua vida. Falou sobre a morte do pai, descreveu a expressão no rosto de Amélia e confessou o seu desespero quando Mary Faye abriu a porta. As palavras, porém, não tinham significado. Depois de provocarem cicatrizes na alma, deixavam de existir.

— Diga por que você quer que... algo aconteça entre nós — pediu Genny. — Tem que haver uma explicação. Por que justamente comigo?

Odessa guiou Genny até a sombra de uma árvore e, acariciando o rosto transfigurado pela dúvida, esperou que a tormenta passasse. Então, com o queixo apoiado sobre os cabelos sedosos, falou sobre a sua angústia, sobre o casamento arranjado pelos pais e, finalmente, sobre Anne.

— Não consigo me lembrar do rosto dela. Sei que a amava com a única espécie de amor que eu conhecia naqueles dias ainda intocados pelo sofrimento. Mas, por mais que eu tente, não recordo seus traços.

Ele acariciava os cabelos de Genny, com os gestos serenos de quem acalma uma criança com medo.

— Levei Anne para uma região hostil, para os confins do Oeste, onde só sobrevivem as feras. Mas eu era tão confiante! Acreditava que o mundo era meu e nada me ameaçaria. Nunca pensei que as tragédias pudessem acontecer comigo. Talvez seja um erro comum a todos os jovens, mas quando os bandidos a arrastaram para fora do trem e ela gritou o meu nome, descobri a minha impotência diante da vida.

O sol começava a desaparecer atrás das nuvens e a brisa ficara mais fresca. Com o rosto encostado no peito de Odessa,

Genny sentia que ambos tentavam encontrar segurança e conforto naquele abraço.

— Eles não queriam que eu a visse. Mas eu achava que nada seria pior do que a morte de Anne. Então, me aproximei dela e da criança. Era um menino. Os dois já estavam mortos há dois dias, e os insetos, os animais...

Genny sentiu a dor de Odessa como se fosse sua.

— Os olhos dela não fechavam. Não me lembro do rosto de Anne, mas vejo sempre seus olhos... sempre abertos. — A voz de Odessa ficou perigosamente ríspida. — Eu perdi o medo de morrer porque já não me interessava pela vida. Quando matei Elli Wright, queria que me enforcassem e acabassem logo com o meu sofrimento.

Subitamente, Genny sentiu vergonha. A sua frustração diante de uma vida árida era uma emoção mesquinha. Fora egoísta, lamentando-se por insignificâncias porque jamais conhecera o verdadeiro sofrimento. Erguendo a cabeça, fitou Odessa, à espera da verdade final.

— Quero você porque sei que encontrei a única pessoa com quem consigo falar sobre o meu medo e a minha dor, a única pessoa que pode me entender e me aceitar como realmente sou. Eu a vi despida de toda a dignidade, incapaz de manter a máscara e a compostura. Você me viu sem honra e conhece o meu lado mais sórdido. Não temos mais segredos.

Odessa tentou sorrir, mas, à lembrança do passado, fechou os olhos.

Naquele momento, Genny descobriu que a fragilidade feminina apenas encobre uma força infinitamente maior que a dos homens. A sua entrega significava aceitação e comunhão de segredos, aprendizado e ensino.

— Os olhos dela estão fechados agora, Odessa — murmurou Genny, acariciando o rosto dele. — Anne não o culpa por nada do que aconteceu. Ninguém o culpa por uma fatalidade.

— Eu ergui barreiras ao meu redor para impedir que as pessoas partilhassem a minha dor. Não permiti nem mesmo que a minha família se aproximasse de mim. Destruí a felicidade de meus pais.

Reclinada na relva macia, Genny envolveu Odessa no conforto de seus braços.

— Eles seriam mesmo capazes de matá-lo? — perguntou ela, com medo de ouvir a resposta.

— Está se referindo a McFee?

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— O nome não importa. Refiro-me aos dois homens que nunca foram acusados pela morte de Anne.

— Se me encontrarem, certamente tentarão.

Odessa apoiou-se no cotovelo para poder ver o rosto de Genny. Ela leu nos olhos cinzentos um desapego à vida e, ao mesmo tempo, a necessidade de encontrar no sexo um motivo para viver de novo.

— E por que... — ela sabia que Odessa a entenderia — por que você...

— Quer saber por que eu a desejo, Genny?

Agora que ambos admitiam a existência de um desejo além de suas forças, nada mais poderia deter a paixão. Genny lembrou-se de que em seus sonhos já pertencia a Odessa. A entrega de seu corpo seria apenas uma consequência natural de um envolvimento que nem ela nem Odessa conseguiam impedir.

Com um sorriso amargo, ele desabotoou a blusa de Genny, expondo os seios rijos à luz rubra do poente.

— Eu a desejo porque você é tudo que eu não sou. É honesta, boa e generosa. Seus olhos não mentem, Genny. Quando eu encontro a pureza do seu olhar, sinto vontade de acreditar de novo nas pessoas, na felicidade, no bem...

— Tenho muitos defeitos, Odessa. Não sou essa pessoa que você descreveu. Também sinto ódio... sou fraca e desejo o impossível...

O momento de partilhar os sentimentos chegara ao fim. Agora ansiavam pelo esquecimento através da paixão. Genny não resistiu mais às mãos de Odessa que afastavam sua saia, buscando a intimidade final.

— Se você soubesse quantas vezes eu sonhei com o momento de tocar o seu corpo, Genny — murmurou ele, colocando-se entre os joelhos de Genny. — Passei noites acordado, imaginando este instante.

Fechando os olhos, Genny se entregou totalmente à magia sensual provocada pelas leves carícias de Odessa.

— Abra os olhos, Genny. Preciso da verdade refletida neles.

— Odessa! — Ela ainda tinha um pedido a fazer. — Não quero ser uma outra Mary Faye.

A luz do crepúsculo revelou o brilho do sorriso de Odessa. Iluminado pelos últimos raios de sol, ele se despiu diante de Genny.

Ela sentiu um início de pânico quando Odessa pressionou-a de encontro à relva, mas o desejo tinha mais força do que o receio.

— Você continuará livre de qualquer compromisso, Odessa — murmurou ela, momentos antes de transpor o limiar de um mundo desconhecido.

CAPÍTULO 11

Os milionários americanos tinham encontrado um novo passatempo na construção de hotéis luxuosos.

À medida que o século chegava ao fim, já não bastava ter uma imensa fortuna, era preciso ostentá-la. Afinal, um hotel trazia muito mais satisfação do que aumentar uma ala de uma casa ou construir um salão de banquetes.

Depois que a silhueta do Waldorf-Astoria se desenhou no céu de Manhattan, os hotéis menos concorridos tentaram se modernizar para não serem considerados de segunda classe.

O Jamison, escolhido por Odessa, tinha o requinte de um cavalheiro idoso. Os tapetes persas, embora gastos, estavam impecavelmente limpos. Os quartos amplos possuíam uma elegância sóbria que chegava a ser luxuosa apesar dos banheiros pequenos e mal adaptados ao progresso.

Mas o Jamison se adequava com perfeição às necessidades de Genny e de Odessa. Ele tinha que manter o anonimato para continuar vivo e ela precisava superar o trauma causado pela traição de Adam antes de iniciar uma vida nova.

— Quero dois quartos — declarou Odessa ao recepcionista. — Os melhores que tiver...

O homem de rosto gordo e olhos alertas examinou Angel Tulane da cabeça aos pés e deteve o olhar em Beggar.

— Nós temos acomodações especiais para animais, senhor. E também um setor para os criados onde pode ficar o negro.

— Negro? — Odessa olhou ao seu redor. — Ei, Angel! Por acaso você é dessa cor?

Certamente, o sorriso fascinante de Angel não foi destinado ao recepcionista.

— Eu num sei, patrãozinho. Sempre pensei que eu fosse branquinho como o senhor.

Odessa colocou um maço de notas sobre o balcão.

— Francamente, senhor, prefiro perder a minha mão direita a passar sem a companhia dele. Ficaremos no mesmo quarto.

— Entendi, senhor.

— Também gostaria que atendesse, pessoalmente, as duas damas que vieram comigo. — Depois de aumentar a pilha de notas à frente do recepcionista, Odessa aproximou-se dele, com uma expressão ameaçadora. — Eu gostaria muito mesmo!

— Sem dúvida, senhor. Quer um quarto... conjugado ao das damas?

— Não é necessário.

— Compreendo, senhor. — O recepcionista não disfarçou seu alívio.

— Espero que tenha compreendido bem. Vai levar o cachorro agora?

O recepcionista olhou para o perdigueiro dourado e estremeceu. Ele devia ter relutado ainda uma vez, esperando que a pilha de notas à sua frente aumentasse um pouco mais.

Genny não saberia dizer quantas horas haviam se passado desde sua chegada ao hotel na noite anterior e o momento em que Jessamine a acordou. O dia começava a raiar e seu rosto estava molhado de lágrimas.

— Genina! O que aconteceu, querida?

Ela só esperava não ter falado enquanto dormia!

— Não tenho a menor idéia do que esteja acontecendo, Jessamine! Por que me acordou?

— Ouvi você chorar, criança.

— Impossível! Por que eu estaria chorando?

— É o que eu gostaria de saber.

— Você deve ter sonhado — murmurou Genny, enfiando o rosto no travesseiro.

— Durma de novo, Jessamine. Ainda é muito cedo para acordar.

A velha senhora não protestou, e Genny, completamente desperta, tentou conter as lágrimas, examinando o quarto que mal vira ao chegar.

O aposento amplo e arejado era luxuoso demais para os padrões de Genny. Entre as duas janelas, com cortinas diáfanas, havia uma cômoda de madeira torneada com o lampião de cobre que iluminava todo o quarto. O tecido das colchas tinha o mesmo desenho de flores do papel que cobria as paredes. Todo o ambiente refletia a serenidade confortável que ela sabia existir, mas nunca fora parte de sua vida.

— Para ser sincera — disse Genny, procurando manter a voz firme —, eu estava pensando que nos desviávamos completamente de nossa rota.

— Eu não sei se...

— Por que saímos de Cheyenne, Jessamine? — interrompeu Genny, impaciente.

— Saímos dessa cidade para não morrermos de fome e porque você ia casar-se com Adam Worthington.

— Exatamente! E agora estamos em um hotel em Nova York, esperando a hora de ir para Saratoga na companhia de um ex-presidiário!

Jessamine acariciou a cabeça de Genny.

— O finado sr. McGowan sempre dizia que os rios não correm em linha reta, Genina. Nós conseguiremos encontrar um caminho, no momento certo. Tenha fé porque Deus nos ajudará. O sr. McGowan...

Sem prestar atenção no que teria dito o falante sr. McGowan, Genny tentou imaginar como fora a vida de Jessamine antes do casamento.

— Você descobriu, no primeiro olhar, que o sr. McGowan era o homem certo para ser seu marido, Jessamine?

A velha senhora, envolvida pelas memórias de um passado distante, demorou a responder.

— Quando me casei com o sr. McGowan, as pessoas diziam que eu ia me

Cartas da Sorte

Linda Shaw

arrepender de aceitar um homem abaixo do meu nível social, que eu nunca teria nada e, em menos de seis meses, voltaria correndo para a casa de minha mãe.

A risada suave de Jessamine ecoou no quarto ainda mergulhado na penumbra da madrugada.

— Lembro que, às vezes, eu pensava em procurar um outro homem, alguém seguro, aceito por todas as pessoas e do meu nível social. Então, acordava no meio da noite, sonhando com o sr. McGowan. Todos estavam errados a respeito dele porque eu tive tudo, Genina. Nunca me arrependi de nada.

Genny mal conseguia acreditar no que ouvira. Como Jessamine podia pensar que tivera tudo? O amor era realmente cego!

— Eu sei, querida — murmurou Genny, tentando, em vão, não pensar nos momentos de intimidade entre Jessamine e o marido. — Quando você e ele... bem, a primeira vez que seu marido.., o que eu quero dizer é...

— Ele veio até nossa casa para emprestar uma foice — continuou Jessamine, com uma voz sonhadora e sem perceber o embaraço de Genny. — Eu estava completando dezesseis anos e nunca tinha me interessado por nenhum outro rapaz. Joguei uma flor na cabeça dele e acertei em seu rosto. Duas noites depois, ele apareceu na janela do meu quarto, em plena madrugada, e me convidou para passear na beira do rio.

— Jessamine! — exclamou Genny, chocada. — Você não aceitou!

— Eu não sabia o que esperar. Ele era alto, elegante, mas não tinha traços perfeitos. Entretanto, existia uma atração muito forte entre nós e eu queria descobrir o mistério do que acontecia entre os homens e as mulheres. Sem dizer uma só palavra, ele começou a me beijar.

Os sons da rua que começava a despertar invadiram o quarto silencioso. Jessamine se calara, envolvida por suas recordações.

— Foi... como você imaginava? — perguntou Genny, envergonhada por demonstrar tanta curiosidade.

— Foi o acontecimento mais decepcionante de toda a minha vida! — exclamou Jessamine, dando uma gargalhada. — Passei dois dias dolorida, sem poder andar direito e com ódio dele. Na terceira noite, senti saudades e na quarta... fui procurá-lo à beira do rio. A minha experiência é a da maioria das mulheres, Genny. Os homens precisam ser ensinados a descobrir as sutilezas do sexo. Nós temos que mostrar-lhes o caminho.

— Eu não saberia apontar caminho algum — mentiu Genny.

— Eu acho que o sr. Gold e o sr. McGowan têm muitos pontos em comum — a voz de Jessamine começava a ficar sonolenta. — Mas Odessa é inegavelmente mais requintado.

Genny surpreendeu-se com a falta de tato de sua velha amiga.

— Odessa conhece a natureza humana. É um verdadeiro príncipe...

— Eu não o consideraria tão nobre assim...

O silêncio repentino de Jessamine indicou que ela adormecera enquanto Genny

falava.

Com os punhos cerrados, Genny controlou-se para não esmurrar o travesseiro. Um verdadeiro príncipe? Não, Odessa Gold era um assassino, um ex-presidiário e um jogador. Era um homem teimoso e amargo, além de autoritário, e ela estava apaixonada por essa criatura difícil e tão maravilhosa!

Levantando-se da cama com todo o cuidado para não acordar Jessamine, Genny foi até a cômoda e olhou-se no espelho. Com gestos furtivos, tirou a camisola e tentou analisar seu próprio corpo. Como Odessa veria as suas formas que lhe pareciam esguias demais?

Genny queria estar de volta ao alto da colina e sentir de novo o corpo de Odessa sobre o seu. Queria que ele a possuísse até esgotar o desejo, pois só assim os dois teriam paz.

— O que eu vou fazer agora? — perguntou ela à mulher desconhecida que aos poucos a dominava. — O que posso fazer?

Angel foi acordado no meio da noite por um barulho estranho, seguido por uma praga que ele não ouvia desde o dia em que sua mãe encontrou seu pai nos braços de Mimi Gervaise na rua de lá Paes. Saltando da cama com uma rapidez felina, ele preparou-se para lutar contra um possível assaltante.

— Quem está aí?

— Quem você acha, Golias? — resmungou Odessa, com a respiração alterada.

Apesar da penumbra do quarto, Angel percebeu que Odessa parecia estar pulando em uma perna só. O ecoar de seu pé, batendo nas tábuas do chão, era acompanhado por pragas assustadoras.

— Quer que eu acenda o lampião, Odessa?

— Só se você quiser ver um homem nu e berrando de dor!

— Acho melhor acender o lampião — insistiu Angel.

— Eu pensei ter visto uma garrafa de bebida sobre a cômoda, quando entrei no quarto. Obviamente, enganei-me e, por causa desse erro idiota, talvez esteja com um dedo fraturado!

— Você está falando daquela garrafa vazia? — Angel deu uma gargalhada.

— E onde foi parar essa maldita?

Os barulhos estranhos voltaram a se repetir, seguidos por pragas ainda mais assustadoras. Sem perder tempo, Angel bateu no escuro, até encontrar a cômoda e acendeu o lampião, a despeito dos protestos de Odessa.

A chama amarelada iluminou uma cena grotesca, que provocou mais gargalhadas de Angel. Seminu, Odessa equilibrava-se em um dos pés, enquanto tentava enfiar o outro na perna da calça.

— Se alguma palavra sobre o que aconteceu sair deste quarto, enforco você com as minhas calças! E uma promessa solene, Angel Tulane!

— Não abrirei a boca, amigo. — Angel continuava às gargalhadas.

Depois de muito esforço, Odessa conseguiu, finalmente, vestir as calças e

também encontrou a garrafa vazia que fora deixada no quarto pelo hóspede anterior.

— Não há uma gota de bebida neste quarto, Angel!

— Eu não imaginei que você fosse do tipo que não passa sem beber, Odessa.

— E por acaso você é abstinente?

— Claro que não, mas posso dormir à noite sem sentir essa compulsão de me embriagar.

— Quando foi a última vez que você bebeu?

— Há duas noites, no cassino do Boone, onde você estava jogando pôquer.

— Pois eu não bebo desde 1884.

Sem fazer nenhum comentário, Angel começou a se vestir, o que, para ele, era um ritual prolongado e minucioso.

— Eu estaria sendo muito indiscreto se lhe perguntasse o que provocou essa súbita crise de alcoolismo?

Odessa reviu um par de magníficos olhos verdes e os cabelos revoltos e cor de cobre polido de uma garota que desconhecia a potência de seu próprio encanto. Só esperava que ela estivesse acordada, virando-se na cama sem conciliar o sono e sofrendo como ele!

— Não, não estaria — respondeu Odessa, sem maiores explicações.

Após alguns instantes de silêncio absoluto, Angel sorriu para Odessa.

— Eu compreendo.

— Você deveria receber uma medalha por sua inteligência brilhante, Angel. Alguma vez já passou por sua cabeça genial que o mundo seria um lugar muito mais feliz se não existissem mulheres?

— Provavelmente — disse Angel, dando um nó impecável na gravata de seda. — Mas sempre achei que o excesso de felicidade provoca uma morte prematura.

— Então, eu viverei para completar meu primeiro centenário — resmungou Odessa, com uma expressão de desalento.

Vestido como um lorde, Angel se dirigiu para a porta do quarto.

— O seu sofrimento tem alguma preferência quanto à marca do veneno para aliviar a dor?

— Confio plenamente em sua experiência em problemas desse tipo, sr. Tulane. A escolha da bebida fica a seu critério.

— Sou um francês que só toma uísque irlandês em copos de cristal Baccarat, amigo. Tem certeza de que sobreviverá a esse "tipo de experiência"?

— Se você conseguiu continuar vivo, eu também agüentarei. Ele permaneceu parado em frente à janela enquanto Angel saía do quarto. Sem ver as primeiras luzes que se acendiam na madrugada, voltou a pensar em Genny.

Odessa já não lembrava que existisse tanta inocência nem uma ignorância tão completa do poder de sua sensualidade. A simples recordação daquele corpo feito para o prazer renovava um desejo que precisava se esgotar para que ele pudesse continuar vivendo.

E, como todos os inocentes, Genny era vulnerável demais ao sofrimento. Não podia permitir que ela se apaixonasse!

Tinha amado a mãe o suficiente para mantê-la a distância e precisava demonstrar um amor igualmente altruísta por Genny, afastando-a de sua vida. Teria forças para esquecer-se de seus próprios sentimentos e ser apenas um amigo, nunca um amante? Teria condições de ajudá-la a conseguir tudo o que ela sonhara e jamais alcançará?

Ele provaria uma louvável ausência de egoísmo se a ajudasse a encontrar o marido idoso, rico e que se enquadrasse em seus padrões de integridade de caráter. Mas, já não sabia mais se existia algum homem à altura de Genny Carlyle. Odessa Gold, certamente, não estava incluído nesse punhado de seres humanos sem defeitos!

Desesperado, Odessa afastou-se da janela. Ele sentia que a cada dia estava penetrando mais fundo num labirinto sem saída!

Quando Angel retornou, ele estava completamente vestido.

— Ei... pensei que você quisesse se embriagar no quarto! Por que se vestiu? Vai sair?

— Ponha de novo seu chapéu, Angel. Tomei a liberdade de emprestar uma de suas camisas, a cartola, as luvas... Vamos descobrir a vida noturna de Nova York.

— A esta hora da madrugada?

— Um dos maiores atrativos do pôquer é que os jogadores nunca dormem!

As pessoas não costumavam sorrir quando se referiam a John Crichton.

Ele criara a American Steel, um monopólio de milhões de dólares, mas o aço não era o seu maior interesse. Crichton desejava, acima de tudo, ser aceito pelos milionários tradicionais cuja fortuna se transmitia de geração em geração e eram considerados a nobreza da América.

Mas essa aceitação não podia ser comprada com dinheiro. J. P. Morgan e seus amigos Frick, Guggenheim e Whitney detestavam Crichton. Suas esposas não convidavam Merilla para seus chás nem as filhas dele para seus bailes de debutantes.

Crichton tentou amenizar seu ressentimento comprando um esplêndido apartamento no Waldorf-Astoria e transformando-o em seu cassino particular. Ele oferecia a seus convidados todos os confortos e requintes de um clube masculino. Até um chefe de cozinha francês foi contratado para criar as iguarias que eram servidas durante as longas noites de jogo.

Embora Morgan e Frick o detestassem, não permitiam que essa antipatia interferisse em sua paixão pelo jogo, freqüentando o apartamento de Crichton, acompanhados por seus amigos milionários. Por uma ironia do destino, ele conseguira conviver com a aristocracia da América justamente quando desistira de implorar para ser aceito.

O Waldorf-Astoria tinha um bar exclusivamente masculino, onde os grandes jogadores de pôquer costumavam se reunir. Sem dúvida, era o lugar ideal para Odessa começar a noite.

— Cnichten é rico demais para a maioria dos mortais — declarou o *barman*. — Correm milhões de dólares em apostas nas suas mesas, todas as noites. Esses milionários nem percebem que o país está em plena depressão!

Quando o *barman* se afastou para atender um cliente no outro extremo do balcão, Odessa olhou, distraidamente, para o copo de água mineral que pedira porque nunca bebia antes de jogar. Mais uma vez, voltou a pensar em Genny, imaginando-a adormecida. Seus cabelos estariam espalhados pelo travesseiro, formando uma auréola de pequenas labaredas e a pele de porcelana teria então o brilho suave do cristal, umedecido por um tênue véu de transpiração.

Concentrado em Genny, ele não prestou atenção nos outros frequentadores do bar e por isso não soube o que provocou uma súbita e alarmante sensação de perigo. Na prisão um

homem só sobrevivia se tivesse instintos de proteção muito apurados, e Odessa aprendera a confiar em sua intuição.

Olhando ao seu redor, ele viu apenas pessoas normais, conversando abertamente e sem expressões furtivas. Então, notou um homem alto, de ombros largos e *smoking* bem cortado, sozinho no outro extremo do balcão do bar.

Mas havia algo que destoava do retrato de um distinto cavalheiro à altura dos padrões do Waldorf-Astoria. Ao examinar o desconhecido com mais atenção ele notou seus sapatos baratos e sem graxa, as mãos avermelhadas e as unhas mal-cuidadas. Sem a menor dúvida, aquele homem não pertencia à elite que frequentava o hotel mais luxuoso de Manhattan.

— Aquele homem que você acabou de servir costuma vir a este bar? — perguntou Odessa, quando o *barman* voltou, para reiniciar a conversa interrompida.

— Está se referindo ao homem de costeletas longas?

— Exatamente. É aquele que sentou na outra ponta do balcão.

— Nunca o vi antes e minha memória fisionômica é infalível, senhor.

Depois de colocar algumas moedas sobre o balcão, Odessa atravessou o bar, hesitando junto à porta como quem reluta em voltar para casa. O pressentimento ameaçador continuava a inquietá-lo, mas ele já não tinha dúvidas. Estava sendo seguido! Aquele homem era um dos capangas de McFee? Ou um dos delegados que detivera o trem perto de Cheyenne?

Angel o esperava na carruagem e, através da comunicação silenciosa que se desenvolvera entre eles, percebeu que Odessa pressentira uma situação perigosa.

— Qual é o problema, Odessa?

— Ainda não sei bem, mas acho melhor que você volte logo para o hotel e prestando o máximo de atenção. Não confie em ninguém e mantenha os olhos bem abertos, Angel. Se algo acontecer a Genny, eu...

— Então, estamos mesmo correndo perigo?

— Basta estar vivo para correr perigo e você mais do que ninguém devia saber disso.

Controlando as emoções, Odessa voltou para o Waldorf Astoria e subiu a escada

da frente do hotel com uma postura de descontração. Entretanto, ele continuava alerta, percebendo até o que não podia ver nem ouvir. A sensação de perigo continuava muito intensa. Alguém o seguia e estava muito próximo!

Julgando que o estado de espírito de Odessa tivesse provocado uma súbita e excessiva preocupação com perigos inexistentes, Angel decidiu entrar na carruagem. Então seus olhos entreviram um movimento do outro lado da rua, entre as sombras de uma casa às escuras.

Um homem alto e forte como um lutador de boxe afastou-se da mureta de pedra encoberta por arbustos e, acendendo um cigarro, acompanhou Odessa com o olhar. Quando o viu entrar no hotel, jogou fora o cigarro e o seguiu, sem se apressar.

— Hotel Jamison, por favor — disse Angel ao cocheiro.

— Tenho um pouco de pressa...

Na verdade, Angel gostaria que aqueles cavalos tivessem asas! A situação era muito mais grave do que ele imaginara!

Depois de subornar o porteiro para garantir sua entrada nas salas de jogo de Crichton, Odessa voltou para o vestíbulo do hotel. Embora fosse tarde, ainda havia muita gente nos sofás espalhados pelo suntuoso vestíbulo, mas ele se movia entre a multidão sem perceber nada do que acontecia ao seu redor.

Odessa estava de novo ajoelhado na terra avermelhada do deserto, olhando para a mulher e o filho mortos. Só que agora não via mais o corpo de Anne porque a vítima fora Genny. Se aquele homem já os estivesse seguindo há algum tempo, saberia que ela não era apenas uma companheira de viagem.

Ao atravessar o saguão do hotel, Odessa foi dominado por uma emoção que ultrapassava o simples ódio. Naquele momento, ele voltava a sentir a compulsão obsessiva que o impelira a encontrar os assassinos de Anne. Seu rosto continuava sem revelar as emoções e sua respiração indicava tranquilidade quando enveredou por um corredor secundário e parou diante do elevador, como se fosse um hóspede dirigindo-se para o quarto.

Com o canto dos olhos, Odessa percebeu um ligeiro movimento no final do corredor. Um sorriso frio aflorou em seus lábios e ele empurrou uma porta de serviço que se abria para uma viela estreita, nos fundos do hotel.

Em poucos passos, ele tinha deixado para trás o mundo de fantasia do Waldorf-Astoria, onde pessoas bem vestidas e cobertas de jóias riam, sem preocupar-se com a própria sobrevivência. Um calor úmido, acumulado durante o dia tórrido, emanava das pedras do chão, aumentando o mau cheiro do lixo colocado em enormes latas sem tampas.

Após esconder as luvas e a cartola de Angel em um lugar seguro, Odessa colocou o corpo em uma parede sem iluminação, transformando-se em apenas mais uma sombra indistinta.

Então, a porta se abriu muito lentamente, como ele previra. Um feixe de luz iluminou a viela e os ratos, que entravam e saíam das latas de lixo, desaparecendo nos

bueiros. Não havia nada que indicasse uma presença humana além da sombra que se desenhava na fresta da porta.

Enquanto esperava o momento certo de atacar, Odessa não pensava que poderia morrer nas mãos daquele brutamontes enviado por seus inimigos. Sua única preocupação era proteger Genny e evitar que ela tivesse o mesmo destino de Anne.

"Venha, miserável! Chegue mais perto..."

Quando o homem passou ao seu lado, Odessa saltou, numa súbita explosão de energia, e passou o braço em torno do pescoço do desconhecido.

O homem compensava a falta de agilidade com a força muscular de um touro. Ele deixou o corpo pesado cair sobre Odessa, prensando-o de encontro à parede.

Apesar da dor, Odessa não soltava o pescoço do desconhecido.

— Quem é você? — perguntou Odessa, tentando não desperdiçar as forças.

— Não sei o que está acontecendo. — O homem tinha dificuldades para falar, mas movia-se em círculos, tentando derrubar Odessa.

— Responda! Quem é você e quem o enviou?

— Ninguém me enviou.

— Então, por que está me seguindo?

— Não é verdade. Eu só passei por aqui e...

O homem continuava a oscilar, como um marujo bêbado, para tomar um novo impulso e jogar Odessa mais uma vez de encontro à parede.

Odessa soltou-o antes de ser esmagado pelo corpo pesado do outro e, reunindo novas energias, saltou sobre seu oponente.

A lâmina mortífera de um punhal rebrilhou à luz baça da viela e, embora desviando o corpo, Odessa foi atingido na coxa. O rosto de Genny surgiu diante de seus olhos com uma nitidez inquietante e ele usou a energia que lhe restava para dar um soco certeiro.

O homem caiu pesadamente e o punhal bateu com um estalido metálico sobre as pedras do chão. Odessa agarrou a arma e, ajoelhando-se ao lado do desconhecido, encostou a lâmina no rosto apavorado.

— Agora você vai me dizer quem o mandou, miserável. — Com a mão livre, Odessa tentava estancar o sangue que escorria de sua perna. — Se não abrir o bico, corto o seu pescoço e o deixo pendurado num poste para a polícia achar a sua carcaça!

— Vá para o inferno — resmungou o homem, ainda procurando evitar uma explicação.

— Eu já estive no inferno e não pretendo voltar. Fale logo, idiota! Ou será que prefere morrer de boca fechada?

Percebendo que o homem não acreditara em suas ameaças, Odessa empurrou-o contra a parede e fez um corte superficial na pele do pescoço do desconhecido.

— Você é o primeiro homem que eu mato com uma faca, por isso terá que desculpar a minha falta de jeito. Mas já vi muitos morrerem assim e sei que não leva mais do que cinco minutos. Não haverá tempo para ninguém encontrá-lo antes de a morte chegar, portanto... vai me dizer quem o mandou ou está decidido a se

transformar num cadáver que não pode mesmo falar?

O homem, finalmente, admitiu a derrota.

— Foi Nathan Hodges.

— Hodges?!

Odessa mal podia acreditar no que ouvira. Assaltos em vielas escuras não combinavam com o estilo do governador do Wyoming!

— Ele quer saber para onde você vai. Alguém o viu chegar à estação de St. Louis, mas perdeu sua pista.

— Quem me seguiu?

Não sei! Só me disseram que você chegaria em um trem na Grand Central. Então, segui você e o preto. Vi quando entraram no hotel, junto com as duas mulheres e hoje vim até aqui. Juro que não sei mais nada...

— Qual é o nome dele?

— De quem?

— Do preto.

— Eu não sei mesmo! Que importância tem o nome de um preto qualquer?

— E quem são as mulheres?

— Com mil diabos! Quantas vezes tenho que repetir a mesma coisa? Não sei de nada!

Odessa sentiu a tentação quase irresistível de matar aquele homem. Hodges era um crápula! Tentara persuadi-lo a denunciar os assassinos de Anne e, quando não conseguira seu intento, recorrera à força!

Mas o caráter do governador do Wyoming não passava de um detalhe secundário. Odessa pensava apenas em Genny. As suas esperanças num futuro de paz e felicidade, muito frágeis até então, agora tinham sido completamente destruídas. Mesmo se matasse esse homem para impedi-lo de falar, um outro logo surgiria. Entretanto, se ele ganhasse algumas semanas...

— Não me resta Outra escolha. Tenho que matá-lo...

— Pelo amor de Deus, não me mate! Sou um homem comum, trabalho nas docas e tenho família, moço. Só aceitei esse serviço porque precisava ganhar uns dólares a mais.

— Pois devia ter pedido esmolas! É bem menos perigoso.

A dor na perna de Odessa estava ficando insuportável. Recuando para que o homem pudesse se levantar, ele manteve o punhal apontado para o inimigo.

— Deixarei você ir embora, mas não pense que escapou de mim. Se eu souber que falou uma única palavra sobre mim, sobre o preto ou sobre as duas mulheres, vou caçá-lo como um animal raivoso! Se tiver alguma dúvida sobre a minha capacidade de vingança, pergunte a Hodges por que passei dez anos na mais bem guardada prisão do Oeste.

Odessa não tinha dúvidas de que cometera um erro perigoso, deixando aquele homem ir embora vivo. Mas a sua prioridade, naquele momento, era estancar o sangue que escorria de sua perna.

Ele precisava, urgentemente, tirar Genny e Jessamine do hotel Jamison. Na verdade, precisava tirar Genny de uma vez por todas da sua vida! Entretanto, seria necessário dinheiro para dar esses dois passos vitais e, para consegui-lo, tinha que ganhar no jogo, ferido ou não!

Depois de limpar o punhal com o lenço de linho de Angel e guardá-lo dentro da bota, Odessa examinou o corte em sua perna. Embora longo, era superficial, mas na manhã seguinte estaria doendo terrivelmente.

Ajeitando o paletó e a gravata, Odessa dirigiu-se para a porta do hotel. Era hora de subornar mais uma vez o porteiro!

CAPÍTULO 12

Genny estava acostumada a lidar com crianças recalcitrantes e não tinha a menor dúvida de que Angel só lhe contaria a verdade se fosse colocado contra a parede.

— Então, Odessa está tratando de negócios? A esta hora da manhã?

Angel viera até o quarto das duas mulheres para acompanhá-las no café da manhã. Ele dissera apenas que Odessa ainda não tinha voltado, mas Genny recusava-se a ficar sem explicações.

— E que tipo de negócios, Angel? Odessa não lhe explicou exatamente que pretexto você deveria me dar?

— Bem... ele não foi muito claro, dona Genny. — O sorriso de Angel refletia a mais pura inocência. — Entretanto, como todos os negócios envolvem mulheres ou dinheiro... podemos concluir que Odessa está garantindo nossa subsistência.

— Em uma mesa de jogo!

O silêncio de Angel era mais expressivo do que qualquer resposta.

Na verdade, Genny não tinha o direito de intrometer-se nem de censurar a maneira escolhida por Odessa para se sustentar. Não era irmã, noiva ou esposa daquele homem exasperante.

— Não entendo por que as janelas não podem ser abertas

— disse Genny, convidando Angel a entrar no quarto. — Será que as outras pessoas não sentem falta de ar? Eu fico sufocada!

Sentada à beira da cama, Jessamine amarrava as botinas que haviam pertencido a Dwight Parson.

— As janelas são fechadas para que as pessoas não sintam o mau cheiro da cidade, Genina.

— Pois eu prefiro sentir o mau cheiro a morrer sufocada!

— Ouvi dizer que é possível esfriar o ar — comentou Jessamine, virando-se para Angel.

Com a boca cheia de grampos, Genny prendia os cabelos e tentava falar ao mesmo tempo.

— Seria muito caro... se fosse possível, Jessamine. Eu não acredito.

— Mas ouvi dizer e... Não é verdade, sr. Tulane?

Jessamine passara a considerar Angel Tulane a única autoridade sobre todos os assuntos.

— E verdade, dona Jessamine. E também custa uma fortuna, mas o café da manhã está mais ao alcance de nossas posses. O que acham de irmos para o salão?

Genny não poderia prever que as refeições iam se tornar momentos de profunda depressão. Embora Angel se esforçasse ao máximo para manter o bom humor das

duas, ela só pensava em Odessa ganhando fortunas em uma mesa de jogo e perdia seu costumeiro entusiasmo.

Depois do café, Angel e Jessamine levaram Beggar para dar um passeio no parque.

O almoço sem Odessa foi ainda mais deprimente.

Angel e Jessamine foram novamente passear com Beggar depois do almoço.

Pela primeira vez na vida, Genny perdeu a fome e não conseguiu jantar. Diante dos pratos requintados do restaurante do hotel, ela culpou Odessa por sua súbita falta de apetite.

Como gostaria de nunca ter encontrado aquele homem perturbador! Até a traição de Adam tinha sido menos dolorosa do que a deserção de Odessa. Por que não fora mais cuidadosa, protegendo melhor o seu coração?

Angel e Jessamine saíram com Beggar enquanto Genny lutava contra a depressão, com o rosto enfiado no travesseiro.

Quando Angel veio buscá-las, na manhã seguinte, Odessa ainda não tinha voltado. Nesse momento Genny começou a compreender a reação de seu pai após o desaparecimento de

Amélia.

— Sinto muito, papai — ela tentou conversar com um dos fantasmas de seu passado. — Desculpe-me por não ter entendido o seu sofrimento.

Na manhã do terceiro dia, Jessamine decidiu colocar um ponto final na apatia de Genny.

— Você está doente, Genina?

— Estou ótima, Jessamine. Você se preocupa muito comigo.

Jessamine aproximou-se de Genny, que estava sentada diante do espelho ainda de penhoar e colocou a mão na testa da jovem.

— Talvez você esteja com febre, criança. Acho melhor chamarmos um médico.

— Não há nada de errado comigo, Jessamine! — insistiu Genny, mas, arrependendo-se por ter sido ríspida, tentou falar com meiguice. — Estou apenas cansada. É compreensível, não acha? Tivemos problemas com Adam e estamos em uma cidade enorme a caminho de algum lugar onde só imaginamos que ele esteja!

— Você poderia viajar muito mais depressa se não fosse por mim, Genina.

— Nem pense nisso, Jessamine.

— Eu devia ter ficado em Cheyenne, com Betty Parson.

— Pelo amor de Deus, Jessamine! — exclamou Genny, à beira do descontrole. — Se você não tivesse me acompanhado, eu estaria até agora sentada na estação de St. Louis, sem coragem para dar um passo.

Envolvida pelos braços da amiga, Genny derramou o pranto contido por três longos dias. As lágrimas corriam em seu rosto enquanto Jessamine acariciava os cabelos da jovem que amava como uma filha.

— Não se desespere, querida. Nós duas estamos bem e tudo vai dar certo. Ânimo, Genina! Enxugue as lágrimas enquanto eu escovo os seus cabelos.

Genny obedeceu, com um suspiro de desânimo.

— As ruivas não deviam chorar mesmo nas situações mais difíceis — resmungou Genny, vendo seu rosto no espelho. — Estou com os olhos vermelhos.

— Não se envolva tanto nos problemas, Genina — interrompeu Jessamine. — O sr. McGowan sempre dizia que, às vezes, é necessário ser um pouco egoísta para refazer a própria vida. Quando chegarmos a Saratoga Springs, você precisa pensar em si mesma...

Genny estava convencida de que sua vida já teria sido destruída quando ela chegasse a Saratoga!

Ao ouvir uma batida à porta, Jessamine parou de escovar os cabelos de Genny.

— Deve ser Angel, vindo nos buscar para o café da manhã.

— Vou atendê-lo — disse Genny, resignando-se a mais uma refeição sem Odessa.

Ao abrir a porta, Genny viu apenas uma pilha de pacotes empilhados quase até o teto do corredor. Havia caixas vermelhas, cor-de-rosa, listadas de azul e branco, embrulhadas em papel de seda ou papel brilhante e com laços de fita de todas as cores do arco-íris.

O único sinal de que havia alguém atrás dos pacotes era um par de sapatos, impecavelmente engraxados.

— Angel? É você?

— Juro que não é o Papai Noel, dona Genny — respondeu ele dando uma gargalhada.

Genny amarrou melhor a faixa de seu penhoar com a determinação de um combatente que vai iniciar uma luta difícil.

— E o que significa isso, Angel Tulane?

— São pacotes, dona Genny.

— Eu posso ver que são pacotes, Angel! Quero saber para quem são e o que você está fazendo com eles.

— Não sei bem. Estes pacotes foram entregues na portaria do hotel e eu recebi um recado do recepcionista, pedindo-me que fosse buscá-los. São para o quarto 306, o seu quarto, dona Genny. Posso entrar?

Atônita, Genny inclinou-se para examinar os números de metal na porta de seu quarto.

— É evidente que houve algum engano — disse ela, impedindo Angel de entrar. — Pode levá-las de volta para a portaria. Só me faltava um processo por ter roubado... sabe Deus o quê!

— Sinto muito, dona Genny. O recepcionista também não vai querer estes pacotes porque se Deus não sabe, muito menos ele!

— Eu não estou achando graça nenhuma em suas piadas, Angel Tulane! — explodiu Genny, exasperada. — Leve-os para quem quer que for!

— Para quem quer que seja, Genny. — A voz de Odessa ecoou no corredor. — . Você nem parece uma professora! E também esqueceu-se de ser gentil. Saia da frente da porta e deixe Angel entrar.

Quando Odessa apareceu por detrás dos pacotes, Genny perdeu a voz. Ele estava usando um terno novo, de corte impecável, e uma camisa branca com botões de madrepérola. Nos punhos engomados, brilhava um par de magníficas abotoaduras de ouro.

As roupas velhas e antiquadas não tinham permitido que Genny percebesse a elegância inata e a distinção aristocrática de Odessa. Esquecendo-se de que decidira esquecer aquele homem e tirá-lo para sempre de sua vida, ela jogou-se em seus braços.

— Você voltou!

Odessa sentiu o corpo esguio colado ao seu, aspirou o perfume suave dos cabelos rebeldes e se desesperou. Como pudera passar três dias sem ter Genny em seus braços? Como suportaria viver o resto de seus dias longe dela?

— Não sei por que você se surpreende tanto quando eu volto — disse ele, feliz demais para pensar no futuro sombrio.

Afastando-se de Odessa, Genny finalmente percebeu que estava seminua.

— Não fiquei surpresa — declarou ela, fechando melhor o lençol.

— Como diz um velho ditado popular... longe dos olhos, perto do coração, querida — declarou Odessa, com um tom de voz professoral. — Vamos para o nosso quarto, Angel. Se ficarmos fora por mais tempo, acabarão alugando para outro hóspede.

A situação escapara ao controle de Genny, como sempre acontecia quando Odessa invadia sua vida e a impedia até de raciocinar. Vendo-o afastar-se em direção ao quarto, ela sentiu vontade de gritar:

"Esta é a minha vida, minha e de Jessamine! Ou você a partilha em todos os momentos ou desaparece de uma vez por todas!"

Mas Genny calou-se e as palavras que escaparam involuntariamente de seus lábios foram muito diferentes.

— Você está... — ela se recusava a dizer que o achava bonito. — Está com uma aparência ótima.

— Com efeito! — Os olhos de Odessa brilhavam de malícia. — Aposto que lhe custou muito criar coragem para me elogiar.

— Realmente, o esforço me esgotou, Odessa Gold!

— Você pode ficar sentada enquanto vê o que o Papai Noel trouxe.

Genny não teve tempo para dizer que nunca acreditara em Papai Noel, nem mesmo quando era criança, porque estava sendo conduzida para dentro do quarto onde Angel, igualmente rápido, já colocara os pacotes. Então notou que Odessa se movia com uma certa dificuldade.

— O que houve, Odessa? — murmurou Genny, mantendo a voz baixa para que os outros não a ouvissem. — Está ficando velho demais para agüentar três noites e três dias de orgia?

— Eu estaria em melhor estado — ele curvou-se e beijou disfarçadamente o rosto de Genny — se você tivesse sido minha companheira de orgia, querida.

Sentindo-se provocada, Genny deu uma cotovelada no estômago dele e assustou-

Cartas da Sorte

Linda Shaw

se quando o viu empalidecer. Examinando-o com mais atenção, notou as linhas marcadas em torno da boca. Algo estava muito errado com Odessa Gold!

Angel espalhara os pacotes pelo quarto e havia caixas sobre a cômoda, em cima da cama e no chão. Subitamente, Genny compreendeu o que estava acontecendo e começou a tremer de raiva.

— Você comprou tudo isto para nós, Odessa? — perguntou Genny, sacudindo uma das caixas diante dele.

O sorriso malicioso foi mais expressivo do que qualquer resposta e Genny largou o pacote como se o papel queimasse suas mãos. Quantos presentes ela aceitaria antes de recuperar a dignidade?

— Eu estou boquiaberto, Genny — continuou ele, sorrindo. — Nunca encontrei uma mulher que precisasse ser forçada a abrir um pacote do Simon's. Só você, querida...

Genny afastou-se da cama, lutando contra a tentação. Ignorando deliberadamente a reação dela, Odessa começou a abrir uma das caixas.

— Hoje é o dia dos velhos ditados. — Ele rasgava o papel com gestos rápidos. — Quem quer vai, quem não quer manda!

Odessa tomara a iniciativa e Angel o imitou, colocando um pacote no colo de Jessamine.

— Algo bonito para uma bela dama — disse ele, pousando as mãos de Jessamine sobre o laço de fita para que a velha senhora pudesse soltá-lo.

— Oh, meu Deus! — exclamou Jessamine com um entusiasmo tal, que a irritação de Genny chegou a um ponto intolerável.

Atravessando o quarto com passos firmes, Genny segurou o ombro da amiga.

— Não, Jessamine! Você não pode... nós não podemos aceitar.

— Dai-me paciência, Senhor! — disse Odessa, erguendo os olhos para o teto. — Toda a paciência que estiver sobrando no reino dos céus, Senhor!

Ele retirou de uma das caixas uma saia de tecido indiano, leve e esvoaçante. Genny cerrou os punhos quando Odessa girou no ar a mais linda peça de roupa que ela já vira em toda a sua vida.

Mas Odessa era implacável! Será que aquele homem não tinha nem um pinga de vergonha? Como ela desejava tocar o tecido que parecia flutuar como espuma e tinha o brilho delicado das pérolas!

— Que beleza! — exclamou ele, retirando uma blusa branca com uma delicada gola de renda. — Será que fui eu mesmo quem comprou esta peça? Logicamente, tive que calcular o tamanho, mas acho que acertei. Também não errei ao decidir que devíamos nos ater a saias e blusas até encontrarmos a modista...

— Uma modista? — gritou Genny, prestes a ter uma crise de histeria. — Você enlouqueceu?

Angustiada, ela sentou-se na beira da cama, e Odessa, impiedoso, colocou a saia e a blusa em seu colo. Genny sentiu que estava mergulhando num abismo sem fundo. Subitamente, viu Amélia desejando o impossível, viu a si mesma em lugares que não

tinha direito de freqüentar e quase perdeu o controle.

Genny desejava aquelas roupas como nunca desejara nada em toda a sua vida. Tinha vontade de demonstrar sua gratidão a Odessa por ter recebido presentes escolhidos com tanto esmero, mas... não podia aceitar. Como sobreviveria quando ele a deixasse para retornar ao mundo que lhe pertencia?

— Onde conseguiu dinheiro para comprar tudo isto, Odessa?

— Não tem imaginação, Genny?

Odessa não se virara para responder, mas sua voz era claramente ameaçadora.

Uma tensão palpável tomou conta do quarto. Genny e Odessa se enfrentaram como dois oponentes que tinham começado a brigar por brincadeira e, subitamente, se encontram lutando pela própria vida.

— Eu sinto muito, Odessa — declarou Genny, forçando-se a desprezar um homem que ganhava dinheiro no jogo. — Nós não podemos aceitar.

Um soluço escapou dos lábios de Jessamine, e Genny aproximou-se da amiga, sentindo-se uma criminosa.

— Eu tentei explicar, Jessamine...

Jessamine não estava mais sentada com as costas eretas. Com o rosto molhado de lágrimas, ela segurava um par de botinhas de pelica, delicadamente femininas e tão diferentes das botinas que ela herdara do falecido marido de Betty Parson.

Genny nunca vira sua amiga chorar e sentiu ódio de si mesma e de Odessa. Aproximou-se dele, decidida a se proteger de sofrimentos futuros.

Mas Odessa também estava pronto para a luta e descobrira que tinha uma aliada.

— Você está querendo me dizer que Jessamine deve se privar de um prazer tão inocente só porque eu não recebi esse dinheiro de uma instituição de caridade, Genny?

— Não é justo! Você sabe que sou contra qualquer tipo de jogo!

A expressão tempestuosa de Odessa prometia uma batalha sem quartel, mas Genny tivera uma vida muito dura e acreditava que saberia se defender.

— A sua oposição ao terrível vício do jogo só provocou remorsos hoje, Genny. Esqueceu-se desse detalhe quando precisou de dinheiro para a passagem de trem?

— A situação era diferente!

— Pois eu não vejo a menor diferença.

Odessa segurou o queixo de Genny e entreviu no rosto da mulher a garota que ela tinha sido. Imaginou a menina, sempre se decepcionando com a vida e com todos, recusando-se a se dar por vencida e continuando a lutar.

Sem o saber, Genny estava derrubando, uma a uma, as barreiras que ele erguera em torno de seu coração, como defesa. Quando a última ruísse, ele ficaria à mercê do mundo hostil... e à mercê de Genny Carlyle.

A dor latejante em sua perna obrigava-o a lembrar-se a que extremos chegariam seus inimigos. Hodges queria forçá-lo a falar, McFee e Platt precisavam ter certeza de que ele jamais falaria. Mas não podia revelar a verdade e, derrotado, virou o rosto.

Sentindo a rejeição de Odessa, Genny empurrou-o para chegar até Jessamine, e ele oscilou, soltando um gemido de dor.

— O que aconteceu? — Ela segurou-o pelo braço, assustada.

— Nada de muito grave — murmurou ele, com a voz alterada.

— Tem certeza? — Genny tocou o interior da coxa de Odessa e viu a dor estampar-se em seu rosto. — Você está ferido! Angel! Sabia disso e não me contou?

Enquanto Genny parava diante de Angel, Odessa aproximou-se de Jessamine.

— Se você não parar de chorar, vou levar essas botas ao homem que as vendeu, Jessamine. Direi que elas provocaram muita tristeza em quem as recebeu de presente.

— Tenha cuidado, sr. Gold. — Jessamine segurava as botas junto ao peito. — Sempre fui conhecida como sendo uma pessoa que é contra todo o tipo de violência. Mas, se tentar tocar no presente que me deu, não me responsabilizo pelos meus atos!

— Ninguém vai levar suas botas embora, Jessamine — disse Genny, com firmeza. — Preciso de um favor seu, Angel. Fique aqui enquanto eu e Odessa...

— Sim, dona Genny? — Angel a fitava, sem disfarçar a malícia.

Genny percebeu que se colocara em um beco sem saída e que Odessa estava se divertindo com a sua situação, mas não pretendia voltar atrás.

— Faça companhia a Jessamine enquanto eu e Odessa tratamos de negócios.

Um dos talentos de Angel era a descrição. Com toda a rapidez, ele separou alguns pacotes e os entregou a Genny que já saía do quarto empurrando Odessa.

— Acho que precisará do que está nestas caixas — disse ele, muito sério. — Será útil quando... terminar os... negócios, dona Genny.

Genny gostaria de estar decentemente vestida para enfrentar Odessa com mais segurança, mas, como sempre, não pensara nas consequências e agora não pretendia lamentar sua impulsividade. Ao entrarem no quarto, porém, notou a expressão de triunfo no rosto dele e admitiu que fora mais imprudente do que imaginara e dera margem à interpretação errada de seus motivos.

— Pode esquecer o que está pensando, Odessa Gold! — declarou ela rispidamente, enquanto colocava sobre a cômoda os pacotes que Angel lhe entregara. — Nós dois temos assuntos muito sérios a resolver.

— Garanto-lhe que Angel está tendo pensamentos bastante libertinos a respeito de suas intenções em relação a mim, querida. Ele certamente imaginou outro tipo de "negócios"!

— Já percebi que está havendo uma verdadeira epidemia de "pensamentos libertinos" em nosso meio. Tem tirado a sua temperatura ultimamente, Odessa? Você é o mais afetado por essa moléstia.

— E, infelizmente, você não foi sequer contagiada, minha querida professora. É hora de agradecer aos céus por sua saúde de ferro. Tem uma imunidade perfeita!

— Odessa! — Com as mãos na cintura, Genny parou diante dele. — Há muito tempo venho querendo lhe dizer que você é a pessoa mais impertinente do mundo! Além de ser teimoso, insolente e não respeitar religião, leis ou moral!

— Ainda bem que , você me conhece tão a fundo, Genny Carlyle. Nunca

precisarei pedir desculpas por tê-la iludido.

Genny aprendera a ser honesta consigo mesma e jamais responsabilizaria Odessa por um passo que dera com os olhos bem abertos. Ele não a forçara a nada e também viera para aquele quarto de livre e espontânea vontade, usando apenas um leve penhoar sobre a pele nua. A culpa era toda sua e enfrentaria as conseqüências com determinação.

— Tire as calças, Odessa.

— Aleluia! Eu já havia desistido de ouvir essas palavras milagrosas.

— Você sabe muito bem qual é o sentido das minhas palavras. — Enrubescendo, Genny tentava mostrar-se fria e eficiente. — Quero ver o estado de sua perna.

Disposta a não se descontrolar com as insinuações maliciosas nem acreditar no pretenso desapontamento de Odessa, Genny permaneceu parada, com as mãos na cintura, esperando que ele se despisse. Então, ao constatar a extensão do ferimento, perdeu a calma e a eficiência.

— Meu Deus! O que você fez? Trapaceou no jogo?

— Eu viveria bem melhor sem o seu senso de humor venenoso, Genny Carlyle.

Na verdade, Odessa sentia-se extremamente aliviado por não precisar mais fingir. Sua perna recomeçara a latejar e ele já não agüentava manter o sorriso vitorioso do guerreiro que retorna dos campos de batalha, carregado com os espólios de guerra.

— O único trapaceado nesta história foi o carrasco que não poderá enforcar o maldito que me feriu.

— E quem foi esse... maldito?

Forçando Odessa a deitar-se na cama, Genny ajoelhou-se ao lado dele. Suas mãos tremiam ao soltar as ataduras, feitas de tiras rasgadas de um lençol.

— Então? Quem o feriu, Odessa?

A expressão de teimosia no rosto de Odessa indicava claramente que aquele assunto estava encerrado. Agora ele queria apenas saborear a visão do corpo de Genny, sentir o toque suave de suas mãos e se perder na doçura infinita de seu sorriso. A simples proximidade daquela mulher era mais balsâmica do que qualquer remédio.

Subitamente, ele revoltou-se contra o destino que lhe roubava um futuro de felicidade. Tinha que existir algum modo de escapar daquele pesadelo e de livrar-se da sombra sinistra de seu passado. E se subornasse alguém, mudasse novamente de nome e saísse do país? Não teria o direito de viver, sem medo, ao lado' dessa mulher?

— Talvez haja uma infecção, Odessa — murmurou ela, apalpando a pele ao longo do ferimento. — Você precisava ter dado alguns pontos porque o corte é bem extenso.

— Não creio que seja uma decisão prudente, no momento, srta. Florence Nightingale. — Ele mal conseguia conter o desejo de tomar Genny nos braços. — Basta trocar o curativo.

— Pelo menos, desinfetou o ferimento?

— Tomarei providências..., mais tarde.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Mais tarde? — Erguendo-se, Genny o enfrentou com o dedo em riste. — Acha que pode ignorar um ferimento desse tipo, Odessa? Acha que basta esperar e um milagre acontecerá? Temos que procurar um médico...

— Não! Nada de médicos!

Odessa não pretendia correr o risco de revelar a qualquer outra pessoa que fora ferido em uma luta. Um médico faria perguntas demais e, mesmo se não as respondesse, seria impossível enganá-lo. Ele sabia que, muitas vezes, o comentário casual de alguém que não está envolvido no caso fornece uma pista vital e temia ser encontrado por seus inimigos antes de estar pronto para enfrentá-los.

— Você estará ajudando muito se trocar o curativo, querida. Sobrevivi a situações muito piores na prisão.

— Mas... como aconteceu? — insistiu Genny, inconformada. — Quem...

— Um cachorro raivoso me atacou de surpresa.

— Sem dúvida! — exclamou ela, preparando-se para limpar o ferimento. — E eu sou a rainha Vitória, sabia?

Com o desembaraço de quem está habituada a se utilizar de ataduras improvisadas, Genny rasgava em tiras um par de ceroulas de Angel.

— Meu pobre amigo vai ter uma surpresa desagradável — comentou Odessa quando Genny já terminava o curativo.

— Estou mais preocupada com uma possível infecção, meu caro sr. Gold. Irei até a portaria para saber se podem me arranjar uma caixa de primeiros socorros.

— Vai... assim mesmo?

Ela se esquecera por completo de que não estava decentemente vestida. Num gesto automático de proteção, fechou melhor o penhoar que se entreabrira enquanto cuidava de Odessa.

— Onde posso vestir-me? Em meu quarto há uma alcova...

— Que não existe "neste" quarto, Genny querida — interrompeu Odessa, com um sorriso malicioso. — Pode vestir-se em qualquer lugar... desprotegido.

— Você é mesmo incorrigível. Não me trocarei na sua frente, em hipótese alguma!

— Prometo que ficarei de olhos fechados. Dou-lhe minha palavra de honra.

— Pois eu acredito em sua honra tanto quanto...

Embora ela não o tivesse mencionado, o nome de Adam pairou no quarto subitamente silencioso. Perturbada por ter evocado aquela lembrança desagradável, Genny escondeu-se atrás de uma poltrona e, sem insistir mais em uma privacidade impossível, começou a vestir a saia.

— Se você abrir a caixa menor, encontrará algumas outras... intimidades.

Genny descobriu, embaraçada, que as outras "intimidades" eram roupas de baixo da mais delicada renda cor de champanhe. Ao pensar em Odessa escolhendo aquelas peças íntimas de insinuante sensualidade, ela sentiu o coração bater mais rápido e a respiração se alterar.

— Você tem... muito bom gosto — disse Genny, fascinada com o corpete frágil

como uma teia. — São lindas.

— Concordo plenamente com você.

Olhando por cima do ombro, Genny viu que Odessa fitava suas costas nuas com uma expressão de intenso desejo.

— Você deu a sua palavra de honra!

— Eu não tenho honra quando estou a sós com você, Genny.

— Por favor, Odessa. — Tentando, em vão, cobrir os seios nus com o corpete transparente, Genny virou-se para ele. — Nós dois sabemos o que acontecera se... perdermos o controle de nossas emoções. Não será um ato desculpável, como da... outra vez, quando fomos surpreendidos...

— Só penso em você há dias, Genny — murmurou Odessa, aproximando-se dela.

— Passo as noites acordado, lembrando cada detalhe de seu corpo e, quando adormeço, sonho que a tenho novamente em meus braços.

— Então, precisamos ser ainda mais sensatos e fugir dessa tentação. — Genny perdia, aos poucos, as forças para continuar resistindo. — Eu não vim até seu quarto para destruir o que resta da minha dignidade, Odessa. E verdade, eu...

Odessa queria esquecer, mais uma vez, as decisões solenes que tomara a respeito de Genny e se revoltava com sua falta de integridade. Seria tão fraco que não conseguia controlar o desejo físico? Era tão incapaz de se privar do prazer de possuí-la, sabendo que precisava afastar-se dela para mantê-la protegida?

— Qual é a verdade, Genny? Eu cansei de procurar e nunca a encontrei. Já nem sei se existe...

Genny leu no rosto de Odessa a mesma incompreensão maravilhada que ela sentia diante de um desejo ardente demais. Seus dedos se entreabriam ansiosos por soltar o frágil corpete que escondia sua nudez e todo o seu corpo ansiava pela paixão.. Fizera tantas promessas a si mesma e agora não encontrava forças para cumpri-las.

— Você não pode imaginar como os olhos dos homens, isolados em uma prisão, anseiam por um pouco de beleza, Genny. Qualquer um deles seria capaz de matar para ver, nem que fosse por um segundo, o esplendor de sua nudez. — Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios de Odessa. — Quando o desejo é infinito, chega a doer...

Se ao menos Odessa acreditasse que o desejo conduziria ao amor! Se ao menos percebesse o quanto ela o amava! A vida só teria sentido se fosse partilhada com ele.

Genny foi mais uma vez honesta consigo mesma e aceitou o presente que o destino lhe oferecia. Segurando as mãos de Odessa, que se estendiam para ela, colocou-as sobre seus seios.

— Nós não devíamos.., não podíamos ser tão fracos...

— Eu sei, querida.

Desde a tarde na colina banhada pelo sol poente, os dois lutavam contra o desejo que os dominava, mais forte do que a vontade. Estavam protegidos pelo aconchego de um quarto e ansiosos por redescobrir o prazer de se amarem.

Odessa queria conduzir aquela jovem ainda inexperiente pelos caminhos da paixão, ensiná-la a descobrir a volúpia e trazer à tona uma sensualidade que ela

ignorava existir em seu íntimo.

E Genny entregou-se, sem medo. Ela não estava mais diante de um mistério sedutor e inquietante, queria se perder na paixão que apenas começara a descobrir. O destino cruzara seus caminhos e Odessa surgira em sua vida para transformá-la em uma mulher realizada.

Ela pressentiu que os beijos seriam diferentes, mais intensos, mais possessivos. Adivinhou que as carícias seriam mais ardentes, mais ousadas. Sentindo o abandono de Genny, Odessa não se impôs limites e liberou todo o ardor que até então refreara.

— Diga o que você quer, Genny.

— Eu quero você...

A cada carícia, Odessa afastava mais um dos véus que encobria a mulher escondida no íntimo de Genny. A cada inibição desfeita, ela sentia-se mais perto de sua própria feminilidade.

Nas mãos de Odessa, Genny descobriu o vigor da paixão que derrotava a sua timidez e a transportava para um mundo de sensações intensas e embriagadoras. Ela sentiu que flutuava em direção ao brilho irradiante do sol, sempre mais alto e sempre mais livre.

— Feche os olhos e me ame, Genny. Não pense em nada, apenas sinta...

No alto do prédio da Western Union, os fios de telegrafia cruzavam a Broadway, formando no céu o desenho de uma imensa rede de pescador.

Odessa preferiu não usar o telégrafo do hotel para não chamar a atenção sobre si. A sua segurança dependia do anonimato e, quanto menos soubessem de sua verdadeira identidade, menores riscos ele e Genny correriam.

O saguão de atendimento da central dos telégrafos estava sempre cheio de pessoas escrevendo mensagens nos inúmeros balcões e Odessa esperou algum tempo na fila para ser atendido.

— Quero enviar um telegrama para Albany.

Um velho, com um tufo de cabelos brancos comicamente arrepiados, preparou-se para anotar a mensagem.

— É para Morgan Goldman, em Albany.

— Pode ditar a mensagem, senhor.

— "Estarei no Waldorf-Astoria na sexta-feira. Gostaria de revê-los."

— Só isso, senhor?

— Sim.

— E como deve ser assinado?

Suspirando, Odessa criou coragem para assumir aquela decisão. Ele desejava desesperadamente reencontrar os pais e, ao mesmo tempo, envergonhava-se de seu passado.

— Andrew. Envie o telegrama em nome de Andrew...

Após pagar, Odessa sentiu um inesperado alívio. Não adiantava mais se arrepender porque não seria possível voltar atrás.

Na época em que Genny descobriu a Quinta Avenida, Manhattan já estava há alguns anos sob a rígida tutela de Caroline Astor.

Ela herdara de seus ancestrais holandeses, os Schermerhorfl, um rosto sem grandes atrativos e um corpo pesado e de ossatura volumosa. Pouco dotada pela natureza, Caroline Astor dedicou-se a uma cruzada pessoal quando casou-se, por dinheiro, com William Backhouse Astor.

O problema da sra. Astor era o número excessivo de milionários em Nova York. A maioria dessas grandes fortunas pertencia a novos ricos e sua ostentação irritava Caroline Astor. Possuir uma cara carruagem, morar acima da rua Bleeker, freqüentar a Grace Church, ter uma casa no campo além da mansão na cidade e oferecer festas luxuosas não significavam um acesso obrigatório à elite da sociedade.

Manipulando a imprensa e gerindo astutamente a fortuna do marido, Caroline Astor conseguiu ser conhecida nas altas esferas como a "Rainha Americana". Ela era, na verdade, uma tirana que controlava a sociedade, desde a determinação da colher de sal mais adequada a um jantar à exclusão do venerável comodoro Vanderbilt, J. P. Morgan e John D. Rockefeller de seu círculo de amizades selecionadas.

Na vida da sra. Astor e de seus amigos, as festas, os jantares e os bailes ocupavam o lugar principal. Nas noites de segunda-feira, todos iam à ópera e depois ceavam no tradicional Delmonico. Nas terças, Caroline Astor oferecia jantares com dez pratos, servidos em sua baixela de ouro que diziam ter custado uma fortuna incalculável. Alguns felizardos eram convidados por ela e os excluídos chegavam a pensar em suicídio.

Genny tinha uma noção muito vaga dos hábitos dos milionários nova-iorquinos porque raramente lia esse tipo de notícias nos jornais.

"Quando se está morrendo de fome, não há o menor interesse em saber qual é o garfo correto para comer lagostas."

Mas Genny aprendia com muita rapidez e, ao chegar a Nova York, começou seu aprendizado intensivo sobre a sociedade do Leste. Em poucas semanas, ela aprendeu que os verdadeiramente ricos moravam nas ruas entre Washington Square e Madison Square.

Ela misturou-se aos turistas que vinham de todo o mundo para admirar os magníficos sobrados de tijolinho com grades de metal dourado. Como tantos outros, ficou boquiaberta diante da vitrine da Tiffany e de dezenas de outras lojas de jóias que ofereciam suas magníficas criações a uma elite privilegiada. Afinal, Caroline Astor e suas amigas só se apresentavam em sociedade cobertas por milhares de dólares em brilhantes.

A Quinta Avenida era um espetáculo único. Em suas amplas calçadas, batedores de carteiras, donos de bordel e indivíduos de aparência suspeita misturavam-se a cavalheiros elegantes, cujas fortunas não podiam mais ser medidas, e suas mulheres, que desfilavam como modelos vivos de requinte ou ostentação.

— É inacreditável, Jessamine — comentou Genny, fascinada com tanto luxo

reunido em tão poucas quadras. — Você não acredita...

Mas Jessamine sentia a vibração daquele mundo irreal, enquanto os quatro caminhavam pela avenida mais rica do mundo.

— Conte-me o que está vendo, Genina. Descreva tudo!

— Não sei se terei condições — disse Genny, incrédula. — Deve haver milhões de dólares em rendas só nas anáguas dessas mulheres! E com os brilhantes que elas usam seria possível alimentar todo o Wyoming pelo resto da vida!

Odessa pediu a Angel que lhes conseguisse uma carruagem e depois que os quatro se acomodaram tentou trazer Genny de volta à realidade.

— Nova York é uma cidade de extremos, Genny. Existe a Quinta Avenida e... o resto do mundo. Existe a vida faustosa que você pode ter se casar com um milionário e uma existência à margem de tudo.

— Antes do Wyoming... — Genny tentava encontrar as palavras certas para formular sua pergunta — você vivia entre os freqüentadores da Quinta Avenida ou como o resto do mundo, Odessa?

— Nós vivíamos bem. — Ele sorriu, sem rancor. — Mas a minha família enriqueceu por meio do trabalho e quem precisa ganhar a vida não é bem recebido nesse Olimpo dos privilegiados.

Preocupado com a pergunta de Genny, Odessa dirigiu-se a Angel, que arrumava melhor o xale de Jessamine.

— Peça ao cocheiro que nos leve à rua Dezoito, Angel.

— Tem certeza de que quer ir até lá, Odessa?

— Certeza absoluta, Angel. Quero que Genny saiba como vive... o resto do mundo.

Em apenas algumas quadras, o cintilante reino de Camelot desapareceu como uma miragem e transformou-se num mundo sórdido. As imponentes mansões de tijolinho eram apenas uma lembrança vaga nas ruas escuras, ladeadas por cortiços sem vidro nas janelas e onde dezenas de famílias dividiam sua pobreza.

Crianças pálidas brincavam nas ruas em que o sol não entrava e os ratos transitavam livremente entre as pilhas de lixo acumuladas nas calçadas.

Nesse mundo que lutava para ganhar cada mísero centavo, a extravagância e a inconsciência da elite dourada de Caroline Astor passavam a ser crimes sem perdão.

Naquele dia, Genny descobriu a Quinta Avenida e concluiu que sua ingenuidade de garota do Wyoming era uma bênção.

Quando o luxuoso conjunto de doze malas foi entregue a Genny por um rapaz de libré de veludo, ela já sabia que não adiantava recusar-se a recebê-las. Com uma expressão de quem pretende iniciar uma guerra, foi até o quarto de Odessa e suas batidas à porta acordariam um morto.

— Você pode me explicar o significado de sua última loucura? — esbravejou ela, quase encostando a nota de entrega no nariz de Odessa.

— Ah! Então as malas chegaram?

Odessa deu um de seus habituais sorrisos irritantes.

— São doze! Uma dúzia de malas extremamente luxuosas! Você enlouqueceu? Diga o que eu poderei colocar em doze malas imensas, *Odessa Gold*!

Sempre sorrindo, Odessa apanhou o chapéu e puxou Genny para fora de seu quarto.

— Venha comigo e você descobrirá, minha querida srta. Carlyle.

CAPÍTULO 13

Na verdade, ninguém poderia contestar, existiu uma disputa. Lanouette era o grande costureiro de Nova York. Quando Ava Vanderbilt ofereceu um baile a fantasia para provocar o despeito de Caroline Astor, ele manteve cento e cinquenta costureiras, trabalhando dia e noite, para dar conta das encomendas.

Madame Louise Desmond sentia-se injustiçada pelo destino. Embora fosse tão talentosa e competente quanto Lanouette, era ele quem recebia os elogios e as encomendas dos Vanderbilt e seu grupo de amigos privilegiados.

Ela sabia que precisava apenas de uma mulher especial, aquela cliente que aparece só uma vez na vida. Essa criatura que realizaria o milagre continuava escondida, mas Louise não perdia seu inabalável otimismo. Enquanto esperava pelo dia em que a fama lhe abriria as portas, transformava damas com silhuetas semelhantes a navios de guerra em visões de encantadora leveza.

Genny parou diante da janela de Madame L. e sentiu o pânico aumentar.

O interior da loja fora criado para transmitir a atmosfera lânguida e aconchegante de um café parisiense. Mesas com toalhas de colorido pastel flanqueavam o tapete oval, onde os modelos apresentavam as criações de madame Desmond. As clientes tinham tempo para escolher novas peças para seus guarda-roupas, tomando chá e comendo *petit-fours* em delicadas peças de porcelana chinesa.

As mais recentes revistas de moda estavam sobre mesinhas de apoio e, em cestas de junco, displicentemente colocadas no chão, misturavam-se rendas delicadas, botões preciosos como

jóias e contas brilhantes, numa encantadora desordem que visava atrair os olhares das clientes.

— A loja está cheia demais — declarou Genny, enfaticamente, tentando puxar Odessa para longe da porta. — Acho melhor voltarmos num outro dia. Beggar precisa fazer seu exercício diário e, caso não tenha notado, Jessamine já gastou toda a lã azul...

Odessa nunca encontrara antes uma mulher tão determinada a permanecer na obscuridade. Segurando-a firmemente pelo ombro, impediu Genny de mudar de calçada.

— Preste atenção, Genny — disse Odessa, capturando também a atenção dela. — Não se lembra mais de Adam Worthington? Esqueceu-se de Mary Faye?

— Você é um homem demoníaco, Odessa Gold! Decididamente satânico!

— Eu sei. Mas enquanto não desapareço numa nuvem de enxofre, precisamos pensar em sua entrada na sociedade. Quando Adam descobrir que perdeu uma mulher tão fascinante, desejará se matar.

— Só espero que ele devolva o meu dinheiro antes de morrer.

— Então, mexa-se! — ele começou a empurrá-la de volta à loja.

Nos últimos dias, Odessa forçara-se a encarar a realidade. Embora Genny fosse encantadora, estava muito longe de ser uma beldade fascinante e precisava de muito polimento para se enquadrar nos padrões sofisticados de Saratoga Springs.

Os dois evitavam mencionar o que aconteceria depois que o problema de Adam fosse resolvido, por medo de provocar uma verdadeira guerra entre eles. Entretanto, a possibilidade de Genny encontrar um marido rico e a necessidade de Odessa abandonar as mesas de jogo para reiniciar sua carreira de artista estavam sempre presentes na mente de ambos.

— *Entrez, mademoiselle.* — Abrindo a porta, Odessa curvou-se com exagerada galanteria diante de Genny.

O som cristalino de uma sineta anunciou a entrada dos dois e meia dúzia de cabeças femininas se viraram para a porta.

Por uma fração de segundo, reinou um silêncio absoluto, semelhante ao que ocorre quando uma peça de valor inestimável se espatifa no mármore do chão. As mulheres permaneceram imóveis, com as xícaras de chá erguidas no ar e apenas seus olhos se moviam, trocando olhares de desagradável cumplicidade.

O momento de constrangimento passou tão rapidamente que parecia não ter acontecido. Restaurara-se a normalidade, as conversas se reiniciaram e os sons das xícaras de porcelana tocando os pires voltaram a se mesclar às vozes polidas das mulheres.

Mas Genny sabia que fora medida da cabeça aos pés, avaliada pelos padrões de aceitação daquelas mulheres e considerada inaceitável. Não pertencia àquele mundo e não a receberiam em seu fechado círculo social.

— Por favor, Odessa... — murmurou ela, aflita. — Vamos embora...

Odessa já perdera a conta das vezes em que fora rejeitado por não pertencer a grupos sociais diferentes do seu. Embora não ignorasse como Genny estava se sentindo, também sabia que aquele passo era vital se ela desejava realmente atingir seu objetivo.

— Você é melhor do que todas, Genny — murmurou ele, baixinho. — Coragem! Elas estão morrendo de inveja, por isso não deixe transparecer a sua insegurança.

Genny não podia dizer que não tinha a mesma força de Odessa e que preferia não forçar sua entrada em um mundo hostil.

— Oh! *Ma petite!*

O grito ecoou na pequena sala de entrada e, ao virar-se para trás, Genny viu uma senhora baixinha e gorducha correr em sua direção com os braços abertos.

— *Entrez! Entrez!*

Quando Genny e Odessa entraram, madame Desmond ergueu a cabeça e analisou a possível cliente com o olhar de um artista diante da tela vazia onde se criará a obra-prima.

— Fantástico! — exclamou madame, examinando Genny, de alto a baixo. — Como conseguiu essa silhueta esplendidamente delgada? E essa ossatura perfeita?

— Passando fome — respondeu Genny, sem pensar.

Madame começou a rir, certa de que ouvira uma piada, mas duas clientes, bem mais espertas, levantaram-se com uma expressão de horror em seus rostos altivos. Depois de apanharem suas sombrinhas, partiram, lançando um olhar de desprezo para a criatura que maculara um santuário de polidas damas com seu humor vulgar.

A saída acintosa das duas mulheres perturbou Genny a tal ponto que ela mal prestava atenção nas palavras de madame Desmond. A modista estava apresentando-a a *Lady Eleanor Bentley*, uma jovem vestida de branco da cabeça aos pés e que carregava uma delicada Bíblia, em couro também branco com um marcador de fita dourada.

Lady Bentley comportava-se com a fragilidade etérea de quem vive no paraíso e está apenas de passagem pela terra, para uma breve visita.

Genny talvez tivesse gostado de conversar com a outra jovem, chamada Priscilla e com a expressão tímida de um ratinho assustado, se *lady Bentley* não chamasse sua atenção. A donzela vestida do mais puro branco estendia a mão languidamente para Odessa e se dirigia a ele com uma voz de insuportável doçura.

— É realmente um prazer conhecê-lo, sr. Gold. A sua alma está salva?

Como o mais servil dos cortesãos, Odessa se curvou para beijar a alva luva de *lady Bentley*!

— Sinto dizer-lhe que estou precisando urgentemente ser salvo, *lady Bentley*. — Dirigindo-se também com cortesia a Priscilla, ele prosseguiu: — Por acaso, é parente dos Hairold Davenport de New Haven, srta. Davenport?

Depois de declarar que não tinha nenhuma ligação com essa família, Priscilla afastou-se para escolher uma das fitas coloridas, colocadas por madame Desmond em uma mesa mais distante. Mas *lady Bentley*, sentindo-se diante de uma inesperada e bem-vinda tarefa missionária, preparou-se para enfrentar o demônio em uma batalha de vida e morte pela salvação da alma de Odessa. Com um sorriso beatificado, ela entregou-lhe um cartãozinho com um verso das Sagradas Escrituras.

— É apenas uma lembrança, sr. Gold. Deus o abençoe...

— Agradeço seu desvelo, *lady Bentley*. — Ele curvou-se como se estivesse diante de uma rainha.

Irritada, Genny convenceu-se de que estava mesmo em um mundo ao qual jamais pertenceria e dirigiu-se a madame Desmond.

— Nós estávamos apenas olhando as...

As suas palavras não foram ouvidas por madame, que batia palmas e dava ordens em francês.

— Henriette! Venha depressa! *Vüe, vite!* — Voltando-se para Odessa, ela continuou a demonstrar um entusiasmo surpreendente. — O senhor veio ao lugar certo! Eu a transformarei em uma beldade que será invejada por todas as mulheres. Uma pele de porcelana, ossatura perfeita.., não concorda comigo, *monsieur?* Verde! Verde é a cor dela, mas, com exceção de marrom, creio que todas às cores... Henriette!

Genny não poderia saber e Odessa tinha condições apenas de suspeitar que Louise Desmond encontrara sua "mulher especial". Com a percepção intuitiva de uma verdadeira artista, bastara-lhe um olhar para perceber que a cliente pela qual esperara durante toda a sua vida profissional acabara de entrar na loja.

Se ela nunca mais costurasse uma única peça de roupa para *lady* Bentley, se a desdenhosa Tennessee MacFarland e sua venenosa amiga Marie não retornassem jamais a sua loja, o seu futuro estaria garantido. Genny era a cliente perfeita que lhe abriria as portas da fama!

— Explique que não vamos encomendar um guarda-roupa novo! — sussurrou Genny, irritada com a displicência de Odessa, que se deixava levar pela envolvente madame Desmond. Louise Desmond os conduziu a uma saleta especial, reservada para os clientes mais importantes. Cortinas de veludo azul protegiam essa alcova de olhares indiscretos, isolando-a do resto da loja.

— Sentem-se, por favor. Henriette! Traga chá para nossos convidados. — Ela sorriu para Genny, que continuava em pé.

— Sra. Gold? Prefere a cadeira ao lado de seu marido?

Horrorizada, Genny percebeu o compreensível engano de madame e seu embaraço aumentou diante da desatenção de Odessa, que não desfizera o mal-entendido.

— O sr. Gold não é meu marido.

Genny reconheceu, tarde demais, que tinha cometido mais um pecado social. Madame controlou rapidamente seu espanto, pois quando se trata de ambição as virtudes antiquadas não contam. Se os homens precisam ter amantes, o sr. Gold demonstrava possuir um bom gosto invejável!

— *Certainement* — declarou madame, com o ar despreocupado de quem não condena ligações ilícitas.

Entretanto, Louise Desmond fechou com mais ímpeto as cortinas que os separavam da salas onde ficavam suas outras clientes.

Durante duas horas e meia, a modéstia de Genny foi sistematicamente demolida.

Depois da saída das outras clientes, madame trancou a porta da frente e colocou um cartaz, dizendo que a loja permaneceria fechada pelo resto da tarde. Então, abriu as cortinas entre as salas, espalhando por toda a parte os cortes de tecido que retirava das prateleiras. Sobre o tapete, nas cadeiras e mesas, dentro da alcova reservada e na saleta de entrada desenrolavam-se metros de suntuoso brocado azul, de cetim pérola, de gaze rosa e de organza verde. Havia também tafetás, veludos e diáfanos algodões floridos em todas as cores do arco-íris.

Enquanto Genny permanecia sobre o banquinho, sendo medida de todas as formas possíveis, Henriette tentava passar para o papel, rapidamente mas com resultado patético, as idéias de madame.

Então, Odessa pediu lápis e papel e começou a desenhar os modelos sugeridos pela modista. Ele inclinara a cadeira, apoiando-a precariamente na parede e madame

Cartas da Sorte

Linda Shaw

ficou à espera do momento em que sua frágil e preciosa peça de antiquário racharia com o peso daquele homem alto.

Os desenhos de Odessa caíam no chão com a rapidez das folhas de uma árvore que é despojada de sua ramagem pelo outono. Curiosa, Henriette apanhou um dos papéis e não conteve uma exclamação de espanto.

Alerta, madame virou-se para sua assistente, que lhe entregou uma pilha de desenhos e também demonstrou sua admiração.

Odessa retratara Genny usando os trajes que madame Desmond sugerira. Com um gracioso conjunto para jogar tênis, semelhante à roupa de um marinheiro, com um elaborado vestido de baile que lhe deixava os ombros nus, com chapéus de plumas, de palha ou boinas de veludo.

Mas, em todos os desenhos, era a graça de Genny que dava maior encanto às criações de madame. Seu rosto, sempre em mutação, surgia emoldurado pela rebelde cabeleira ruiva, ora presa num coque austero que evidenciava seus traços delicados, ora formando uma coroa de cachos sedosos, mas quase sempre solta e caindo em suas costas como um manto rubro.

Madame Desmond demorou alguns segundos até recuperar a voz.

— Eu não encontro as palavras certas para descrever o seu talento, *monsieur*. — Com um sorriso eufórico, ela olhava para a reprodução de suas idéias em uma folha de papel. — Incomoda-se de me entregar os seus desenhos? Conheço pessoas que ficarão maravilhadas e...

— Não!

A resposta ríspida de Odessa assustou Genny, mas ele amenizou sua atitude, pretextando a costumeira timidez dos artistas.

— Sinto muito, mas... fico envergonhado e...

— O sr. Gold não é um artista profissional — interveio Genny, tentando ajudá-lo. — Desenha apenas para seu próprio prazer.

— Eu compreendo — murmurou Louise Desmond, resignada. — Mas certamente não se importará de emprestá-los a mim, não é? São muito superiores aos de Henriette e gostaria de ficar com eles até terminar as roupas. Seriam apenas alguns dias...

Embora contrariado, Odessa não foi capaz de recusar. O pedido tinha sido tão gentil e talvez os vestidos de Genny ficassem ainda mais bonitos...

Quando Odessa e Genny iniciaram a caminhada de volta ao hotel, ela não conseguiu se conter.

— Tem idéia do número de pessoas que lutam por toda uma vida para atingir uma excelência que, para você é um dom de nascença, Odessa Gold? É um crime não usar o talento que Deus lhe deu!

Odessa não conseguiria revelar a Genny nem o prazer nem o medo que ele sentia ao desenhá-la. Ele não podia sonhar com tudo o que tivera e perdera. Se permitisse que a esperança se alojasse em seu coração, desejaria conservá-la para sempre ao seu lado e então ficaria ainda mais vulnerável diante da vida.

Alguns passos à frente de Odessa, Genny se empenhava, com gestos graciosos, numa batalha perdida contra o vento que agitava sua saia.

— Se você está disposta a me atormentar, acho melhor casar-se comigo, querida — brincou Odessa, para disfarçar a emoção.

Genny já não se magoava tanto com as ironias de Odessa. Aprendera que ele sempre brincava quando abordava assuntos que envolvessem um compromisso futuro e só falava a sério sobre problemas como o medo, a incerteza e a fragilidade da vida

— Casar-me com você? — retrucou Genny, tentando transmitir a mesma despreocupação dele. — E estragar minha imagem de cortesã? Nunca!

Escondida atrás das cortinas, Louise Desmond esperou até que Genny e Odessa desaparecessem no final da rua. Então, sem perder um só segundo, enfiou todos os desenhos em uma pasta e, colocando um xale e um magnífico chapéu de plumas que ela mesma criara, fechou a loja.

Com passos rápidos, dirigiu-se ao prédio do *New York Times*, onde trabalhava um amigo em quem confiava plenamente.

Quinze minutos depois de ter espalhado os desenhos de Odessa sobre sua escrivaninha, Mason Fleming e Louise Desmond trocaram um olhar de indisfarçável ganância.

— Querida Louise! Acho que o seu dia finalmente chegou. Deduzo, pelo brilho dos seus olhos, que você tem grandes planos.

— Tem que ser agora, Mason! Eu já não acreditava mais que o destino me ajudaria! — exclamou ela, sem conter a excitação. — Sei que esse homem se transformará num inimigo perigoso quando ele descobrir o que fiz. E não quero que você publique um único desenho enquanto eu não transformar a minha graciosa cliente nessa mulher magnífica que você está vendo.

Eufórica, Louise abanava-se freneticamente com um leque de marfim.

— Juro que ela ficará igualzinha aos desenhos! Esse homem conseguiu captar uma beleza que ainda é apenas uma promessa. Essa jovem ignora o seu potencial de sedução, o que aumenta seu encanto.

— E você terá uma multidão de mulheres à sua porta, querendo ser transformada nessa fascinante criatura. Só há um detalhe que eu não entendo, Louise. Esse tal de Gold poderia ficar famoso da noite para o dia. Quem se recusaria a permitir que seus desenhos fossem publicados?

— Quando ele sentir o gosto da fama, não hesitará em divulgar todos os desenhos que puder, meu caro Mason.

Cega pela ambição, Louise perdoava seus pecados e justificava sua desonestidade.

— Esse homem ainda vai me agradecer. Eu lhe abrirei as portas da fama! Mas, por enquanto...

— Por enquanto, você fica rica! — Rindo, Mason colocava os desenhos na ordem em que pretendia publicá-los. — Não vai saber o que fazer com tanto dinheiro, Louise!

— Mesmo que eu não ganhe um único centavo, terá valido a pena. A Quinta Avenida será forçada a admitir que o talento de Louise Desmond supera infinitamente o de Lanouette!

Genny tinha a impressão de que Odessa estava sempre com papel e lápis nas mãos. Embora ele continuasse a sair todas as noites, começava a desenhá-la quando se encontravam ao meio-dia e a retratava no Central Park, no quarto e nos salões do hotel e em seus passeios pela cidade.

Ela desabrochava como uma rosa com aquela atenção constante. Uma nova pétala se entreabria sempre que Genny descobria uma faceta ainda desconhecida de sua personalidade e sentia-se mais mulher. Inevitavelmente, também sonhava com uma vida de amor e felicidade ao lado de Odessa.

Aos poucos, Andrew Goldman vinha à tona, apagando a figura amarga e dura de Odessa Gold. Genny descobria um homem sensível que extravasava na arte os sentimentos que não ousava exprimir.

Mas quando ele anunciou que iriam se hospedar no Waldorf Astoria, Genny reencontrou o implacável Odessa Gold e se revoltou.

— Você é completamente louco!

Os dois estavam voltando para o hotel Jamison, depois de terem levado Beggar para passear.

— Um quarto no Waldorf-Astoria deve custar uma fortuna!

— Dinheiro não é problema, Genny.

— Talvez não seja para você, Odessa Gold. Eu já perdi a conta de quanto estou lhe devendo e ainda não estou incluindo o preço do meu novo guarda-roupa. E agora você pretende se hospedar no hotel mais caro do país? Não, em absoluto!

— Bem... só vejo uma solução — disse ele, com um sorriso malicioso. — Terei que pagá-la por hora, Genny.

Genny parou subitamente e o fitou com ódio.

— Essas foram as palavras mais cruéis que você já me disse, Odessa. De todas as formas...

A gargalhada divertida de Odessa só aumentou a raiva de Genny.

— Não pretendo pagá-la pelo.., que você está pensando, querida. Quem pensa que eu sou?

— Você é um libertino, um homem impertinente, dominador e...

— Já ouvi essa sua apreciação várias vezes e concordo com você. Mas, como sempre, interpretou mal as minhas intenções. Pretendo oferecer-lhe um salário para posar, pois todos os artistas pagam seus modelos.

Embora não se sentisse convencida, Genny conseguiu acalmar-se.

— O que você sabe sobre Saratoga, Genny? — perguntou ele, fugindo de um assunto perigoso.

— Não creio que seja muito diferente das outras cidades pequenas que conheci. A não ser pelas famosas fontes, é claro. Imagino que as águas devam ter um gosto

Cartas da Sorte

Linda Shaw

horrível, mas as pessoas as bebem porque acreditam em seus poderes medicinais. Os seres humanos são iguais em qualquer parte do mundo. Por que me fez essa pergunta?

Segurando-a pelo braço, Odessa recomeçou a caminhar. Genny não notava os olhares de admiração dos transeuntes, mas ele reconhecia a expressão de inveja no rosto dos homens. Em momentos assim, sentia-se tão bem que esquecia os dez anos na prisão e se transformava em um jovem alegre e com ilusões sobre o futuro.

— Você não podia estar mais enganada, querida Genny. As pessoas não vão a Saratoga para cuidar da saúde. As águas medicinais são um pretexto para passarem as noites jogando e os dias exibindo suas fortunas.

— Eu não pretendo tomar as águas e não tenho fortuna para exhibir, portanto... não sei por que estou indo para essa cidade.

— Esqueceu-se de Adam Worthington?

— Claro que não! Preciso recuperar o dinheiro que ele me roubou, mas permanecerei invisível.

— Invisível? — Ele deu uma gargalhada. — Seria impossível, querida Genny. As pessoas a verão e você também as verá porque esse é o objetivo de todos em Saratoga.

— A única pessoa que eu pretendo ver é Adam.

— Mas irá encontrar os grandes milionários do leste, os reis do gado do Oeste...

— Já me cansei de ver "reis de gado", sempre atirando nos criadores de carneiros por cima de suas cercas de arame farpado!

— Não é fácil ficar milionário, querida! Mas, na verdade, Saratoga é uma cidade feminina. Os homens vão jogar e exhibir suas companheiras e elas vão para ser exibidas enquanto seus companheiros jogam.

Genny segurou com mais firmeza a guia de Beggar. O cachorro reconheceu que estavam a poucos passos do hotel e queria correr.

— Neste preciso momento, centenas de mulheres estão retirando seus baús do sótão e gastando milhares de dólares para enchê-los. As modistas esperam ansiosamente por esta época do ano.

— Estou surpresa, Odessa — ela tentou falar como uma mulher sofisticada. — Não sabia que você era um conhecedor dos hábitos femininos.

— Esqueceu que cresci entre cinco mulheres? Eu ajudava minha mãe e minhas quatro irmãs a colocar uma quantidade inacreditável de roupas nos baús. As caixas dos chapéus enchiam uma carruagem e na outra iam malas com lenços bordados, xales, luvas e jóias. As jóias são uma ciência especial, querida. A própria Tiffany abre uma filial em Saratoga durante a temporada, para atender suas clientes em férias e também os turistas que têm muito dinheiro para gastar.

Genny começou a sentir-se deprimida. Ela não teria problemas com a "ciência" das jóias porque não possuía nenhuma, mas já estava com medo de ir para essa cidade sofisticada!

Então, Beggar distraiu sua atenção e Genny não pensou mais nos problemas ainda por vir. O cachorro corria ao seu redor, latindo e enrolando a guia nas pernas

dela.

Odessa também esqueceu-se de tudo ao ouvir a risada melodiosa de Genny. O vento agitava seus cabelos e as mechas rebeldes emolduravam o rosto que irradiava alegria e vigor. A saia, presa pela guia de Beggar, moldava suas pernas esguias, e o sol iluminava a pele alva de uma jovem que ria, com total abandono.

Os transeuntes, as pessoas na entrada do Jamison e as que passavam nas carruagens, sorriam diante daquela cena encantadora. O coração de Odessa se contraiu no peito.

— Vai ser como a praga dos gafanhotos no Egito — resmungou ele, recomeçando a caminhar.

— Odessa? — Genny o fitava, perplexa. — Sobre o que está falando?

— Sobre Saratoga, é claro! — mentiu ele, sorridente. — Estou falando sobre o trem chegando à estação.

— Mas... que trem é esse?

— O trem, Genny. Quando ele chega, toca um sino e a cidade inteira desce para a estação... como uma nuvem de gafanhotos. E na chegada que se sabe quem são os verdadeiros aristocratas e quem é apenas rico.

Genny gostaria de nunca ter ouvido falar de Saratoga Springs!

— Por que Adam não foi para a Filadélfia? — Ela suspirou, desanimada. — É tudo tão complicado!

— Na verdade, é muito simples, Genny. Basta prestar um pouco de atenção.

— Está bem! Então explique-me como é possível separar os deuses dos meros mortais na hora em que chegam à estação de Saratoga.

— Minha mãe sempre afirmava que basta olhar para a bagagem. Os "deuses aristocratas" nunca usam malas descombinadas.

— Agora entendo por que comprou aquelas malas luxuosas. Entretanto, temos um outro problema, caro sr. Gold — insistiu Genny, desafiante. — O que sugere que coloquemos nelas? Pedras? Ou talvez a sua cabeça dura?

— É possível que seu novo guarda-roupa nem caiba nessas malas, querida. — Ele deu um sorriso maldoso. — Enquanto as roupas de madame Desmond não ficarem prontas, teremos que improvisar. Ah! Também comprei uma carruagem.

— O quê!? Você está passando dos limites, Odessa Gold!

— Não perca o controle, Genny Carlyle. — Odessa sorria com uma exasperante inocência. — Para ser sincero, apenas aluguei uma carruagem, com o cocheiro, porque não havia outra saída. Estamos sendo esperados no Waldorf-Astoria e não podemos simplesmente chegar andando, com as malas na mão! A entrada em um lugar público é uma arte, querida. E o único modo de aprender e aperfeiçoar esse detalhe essencial é praticando. Hoje será a sua noite de estréia, por isso use seu vestido mais bonito. A maioria das pessoas que a virem entrar no hotel também irão para Saratoga dentro de alguns dias.

— Meu Deus! — murmurou Genny, abalada. — Tudo não passa de um jogo fascinante para você, não é?

Cartas da Sorte

Linda Shaw

Odessa puxou o chapéu de Genny até cobrir os olhos dela, num gesto brincalhão.

— A vida é um jogo, querida Genny. Você pode ganhar ou perder e isso depende de como jogar.

— Não é *minha* vida, Odessa Gold! — exclamou ela, arrumando o chapéu. — Sou uma pessoa simples. Não conheço esse jogo e acho que não quero mais continuar participando de suas loucuras!

Sorrindo, Odessa não resistiu ao impulso de abraçá-la. Genny estava ficando a cada dia mais apaixonada por ele e essa situação o desesperava.

— Não tenha medo, querida.

Ele precisava encontrar um marido para Genny e só alguém excepcional a mereceria. Onde encontraria esse homem raro?

— Fique tranqüila porque eu sou um perito nesse tipo de jogo.

O novo guarda-roupa de Genny só seria entregue no final da semana e Odessa teve mesmo que improvisar, descobrindo um modo de encher as malas vazias. Ele utilizou todos os livros comprados por Angel, alguns jornais velhos, várias latas de pêssego em calda e uma sela que ganhara no jogo de um criador de gado no Arizona.

— Não vai dar certo! — reclamou Genny enquanto ele enchia as malas. — Nenhum porteiro de hotel, e muito menos os do Waldorf-Astoria, acreditará que meros vestidos tenham esse peso! Eles perceberão que somos impostores e nos expulsarão de lá!

Odessa tinha terminado de fechar as malas e começou a andar pelo quarto, com um ar de despreocupação.

— Os milionários são uma raça muito excêntrica, Genny. A primeira lição para que você faça uma entrada triunfal é... parecer um aristocrata.

— E como são essas criaturas privilegiadas? — perguntou ela, com uma expressão de ódio. — Conte-me, porque não conheço nenhuma.

— Você tem que demonstrar altivez e desdém. Olhe o mundo com um ar de tédio e um pouco de fúria por ser obrigada a conviver com meros mortais.

— Eu sinto muito, mas esse tipo de atitude impertinente não faz parte de meu repertório.

— Então pense em Adam Worthington, com o seu dinheiro saindo dos bolsos e garanto-lhe que ficará mais inspirada.

Genny parou para pensar. Ela não teria podido imaginar que a decisão de recuperar seu dinheiro fosse levá-la a se hospedar no Waldorf-Astoria!

— Vai ser muito fácil! — exclamou ela, com um riso sarcástico nos lábios.

Genny esqueceu-se de pensar em seu desempenho diante da beleza do vestíbulo do Waldorf-Astoria.

Ela decidira usar um vestido de tafetá cinza, com detalhes em rosa. Talvez fosse um dos trajes mais austeros que Genny possuía, mas o olhar admirativo de Odessa demonstrava que sua escolha fora acertada.

Entretanto, Genny pressentia que ela e Odessa não destoariam das pessoas que freqüentavam aquele magnífico hotel. Mais angustiante, porém, era a certeza de que não fora forçada a participar dessa aventura insensata porque Adam a traíra e roubara suas economias. Embora fosse penoso admitir, seu único intuito era ser parte da vida de Odessa!

Um batalhão de porteiros encarregou-se da bagagem e nenhum deles descobriu o embuste, como Genny previra. Odessa e Angel atravessaram o imponente vestíbulo com o desembaraço de quem está em seu ambiente e pararam na mesa de recepção. O gerente, de rosto complacente e olhos astutos, fechou o jornal que estava lendo para examinar os recém-chegados.

— Nós fizemos uma reserva, senhor — disse Angel. — Em nome do sr. Gold. Odessa Gold.

O gerente observou o negro altivo e bem vestido, a senhora cega que despertava sua piedade, mas não mudou de opinião sobre o homem com a cicatriz no rosto. Ele estava diante de alguém muito perigoso e talvez não fosse prudente... Então, viu a jovem de cabelos ruivos, parada a uma certa distância do grupo.

A jovem examinava o salão com um olhar distraído e, subitamente, ele teve certeza de que já a vira antes.

— Com licença, senhores. — Com polidez, ele virou-se de costas e tornou a abrir o jornal.

Ele encontrou, na quarta página, o anúncio de uma das inúmeras modistas de Nova York. A mulher encantadora que fora retratada usando uma criação de madame Desmond estava bem na sua frente. Era muito mais bonita do que no desenho! Seria famosa? Ou apenas uma milionária que preferia o anonimato?

Aparentemente, várias outras pessoas no salão estavam se fazendo essa mesma pergunta. O gerente sentia que todos imaginavam conhecê-la de algum lugar. Alguns desistiam logo de localizá-la, outros permaneciam nas proximidades da recepção, tentando identificá-la.

— Desculpe a demora, senhor — disse ele para o homem com a cicatriz. — Tem alguma preferência em relação aos quartos?

— Quero a melhor suíte.

O gerente não esperava uma voz tão culta e começou a mudar de opinião. O homem era perigoso, sem dúvida, mas também fora impecavelmente educado.

— E a suíte presidencial, senhor.

Após entregar o livro de recepção para o novo hóspede, o gerente chamou um novo batalhão de funcionários.

— Conduzam o sr. Gold e seu grupo à suíte presidencial.

O estranho quarteto subiu as célebres escadas do waldorf-astoria acompanhados pelos olhares curiosos dos outros hóspedes e, cercados por uma escolta de porteiros uniformizados, entrou no elevador.

A suíte presidencial era, na verdade, a junção de dois magníficos apartamentos, luxuosamente decorados e separados por uma porta dupla com maçanetas de ouro.

Comentava-se que os quartos do Waldorf-Astoria tinham sido decorados com os móveis que Caroline Astor não queria mais em sua casa, o que não diminuía o esplendor dos aposentos, com paredes forradas de seda lavrada. O madeiramento das janelas e das portas era pintado de branco e o sol entrava através de esvoaçantes cortinas de renda.

Genny permaneceu impassível até que a porta se fechasse. Então, saiu dançando pelo quarto, com os braços abertos e um sorriso de felicidade nos lábios. Ela abraçou Jessamine, tocou o brocado da colcha, aspirou o perfume das rosas colocadas em um vaso de prata e voltou a rodopiar sobre o tapete Aubusson.

Jessamine não precisava de uma descrição pormenorizada para saber que estava em um ambiente de extremo luxo. Seus dedos já haviam se acostumado a perceber a textura diferente das peças preciosas.

— Espero que estejam satisfeitas com o quarto, senhoras — brincou Odessa, abrindo a porta de comunicação entre os dois aposentos.

— Oh! Sem a menor dúvida! — exclamou Genny, sem disfarçar a euforia. — O céu deve ser assim, Odessa. Só há um pequeno detalhe que precisa ser corrigido.

Com um gesto rápido, Genny retirou a chave da porta de comunicação entre os quartos e, antes que Odessa pudesse recuperá-la, guardou-a no decote do vestido.

— Genny! — com uma expressão ameaçadora, ele deu um passo para dentro da suíte das duas mulheres.

Com uma crescente confiança no poder de sua feminilidade, Genny o empurrou de volta.

— Você sempre diz que precisamos fingir que não nos conhecemos, Odessa. Agora, somos apenas vizinhos de quarto!

Odessa estava enfurecido demais para falar e apenas tentou recuperar a chave. Mas Genny, surpreendendo-o com sua rapidez, fechou a porta entre os dois quartos.

— Genny! Abra esta porta imediatamente!

— Se você quiser me encontrar... — ela ousou provocá-lo ainda mais — , pode bater na porta principal como um cavalheiro bem-educado.

Durante um longo período de absoluto silêncio, Genny ficou encostada à porta, esperando pela reação de Odessa.

— Eu sei que você está aí, Genny Carlyle — disse ele, finalmente. — Mas não se sinta muito segura. Ainda não foi construída a porta que poderá me deter se eu a desejar ao meu lado!

CAPÍTULO 14

O ambiente suntuoso do saguão do Waldorf-Astoria não intimidava Morgan e Felicia Goldman. Depois de deixarem um recado na recepção, avisando o filho que haviam chegado ao hotel, eles reuniram-se a Samuel Houseman em uma das mesas do terraço.

Rodeado pela opulência da decoração e pela elegância luxuosa dos freqüentadores do Waldorf-Astoria, Samuel Houseman lembrou-se do julgamento de Andrew, no Wyorning, em uma sala despojada e sombria.

O filho querido de seus melhores amigos sentava-se a uma mesa rústica de madeira escura, ao lado de seu advogado, Lucas Peevy. O bronzeado não escondia a palidez de Andrew, que vestia um terno marrom, trazido de Nova York por Felicia. Seu braço esquerdo estava enfaixado e o rosto bonito refletia amargura e solidão.

Embora Morgan e Samuel tivessem implorado, Felicia recusara-se a permanecer afastada do tribunal. Durante as longas horas de penosa vigília ao lado do filho, a altiva senhora manteve as costas eretas enquanto os outros demonstravam a fadiga e os efeitos do calor sufocante. Seu rosto não revelava nenhuma emoção ante às acusações terríveis feitas contra Andrew. Ela não se movia e parecia nem estar respirando.

Checkers Peabody foi uma testemunha incriminadora. Chamado para depor, ele continuou mascando tabaco e enxugando o rosto suado com a manga da camisa. Seu olhar não revelava medo e permanecia sempre sobre o juiz Atwell que se abanava com um jornal dobrado.

— Vi na hora que ele ia causar encrenca, meritíssimo. — Checkers apontou para Andrew. — Sempre sei quando um homem é perigoso.

— Eu objeto, meritíssimo — interveio Lucas Peevy, com uma expressão de profundo tédio. — A testemunha está tirando conclusões pessoais.

Samuel sabia que Morgan pagara uma fortuna para que o advogado inocentasse seu filho.

— Seja mais específico, sr. Peabody — ordenou o juiz, limpando os óculos.

O velho vaqueiro olhou com desprezo para o advogado de colarinho duro e terno cor de vinho.

— Acho que essa gente do Leste desaprendeu de conhecer o jeito de um homem.

— Meritíssimo! — protestou Peevy, exasperado.

— Atenha-se ao assunto e prossiga, sr. Peabody.

— Bem... — Checkers fez uma careta para Peevy. — Esse moço aí chegou e ficou olhando pra mim enquanto eu guardava as armas dele. Depois, me deu um retrato do delegado Wright e perguntou se eu conhecia o homem desenhado no papel. Não

Cartas da Sorte

Linda Shaw

demorou muito para eu saber que o delegado tinha sido assassinado. Está bem claro agora, advogado do Leste?

Lucas Peevy levantou-se e, colocando os polegares nos bolsos do colete de brocado, moveu-se pela sala do tribunal com a imponência de um famoso advogado de defesa sempre vitorioso.

— Viu o acusado matar o delegado, sr. Peabody?

— Ora! Todo o mundo viu!

O juiz Atwell simpatizava com o rapaz de expressão atormentada que perdera a esposa e o filho. Andrew Goldman fizera justiça com as próprias mãos, valendo-se do princípio bíblico de "olho por olho". Infelizmente, não havia nenhuma evidência para comprovar que o delegado morto por ele fosse o assaltante do trem e o causador da morte de Anne Goldman.

Andrew Goldman foi novamente chamado a depor.

— O senhor testemunhou, anteriormente, que Elli Wright era um dos três assaltantes — disse Jason Beane, o promotor, parando diante do réu.

— Sim.

— E afirmou que reconheceria os outros dois homens se os visse agora.

— Sem a menor dúvida.

— Poderia descrevê-los, sr. Goldman?

— Não, sr. Beane. Eu não poderia.

— Na verdade, o senhor não quer descrevê-los. Por que essa insistente recusa?

— Não estou me recusando, sr. Beane. Afinal, mostrei os desenhos desses homens por todo o território do Wyoming.

— Então, mostre-nos os desenhos, sr. Goldman.

— Eu não poderia.

— Mais uma recusa, sr. Goldman?

— Não exatamente. Eu destruí os desenhos.

Exclamações de protesto e incredulidade ecoaram na sala do tribunal.

— Destruíu? Mas esses desenhos eram uma evidência!

Ao notar a expressão sarcástica de Andrew, Samuel sentiu vontade de levantar-se e protestar.

"Se você não quer salvar sua própria vida, pense ao menos em sua mãe! Olhe para ela, Andrew!"

Mas Samuel manteve-se calado, sofrendo junto com seus amigos.

— Não entendo por que considera os meus desenhos como evidência. — Andrew fitava o promotor com um olhar de escárnio. — O senhor duvida que eu realmente tenha identificado Eh Wright ou que tenha memorizado o rosto dos outros dois homens. Por que acreditaria nos retratos que fiz?

Beane ficou rubro de cólera e sua voz se ergueu, alarmantemente.

— Sabe onde estão esses homens agora, sr. Goldman? É capaz de apontar, sem ter os desenhos que afirmou possuir, quem são os outros dois assaltantes do trem?

As feições atormentadas de Andrew se transformaram em uma inexpressiva

máscara.

— Está se negando a identificá-los, sr. Goldman?

— Sim, sr. Beane. Eu me nego.

Levantando os braços para o alto, o promotor virou-se para o juiz.

— Meritíssimo! O réu assassinou, com premeditação, um homem da lei. Nós acreditamos que, se lhe for dada nova oportunidade, ele repetirá o crime. Mais uma vez irá basear-se em conclusões pessoais e arbitrárias sobre quem possa ser o culpado da morte accidental de sua esposa. Embora compreendamos o sofrimento do sr. Goldman, não podemos permitir que ele continue em liberdade. A promotoria encerra seu caso.

— Silêncio! — ordenou o juiz. — Silêncio ou mandarei evacuar a sala!

Enquanto esperava que todos se acalmassem, o juiz Atwehl passeou o olhar pela sala cheia de curiosos que tinham vindo para acompanhar o julgamento. Havia soldados do posto militar com uniformes empoeirados, vaqueiros de calças de couro e esporas, e comerciantes com suas roupas de festa.

— Sr. Goldman — o juiz dirigiu-se ao réu que demonstrava um alheamento total. — Devo lembrar-lhe que matou um homem diante de inúmeras testemunhas. Nós ouvimos seu depoimento e sabemos quais foram os seus motivos. Sou obrigado a perguntar-lhe, novamente, se viu os outros dois homens que assaltaram o trem e levaram sua esposa como refém. O senhor declarou que eles lhe causaram um grande impacto e seria capaz de reconhecê-los mesmo depois de tanto tempo. Quem são eles?

Andrew só contara toda a verdade para Samuel Houseman. Logo depois que Checkers Peabody identificou Eh Wright, Andrew o reconheceu, jantando no restaurante do hotel. Não havia a menor dúvida de que encontrara um dos assassinos de Anne.

Entretanto, Andrew não sabia como se pode acusar um delegado de assassinato. Ele passou toda a noite tentando encontrar uma solução e, quando o dia começou a raiar, admitiu que a lei não o ajudaria. Ninguém acreditaria nele! Não conseguiria levar um delegado aos tribunais, portanto tinha que fazer sua própria justiça.

Naquela manhã, Laramie enfrentava uma das ondas de calor mais fortes de um tórrido verão. Não havia nenhuma nuvem no céu de brilho metálico e a poeira se erguia das ruas, formando uma cortina que envolvia a cidade.

Alguns soldados patrulhavam as ruas, que estariam desertas num dia tão quente, se não fosse pela chegada de um enorme carregamento de ouro na diligência do meio-dia.

Em um dos bares da cidade, Andrew descobria uma inquietante verdade. Passara tanto tempo praticando a precisão de sua pontaria, sem pensar que seu alvo seria um ser humano. Teria coragem de atirar?

Quando a diligência vinda de Cheyenne entrou na cidade, Andrew juntou-se à multidão que caminhava para o banco de Laramie. Os soldados iam a cavalo, os homens que bebiam nos bares corriam com passos trôpegos e até as mulheres se apressavam,

varrendo a poeira das ruas com suas anáguas de algodão.

Andrew voltou para o hotel a fim de apanhar suas armas.

— A carabina também — disse ele, quando Checkers lhe entregou apenas o revólver.

— Com mil diabos! — Checkers o fitou, surpreso. — Está pretendendo roubar o ouro do banco, rapaz?

— A sua desconfiança é ofensiva, Checkers — disse Andrew, com um sorriso cínico. — Se quer ter sucesso na vida, mude de atitude... rapaz!

Ao atravessar a rua, Andrew viu Eh Wright sair da delegacia para garantir a segurança da transferência do ouro.

Mesmo se Elli Wright não fosse ladrão e assassino, Andrew não teria simpatizado com aquele homem de traços maldosos e atitude agressiva. Então, o delegado chamou seus dois assistentes que também saíram da delegacia.

Andrew se imobilizou ao avistar os dois ajudantes de Wright. Um deles tinha a estrutura óssea de um buldogue, com olhos pequenos e costeletas grisalhas. O outro, muito magro e com um nariz adunco, não escondia a estranha combinação de cores de seus cabelos. Castanho, amarelo e vermelho. Os dois usavam estrelas de homens da lei.

Uma profunda sensação de irrealidade envolveu Andrew, que se movia sem ter consciência de seus passos. Ao pisar a terra avermelhada da rua, ele encontrava-se no deserto, ao lado de Anne, segurando nos braços o corpo de seu filho que não chegara a viver.

Os três homens da lei aproximaram-se dos guardas que haviam acompanhado a diligência. Andrew apoiou a carabina no ombro e apontou para Eh Wright. Não queria pensar que estava atirando num ser humano. Simplesmente, apertou o gatilho.

O som do tiro ainda ecoava no ar e a loucura já tomava conta da multidão. Os dois assistentes do delegado jogaram-se no chão e começaram a atirar. Um deles acertou o ombro de Andrew. Os cavalos escoiceavam, relinchando, as mulheres tropeçavam, puxando os filhos, e os homens corriam para buscar suas armas.

— É um assalto! Vão roubar o ouro do banco!

Sem perceber os gritos e o tumulto ao seu redor, Andrew levantou-se do chão e concentrou-se no objetivo que o motivara a continuar vivendo, pelo menos até a vingança final. Ele atirou novamente.

Eh Wright caiu de joelhos na terra vermelha da rua. Seu rosto refletia surpresa e incredulidade até encostar, lentamente, na poeira do chão.

O único a entrar na cela ocupada por Andrew foi Samuel Houseman. Ele implorou, por horas a fio, pelo nome dos dois homens responsáveis pela morte de sua filha.

— Não posso lhe dizer — afirmava Andrew, com um sorriso triste. — Não quero provocar mais uma morte... a sua morte, Samuel.

— Acho que me importo de continuar vivendo, Andrew? Eu enterrei as duas pessoas que mais amava!

— E eu preciso proteger os que ainda estão vivos. Esqueceu-se de que Morgan e Felicia vieram para o meu julgamento? Esses dois homens também estão na cidade e agora sabem quem você é e quem são meus pais. Não se torture, pensando nos assassinos de Anne. Já correu muito sangue e nada a trará de volta. Não pense mais nessa tragédia.

Samuel Houseman não pensou em mais nada durante dez longos anos.

Genny estava secando os cabelos, quando a paz do quarto foi destruída por insistentes batidas na porta de comunicação entre as duas suítes.

— Abra esta porta, Genny! — gritava Odessa, aumentando o barulho provocado por suas batidas. — Depressa ou eu arrombo esta maldita...

— Oh, Deus! — exclamou Jessamine, acordando assustada. — E uma tempestade?

— Ainda não, Jessamine. — Genny atravessava o quarto, com uma expressão belicosa. — Mas logo será uma verdadeira borrasca!

Parando diante da porta, ela hesitou antes de colocar a chave na fechadura.

— Odessa?

— Não! É o presidente da república! Você ficou boba, Genny? É evidente que sou eu! Abra logo esta maldita porta.

Mas Genny não queria perder uma oportunidade rara de desafiar Odessa.

— E o que você quer, Odessa Gold?

— Acha que eu posso dizer em voz alta?

— A sua lista de pecados já é longa demais, sr. Gold. — Genny não estava mais achando graça na brincadeira. — Não acrescente mais um!

Do outro lado da porta, ouviu-se uma praga e a maçaneta foi sacudida com violência.

— Se não abrir em três segundos... — Suspirando alto, ele tentou mudar de tática. — Por favor, querida.

A diferença no tom de voz de Odessa alarmou Genny. Sem perda de tempo, ela destrancou e abriu a porta.

Ele estava parado, com os cabelos despenteados e uma gravata solta sobre a camisa de listras azuis e brancas. Os olhos cinzentos não pertenciam mais ao homem amargo nem ao jogador de nervos de aço. Quem olhava para Genny mais parecia um adolescente indefeso diante de um problema insolúvel.

Genny percebeu que amava ainda mais aquele jovem vulnerável e sentiu-se insegura e tímida.

— Ora, ora! — Ela tentou disfarçar o embaraço, afofando os cachos do cabelo ainda úmido. — Está tendo problemas, Odessa?

Ele esqueceu-se de tudo ao ver Genny com o vestido entreaberto e os braços nus.

— Confesso que a sua presença é uma bênção — murmurou ele, aproximando-se com um sorriso. — Já não existem mais problemas no mundo.

— Mas... — Genny recuou, perturbada com o desejo evidente nos olhos de Odessa. — O que você queria? Quase derrubou a porta por nada?

Em silêncio, Odessa entrou em seu quarto e Genny o seguiu, hipnotizada. Angel tinha saído e havia uma quantidade inacreditável de roupas sobre as camas e nas cadeiras, todas as portas do armário e as gavetas da cômoda estavam abertas e um charuto queimava num cinzeiro de cristal.

Genny olhava ao seu redor, surpresa com a desordem. Angel e Odessa eram extremamente organizados!

— Meu pai e minha mãe estão no vestíbulo do hotel.

Ela sentiu que um período do relacionamento deles chegara ao fim.

— Como eles souberam que você estava aqui?

Enquanto Odessa lhe falava sobre o telegrama que enviara, Genny compreendeu aquela súbita crise de insegurança. Ele queria reencontrar os pais e, ao mesmo tempo, sentia-se envergonhado e arrependido de ter tomado uma decisão impulsiva.

Se ela pudesse tomá-lo nos braços, como uma criança desamparada, e dizer-lhe que a família era o bem mais precioso!

— Você agiu corretamente, Odessa. — Genny começou a colocar as abotoaduras nos punhos da camisa dele.

— Acha mesmo, Genny?

— Lógico que sim. — Um sorriso irreverente desenhou-se nos lábios dela. — Como diria o venerável sr. McGowan... Os dois caíram na gargalhada e a alegria partilhada teve o efeito de um vinho inebriante. Mas ambos sabiam que não era a hora de se entregarem à embriaguez dos sentidos.

— Eles devem ter sido muito felizes porque foi um casamento perfeito.

— Por mais incrível que pareça, não foi um casamento perfeito. — Genny surpreendeu-se com sua ousadia ao discutir um assunto tão perigoso. — Eles não esperavam perfeição. Aparentemente, alegravam-se nos momentos felizes e se apoiavam nas adversidades. Eu já não sei se é possível existir uma união ideal... Talvez a única tenha sido a de Adão e Eva.

— E também não durou muito tempo.

Sorrindo, Genny deu o nó na gravata de Odessa e recuou para admirar o resultado final. Teria visto um ligeiro tremor nos lábios dele?

Inesperadamente, Odessa a abraçou, mergulhando o rosto nos cachos sedosos.

— Eu preciso de você...

— Não é o momento, Odessa.

— . . . para ir comigo ao encontro deles. Preciso tê-la ao meu lado para criar coragem.

Disfarçando o pânico, Genny soltou-se dos braços de Odessa e começou a voltar para o seu quarto. Ela não podia aproximar-se daquela família ou jamais conseguiria se recuperar quando a rejeitassem.

— Não. Não é justo que me faça justamente esse pedido, Odessa. — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Você não pode... realmente não quer.

— Eu quero. Preciso de você. Tem que ir comigo, Genny. Ela tentou encontrar outros pretextos, mas o olhar suplicante de Odessa a perturbava.

— Eu... acabei de lavar a cabeça.

Odessa deu um sorriso irresistível e beijou os cachos quase secos.

— Nunca duvidei que você fosse me ajudar, Genny Carlyle. Nem hoje nem um dia muito distante em um trem cruzando o Oeste sem lei...

Morgan Goldman sempre fora um pai devotado e um marido amoroso que desejava dar à família uma vida de fartura e felicidade. Quando Andrew foi para a prisão, ele quase perdeu a vontade de continuar vivendo, mas reagiu por amor às filhas e à esposa.

O sofrimento porém transformou-o num homem zeloso demais, num superprotetor de todos os seus familiares. Imaginando as mais improváveis tragédias, ele se preocupava com Felicia, que estava demonstrando um nervosismo raro.

Na verdade, Felicia jamais deixaria suas emoções transparecerem em público. Ela apenas fizera questão de sentar-se em uma cadeira de frente para o vestíbulo. Seus magníficos olhos cinzentos fitavam o cenho franzido do marido, por alguns segundos, e voltavam a observar a escadaria, sem se deter em nenhum dos dois pontos.

— Não se preocupe, querida. — Morgan segurou as mãos da esposa, tentando disfarçar o próprio nervosismo. — Já esperamos meia hora e podemos esperar ainda mais tempo porque... tudo vai dar certo.

— Eu sinto medo de ter esperanças.

— Eu sei...

Morgan não terminou de falar. Felicia se erguera e fitava a escada. Ele seguiu o olhar da esposa, mas Samuel, atrás dos dois, não acompanhou a descida do homem alto e atraente, com uma bela jovem ao seu lado. Seus olhos permaneceram fixos em Felicia.

Felicia não notou que as cabeças se viravam à sua passagem. Olhares silenciosos a acompanhavam, enquanto ela atravessava o vestíbulo, seguida por Morgan, que não conseguia alcançá-la.

Esquecida das regras sociais, Felicia avançava, lágrimas silenciosas correndo por seu rosto fascinante, e as pessoas recuavam para lhe dar passagem. Todos viram o homem alto parar, antes do final da escadaria, e falar com a jovem ao seu lado.

Então, ele recomeçou a descer. Todos os hóspedes do hotel se imobilizaram sem disfarçar a emoção quando a bela mãe foi abraçada pelo filho que voltara de alguma guerra distante.

Samuel também via Andrew como um guerreiro. Ele se empenhara em uma cruzada solitária e fora derrotado. Voltava então para a família, mas a sua Anne jamais retornaria.

Dominado pelo mais profundo desespero, Samuel estava virando-se para ir embora quando pressentiu um sofrimento tão intenso quanto o seu.

Acima das cabeças de Morgan, de Felicia e de Andrew, muito juntas, os hóspedes recomeçavam a se movimentar. O momento de emoção já fora esquecido, mas Samuel observava a jovem que, como ele, lutava para não demonstrar desespero.

Então, ela também sentiu um sofrimento intenso de outro ser humano, e seus olhos, de um verde cristalino, encontraram Samuel entre a multidão. Ele leu, no rosto da jovem, uma triste história de decepções, uma longa sucessão de momentos em que outros eram escolhidos, deixando-a sempre excluída e sem amor.

Mas Andrew, rompendo o abraço familiar, procurava-a com o olhar.

— Mamãe, papai... eu gostaria que conhecessem alguém. — Ele fez um sinal para a jovem que se aproximou, hesitante. — Esta é Genevieve Carlyle. Se não fosse por Genny...

Andrew não terminou a frase e Felicia não conseguiu falar.

— Estes são meus pais, Genny.

Morgan curvou-se para beijar a mão de Genny.

— Não temos palavras para lhe agradecer, senhorita. É um prazer conhecê-la.

— E o cavalheiro alto, atrás deles — prosseguiu Andrew —, é educado demais para se aproximar sem ser convidado. Ele é Samuel Houseman, o pai de Anne.

Curvando-se para beijar a mão da jovem, Samuel surpreendeu-se quando ela apertou as mãos dele com uma firmeza inesperada.

— Fico muito feliz por conhecê-lo, sr. Housemann.

Novamente, criou-se um elo de compreensão entre os dois.

Uma inexplicável onda de ternura tomou conta de Samuel, que sentiu medo de fazer um papel ridículo chorando na frente de seus amigos. Anne nunca mais voltaria, mas ele encontrara uma amiga. A felicidade plena também não retornaria, mas talvez sua vida fosse agora menos amarga.

Naquela manhã, eles foram fazer um piquenique no Central Park. As duas cestas de junco, encomendadas por Odessa no hotel, continham peças inteiras de rosbife, presuntos e frango defumado. As saladas, em elegantes vasilhas de prata, eram acompanhadas de pãezinhos individuais e temperos em pequenas ânforas de cristal. Acondicionadas separadamente, vinham as garrafas de champanhe gelada, envoltas em guardanapos de linho bordado.

O parque estava cheio de famílias que aproveitavam o sol cálido do verão. Crianças corriam e soltavam coloridos papagaios. Namorados procuravam o refúgio sombreado das árvores. Por toda a parte, o colorido alegre das roupas contrastava com o verde-esmeralda dos gramados.

Jessamine e Angel também tinham vindo e Beggar corria pelo gramado, eufórico com a inesperada manhã de liberdade.

Como Odessa carregava uma das cestas e Morgan Goldman a outra, Genny sentiu-se obrigada a conversar com Felicia, que caminhava a seu lado.

Em uma gôndola que flutuava preguiçosamente no lago, uma jovem de cabelos dourados, reclinada sobre almofadas, ouvia a balada que o namorado cantava.

— Ela é muito bonita, não acha? — comentou Genny, pouco à vontade, diante da altivez da sra. Goldman.

A beleza de Felicia era realmente intimidante, embora ela estivesse com cinquenta e cinco anos. Alta, esguia e vestida com uma simplicidade requintada, a grande atração da mãe de Odessa era sua sofisticação sem pretensões.

Felicia jamais monopolizava as conversas nem falava sobre si mesma. Ninguém a ouvira repetir um comentário maldoso ou contar uma fofoca. As filhas a consideravam educada demais e tinham perdido as esperanças de atingir um padrão tão alto de perfeição.

Na verdade, Felicia não pretendia ser uma pessoa inatingível nem manter-se a distância de todos. Sentia-se feliz porque Odessa encontrara alguém que pudesse apagar o sofrimento do passado. Queria transmitir a Genny Carlyle que ela a aceitava e não alimentava nenhum preconceito de classe.

Durante os dez anos mais longos de sua vida, Felicia se censurara por ter insistido no casamento de Anne e Andrew. Talvez a tragédia não o atingisse se ele houvesse escolhido seu próprio caminho.

— Srta. Carlyle — Felicia nunca se encontrara em uma situação em que lhe faltassem palavras — , eu tenho pensado em como demonstrar-lhe que é bem-vinda entre nós, mas não sei...

— Não entendo, sra. Goldman. — Genny decidira ser franca.

— Não gostaria que se sentisse... Não pense que pretendemos interferir em sua... amizade com nosso filho.

Diante do olhar perplexo de Genny, Felicia sentiu-se uma perfeita idiota e desejou não ter aberto a boca. Certamente magoara a jovem, embora não tivesse sido essa a sua intenção.

— Por favor, desculpe-me — murmurou Felicia, embaraçada. — Eu queria deixá-la à vontade, demonstrando que também não existe nenhum preconceito de nossa parte... por causa de Anne.

Genny sentiu-se mais uma vez atingida pela memória de uma mulher que já morrera. Teve vontade de não ajudar Felicia, esperando que ela desfizesse, sozinha, aquele mal-entendido, mas não queria magoar Odessa que era ligado à mãe como poucos filhos.

A atitude distante de Felicia e sua própria timidez dificultavam a comunicação, mas Genny esforçou-se a exprimir seus sentimentos.

— Por favor, entenda-me, sra. Goldman. Eu não represento nenhum perigo, por isso não tenha medo.

— Srta. Carlyle...

— Conheci seu filho em condições extremamente humilhantes, sra. Goldman. Eu havia sido rejeitada e roubada por meu noivo. Tinha, como ainda tenho, a responsabilidade de cuidar de Jessamine que é cega. Odessa... ou melhor, Andrew e eu fizemos um acordo quase comercial. Ele me ajudará a recuperar o que me pertence, mais nada! Não lhe contei esses fatos para despertar a sua piedade. Eu jamais o

Cartas da Sorte

Linda Shaw

impediria de retomar a vida que foi tão tragicamente interrompida. Na verdade, acho que esse retorno é essencial, mas... só ele pode tomar essa decisão.

O alívio foi tão intenso que Felícia sentiu-se à beira das lágrimas.

— Nunca conheci alguém como você, srta. Carlyle.

— Ainda bem! — exclamou Genny, sorrindo. — Eu sempre tive esperanças de que não existissem muitas mulheres como eu!

Pela primeira vez em muitos anos, Felícia riu sem ter medo de pagar um preço alto demais por sua alegria. Agora entendia por que Andrew se encantara com aquela jovem. Genny tinha o raro dom de desconsiderar as pretensões e aceitar a realidade.

Pressentindo que Genny a compreenderia sem palavras, Felícia apertou as mãos da jovem.

Embora sorrisse, Genny sentiu um profundo desalento. Felícia se empenharia ao máximo para recolocar o filho em seu lugar de direito na requintada sociedade de Nova York. E ela permaneceria, como sempre, à margem de tudo, abandonada e vendo de longe as alegrias alheias. Por que ninguém a amava o suficiente para lutar por sua felicidade?

Mais tarde, quando Genny disse que queria alimentar os marrecos no lago, ela desejava, na verdade, ficar sozinha com seus pensamentos. Precisava afastar-se do requinte da família Goldman e reencontrar a sua realidade.

— Espere um momento! — exclamou Felícia e sua risada melodiosa aumentou a gratidão que Morgan sentia por Genny.

— Encontrei um pãozinho para você dar aos marrecos.

A medida que Genny se aproximava do lago, a vozinha em sua consciência falava mais alto.

"Se a diferença entre você e esses aristocratas provoca-lhe tanto ressentimento, por que continua decidida a ir para Saratoga?"

— Quero que Adam devolva as minhas economias. Não tenho a menor intenção de encontrar um marido rico e sei que não existe um futuro ao lado de Odessa. Não nutro esperanças de ser amada por ele.

"Então, por que está tão magoada? Porque sente raiva e inveja de Anne Houseman? Por que gostaria de ser como ela?"

— Anne Houseman não precisava fingir! Ela pertencia ao mundo dos Goldman, tinha direito de levar essa vida de luxo. E eu estou cansada de fingir!

"Você está mentindo para si mesma!"

— Nada mais importa agora. O filho reuniu-se aos pais e, muito em breve, Odessa Gold deixará de existir e desaparecerá da minha vida. Andrew Goldman está voltando ao lar e a um mundo em que não há lugar para mim.

Os marrecos subiam pela margem do lago, provocando tanto alarido que Genny não percebeu a aproximação de Samuel Houseman.

— A minha Anne também adorava os marrecos deste parque. Aliás, ela gostava de todos os animais e estava sempre trazendo algum filhotinho abandonado para casa.

— Gostaria de ter conhecido a sua Anne — disse Genny, com toda a

honestidade. — Ela teve sorte por ser filha de um pai que a amava tanto.

— Sorte? Mas todos os pais amam os filhos, srta. Carlyle.

Genny lembrou-se de Raymond, bebendo até morrer, e sorriu com melancolia. Pela primeira vez conseguia recordar esse episódio de sua vida sem sentir ódio ou pena de si mesma.

— Nem todos, sr. Houseman.

Os dois começaram a caminhar em silêncio ao redor do lago. Samuel só parou quando já estavam distantes da família Goldman.

— Você conhece Andrew há muito tempo? Desculpe-me... eu deveria ter dito Odessa. Ele insistiu nesse detalhe.

— Andrew já lhe contou como vive agora?

— Em termos muito vagos, srta. Carlyle. — Samuel hesitou, antes de criar coragem para prosseguir. — Eu queria muito conversar a sós com você e peço-lhe que respeite o capricho de um velho. Passei o dia todo observando-a e sei que está sentindo-se diferente de nós. Não pense que Felicia teve intenção de magoá-la. A pobre mulher sofreu demais e, certamente, não quis dizer que não irá aceitá-la.

— A necessidade de uma aceitação já é uma ofensa, sr. Houseman.

— Perdoe-me, srta. Carlyle. Eu me expressei mal além de ter me desviado do assunto. Minha intenção era dizer que Odessa é o nome certo, não Andrew. Ele não é o mesmo homem que se casou com a minha Anne. Ficou mais maduro, mais forte e... diferente.

— Eu não posso fazer essa comparação, sr. Houseman.

— Por favor, entenda que não quero pressioná-la, mas... poderia falar com Odessa a meu favor?

Perplexa, Genny se deteve e olhou para Samuel Houseman. Sob a aparência de um velho alquebrado pela tragédia, existia um homem forte e determinado.

— Você é a única pessoa a quem posso recorrer, pois seria indesculpável se eu tocasse nesse assunto com Felicia ou com Morgan. Tenho que saber, antes de morrer, quem são os outros dois homens que mataram a minha filha. Odessa me deve a verdade e, com o tempo, perceberá que precisa me contar, mas talvez seja tarde demais para mim. Se me fizesse esse favor, se pedisse a ele...

Genny ergueu as mãos num protesto mudo, mas Samuel não desistiu.

— Nós dois sabemos que ele a ama. Se tem dúvidas a esse respeito, acredite na sabedoria de um velho. Se existe alguém capaz de induzi-lo a me revelar a verdade, é você!

Uma súbita inspiração convenceu Genny a não recusar o pedido de Samuel Houseman.

— Eu lhe farei esse favor com uma única condição.

— Concordo antecipadamente, srta. Carlyle. Qual é a sua condição?

Ela olhou disfarçadamente para os Goldman, que conversavam a uma certa distância. Como se pressentisse que algo estava errado, Odessa ergueu a cabeça e fitou-a. Genny apressou-se em revelar o plano que surgira, sem premeditação, em sua

mente.

— Odessa tem uma coleção de desenhos, sr. Houseman. São retratos meus, mas não importa quem tenha sido o modelo porque o talento dele é excepcional. O senhor poderia publicá-los.

Samuel olhou para Odessa, que se levantara e os fitava com desconfiança.

— Já discutiu esse assunto com ele, srta. Carlyle?

— Não, mas duvido que ele discorde.

— Eu os publicarei., se ele concordar, srta. Carlyle.

A lembrança de um outro contrato com Andrew Goldman renovou a eterna amargura de Samuel Houseman. Ele só encontraria a paz quando destruísse os assassinos de sua Anne!

CAPÍTULO 15

A primeira briga realmente séria teve proporções assustadoras. Os primeiros tiros foram disparados logo que Felicia e Morgan retornaram a Albany. Prudente e diplomático, Angel levou Jessamine para o saguão do hotel, numa retirada estratégica.

— Você teve coragem de falar com Samuel sobre os “meus” desenhos, nas minhas costas, Genny Carlyle? — berrou Odessa, andando pelo quarto. — Pediu-lhe que os publicasse num livro? Eu não consigo acreditar! Não consigo!

— Foi apenas uma sugestão, Odessa.

— E ele também..., sugeriu que eu lhe revelasse os nomes dos assassinos de Anne. Uma sutil sugestão ou uma exigência?

Sem recuar diante da fúria de Odessa, Genny amarrou os cabelos com toda a calma e começou a remexer nas cestas de piquenique. Ela encontrou alguns pedaços de frango, um pãozinho e as duas garrafas de champanhe, ainda envoltas nos guardanapos bordados.

— Seus dentes estão ficando afiados, Odessa — declarou ela, começando a comer o frango. — Não pense que vou oferecer-lhe o meu pescoço.

— Eu gostaria apenas de torcer o seu pescoço, Genny! Assim, acabaríamos de uma vez por todas com esse maldito problema!

— Você é a única pessoa que está criando problemas. Samuel Houseman achou a idéia excelente e, caso lhe interesse, eu não tinha planejado pedir-lhe que publicasse seus desenhos. Foi uma inspiração repentina e não vi nada de errado nela. Preferia que pedisse a sua autorização na frente de seus pais? Não faça drama, Odessa. Tome um pouco de champanhe para se acalmar.

Odessa arrancou a garrafa das mãos de Genny e bebeu, sem se importar que a bebida estivesse quente.

— Passei dez anos sem dizer nada porque tinha um motivo muito válido. McFee e Platt são criminosos, e Samuel não sobreviveria se tentasse acusá-los de assassinato. Maldição! Nem eu terei muita chance de escapar com vida. E você... — ele devolveu a garrafa para Genny — seria a primeira vítima!

— A escolha é de Samuel, Odessa. — Genny engoliu metade de um pãozinho. — Afinal, Anne era filha dele.

— E era minha esposa!

Genny não conseguiria jamais se esquecer desse fato. Tentando demonstrar indiferença, ela sentou-se em uma das poltronas, com o prato de frango no colo.

— Já se passaram dez longos anos, meu caro — resmungou Genny, com a boca cheia.

Irritado com a aparente placidez de Genny, Odessa arrancou a fita que ela colocara nos cabelos e a jogou pela janela.

— Eu devia ter imaginado. Você jamais entenderá!

— Mas eu compreendo perfeitamente, meu caro — prosseguiu Genny, ignorando as provocações. — Amantes e sócias não têm direito de dar opiniões sobre problemas que as afetem diretamente.

A calma com que Genny comia era um acinte.

— A gula é um pecado, Genny Carlyle! E eu não quero viver com uma mulher gorda!

Genny ignorou a sugestão implícita nas palavras de Odessa, sobre um futuro em comum. Aquele homem nascido em berço de ouro não sabia o que era passar fome! Ela se dava o direito de comer tudo o que desejasse e quando quisesse!

— Não acredito que eu viva o suficiente para ficar gorda. — Genny esvaziou uma das garrafas de champanhe em alguns longos goles. — A julgar por suas palavras, Samuel e eu estaremos mortos antes do fim da semana. Portanto... vou aproveitar cada minuto que me resta, comendo, bebendo e desafiando os deuses!

Ela tomou o último gole e jogou a garrafa vazia sobre o tapete Aubusson.

— Estou começando a compreender tudo, Odessa. Esses dois assassinos lhe dão o pretexto que precisa para não levar uma vida normal.

— Normal? Eu devo ter entendido mal. Pode repetir o que disse, Genny Carlyle?

Levantando-se da poltrona com uma certa dificuldade, Genny aproximou-se de Odessa e, arrancando a gravata dele, atirou-a pela janela.

— Você ouviu perfeitamente bem o que eu disse.

— Sinto-me ofendido por suas palavras. — Ele puxou o corpete do vestido de Genny e três botões rolaram sobre o tapete. — Extremamente ofendido.

Fitando-o com ódio, ela também puxou a camisa de Odessa para fora das calças.

— Você não é a única pessoa que está começando a compreender tudo. Quer que eles me matem, não é? Até posso ver as manchetes nos jornais. "Ex-presidiário publica desenhos e é baleado na rua como um cão raivoso!" A sua reputação não seria atingida. Aliás, creio que ficaria muito famosa com esse tipo de publicidade gratuita!

Apanhando a garrafa vazia, Genny jogou-a em Odessa. Ele conseguiu se desviar e, com uma risada cruel, tirou o cinto.

Genny tinha certeza de que Odessa não seria capaz de agredi-la. Como estava começando a sentir o efeito da bebida, decidiu desafiá-lo enquanto não perdia completamente a lucidez. Com um gesto rápido, esvaziou a outra garrafa de champanhe dentro das botas dele.

— Droga! — berrou Odessa, tentando agarrar Genny.

Ela não contara com a súbita lentidão de seus reflexos e muito menos esperara prender a saia na cesta de piquenique. Antes que pudesse se soltar, sentiu o golpe do cinto contra suas nádegas.

— Odessa! — Virou-se, pronta para lutar. — Você passou dos limites!

— Devia ter acreditado quando eu disse que não sou um cavalheiro e evitado me provocar. Você nunca soube quais eram meus limites, Genny.

— Pois agora eu acredito em sua selvageria, Odessa Gold! Você me paga!

Mas Genny não teria condições de retribuir a agressão mesmo se estivesse sóbria. Quando tentou reagir, Odessa forçou-a a sentar-se na poltrona e, segurando-a pelos pulsos, quase encostou o rosto no dela.

— Vou lhe dar um conselho de valor inestimável, Genny Carlyle! Nunca tente blefar com um jogador porque sempre perderá! Também preciso preveni-la: não tolero intromissões em minha vida e já sofri interferências demais para um único dia. Quando você estiver pronta para me pedir desculpas, voltaremos a conversar sobre Samuel.

Sorrindo, Odessa caminhou para a porta de comunicação entre os dois quartos. Genny correu atrás dele e, tropeçando na cesta, agarrou-se na cômoda para não cair.

— Pedir desculpas? Eu não fiz nada errado, idiota! É você quem tem que me pedir desculpas! — berrou Genny, descontrolada. — Alguém perdeu o juízo e chama-se Odessa Gold! Nunca lhe disseram que é completamente louco?

— Muitas vezes, Genny Carlyle. — Com um sorriso forçado, ele fez uma reverência. — Boa noite, querida. Eu não quero estar em sua pele quando acordar amanhã. A sua ressaca vai ser devastadora!

Genny não dormiu aquela noite. Parada junto à janela, ela viu a neblina da madrugada embaçar os vidros, avistou ao longe a claridade difusa do amanhecer e continuou incapaz de solucionar seu dilema.

Deveria pedir desculpas a Odessa? E por que o faria se quem estava errado era ele?

Samuel Houseman tinha todo o direito de saber o nome dos assassinos da filha. Mais uma vez, Odessa Gold demonstrava sua exasperante teimosia!

Ela gostaria de sair para andar, mas a Quinta Avenida era muito diferente do Wyoming. As pessoas não saíam para passear à luz das estrelas nem se deitavam na relva molhada de orvalho para ouvir os coiotes que uivam ao pé das colinas. Ninguém poderia acompanhá-la em sua caminhada noturna. Jessamine estava dormindo há horas e Angel tinha saído. Com certeza ele preferia passar algumas horas serenas ao lado de uma mulher do que ser envolvido em uma briga desagradável.

No quarto ainda escuro, Genny tentou encontrar o caminho de volta para a cama e tropeçou em uma das mesinhas espalhadas pelo aposento. Sentando-se no chão, finalmente deu vazão às lágrimas.

Ela não queria sentir ódio de Odessa, mas também não queria amá-lo! O amor trazia um sofrimento intenso e preferia ser alvo de todas as piadas sobre solteironas a estar apaixonada.

E Odessa não era exatamente um príncipe encantado. Mulher alguma perderia o sono por um homem tão cheio de defeitos. Mas quem deseja um santo?

Subitamente, Genny não sentiu mais dúvidas. No alto da cômoda, a chave da porta brilhava como um farol, indicando-lhe o caminho. Com o coração batendo forte, ela girou-a na fechadura e esperou pela inevitável explosão de cólera.

Nenhum som rompeu o silêncio e Genny criou coragem para dar mais um passo. As cortinas fechadas impediam a entrada da claridade vinda da rua e ela tentava se

orientar quando algo frio tocou seu pé.

O pânico de Genny durou apenas um segundo. Beggar lambia suas mãos e abanava o rabo para dar-lhe boas-vindas.

— Oh, Beggar! — murmurou ela, ajoelhando-se para abraçá-lo. — Você quase me matou de susto!

— Ainda bem que ele não conseguiu. Uma mulher morta em meu quarto só me causaria problemas.

— As pessoas dificilmente morrem de susto.

— Mas podem ser confundidas com ladrões que entram em quartos escuros na ponta dos pés e perder a vida por engano.

Odessa puxou as cortinas para clarear o quarto. Ele e Genny se fitaram em silêncio por alguns instantes e, quando criaram coragem, falaram ao mesmo tempo.

— Desculpe-me.

Os dois riram, envergonhados.

— Eu estava junto à porta, preparando-me para bater quando você entrou. Sinto muito por tudo que aconteceu.

Genny sabia que precisava sair logo daquele quarto. Caso contrário, não resistiria ao desejo de Odessa, seria vencida por sua própria paixão e tudo estaria perdido.

— Não vá embora, Genny. Ainda não conversamos sobre Samuel.

— Podemos falar sobre ele amanhã.

— Mas... acabou de chegar! — Aproximando-se, Odessa tomou o rosto de Genny entre as mãos. — Sempre que você se vai, eu morro um pouco, querida.

— Não me engane com palavras doces, Odessa. Sabe que eu sempre acredito em você. Oh, Deus! Como eu gostaria de não acreditar!

Então ela admitiu o poder do desejo que seria sempre a única verdade entre eles. Talvez o amor fosse um sonho impossível, mas a paixão de Odessa estava ao seu alcance.

— Eu te amo, Odessa.

Ele sabia tão bem o quanto Genny o amava! E sabia também que ela queria ouvi-lo dizer aquelas mesmas palavras. Seria muito fácil confessar o desejo ou demonstrar a paixão, mas o amor exigia uma entrega absoluta, uma sinceridade plena e a certeza de um futuro partilhado. Se a amasse, estaria expondo-a a um perigo mortal e continuava sem poder protegê-la da sombra de seu passado.

— Ah, Genny... — murmurou ele, despindo-a com as mãos trêmulas.

Odessa culpava suas mãos que procuravam os seios de Genny, despertando nela uma volúpia irresistível. Os beijos e as carícias substituiriam as palavras que não seriam pronunciadas e, perdida de paixão, ela não lembraria mais do amor.

A cama estava muito distante e Odessa possuiu-a no centro do quarto, num oásis de luz rósea que entrava pelas cortinas abertas. Ela teria dito seu nome no instante em que a penetrara?

— Diga o meu nome de novo, Genny. Diga de novo que você me ama.

— Você nunca diz nada...

Agora nada mais importava. Genny queria apenas sentir o prazer de receber Odessa em seu corpo. Ela já era uma mulher consciente de sua sensualidade e ansiava por descobrir todas as nuances da volúpia.

Naquela madrugada, Odessa amou Genny com o ardor de um homem que se despede da amada e ela vibrou em seus braços, partilhando de uma nova dimensão do prazer. Só quando os dois saciaram o desejo fremente, ele carregou-a para a cama.

— Você será minha mesmo se eu não estiver ao seu lado, Genny. Minha para sempre...

Antes mesmo de terminar de falar, Odessa sentiu-se culpado de um crime sem perdão.

— Então, por que não se casa comigo?

Já não era mais possível continuar enganando a si mesmo. Arrastara Genny para o inferno em que vivia e ambos pagariam muito caro por isso.

Na manhã seguinte, os dois se comportaram como se a noite anterior não tivesse acontecido.

Genny escreveu uma carta para Samuel Houseman, revelando-lhe os nomes de C. E. McFee e Manville Platt. Também avisou-o de que se tratava de dois ricos proprietários de fazendas de gado.

"Eu ainda tenho dúvidas se agi certo ao lhe contar a verdade. Segundo Odessa (Andrew), o governador Hodges quer forçá-lo a testemunhar contra esses dois homens, afim de reabrir o caso. Ele se recusou porque sabe que sua Iam fila seria atingida se concordasse.

Compreendo o quanto está sofrendo porque vi meu pai morrer de dor. Mas também posso entender a posição de Odessa, que julga esses homens capazes de tudo. Eles sempre foram implacáveis e cruéis, mas agora que enriqueceram e se tornaram pessoas de destaque em suas comunidades, têm muito mais a perder se a verdade for revelada.

Seja prudente, Samuel Houseman. A sua vida é preciosa demais e já correu muito sangue.

Odessa não sabe onde esses homens se encontram, mas certamente o governador não ignora seu paradeiro."

Depois de terminar a carta, Genny leu-a, em voz alta para a amiga.

— O que acha, Jessamine?

— O sr. McGowan sempre dizia que a vingança pertence a Deus. Creio que o sr. Houseman não acredita nisso e pretende tomar uma atitude insensata e perigosa. Que o Senhor tenha piedade dele.

Uma mensagem chegou ao telégrafo, instalado no escritório de Nathan Hodges, em Cheyenne. Sentado a uma mesa na frente do governador, Lewis levantou-se para

lê-la em voz alta.

— Eu sempre fico maravilhado com o progresso da ciência moderna e penso em como podemos viver sem essas facilidades. Quer ouvir um caso engraçado?

Lewis não conseguia achar a menor graça nas histórias do governador, mas era ambicioso demais para falar a verdade.

— Eu adoraria, excelência.

— A primeira vez que usei esse telefone, morri de medo de ser eletrocutado.

Depois de convencer Hodges de que essa reação era normal, Lewis entregou-lhe a mensagem.

Hodges leu o telegrama enviado por Samuel Houseman, que lhe fornecia o nome dos dois outros homens envolvidos no assalto ao trem e na morte de Anne Goldman e perguntava-lhe onde encontrá-los.

— A resposta para esse telegrama é... Saratoga, no mês de agosto. Envie-o agora mesmo, Lewis.

Enquanto o secretário mandava a resposta para Samuel Houseman, Nathan Hodges reclinou-se em sua cadeira, com um sorriso nos lábios.

— Então, Andrew Goldman resolveu abrir a boca depois

de dez anos de silêncio! Que maravilha, Lewis! Esperei muito tempo por isso. A justiça será respeitada e eu... talvez consiga algo que desejo ardentemente!

— Sim, excelência.

— Tenho que mandar alguns outros telegramas, Lewis. Por que não vai informar a sra. Hodges de que nós partiremos para Saratoga Springs dentro de dois dias?

Lewis forçou-se a disfarçar o desejo. Á esta hora, ele encontraria Beatrice na cama e sem a presença incômoda daquela desagradável criada. E, certamente, Hodges não ignorava esse fato.

— Eu irei avisá-la, excelência.

— Agora percebo que estava ansiando por alguns dias de férias — declarou Hodges, com um sorriso de triunfo. — Não acha perfeito combinarmos negócios com prazer?

— Sem dúvida, excelência — murmurou Lewis, inquieto.

— Não precisarei mais de você esta noite. Mas acorde bem cedo, amanhã, porque começaremos os preparativos para a viagem.

Disfarçando um sorriso, Lewis pensou na noite que passaria com Beatrice. Tinha certeza de que seu ardor sexual duraria até o raiar do dia! Então, apanhou várias pastas, mesmo sabendo que a encenação não enganaria o governador. Na verdade, esses bestos faziam parte da estranha farsa em que ele e Nathan Hodges desempenhavam os papéis principais.

— Estarei a postos às seis horas da manhã, excelência. Boa noite.

— Boa noite, Lewis.

Depois que seu secretário fechou a porta, Nathan Hodges deu uma risada malévola.

— Diga à minha querida esposa que eu também lhe desejo uma ótima noite nos

CAPÍTULO 16

A chegada da primavera era o sinal para que os guardiões espirituais de Saratoga se armassem para iniciarem sua cruzada anual contra o pecado.

Durante três longos meses, os nativos dessa cidade lutavam contra Satã e, ano após ano, sofriam a mais fragorosa derrota. Os livros de registros dos hotéis de Saratoga, em especial o Grand Union e seu recente rival, o United States, assemelhavam-se ao livro de ouro da aristocracia americana.

Possuir alguns milhões de dólares não significava nada. Afinal, John Jacob Astor III e William B. Astor tinham herdado de seus pais algumas centenas de milhões!

Os noventa milhões de William Vanderbilt eram considerados uma migalha insignificante pela aristocracia dourada. A sra. Astor comentara, em público, que essa ridícula fortuna fora obtida de uma maneira vulgar, especulando com ações de sua própria companhia de estradas de ferro.

Depois de ter sofrido o impacto da ostentação da Quinta Avenida, Genny acreditara que mais nada a surpreenderia. Então, a carruagem entrou na Broadway de Saratoga e ela olhou ao seu redor, sem acreditar no que via.

Logo no início dessa avenida, ficava o Grand Union, com a imponente fachada central de mais de quinhentos metros ladeada por duas imensas alas laterais. Os oitocentos hóspedes podiam passear nas centenas de salas acarpetadas ou nos intermináveis gramados. Havia também a possibilidade de se hospedarem nos luxuosos chalés, espalhados entre as árvores frondosas de um belo parque.

O restaurante do Grande Union acomodava mil e quatrocentas pessoas sob seus magníficos lustres de cristal. Todas as noites, trezentos garçons serviam o jantar de dez pratos em baixelas de prata.

Entretanto, os pátios internos, chamados *depiazzas*, superavam todas as outras maravilhas. Os homens, de ternos claros e chapéus panamá brancos, fumavam seus dispendiosos charutos enquanto suas esposas avaliavam o valor das jóias das outras mulheres. Como sempre, só os brilhantes mereciam a atenção feminina.

O United States só acomodava setecentos hóspedes e seu restaurante só servia mil pessoas. Mas esse hotel, onde Odessa e Angel já estavam hospedados e à espera de Genny e Jessamine, possuía algo que superava o Grand Union. Ali ficava a North Piazza, o santuário dos milionários!

O dia correria muito bem para Odessa. Ele tivera um encontro com Richard Canfield, o dono do melhor cassino de Saratoga, onde ele já conseguira ganhar uma pequena fortuna desde que chegara à cidade.

Ele soubera que Canfield era um cavalheiro, um homem culto e um amante das

Cartas da Sorte

Linda Shaw

artes, mas não estava interessado nessas qualidades recomendáveis. Queria ter certeza de que o cassino tinha um patrimônio sólido antes de se arriscar a fazer apostas mais altas.

— Eu me orgulho de oferecer o que há de melhor aos freqüentadores da minha casa — afirmou Canfield, enquanto os dois visitavam as luxuosas salas de jogo. — E estou apenas começando! Na próxima temporada, serei dono do cassino mais importante do país.

Canfield havia levado Odessa para conhecer todos os aposentos do cassino e lhe mostrara, em especial, um tapete vindo da Escócia e cujo valor ultrapassava dez mil dólares por ser tecido a mão e em uma só peça.

— A decoração é magnífica — comentou Odessa, bem impressionado.

— Um toque de beleza para reconfortar os meus amigos que perdem, sr. Gold.

— E quando eles ganham?

— Quem joga, acaba sempre perdendo. É quase uma lei e tenho por norma verificar se os freqüentadores do meu cassino podem se dar ao luxo de ter grandes perdas ou não. Qual é o seu caso, sr. Gold?

— Eu não estaria aqui se não pudesse perder.

— Ótimo! As salas do térreo são freqüentadas por jogadores apenas ricos. Aqui as fichas brancas valem um dólar e as marrons, as mais caras, valem mil. No andar de cima, reservado à elite de Saratoga, as mesmas fichas brancas custam cem dólares e as marrons... custam cem mil.

Odessa teve a delicadeza de não mencionar que só freqüentara o andar superior.

— Desejo-lhe boa sorte, sr. Gold.

— A sorte é uma mulher infiel, sr. Canfield. Apreendi a não confiar nela.

Depois de agradecer pela visita, Odessa saiu do cassino sob os olhares atentos de inúmeros seguranças contratados por Canfield. Nenhum desses homens se esqueceria dele e esse fato o inquietava.

Ele começava a voltar para o hotel quando Angel surgiu repentinamente ao seu lado.

— Canfield contratou um chefe de cozinha francês, chamado Jean Columbim — disse Angel, ajustando seu passo ao de Odesa. — Ele viaja todos os anos para a França, a fim de descobrir novas iguanas para servir aos clientes do cassino.

Inquieto, Odessa retirou o relógio do bolso, mais uma vez. Genny já devia ter chegado!

— Acho que você ficaria mais rico se fosse garçom de Canfield. Eles ganham quase cem dólares de gorjeta por noite.

— Prefiro continuar sendo seu valete e receber dez por cento do que você ganha por noite. Nós dois nos aposentaremos cedo e muito ricos, Odessa Gold!

O parque que ficava nos fundos do United States estava cheio de mulheres luxuosamente vestidas e homens elegantes com bengalas de castão de prata. O entrelaçado das ramagens criava um agradável sombreado sobre os bancos de

mármore, espalhados pelo bosque.

— Deus meu!

Odessa parou abruptamente e começou a andar na direção oposta. Alerta, Angel o imitou, mantendo a cabeça baixa e comportando-se com a mais absoluta discrição.

A pergunta não precisou ser formulada. Angel e Odessa discutiam, dia após dia, como agir no momento de perigo.

— Ali., no banco — murmurou Odessa, tenso.

— É McFee?

— Ele e Platt. Os dois bastardos estão em Saratoga. E Genny deve chegar a qualquer instante! Por Deus, Angel! Eu sou um maldito irresponsável, um infernal egoísta!

As doze magníficas malas, colocadas em uma segunda carruagem, estavam cheias com os belos vestidos criados por madame Desmond. Genny e Jessamine seguiam em um faeton aberto, em cujo bagageiro tinham sido acomodados as sombrinhas de seda, os sapatos de cetim e um pequeno baú com cosméticos, cremes e perfumes.

Aos pés de Genny, estava uma exótica caixa de jóias que Odessa comprara sem consultá-la. As aparências contavam muito, mas quase iniciara uma guerra quando ele sugeriu que a enchessem com algumas peças pertencentes à família Goldman.

Enquanto as mulheres percorriam a Broadway, Genny teve a inexplicável impressão de que as pessoas a fitavam como se a conhecessem.

— Esta foi a idéia mais infeliz que já me passou pela cabeça em toda a minha vida! — explodiu Genny, à beira do pânico. — Eu nunca deveria ter vindo para Saratoga!

— Não se apavore justamente agora, Genina. Os ricos logo percebem quem não pertence ao seu universo privilegiado, portanto não adianta fingir. Seja você mesma.

— Vai ser difícil porque já não sei mais quem sou.

— Já viu o sr. Gold?

— Não, mas pode ter certeza de que Odessa está nos espreitando e aparecerá no momento mais improvável. O importante é saber se Adam se encontra realmente nesta maldita cidade! Por que ele não foi para a Filadélfia? Seria tão mais simples!

— Acho bom que esse rapaz esteja mesmo aqui porque pretendo falar com ele pessoalmente, Genina!

Diante dos olhos do mundo, Genny Carlyle percorreu a avenida que os americanos consideravam à altura do Champs Élysées de Paris e do Prater de Viena. A cada metro percorrido, ela rezava com mais ardor, pedindo a Deus que sua chegada passasse despercebida.

Então, a carruagem parou à porta do hotel e elas foram cercadas por uma multidão de carregadores. Um deles aproximou-se para ajudar Jessamine.

— Por favor, ela só está acostumada comigo.

Genny não sabia que deveria desfilar pelo pátio de entrada do hotel, como uma frágil boneca, carregando sua delicada sombrinha de seda. Olhos curiosos a

observaram subir os degraus, segurando o braço de uma velha cega.

Ela passou na frente do porteiro sem se deter.

— Madamel! — exclamou ele, horrorizado com a jovem que ousava abrir a porta sozinha. — Por favor...

— Alô. — Genny virou-se para ele, sorridente. — Qual é o seu nome?

— E... é Marvin, madame — balbuciou ele, atônito.

— Agradeço-lhe por ter aberto a porta para nós, Marvin. O meu nome é Genny Carlyle e minha amiga chama-se Jessamine. Você poderia ajudá-la a ir para o terraço quando eu não estiver por perto?

Acostumado a ser totalmente ignorado pelos hóspedes, Marvin examinou a jovem gentil e sua amiga cega. A srta. Genny Carlyle não era como as outras mulheres que ficavam olhando ao seu redor para ver se estavam sendo admiradas. Não o tratara com o desprezo típico dos brancos e perguntara seu nome em vez de tentar comprá-lo com uma gorjeta em dinheiro!

— Eu me sentirei orgulhoso de ajudar a srta. Jessamine, sempre que for necessário, madame. E a senhora também, a qualquer hora.

— Obrigada, sr. Marvin — agradeceu Jessamine, virando-se para o local de onde viera a voz.

— Por favor, apenas Marvin, madame.

Quando as duas entraram no vestíbulo do hotel, Genny voltou a sentir o mesmo pânico que a dominara ao avistar a Broadway.

— Eu tenho a estranha sensação de que o mundo vai acabar justamente enquanto estivermos em Saratoga, Jessamine. Então, irão descobrir nossos corpos entre os milionários e... o que escreverão no nosso obituário? Que somos duas impostoras vindas do Wyoming?

— Bem... — Jessamine deu uma risada descontraída — nós realmente somos duas impostoras vindas do Wyoming, Genina. Tente pensar nas escadas que levam aos portões do Paraíso, querida.

— Sinto-me mais inclinada a pensar no caminho que leva ao inferno, Jessamine. É uma alameda ampla e sedutora que esconde os mais terríveis perigos!

Saratoga passava por um período de grandes transformações. A alegre década de noventa se aproximava de seu final para dar entrada a um novo século. Um outro tipo de veranistas chegava à cidade, entre os quais estavam as jovens mulheres independentes que pouco se importavam com Caroline Astor ou sua maior rival, Ava Vanderbilt.

Lady Eleanor Bentley não se encaixava nessa nova categoria feminina. Ela chegara na noite anterior, acompanhada por sua amiga, Priscilla Davenport, e não perdera tempo em reunir-se à corte de Ava Vanderbilt, pois a sra. Astor fora passar o verão com a família em Newport.

Quando Genny desceu da carruagem, a imponente sra. Vanderbilt colocou a taça de champanhe sobre a mesa e retirou seus binóculos de ópera da bolsa.

— Quem é ela?

A pergunta de Ava Vanderbilt teve o efeito de uma bomba. O silêncio desceu sobre a North Piazza, os garçons pararam de circular entre as mesas e todos os olhares se dirigiram para a entrada do hotel.

— É ela!

— Tem certeza?

— Eu ainda não perdi a visão! É a mulher do *New York Times*!

Embora a maioria das mulheres ali presentes se recusasse a admitir a verdade, todas elas haviam se fascinado com os desenhos publicados durante seus extenuantes preparativos para a temporada. Muitas tinham abandonado seus costureiros prediletos e ido à procura de madame Desmond, esperando se tornarem tão atraentes quanto a jovem modelo.

Inexplicavelmente, nem Genny nem Odessa tinham visto os desenhos. Nem mesmo Angel, que lia o jornal de uma ponta à outra, notara os anúncios de "Madame L.", num canto da quarta página do *New York Times*.

Mas as pessoas só enxergavam o que lhes interessava. Ao contrário de Genny, as mulheres que estavam na North Piazza só pensavam em moda e todas sentiram inveja da magnífica carruagem parada diante do United States.

— Os cavalos são de excelente qualidade — declarou Walter Reynard, um tradicional banqueiro de Wall Street cuja fortuna lhe permitia comprar os reprodutores equinos mais caros do mundo.

— Mas... ela está viajando sozinha! Ou quase... Levantando-se da mesa, Walter Reynard aproximou-se do gramado que limitava a *piazza*.

— Acho esse hábito muito moderno, muito... século XX — declarou Jason Montague, fascinado com a recém-chegada.

— As tradições familiares estão passando de moda.

— Não seja vulgar, Jason. — Reynard colocou o monóculo para encarar o rapaz que se manifestara. — São as tradições familiares, transmitidas através das gerações, que separam os civilizados dos selvagens.

Walter Reynard, um homem de meia-idade e educação rígida, não aprovava o comportamento irresponsável de Jason Montague que perdia fortunas nas mesas de pôquer.

Eleanor Bentley empalidecera de raiva ao notar o interesse de Ava Vanderbilt na recém-chegada. Ela faria tudo para merecer um segundo olhar da imponente matrona! Então, reconheceu a jovem que encontrara no ateliê de madame Desmond e perdeu o controle.

— Não acredito! — sussurrou ela para Priscilla, sem notar que sua voz podia ser ouvida por todos. — Ela teve coragem de vir!

Jason Montague olhou de relance para a mulher com quem tivera um tórrido romance. A aparência espiritual de Eleanor Bentley, sempre com seu livro de preces nas mãos, escondia uma amante insaciável e de gostos bizarros. Ele acabara de romper essa ligação porque não nascera para ser vítima de ninguém.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Não comece nada que você não possa terminar, Eleanor — disse ele, com um tom de voz agressivo. — Sabe de algum boato picante ou abriu a boca na hora errada?

Fitando-o com ódio, Eleanor apertou o livro de preces junto ao peito.

— Eu não devia. Realmente, não devia...

— Só um cego não perceberia que ela deve ter um "tio" muito velho e muito rico — comentou alguém do grupo.

Reynard não se sentia bem ouvindo conversas desse tipo. Ele estava surpreso com a permissividade de Ava Vanderbilt, que deveria ter censurado quem fizesse o primeiro comentário malicioso. Caroline Astor jamais permitiria essa vulgaridade!

Mas os dias de refinamento e cortesia já pertenciam a uma época perdida para sempre. Atualmente até as jovens solteiras sabiam das ligações escandalosas entre cavalheiros ricos e mulheres oportunistas que os acompanhavam a Saratoga, como sobrinhas ou secretárias.

Os chalés não tinham o mesmo horário do hotel, permitiam uma privacidade muito maior e por isso eram escolhidos pelos cavalheiros que precisavam esconder suas amantes das legítimas esposas.

— Eleanor e eu encontramos essa jovem no ateliê de madame Desmond — informou Priscilla Davenport, também

aborrecida com o rumo malicioso da conversa. — Sinto deixá-los, mas fiquei subitamente com dor de cabeça. Com licença...

— Nós sentiremos sua falta — disse a sra. Vanderbilt, sem muita ênfase.

Depois da saída da amiga, que se despedira dela com um olhar de censura, Eleanor Bentley sorriu com maldade.

— Vou contar-lhes tudo o que sei, mas não é muito. Pelo que pude perceber, no ateliê de madame Desmond, essa jovem é amante de um homem fascinante, o sr. Gold. — Ela olhou para Jason. — Um homem de verdade!

— Que romântico! — comentaram as mulheres. — Ser amante de um homem perigoso e ter os retratos publicados no jornal!

— Gold? — exclamou Reynard, detestando antecipadamente esse homem de verdade. — Quem já ouviu falar nesse desconhecido?

— Eu! — respondeu Jason, triunfante. — Perdi alguns milhares de dólares para esse Gold, ontem à noite. Dizem que ele veio do Oeste e que jamais perde um jogo de pôquer.

— Precisamos saber quem é ela — declarou Ava Vanderbilt, guardando os binóculos. — Acho que vou mandar um telegrama para Louise Desmond.

Todos esperavam, quase sem respirar, pelo veredicto da matrona que comandava a sociedade de Saratoga, naquela temporada. As palavras dela decidiriam se a mulher desconhecida seria desprezada ou aceita entre eles.

Walter Reynard comoveu-se com o carinho da jovem que cuidava com tanta dedicação de alguém velho e incapacitado pela falta de visão. Ele pertencia à velha-guarda e admirava qualidades consideradas ultrapassadas. Estava com cinquenta e oito anos e, pela primeira vez na vida, julgou que cometera um erro em permanecer

solteiro.

— Acho que estamos testemunhando uma evolução da moda.

Afinal, Ava Vanderbilt decidira se manifestar. Ela notara o olhar interessado de Reynard e o considerava um dos mais confiáveis representantes da verdadeira aristocracia.

— Madame Desmond sempre soube realçar o que há de mais bonito em uma mulher. Não é minha modista, mas reconheço seu talento. E essa jovem, mesmo sem jóias, está muito elegante. Achei-a encantadora.

Naquele instante, Genny Carlyle se transformou na inimiga número um de todas as mulheres que estavam na North Piazza!

CAPÍTULO 17

Angel teve medo de que Odessa não conseguisse controlar a intensidade de seu ódio. Quando o homem perde a racionalidade e fica sob o domínio de emoções violentas, acaba pondo em perigo as pessoas a quem mais ama. Ele compreendia essa reação, mas a considerava fatal.

— Eles o reconheceram? — perguntou Angel, ao reiniciarem a caminhada em direção ao hotel.

— Creio que não.

— Já se passaram dez anos. É muito tempo, Odessa.

— Mas eu não tive a menor dúvida.

— O seu caso é diferente. Tem a sensibilidade apurada de um artista. Além disso, estava prevenido e esperando encontrá-los. Eles não o procuram.

— Não se iluda, Angel. Se McFee e Platt estão em Saratoga é porque souberam que eu viria.

— Mantenha a calma, Odessa. Não fique cego pelo ódio justamente agora.

Os dois aproximavam-se de um bosque próximo ao hotel quando Angel se deteve.

— Espere, Odessa. Aponte-os para mim.

Encostando-se no tronco de uma árvore, Odessa acendeu um charuto enquanto procurava disfarçadamente por McFee e Platt no meio dos hóspedes que passeavam pelo parque.

— Está vendo aquela mulher de vestido espalhafatoso, junto ao Cupido de mármore?

— A prostituta? — Angel arrependeu-se imediatamente de seu comentário agressivo. — Desculpe-me. Fui rude demais e sem motivo.

— Se está se desculpando só porque ela é branca, não perca seu tempo. Aquela mulher é mesmo uma prostituta.

McFee engordara muito nos últimos dez anos. Seus olhos pequenos quase desapareciam nas dobras do rosto gordo e o corpo inchado assemelhava-se a um balão prestes a levantar vôo.

— O homem obeso ao lado da mulher é McFee. O que está atrás dele, com ar de quem já devia ter sido enterrado há muito tempo, é Manville Platt.

O rosto de Platt, pálido e macilento, ficava ainda mais esquelético por causa do enorme nariz adunco.

Angel olhou de relance para McFee e Platt, mais preocupado em memorizar o rosto dos dois homens musculosos e com a expressão cruel de matadores profissionais que estavam por perto.

— São guarda-costas.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Foi o que pensei, Angel. — Odessa apagou o charuto, tenso. — Preciso avisar Genny! Ela tem que ir embora da Saratoga, imediatamente!

— Não se precipite, Odessa. Como pode ter certeza de que eles o reconhecerão? Passaram-se dez anos. Você mudou e também envelheceu. Além disso, está usando barba. — Angel deu uma risada maliciosa. — Se emprestar a bengala e os óculos escuros de Jessamine...

— Não banque o engraçadinho, Angel.

Com gestos calmos, Odessa fechou o paletó e arrumou a gravata.

— Quer mesmo saber se eles me reconhecerão? Pois vamos tirar essa dúvida agora!

— Espere! — Angel surpreendeu-se com tanto sangue frio.

— Eu não queria dizer que...

— Só existe um modo de descobrir. Venha comigo.

Em silêncio, Odessa e Angel caminharam para perto dos dois homens do Wyoming. Odessa mantinha os olhos fixos neles enquanto Angel observava os guarda-costas.

— A minha família chega dentro de dois dias — dizia McFee à mulher. — Você pode ficar no chalé durante esse período, mas depois teremos que nos encontrar noutro lugar.

— Mas eu pensei que iria ficar com você o tempo todo — reclamou a prostituta com a voz lânguida.

McFee olhou à sua volta, preocupado, e seu olhar encontrou Odessa, a menos de seis metros de distância. Não vendo nada que o alarmasse, colocou o braço sobre os ombros da mulher.

— Teremos muito tempo para ficar juntos, boneca. Se eu ganhar no cassino, comprarei uma jóia que deixará você ainda mais feliz.

Com um sorriso insinuante, a mulher aconchegou-se ao peito de McFee.

— Meu ursinho de pelúcia... — disse ela, com um brilho de ganância nos olhos frios.

— Não se esqueça dessa minha promessa e seja ainda mais carinhosa, boneca.

— Pode me dar um pouco de dinheiro até esse dia, querido?

— Droga! Você já me arrancou uma verdadeira fortuna há dois dias!

— Eu tenho despesas... femininas, amor. Só um pouquinho... para os meus alfinetes?

Odessa acompanhara a conversa e ainda não se sentia satisfeito. McFee estava concentrado demais na mulher e talvez não o tivesse examinado com atenção. Comunicando-se com Angel através de um olhar, arrancou a caixa de fósforos da mão do amigo.

— Idiota desastrado! Você não é capaz de fazer nada direito?

A censura ríspida chamou a atenção de várias pessoas, inclusive a dos dois guarda-costas. Enquanto Angel curvava servilmente a cabeça, Odessa acendeu o fósforo, deixando que a chama iluminasse seu rosto.

McFee desviou sua atenção da prostituta e, depois de examinar Odessa da cabeça aos pés, desinteressou-se do incidente. Platt também não perdeu muito tempo com um homem que ralhava, merecidamente, com seu criado.

— Acho que agora sabemos a resposta — disse Odessa, suspirando, aliviado.

— Pelo menos, ganhamos algum tempo.

Resmungando que Genny já perdera tempo demais, Odessa começou a caminhar para o hotel, com passos determinados. Se ela ainda não tivesse chegado, daria ordens para que se iniciassem as buscas!

Infelizmente para Genny, o subgerente do hotel, Horace Minnows, não lia o *New York Times* e era um fanático defensor do bom nome do United States.

Durante os seis anos que passara sob a tutela exigente de Percy Van Yarborough, ele vira muitos homens, que se consideravam decentes e respeitadores dos preceitos familiares, tentarem registrar suas amantes no hotel como sendo sobrinhas ou secretárias.

O caso mais grave tinha sido o de um milionário, dono de estradas de ferro, que viera acompanhado por seis "secretárias" e as alojara no quarto ao lado do seu. O *New York Times* descobrira o fato e publicara um artigo sobre a depravação e a imoralidade de Saratoga. Esse escândalo levava anos para ser esquecido!

Horace não tinha pressa. Algum dia, Van Yarborough partiria para um mundo melhor e ele pretendia ocupar o posto vago de gerência. Enquanto esperava, examinava com meticulosidade obsessiva os hóspedes que não conhecia de outras temporadas para evitar qualquer tipo de escândalo.

Aquela jovem de cabelos cor de cereja madura que entrara no saguão, sem cumprimentar ninguém, e chegara até ele para dizer que havia uma suíte reservada em seu nome, era nitidamente uma impostora!

— Qual é o seu nome, madame? — perguntou ele, sem disfarçar o tom desdenhoso.

— Genevieve Carlyle — respondeu ela, sem rodeios.

Horace abriu o livro de reservas e encontrou um telegrama do Waldorf-Astoria, que ele mesmo recebera, ao lado do nome da srta. Carlyle. Lembrava-se de ter imaginado a chegada de uma jovem sofisticada, com a tradicional comitiva de criadas, mordomo, talvez um médico e a costumeira dama-de-companhia.

Ele considerou a bagagem à altura dos hóspedes habituais, mas as roupas da srta. Carlyle deixavam a desejar. O vestido de seda verde e o chapéu, com uma nuvem de tule entremeada de pequenos botões de rosa eram de excelente qualidade, mas a jovem não usava uma única jóia. Uma genuína dama estaria coberta de brilhantes! Quem ela pretendia enganar?

— Madame... vejo que há uma reserva em seu nome, mas... — olhou ao redor, à procura de Van Yarborough, antes de prosseguir, em voz baixa: — Gostaria de lhe fazer uma sugestão. Temos quartos na ala Leste, ensolarados e amplos, que talvez sejam mais do seu agrado.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

Embora Genny estivesse perdendo a coragem, ela conseguiu enfrentar o antipático subgerente com um sorriso altivo. Afinal, sobrevivera a Adam Worthington e não iria ser derrotada por um homenzinho impertinente!

— O senhor está sugerindo que houve um engano?

— De modo algum, madame!

— Posso ver o livro de registros?

— Por favor, não me interprete mal, madame. A reserva foi feita, mas...

Enquanto fingia procurar o seu nome, Genny tentava encontrar o de Adam e mal controlou a euforia ao descobrir que ele estava hospedado naquele hotel. Só esperava que nada lhe acontecesse antes do doce momento da vingança!

— Não há nenhum problema com a reserva, madame — continuou ele, com forçada delicadeza. — Trata-se, porém, de uma suíte no primeiro andar e o preço... talvez seja muito superior ao que a senhora possa imaginar.

Finalmente, Genny compreendia o problema! Tudo se resumia a dinheiro! Odessa acertara ao afirmar que precisaria fingir-se de aristocrata ou a considerariam apenas uma impostora. Se estivesse usando os brilhantes da família, aquele homem se curvaria servilmente diante dela.

— Creio que me forneceram informações erradas a respeito deste hotel — disse Genny, virando-se para ir embora. — O United States não tem um tratamento à altura de sua fama!

— Madame!

Genny começava a afastar-se quando sentiu que Jessamine a segurava pelo braço.

— Genina! Acho mais aconselhável concordarmos com o cavalheiro. Um quarto na ala Leste seria ótimo...

— Está bem — suspirou Genny, desistindo de brigar com o subgerente. — Aceitaremos o seu..., maravilhoso quarto na ala Leste.

Observando a cena a distância, Odessa sentiu-se sufocado pela raiva. Ele estava começando a atravessar o vestíbulo quando Angel tocou-lhe o braço.

— Eu vou dar uma lição àquele miserável!

— Não acho aconselhável, Odessa.

Inclinando ligeiramente a cabeça, Angel indicou a presença de McFee entrando no salão com Manville Platt e seus guarda-costas. Ele estava ao lado de Odessa para refrear os impulsos do amigo e não para incitá-lo a agir sob o domínio da raiva.

— Faça-me um favor, Angel — disse Odessa, com o tom de voz seco que até o carcereiro Potanski aprendera a temer.

— Preciso de papel e caneta para escrever um bilhete.

Quando Angel retornou com o que ele pedira, Odessa escreveu rapidamente e, depois de dobrar o bilhete, virou-se para o amigo.

— Entregue a minha mensagem ao sr. Winnows, Angel. Tem que chegar às mãos dele antes de Genny entrar no elevador.

O subgerente empalideceu ao ler a nota e, olhando de relance para Angel, tocou

a sineta, como se estivesse chamando o corpo de bombeiros.

Percy Van Yarborough, um homem esguio e de óculos maiores que seu rosto frágil, saiu calmamente do escritório. Mas, depois de ouvir as explicações de Winnows, sua expressão se transformou em uma máscara de fria eficiência.

Com uma rapidez surpreendente, ele saiu de trás do balcão e alcançou a srta. Carlyle no instante em que os carregadores colocavam a bagagem dela e a da sra. McGowan no elevador reservado à ala Leste.

— Por favor, espere um momento, srta. Carlyle!

Procurando não ser visto por McFee e seus homens, Odessa aproximou-se do elevador em tempo de ouvir as ordens de Van Yarborough. O gerente havia orientado os carregadores para que levassem as malas da srta. Carlyle e de sua acompanhante à suíte do primeiro andar.

Surpresa, Genny olhou ao seu redor, procurando pelo motivo daquela súbita mudança de atitude. Quando avistou Odessa, seu rosto refletiu uma intensa alegria.

Então, Odessa balançou levemente a cabeça, avisando-a para não demonstrar que o conhecia. Disfarçando a decepção, ela virou-se para Van Yarborough, que parecia disposto a conduzi-las até a porta da suíte.

— Eu não estou entendendo essa súbita mudança, sr. Van Yarborough.

— Peço-lhe desculpas por esse desagradável mal-entendido que não teria ocorrido se eu me encontrasse na mesa de recepção quando a senhorita chegou. A sua suíte está pronta e jamais passaria pela minha cabeça hospedá-la em qualquer outro tipo de acomodação. O sr. Winnows... — ele virou-se para o subgerente que se aproximara a seu pedido — não compreendeu nada. Não foi isso que aconteceu, Winnows?

— Realmente, madame! — Horace Winnows curvou-se diante de Genny. — Eu não entendi e peço-lhe mil perdões. Se precisar de algo durante a sua temporada em nosso hotel, é só me pedir e terei o máximo prazer em atendê-la. Mais uma vez, espero que a senhorita e a sra. McGowan me perdoem.

— Eu agradeço — murmurou Genny, sem saber o que estava acontecendo. Ela olhou para Odessa à espera de uma explicação, mas o gerente e seu assistente a conduziam para o elevador, ainda se desculpando.

Quando as portas do elevador se fecharam, Odessa cerrou os punhos de raiva. Por alguns instantes, a mulher que ele amava e os homens que queriam matá-lo tinham estado muito próximos na mesma sala!

O desejo egoísta de saborear a companhia de Genny iria custar um preço que ele não estava preparado para pagar. Não suportaria continuar vivendo se algo acontecesse àquela jovem meiga e inocente.

— Chegou a hora de acabar com essa loucura! Tenho que pôr um fim nisto tudo!

Angel nem pensou em convencer Odessa a mudar sua decisão. Conhecia aquele olhar obstinado muito bem porque o vira com excessiva frequência em seus próprios olhos.

— Talvez a srta. Carlyle tenha opiniões próprias a respeito de partir de

Saratoga, Odessa.

Se o seu teimoso amigo ainda não tinha percebido o quanto aquela jovem o amava, era ele o cego e não Jessamine McGowan!

— Não importa. — Odessa estava totalmente concentrado nas providências que precisava tomar. — Avise o cocheiro para que venha até a porta do hotel, dentro de duas horas. Diga à Genny que ela deve se dirigir para o lado oeste de Saratoga e eu a encontrarei logo além dos limites da cidade.

Com uma expressão dura, Odessa começou a caminhar para a mesa de recepção.

— Agora, vou tratar daquele miserável. Terei que comprar o silêncio dele.

Odessa esperou que Horace Winnows terminasse de atender um cliente. Ele permaneceu com os cotovelos sobre o balcão, como se não pretendesse afastar-se dali pelo resto do dia.

— Sr. Gold? Winnows tremia de medo. — Há algo que eu possa fazer pelo senhor?

Com uma expressão ameaçadora, Odessa puxou o livro de registros e, depois de colocar algo entre as folhas, empurrou-o de volta para Winnows. O subgerente abriu-o e, ao encontrar três notas de cem dólares, fechou-o como se tivesse visto um escorpião.

— Por que me entregou... isso, sr. Gold? — murmurou ele, suando frio.

— Recebeu um bilhete meu há poucos minutos, sr. Winnows.

Horace Winnows não se iludia com a aparente descontração daquele homem perigoso. Como pudera criar problemas

justamente com alguém com uma cicatriz tão sinistra no rosto?

— Sim, sr. Gold. Recebi seu bilhete.

— Pois quero-o de volta.

— Mas... agora essa nota está com o gerente. É propriedade dele.

— Eu a enviei a você, Winnows. — Os olhos cinzentos irradiavam perigo. — E você apenas deu-a ao gerente.

— Entendo, senhor. — Engolindo em seco, ele decidiu-se pelo mal menor. — Espere-me aqui.

— Fique tranqüilo. Não tenho a menor intenção de afastar-me de sua mesa, rapaz.

Horace Winnows retornou rapidamente e entregou o bilhete para Odessa, com as mãos trêmulas.

— Não preciso dizer que quero silêncio total a esse respeito, não é? — Antes de se afastar, Odessa sorriu para o subgerente. — Tenho também um conselho a lhe dar: seja menos esnobe e sua vida ficará bem mais agradável, rapaz.

Quando Horace Winnows finalmente viu Odessa desaparecer do saguão, sentou-se em sua cadeira porque já não tinha forças para manter-se em pé.

Ao chegar à sala da suíte, Angel ouviu um barulho estranho vindo do outro lado da porta. Para sua surpresa, ao entrar no quarto, encontrou Odessa sem camisa e

coberto de suor, fazendo flexões de braço.

— Oitenta e cinco, oitenta e seis...

Odessa não interrompeu a ginástica com a chegada do amigo, e Angel podia sentir a raiva que o impelia a se exercitar compulsivamente. Enquanto esperava que ele se cansasse, retirou roupas limpas da cômoda e começou a escovar o paletó que seria usado naquela tarde.

Finalmente Odessa largou-se no chão, esgotado.

— Quer que eu mande buscar gelo, Odessa?

— Não, obrigado. Só preciso de água. — Depois de esvaziar a garrafa de cristal, ele dirigiu-se a Angel. — Deu o meu recado a Genny?

— Sim. Combinei de apanhá-la dentro de uma hora para levá-la ao seu encontro.

— Ótimo. Assim é mais seguro.

Odessa tomou um banho rápido e, ao voltar para o quarto, começou a vestir as roupas que Angel preparara.

— Odessa?

— Sim? — Diante do espelho, ele não precisava virar-se para perceber que Angel tinha más notícias. — O que descobriu agora?

— O seu amigo governador, o tal de Hodges...

Um pressentimento sinistro tomou conta de Odessa.

— Eu o vi registrando-se no hotel, quando voltei do quarto da srta. Carlyle. Veio acompanhado por uma mulher, provavelmente sua esposa, e que parecia sofrer de uma ressaca violenta. Também havia um rapaz petulante que não tirava os olhos da sra. Hodges e talvez seja o responsável pelo mal-estar dela.

Odessa não acreditava em coincidências. Hodges viera propositadamente para o mesmo hotel que McFee e Platt! Agora ele sabia por que os dois assassinos haviam descoberto tão rapidamente o seu paradeiro!

— Quero que você também vá embora quando Genny for, Angel.

Angel o fitou com um olhar de profunda obstinação.

— Não pretendo nem ouvir essa conversa idiota, Odessa.

— Droga! — explodiu Odessa, começando a vestir as botas. — Talvez não seja fácil relacionar Genny à minha pessoa mas a nossa ligação é clara demais, Angel. Não quero causar mais uma morte! Pagarei o dobro do que combinamos, mas você parte hoje à noite. Está me ouvindo?

Odessa estava quase gritando, mas a voz de Angel permanecia serena e muito fria.

— Eu o ouvi perfeitamente bem, mas não vou partir.

Apanhando a bota que ainda não calçara, Odessa atirou-a em Angel.

— Você é um jogador, Odessa. — Angel riu, apanhando a bota em pleno ar. — Tem nervos de aço e por isso não estou nem um pouco preocupado.

— Nervos de aço? — Ele deu uma gargalhada amarga. — Já nem sei se tenho nervos, amigo.

Terminando de se vestir em silêncio, Odessa percebeu que não convenceria Angel.

— Talvez eu tenha sorte e eles sejam jogadores também, Angel. — Odessa parou antes de sair do quarto. — Você pode ficar mas Genny vai, nem que seja à força!

A equitação nunca fora um dos pontos fortes de Odessa. Enquanto ele se afastava da cidade, o cavalo não parava de olhá-lo de esquelha, como se estivesse cogitando atirá-lo ao chão.

Odessa manteve-se montado até atingir os limites da cidade e decidiu esperar pela chegada de Genny para afastar-se mais do centro na segurança de uma carruagem.

— É isso que acontece quando um homem se apaixona — resmungou ele, dirigindo-se ao cavalo que relinchava como se concordasse com Odessa. — Fica cego, confuso e pensa que é Deus!

Encostado em um tronco de árvore, Odessa ouvia o zumbir dos insetos e o leve murmurar da brisa. Já começava a sentir-se deprimido quando avistou, ao longe, a poeira de uma carruagem que se aproximava. Como um adolescente no primeiro encontro com a namorada, ele tentou pentear os cabelos com os dedos e ajeitar melhor a gravata.

Aparentemente, Genny também não suportara a separação. Mal Angel parou a carruagem, ela jogou-se nos braços de Odessa.

— Pensei que não fosse chegar nunca, querida! — Ele mergulhou o rosto nos cabelos perfumados de Genny. — Nem imagina a falta que senti de você!

— Mas foram só dois dias, querido...

— Décadas são menos longas...

A voz de Angel interrompeu o enlevo dos dois, trazendo-os de volta à realidade.

— Coloquei uma cesta de piquenique no bagageiro da carruagem. Quer que eu vá fazer companhia para a sra. McGowan ao chegar ao hotel, srta. Carlyle?

Angel iria voltar para Saratoga com o cavalo de Odessa, deixando-lhes a carruagem para que voltassem juntos.

— Poderia me prestar esse favor, Angel?

— Será um prazer, senhorita.

Odessa acompanhou o amigo até o local onde amarrara seu cavalo, a fim de falar-lhe sem ser ouvido por Genny.

— Fique atento e seja prudente, Angel.

— Terei o cuidado de quem está lidando com uma carga de dinamite, jogador de nervos de aço!

Enquanto via a silhueta do amigo desaparecer numa nuvem de poeira, Odessa murmurava baixinho.

— A dinamite é bem menos perigosa, amigo. Bem menos explosiva...

CAPÍTULO 18

Envolvida pela sombra do bosque que combinava com o verde de seus olhos, Genny tirava o chapéu e liberava os cachos rebeldes que caíam como um manto de cobre polido sobre os ombros. Ela viu Odessa aproximar-se e refreou o desejo de se jogar em seus braços.

— Pensei em irmos até um lago que fica na propriedade do juiz Wharton, Genny. — Envolvido pelo mesmo desejo, ele a tomou nos braços. — É logo ali, nas colinas...

— Não sei se devo ir até outras colinas com você, Odessa — murmurou ela, lembrando-se de uma tarde mágica nos bosques de uma cidade perdida no caminho.

— Poderíamos molhar os pés na água cristalina — prosseguiu ele, beijando os cabelos com perfume de flores silvestres.

— Mas será que você consegue pular a cerca com essa quantidade enorme de anáguas?

Quando Angel lhe comunicara que Odessa a esperava nos limites da cidade, Genny escolhera o vestido mais revelador que possuía, disposta a se mostrar sofisticada e sedutora.

Sentia-se apenas uma mulher apaixonada que se alegra com a volúpia estampada nos olhos de seu amor.

— Eu poderia tirar as anáguas... se confiasse em você, Odessa Gold. — Ela não resistia ao desejo de provocá-lo. — Acho que não devo mesmo acompanhá-lo a um lugar tão deserto!

— É você quem decide, querida. — Odessa ergueu a cesta de piquenique preparada por Angel. — Tenho a comida, por isso, se não quiser morrer de fome...

— Mas sou eu quem tem as notícias, meu caro! — exclamou Genny, eufórica. — Descobri que Adam está hospedado no nosso hotel e, amanhã cedo, baterei à sua porta e exigirei que ele devolva o meu dinheiro! Já imaginou que surpresa?

Odessa ajudou Genny a subir na carruagem e a visão dos seios revelados pela blusa decotada apagou tudo o mais de sua mente. Ele queria abrir os delicados botões que o impediam de tocar a pele cálida e...

— Odessa! Você ouviu o que eu disse?

— Lógico que sim — resmungou ele, controlando um desejo impossível. — É que eu tinha me esquecido desse miserável. Realmente, Adam vai ter uma surpresa inesquecível, mas acho que você não deve ir até o quarto, não se pretende destruí-lo de verdade!

— Tem um plano melhor?

— A sua idéia não provocará um grande drama, Genny.

— E eu quero que ele se sinta arrasado!

— Espero nunca despertar sua raiva, querida — brincou Odessa, conduzindo os

Cartas da Sorte

Linda Shaw

cavalos para a colina. — Bem... se quer mesmo acabar com Worthington, faça-o em grande estilo ou receberá um abjeto pedido de desculpas e mais nada.

— Desconfio que você quer participar de minha vingança, Odessa.

— Estou sonhando com isso, Genny Carlyle.

Os dois conversaram sem parar enquanto se dirigiam para o lago aninhado entre as colinas. Falaram sobre tudo e sobre todos, comentaram a fama de Odessa como jogador invencível, que já se espalhara em Saratoga e reviveram os momentos alegres desde sua chegada à cidade.

Eles só não mencionaram o futuro. Num acordo tácito, queriam viver aquela tarde como se fosse um dia que o destino lhes oferecia sem cobrar o alto preço de um prazer proibido.

A cerca branca que delimitava a propriedade do juiz foi o sinal para que deixassem a carruagem e, carregando a cesta de piquenique, se embrenhassem no bosque. As árvores foram ficando mais escassas ao se aproximarem do lago e o silêncio rompido apenas pelo suave murmurar da brisa lembrava-os de que estavam sozinhos em meio à natureza.

Genny ainda não provara a essência da mais pura sensualidade de tocar o corpo de um homem sem um sentimento de culpa. Nunca sentira o prazer de despertar a sensualidade masculina com a beleza de seu corpo.

Com uma emoção muito semelhante ao medo, Genny queria gravar para sempre na mente a textura da pele dele, o seu perfume másculo e os contornos do corpo que lhe dera tanto prazer. Desejava memorizar aquele dia perfeito para iluminar os dias solitários e vazios do futuro sem Odessa.

Mas não pensaria no amanhã. Sentia-se viva, com os sentidos plenos de vibração pela proximidade do único homem que jamais amaria. Esse momento perfeito seria seu talismã, a magia que não se desfaria com o passar dos anos.

— Agora sei por que você quis vir até esse lugar maravilhoso — murmurou Genny nos braços de Odessa.

Sem preocupar-se com as roupas delicadas, ele se deitara sobre a relva macia e puxara Genny para a sombra de um salgueiro.

— Certamente, não foi para fazermos piquenique.

— Como pode saber o que estou pensando, Genny Carlyle?

— Porque eu o conheço bem demais, Odessa Gold! Está me escondendo um segredo e quero saber agora mesmo o que é!

— O segredo é que eu adoro o perfume de sabonete em sua pele. O segredo é que não resisto ao seu sorriso meigo, às sardas espalhadas sobre sua pele muito branca e tantos outros encantos que você guarda em seu corpo e não posso mencionar agora.

Odessa não tinha coragem de contar a Genny que ela precisaria partir. Talvez quando tivesse armazenado em seu coração toda a doçura, talvez então fosse possível.

Mas ele também não teria forças para resistir ao desejo de Genny. Não queria amá-la e depois revelar uma verdade que a magoaria, porém não contara com a

sensualidade recentemente descoberta de uma mulher apaixonada.

Foi Genny que o convidou para a paixão. Despiu-se diante dele, oferecendo seu corpo às carícias. Então caminhou até o lago, expondo sua nudez sem medo e atraindo-o para as águas cristalinas que logo cobriram sua pele sedosa.

Odessa encontrou o corpo quente de uma mulher nascida para o prazer que ousava e recuava, temendo perder-se na volúpia. Em sua inocência, Genny o arrastou para um delírio jamais sonhado e ele também se perdeu numa paixão que o marcaria pelo resto da vida.

Quando eles finalmente repousaram sobre a relva úmida na beira do lago, Odessa contou a verdade. Genny teria que partir porque ele não poderia protegê-la.

— Não! — ela continuou a negar durante todo o percurso de volta ao hotel. — Eu não irei embora. Não quero saber se o governador está envolvido pessoalmente ou não. Eu fico!

A noite já caíra quando eles chegaram à cavalaria.

— Eu me recuso! Não farei o que você me pediu.

Genny falara tão alto que o chefe da cavalaria a fitou, assustado. Certo de que o homem interpretaria mal as palavras dela, Odessa deu-lhe uma gorjeta extremamente generosa.

— Seja sensata, Genny — insistia Odessa, enquanto eles caminhavam para o hotel. — Não se trata de um jogo, querida. Esses homens são assassinos cruéis e não ficarão encantados com uma professorinha que quer organizar o mundo a seu modo.

— Eu não disse que ninguém ficaria encantado, Odessa Gold! Não pretendo organizar o mundo desses assassinos, mas também não fugirei deles! É a minha palavra final!

Odessa a viu aproximar-se sozinha do hotel com passos firmes e suspirou. Afinal, devia ter esperado essa rebeldia. Genny era tão teimosa quanto ele e juntos haviam criado uma situação explosiva e extremamente perigosa.

Genny tinha imaginado que seria extremamente difícil avistar Adam Worthington na semi-obscuridade de uma sala tão grande, iluminada apenas por alguns candelabros esparsos. Quase tão impossível como encontrar uma agulha num palheiro.

Mas foi muito fácil. Genny praticamente tropeçou nele!

Dois dias tinham se passado desde seu passeio no campo e a raiva de Genny não diminuía. Ela cogitara até em não descer para jantar. Detestava ter que procurá-lo entre as centenas de hóspedes e depois fingir que não o conhecia. Por sua vez, Odessa sempre sabia onde encontrá-la!

Naquela noite, ela o viu entrar no salão, com o costureiro andar displicente e, para consternação geral, sentar-se na terceira mesa depois da porta principal. Todo o mundo sabia que essa posição de destaque pertencia tradicionalmente à família Morgan! Garçons e hóspedes o fitavam com olhares de horror, mas ninguém ousou pedir-lhe que mudasse de lugar.

A situação teria sido engraçada se Genny não estivesse com problemas

particulares bastante perturbadores.

As pessoas continuavam a dedicar-lhe uma atenção inexplicável. Os olhares dos homens acompanhavam sua passagem e as mulheres erguiam os leques diante dos rostos para cochicharem a seu respeito.

Como Genny não sabia que se tornara numa verdadeira celebridade, imaginava que todos percebiam a falta de sofisticação de uma garota vinda do Wyoming.

A esse problema, acrescentou-se a entrada de Adam. Ignorando os olhares incômodos, Genny tentou atrair a atenção de Odessa para seu ex-noivo.

Adam viera jantar com uma mulher que devia ter o dobro da idade dele e vestida com um luxo excessivo. O traje de noite, certamente criado por Worth, era mais apropriado para um baile, com a saia de brocado rebordada de pérolas e o corpete de cetim enfeitado com detalhes de renda.

A companheira de Adam não pretendia passar despercebida por falta de brilhantes! Com uma tiara dupla, um colar de três voltas, um broche em forma de ramallete, além dos anéis e das pulseiras, ela brilhava como um farol.

— Deus do céu, Jessamine! — disse Genny, atônita. — Não olhe agora, querida. Adam está entrando no salão de braço dado com uma mulher!

— Prometo que não olharei — zombou Jessamine. — O que pretende fazer agora, Genina?

Genny não respondeu, entretida numa troca de olhares com Odessa.

"É esse o miserável?", perguntava ele com franzir de sobrancelhas.

"Ele mesmo", respondia ela, com um leve inclinar de cabeça. "Vá para o seu quarto que eu a seguirei". Mantendo o rosto abaixado para que Adam não a reconhecesse, Genny segurou o braço da amiga.

— Temos que ir embora, Jessamine.

Adam, porém, não teria reconhecido ninguém tal a sua absorção na companheira resplandecente de jóias. Genny não se surpreenderia se ele se ajoelhasse no meio do salão e lambesse os pés daquela criatura emproada!

— Maldito! — explodiu Genny na privacidade do quarto. — Ele me roubou, traiu Mary Faye e agora arruma uma velha rica para sustentá-lo? Oh! Eu adoraria torcer o pescoço desse bastardo!

O plano de Odessa era muito mais fascinante!

Depois de insistir que pagaria com seu próprio dinheiro, Genny concordou em enviar uma passagem para Mary Faye. A pobre jovem certamente continuava a esperar pelo noivo desaparecido no mesmo apartamento sórdido no cais, em St. Louis.

O telegrama enviado junto com a passagem, dizia apenas: "Venha imediatamente para Saratoga. Adam precisa de você."

— Não é bem assim — reclamou Genny, enquanto contava o dinheiro da passagem.

— Não se preocupe com isso, querida — disse Odessa, passando o braço em torno da cintura dela. — Logo será a mais pura verdade!

Samuel Houseman chegou a Saratoga durante o segundo movimento do Concerto em A de Vivaldi, no momento em que o solista de violino demonstrava seu virtuosismo.

— Alô, srta. Carlyle.

Genny levava Jessamine para ouvir o concerto matinal e a chegada de Samuel foi uma surpresa inesperadamente agradável. Nem a voz do pai costumava provocar-lhe essa alegria intensa.

— Sente-se conosco, sr. Houseman.

Tentando não perturbar as elegantes senhoras que se reuniam todas as manhãs no Congress Park para ouvir os concertos ao ar livre, Samuel conseguiu chegar até Genny.

— É um prazer encontrá-la de novo, srta. Carlyle. Como vai, sra. McGowan? — Ele apertava efusivamente as mãos de Genny. — Vim agradecer-lhe pessoalmente pela carta que me enviou.

Comovida com a ternura de Samuel, Genny levantou-se para ajudá-lo a se acomodar.

— Odessa estava tão preocupado. Por favor, tome cuidado, pois essa informação pode custar-lhe a vida.

Uma tosse irritada alertou-os de que estavam interferindo no prazer de um amante de boa música.

— Serei muito cuidadoso, srta. Carlyle — disse Samuel, sem encontrar um lugar no gramado onde pudesse sentar-se. — Agora, tenho de novo um objetivo na vida e isso é o bem mais precioso para um velho.

As palavras de Samuel inquietaram Genny, que tentou afastar um pressentimento funesto.

— Acabou de chegar ou já encontrou Odessa? Ele deve estar por perto, como sempre, esperando para aparecer quando menos esperamos e, principalmente, onde não queremos que ele apareça!

A tosse, agora decididamente contrariada, pertencia a uma das matronas mais célebres de Saratoga. Clementine Morgan, quase centenária, bateu com a sua bengala na biqueira do sapato de Samuel.

— Não se esqueça da boa educação, meu rapaz! Deixe para conversar depois do concerto.

Genny não controlou o riso.

— Vamos dar um passeio, sr. Houseman?

— Eu ia lhe fazer mesmo essa sugestão. — Ele tentou, em vão, manter a voz baixa. — Detesto Vivaldi! Só consigo ouvir os compositores russos.

Apanhando a sombrinha, Genny inclinou-se para falar ao ouvido de Jessamine.

— Virei buscá-la quando o concerto terminar, querida.

— Não se apresse por minha causa, Genina. Ouvi dizer que o solista de violino é bisado várias vezes e sempre nos oferece músicas de Boccherini.

— Eu gostava de Boccherini quando era jovem — comentou Samuel enquanto se

afastavam da platéia espalhada pelo parque.

— Ainda é jovem, sr. Houseman — disse Genny automaticamente, mais preocupada em procurar por Odessa.

— Você me lembra tanto da minha querida Anne...

— Fico feliz com isso...

Os dois cruzaram o parque, embevecidos com o início de uma verdadeira amizade.

Quando Genny viu Eleanor Bentley e Odessa em um dos quiosques erguidos no parque para proteger a nascente da famosa água mineral de Saratoga, teve certeza de que os dois não podiam estar juntos.

Então, a etérea beldade de cabelos dourados sorriu para Odessa com tanta sedução que Genny tropeçou na barra da saia. Ela teria caído se Samuel não a segurasse pelo braço! Tentando não demonstrar a súbita onda de ciúme, olhou fixamente para Odessa, à espera de uma explicação.

Odessa estava esperando que Genny o fitasse e, como se tivesse planejado ser visto com a sofisticada debutante de Manhattan, sorriu triunfalmente. Eleanor Bentley, como sempre de branco e com o inseparável livrinho de preces nas mãos, erguia o rosto para ele, com expressão de angelical devoção.

Bruxa foi a palavra que se formou na mente de Genny, mas, embora não tivesse sido pronunciada, chegou até Eleanor Bentley, que se virou imediatamente para ela.

— Srta. Carlyle? — perguntou Samuel, preocupado. —

Genny?

— Por favor, desculpe-me — gaguejou ela, tentando sorrir. — Estou bem agora. Tive um... não sei bem...

Samuel também vira a loira etérea que demonstrava ser muito terrena ao se encostar sugestivamente no braço de Andrew Goldman.

— Não precisa me explicar nada. Eu compreendo.

Aquele homem exasperante estava criando mais uma situação intrigante! A raiva de Genny crescia à medida que se aproximavam do quiosque. Certamente, ele tinha algum motivo maquiavélico para aproximar-se de Eleanor Bentley. Talvez algo relacionado com o cassino de Richard Canfield?

Genny lutava para não pensar em uma possibilidade angustiante. Não podia ter se enganado tanto em relação aos sentimentos dele! Não podia duvidar que Odessa a amasse! Mas, errara antes, acreditando nas mentiras de Adam. Por que se julgava livre de um segundo erro?

Eleanor Bentley, com um vestido imaculadamente branco, feito com metros de esvoaçante gaze, parecia um anjo prestes a voltar para o céu, mas a sua mão, bastante feminina, prendia o braço de Odessa.

Sorrindo, ela secou uma gota de água que brilhava na barba de Odessa com seu lencinho de renda. Então, Eleanor Bentley viu Genny e uma expressão de surpresa passou rapidamente por seu rosto angelical.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

— Talvez você prefira conversar em outro lugar, Genny — sugeriu Samuel, aborrecido com a atitude de Andrew. — Então, falaremos sobre os desenhos...

— Desculpe-me, mas não entendi o que disse — Genny continuava com a atenção voltada para a "bruxa" que se dispusera a conquistar Odessa.

— Lembra-se de que falamos sobre a publicação dos desenhos?

— Ah! É claro..., os desenhos! Odessa não admite essa possibilidade. Não sei por que ele insiste em enterrar também essa parte de seu passado. Eu acho que é um terrível desperdício de talento, mas a decisão não me pertence.

— Agora sou eu quem não entende mais nada!

— Como?

— Vim a Saratoga também para perguntar-lhe por que Andrew vendeu seus desenhos para o *New York Times*. Não estou ofendido, mas a minha editora tem mais peso do que um simples jornal.

Uma sensação de desastre iminente tomou conta de Genny, que se apoiou no braço de Samuel para manter o equilíbrio.

— Os desenhos apareceram no *New York Times*? Você os viu, Samuel?

— Manhattan inteirinha viu esses desenhos, Genny! Há quinze dias, as pessoas não param de falar sobre a encantadora criatura que serviu de modelo para os fascinantes retratos de moda. Dizem que as costureiras recebem ordens de copiar os vestidos retratados por Andrew. Todas as mulheres estão tentando ficar iguais a você, criança!

Genny orgulhava-se de jamais ter desmaiado em toda a sua vida. Naquele instante, ela sentiu-se envolvida por uma nuvem espessa e sombria que a arrastava para o abismo.

Samuel percebeu o mal-estar de Genny e segurou-a com mais força, tentando levá-la para um dos bancos junto ao quiosque. Ela recuperou-se em tempo de ver Odessa, acompanhado por Eleonor Bentley, vindo em sua direção.

— Eu implorei ao sr. Gold para que ele me conduzisse até você. — Eleonor estendeu a mão enluvada de branco. — Talvez não se recorde, mas nos encontramos no ateliê de Louise Desmond, srta. Carlyle. Acabei de contar ao nosso amigo que você é a grande sensação de New York e... preciso saber o nome do artista que a retratou. Pagarei qualquer quantia para ter uma série de desenhos iguais aos seus!

Embora Odessa não escondesse de ninguém a sua fúria diante da traição de Louise Desmond, Eleonor Bentley, certa de que o convenceria a retratá-la, grudou-se a ele como um carrapato!

Genny porém sentia-se à beira de uma profunda depressão.

Agora entendia os olhares e os cochichos e também percebia que, por culpa de Louise Desmond, colocara a vida de Odessa em perigo. Se o amasse de verdade, se manteria afastada para não chamar a atenção de toda Saratoga sobre ele!

— Tenho um pedido muito importante a lhe fazer, Samuel — disse ela, mal se afastaram de Odessa e Eleonor Bentley.

— É só pedir, minha querida Genny.

Samuel colocou o lenço sobre um dos bancos de mármore e convidou Genny a sentar-se.

— Já deve ter percebido que dependo financeiramente de Odessa. Essa situação não me agrada porque sempre vivi sozinha, sobrevivendo pelo meu esforço. Preciso de um emprego, Samuel. — Ela não escondeu sua ansiedade. — Você tem uma editora. Eu sei que sou inteligente, dei aulas por muitos anos e posso trabalhar dia e noite. Juro que não se arrependerá de me contratar!

Erguendo o rosto para receber os raios de sol, Samuel agradeceu a Deus por ter-lhe enviado alguém que ocupasse o lugar de sua querida Anne após tantos anos de solidão.

— Eu me sentirei honrado se você quiser trabalhar comigo, minha querida. Profundamente honrado. — Tomou as mãos de Genny entre as suas e sugeriu: — Por que não jantamos juntos? Enviarei um telegrama para o meu escritório e, quando nos encontrarmos à noite, terei uma resposta sobre o cargo que poderei lhe oferecer. Depois... comeremos tudo o que há de bom no restaurante do United States.

Se Genny não soubesse que qualquer atitude sua provocaria comentários, teria beijado Samuel Houseman em pleno parque!

— Se não se importar — disse ela, sem conter um sorriso de profunda alegria — , gostaria de convidar Odessa. Não resisto ao desejo de me vangloriar na frente dele!

— Pois eu ia sugerir justamente isso. Andrew vai morrer de ciúme ao saber que você terá condições de sobreviver sem a ajuda dele.

A risada de Samuel refletia uma felicidade que só existira no passado. Ele recomeçava a viver através da juventude de Genny Carlyle.

CAPÍTULO 19

O mensageiro do hotel veio entregar um envelope de papel creme, com o cartão de Samuel Houseman, pedindo à srta. Carlyle o prazer da companhia dela no jantar daquela noite.

Genny imaginou o prazer de sentar-se a uma mesa iluminada por candelabros e saborear as iguanas da requintada cozinha do United States, longe dos olhares curiosos da multidão. E, na hora do café, com o tinir das colherinhas de prata na fina porcelana, eles fariam de negócios.

— Acho que vou usar o vestido de seda indiana, Jessamine. Não. Não é suficientemente sóbrio.

O dilema de Genny consistia em apresentar-se como uma jovem determinada a fazer carreira, ou fascinar Odessa Gold.

— Mas é tão bonito — comentou Jessamine, pressentindo que a escolha de Genny já fora feita. — A seda cor de marfim combina com seu tom de pele, Genina.

O entusiasmo de Genny começou a se transformar em nervosismo com o passar do tempo. Quando finalmente ficou pronta, mal agüentava esperar pelo momento de saber qual seria o seu cargo na editora de Samuel Houseman. Conseguira um emprego de verdade em uma refinada cidade do Leste! Que vitória para uma garota criada às margens do rio Missouri, em uma cabana rústica!

Também estava ansiosa por contar as novidades para Odessa. Embora se sentisse culpada pelos desenhos que a transformavam em uma celebridade e colocavam a vida dele em perigo, queria provocar-lhe ciúme. Tinha que encantá-lo com a sua beleza, ser mais fascinante do que Eleonor Bentley.

Ela beijou Jessamine e, depois de olhar-se mais vez no espelho, dirigiu-se para o saguão do hotel com um andar confiante. Agora entendia os olhares e os comentários dos outros hóspedes e começava a divertir-se com a situação. Não era nada desagradável ser o centro das atenções!

Ao cruzar com Ava Vanderbilt, que se dirigia para o salão do restaurante, ela não conteve um sorriso. A imponente matrona estava, como sempre, coberta de brilhantes e com um vestido de cetim negro que adelgaçava suas formas volumosas. Sob o domínio da euforia, Genny cumprimentou-a com um irreverente aceno de cabeça.

— Boa noite, sra. Vanderbilt.

Para surpresa de todos, Ava sorriu para a jovem que tinha a coragem de desafiar as convenções.

— Boa noite, srta. Carlyle.

Genny despediu-se de Marvin com um aceno alegre e começou a cruzar o gramado. Lâmpioes de cobre iluminavam os chalés ao longe e ela esperava que Odessa já estivesse na varanda para vê-la se aproximar. Ele não se cansara de lhe dizer que a

Cartas da Sorte

Linda Shaw

entrada em um lugar público era uma arte? Pois iria presenciar uma entrada inesquecível!

Odessa não a desapontou. Ainda a distância, Genny viu a silhueta máscula reclinada com indolência na balaustrada da varanda. Ele já havia chegado ao chalé de Samuel e acompanhava, com um sorriso nos lábios, a sua chegada triunfal.

A beleza de Genny dispensava enfeites e seu corpo esguio não precisava da penosa prisão dos espartilhos. A seda moldava a cintura fina e os selos altos. O decote do vestido deixava à mostra a curva suave dos ombros e nem uma jóia disfarçava a perfeição da pele muito alva.

Vindo ao encontro de Genny, Odessa não escondia sua aprovação.

— Boa noite, srta. Carlyle. — Ele curvou-se para beijar-lhe a mão. — Se você estivesse mais bonita ainda, eu morreria de paixão!

— Depois de vê-lo com Eleanor Bentley, eu seria a primeira a fechar o seu caixão!

Genny tinha esquecido o som fascinante da risada de Odessa, que evocava prazeres e despertava o desejo.

— Depois de ter passado uma manhã inteira sem poder me livrar de Eleanor Brentley, eu iria de bom grado para o túmulo. Ela desconhece a arte da sutileza!

— Mas sabe o caminho do céu, meu caro — brincou Genny, antes de mudar radicalmente de assunto. — Espero que esteja com muita fome.

O olhar de Odessa deslizou pelo corpo de Genny e ele só voltou a sorrir quando a viu enrubescer.

— Não pode imaginar como estou faminto, srta. Carlyle.

— Então, acho melhor contar a novidade agora ou o seu apetite o impedirá de prestar atenção em mim durante o jantar.

Odessa estava ajudando Genny a subir os degraus da varanda, mas, ao ouvi-la, parou subitamente.

— Não seja tão covarde, Odessa Gold. Só queria dizer-lhe que o sr. Houseman me deu um emprego na sua editora, em Albany. E pare de fazer caretas ou teremos que fechar o seu caixão para não assustar as crianças!

— Maldição! — explodiu ele, aproximando-se ameaçadoramente de Genny. — Basta eu virar as costas por um segundo para que você cometa uma loucura? Perdeu o juízo?

— Tem alguma sugestão melhor, sr. Gold? — Com as mãos na cintura, ela o enfrentou com a mesma impetuosidade. — Eu lhe devo uma fortuna e agora poderei pagá-lo. Não quer receber seu dinheiro de volta?

A noite perdera o encanto para Odessa. Contrariado, ele bateu à porta do chalé e, como Samuel demorava para atender, decidiu não participar mais daquele jantar. Preferia voltar para o quarto e ficar a sós com sua raiva!

Mas o garçom do restaurante acabara de entrar na varanda, carregando uma enorme bandeja de prata.

— É o nosso jantar — resmungou ele, sentindo-se forçado a ficar. — Samuel?

Abra a porta! Seus convidados estão morrendo de fome!

— Talvez ele tenha saído por alguns momentos. — sugeriu Genny. — Se foi um compromisso inesperado, deve ter deixado a porta aberta para nós.

Odessa girou a maçaneta e a porta se abriu. Surpreso, ele olhou a sala às escuras e fez um sinal para que Genny e o garçom esperassem do lado de fora.

Os lampiões permaneciam apagados e as janelas estavam com as cortinas cerradas. O silêncio total provocava em Odessa uma estranha sensação de irrealidade. A sua infalível intuição lhe dizia que havia algo errado na sala impecavelmente arrumada.

Tenso, ele se esgueirou até o quarto. Ao ver Samuel deitado na cama, numa postura de repouso tranqüilo, um sorriso se formou em seus lábios. Entretanto, a sensação de irrealidade persistia. Pequenos detalhes, insignificantes e quase imperceptíveis, começavam a adquirir um significado alarmante.

Então, ele sentiu o cheiro. O odor acre da pólvora e um outro, sinistramente adocicado. Odessa foi transportado de volta para o passado e não teve mais dúvidas.

Ele virou o corpo de Samuel e viu a mancha rubra em sua têmpora direita. Os pensamentos explodiam em sua mente com o impacto fatal de tiros certos. Samuel sabia o nome de McFee. McFee estava em Saratoga e Samuel estava morto. E... Genny passara a manhã com Samuel num parque público!

Odessa saiu correndo do quarto. Sua única preocupação agora era defender Genny!

Ela estava parada no meio da sala, colocando o chapéu sobre o sofá. A sombrinha escorregou de suas mãos, caindo ao chão com um estalido metálico.

— Não... não pode ser... — Ela recuou, batendo de encontro a uma mesa e derrubando o abajur. — Ele... não está...

— Sim, Genny!

Mas Odessa tinha providências mais importantes a tomar do que consolar Genny e agarrou o garçom que começava a se afastar da porta.

— Um homem foi baleado! Chame a polícia! Já! — Apanhando um papel, Odessa escreveu o nome de Angel. — E, depois, encontre este homem e peça-lhe que venha ao meu encontro.

O garçom atravessou correndo os impecáveis gramados do parque e entrou no hotel festivamente iluminado.

Genny estava em estado de choque, incapaz até de sofrer pela morte de um amigo. Samuel Houseman lhe dera um presente único de ternura e precisaria lembrar-se apenas dos momentos bons.

Odessa gostaria de estar em estado de choque. O ódio se avolumava em seu coração e ele ansiava pelo momento de revelar a seus inimigos que Odessa Gold era Andrew Goldman.

Que milagre seria necessário para justificar a sua existência? Deixara a prisão, estava novamente livre e tentando reconstruir sua vida. O encanto mágico de Genny dissolvia as paredes de gelo que aprisionavam seu coração, ressuscitando a esperança

de um dia, talvez, voltar a ser feliz.

Mas o passado era um abutre, uma ave de rapina que perseguia furtivamente sua presa e jamais desistia da caçada. Deixava que a vítima provasse o lado bom da vida e então atacava à traição. Um ataque rápido e fatal.

A inexperiência da polícia aumentava sua agonia. Saratoga demonstrava então seu provincianismo. Os policiais só sabiam lidar com as prostitutas que tentavam entrar às escondidas nos hotéis e com os jogadores embriagados que provocavam brigas nos cassinos. Ninguém atinava com o que teria acontecido a Samuel Houseman.

Mas Odessa não tinha dúvidas. Esperou que Genny desse seu depoimento aos policiais e a mandou de volta para o quarto. Ela precisava ficar escondida e fazer as malas para partir da cidade. Angel continuaria vigiando McFee, Platt e Hodges.

Também enviou um telegrama a seus pais para que tomassem providências para receber o corpo de Samuel em Albany, onde ele seria enterrado no túmulo da família, ao lado da filha querida e da esposa. Mais uma vez, discutiu asperamente com Genny, exigindo que partisse sem perda de tempo. Ela chorou, repetiu que o amava demais e recusou-se a sair da cidade.

Odiando-se por tê-la trazido para Saratoga, Odessa decidiu resolver seus problemas do único modo que sabia. Nas últimas quatro noites, ele observara Manville Platt ganhar nas mesas de pôquer. Chegara a hora de destruir o primeiro inimigo.

Não seria fácil arruinar Platt. Ele era um jogador experiente, calculista e impiedoso. Com uma invejável perícia, destruía seus oponentes que se retiravam da mesa de jogo à beira da ruma.

Mas havia um aspecto em que Manville Platt fora desertado pela sorte. Ele estava gravemente enfermo,

Angel também passava as noites vigiando o fazendeiro do Wyoming e o seguira em uma de suas inúmeras saídas da mesa.

— Ele só interrompe o jogo porque precisa tomar remédio. Deve ser *digitalis*, pois Platt tem todas as características de quem sofre do coração.

Recorrendo à disciplina férrea que lhe permitira sobreviver à tragédia, procurar a vingança e suportar dez anos numa sórdida prisão, Odessa controlou seu ódio. Afastou da mente a visão do corpo de Samuel, não pensou mais em Genny nem em McFee, que certamente assassinara seu amigo.

A polícia continuava a tratar o caso como um roubo de conseqüências desastrosas. Ninguém vira nem ouvira nada, pois quase toda a cidade estivera no concerto do Grand Union durante a tarde.

Mas esse problema também não podia preocupar Odessa naquela noite. Vestindo o traje formal exigido por Canfield, deixou Angel protegendo Genny e Jessamine e foi para o cassino mais cedo do que de costume.

Platt e seus dois guarda-costas tinham acabado de chegar. Odessa deixou sua mesa habitual para colocar-se diante de seu inimigo e, em muito pouco tempo, todas as atenções convergiram para eles.

Durante duas horas, Odessa jogou cautelosamente e sem demonstrar a perícia que a maioria dos freqüentadores do cassino já conhecia. Com o passar das horas, só ficaram três jogadores naquela mesa. Quase todas as fichas estavam na frente de Manville Platt que, concentrado em ganhar, mal olhava para o oponente com uma cicatriz no rosto.

O outro jogador era Sturdevant Irish, um milionário de Rhode Island, dono de estradas de ferro e com muito dinheiro para perder. Várias vezes, Odessa passara sua vez, mesmo tendo cartas excepcionais na mão. Só se permitia vencer para irritar Platt.

O relógio bateu meia-noite. Uma lauta ceia foi servida para quem ainda permanecia no cassino. Os freqüentadores que tinham fôlego curto já tinham se retirado, voltando para seus hotéis, mas os boêmios inveterados continuavam a manter o bar aberto. Platt não bebia durante o jogo. Odessa apenas fumava.

Com o passar das horas, Platt começou a prestar atenção no homem com a cicatriz no rosto. Tentava perceber sinais de nervosismo ou uma falha de concentração que lhe permitisse afastar aquele intrometido de sua mesa.

Sturdevant Irish estava cansado. Se Odessa não estivesse no jogo, Platt já teria deixado o cassino com uma fortuna. Mas Odessa permanecia, forçando a divisão e impedindo a retirada de Irish.

Já não havia mais nenhuma mesa ocupada no cassino. Todos acompanhavam o jogo dos três que se tornara o centro das atenções. Os observadores, todos fanáticos jogadores de pôquer, gostariam de participar de jogos altos e não tinham dinheiro suficiente para bancar as apostas; assim, vibravam ante cada jogada.

Odessa começou a ganhar. Durante duas horas, destruiu sistematicamente a confiança de Platt, vencendo-o nas jogadas menos previsíveis. A pilha de fichas mudou de lugar e, diante de Odessa, havia cerca de duzentos e cinquenta mil dólares.

A palidez de Platt ficou ainda mais impressionante. Com o tom de pele semelhante ao de um cadáver, ele levantou-se três vezes da mesa. Odessa sabia que seu inimigo se retirava para tomar remédios.

— Uma carta — pediu Odessa à banca.

Eram duas e meia da manhã e Odessa deixou transparecer uma excitação quase juvenil. Ele não ignorava que Platt analisava cada uma de suas expressões faciais.

— Uma carta para o cavalheiro — disse o dono da banca.

Odessa recebeu um três que colocou ao lado de dois pares combinados e jogou um seis na mesa, fingindo disfarçar um sorriso de triunfo. Ele pressentia o momento do golpe de misericórdia.

Platt o fitou com um olhar cheio de suspeita e Odessa decidiu manter-se no papel de jogador menos experiente, enfrentando um veterano. Agora, conseguia sentir a inquietação de seu inimigo que tentava ativar sua memória e reconhecer uma vaga lembrança.

— Uma carta — pediu Platt.

Ele tinha um par de noves e um par de quatros na mão. Platt forçou-se a

Cartas da Sorte

Linda Shaw

disfarçar sua euforia quando recebeu o terceiro quatro. Não podia perder e agora conseguiria derrotar àquele jovem intrometido.

— Dez mil dólares — apostou Odessa, sorrindo por uma fração de segundo.

Depois de olhar fixamente para Odessa e analisar as cartas descartadas sobre a mesa, Platt pediu licença para interromper o jogo por um momento. Acompanhado pelos guarda-costas, ele foi até o banheiro onde tomou uma dose reforçada de *digitalis* e retirou os últimos vinte mil dólares do cinto.

— Eu cubro sua aposta, cavalheiro — disse Platt ao voltar para a mesa. — E aposto mais dez mil.

Franzindo a testa, Odessa fingiu examinar com mais atenção suas cartas como se estivesse em dúvida se deveria ou não continuar jogando.

Antes de sentar-se naquela mesa, Odessa comprara duas fichas de quinhentos mil dólares que representavam toda a sua fortuna. Ainda tinha vinte mil dólares em dinheiro, no bolso, e arriscaria tudo para derrotar Platt.

— Bem... — ele ainda demonstrou hesitação antes de dar uma gargalhada confiante. — Vamos até o fim! Cubro os seus dez mil e aposto mais dez mil!

Um silêncio de tensão tomou conta da sala. Platt não se movia e todos pareciam ter parado até de respirar.

— Vai desistir, velho? — Odessa inclinou-se sobre a mesa, sorrindo com maldade. — Ou vai pagar para ver o meu jogo?

Odessa estava puxando todas as fichas para a sua frente quando Platt, rubro de ódio, ergueu a mão.

— Não seja tão apressadinho, rapaz! —

Platt passou o lenço na testa molhada de suor e suas mãos tremiam tanto que um dos guarda-costas se aproximou da mesa, preocupado.

— Eu estou bem... muito bem.

Olhando novamente as cartas, Platt teve certeza de que estava com um jogo superior ao daquele pilantra inexperiente que receberia uma lição inesquecível.

— Permita que eu lhe dê um conselho desinteressado. Nunca tente enganar um velho cheio de manhas como eu. Para demonstrar o perigo que você está correndo, apostarei a minha fazenda no Wyoming. São dez mil acres da melhor pastagem do Estado e vale cinco vezes todo o dinheiro desta mesa. Com licença, rapaz.

Platt pediu caneta e papel a um de seus guarda-costas e assinou uma nota promissória com sua fazenda como garantia de pagamento. Com um sorriso vitorioso, colocou o documento no centro da mesa.

— Agora... e você quem desiste, rapaz.

Com um suspiro de impaciência, Odessa colocou as duas fichas de quinhentos mil dólares sobre a promissória de Platt.

— Sinto desapontá-lo, mas fico no jogo, velho!

Subitamente, Platt sentiu-se acuado. Ele não tinha mais nada para apostar e não conseguiria encontrar McFee àquela hora nem o convenceria a emprestar-lhe o dinheiro necessário para esmagar esse verme que ousava ameaçá-lo.

Cartas da Sorte

Linda Shaw

Uma dor estranha o impedia de mover o braço e, antes que ele pudesse retirar o vidro de remédio do bolso, sentiu uma atordoante falta de ar. Os guarda-costas correram para junto dele, mas Platt já não conseguia falar. -

O sorriso de Odessa foi impiedoso. Agora podia pensar em Anne, em Samuel e em Genny!

— Cubra a minha aposta ou saia do jogo, Manville Platt — A voz de Odessa era fria e implacável. — Eu esperei muito tempo pelo prazer de destruí-lo.

A voz dura e cruel aumentou a agonia de Manville Platt. Num esforço sobre-humano, ergueu o torso e agarrou a camisa de Odessa.

— Quem... e...

Imperturbável, Odessa reuniu todas as fichas da mesa e começou a guardá-las sob os olhares chocados dos que haviam acompanhado aquele jogo de vida ou morte. Quando terminou, inclinou-se até muito perto do rosto de Platt.

— Não se lembra de mim, delegado? Pois tem a memória fraca. — A voz de Odessa, muito baixa, só podia ser ouvida por Manville Platt. — Estava presente quando eu ganhei essa cicatriz em meu rosto.

Apenas os olhos de Platt ainda se moviam, desesperados. A sua voz, inexplicavelmente mais forte, voltou a ser a de uma criança enquanto ele revivia o passado.

— Eu sempre soube que esse dia chegaria...

Quando Platt caiu sobre a mesa, um murmúrio horrorizado percorreu a sala. Um dos guarda-costas ainda tentava socorrê-lo, mas o outro avançou na direção de Odessa.

— Nem pense nisso — resmungou Odessa, tenso e pronto a se defender.

O guarda-costas recuou e, por um breve instante, Odessa sentiu pena de Manville Platt, que agonizava na sala impessoal de um cassino. Então, lembrou-se de seu filho e de Anne, com os olhos abertos e vazios de luz. Arrancando uma nota de cem dólares do bolso, jogou-a sobre a mesa, com um sorriso de frio desdém.

— Um homem não deve morrer falido.

Odessa não acreditava que Platt ainda pudesse ouvir as suas palavras de adeus.

Só uma luz permanecia acesa na suíte de Genny quando Odessa voltou do cassino.

Angel continuava sentado em uma poltrona junto à porta entreaberta do quarto, e Jessamine, que devia estar dormindo há horas, cochilava em uma cadeira de balanço. Ela acordou sobressaltada ao ouvir a voz de Odessa.

— Sr. Gold? O que houve?

— Está tudo bem, Jessamine. Vim apenas ocupar o lugar de Angel para que ele possa descansar.

Mas Angel não se convenceu com as palavras de Odessa. Puxando-o para longe de Jessamine, insistiu em saber a verdade.

— Platt teve problemas sérios.., eu diria que foram fatais. E a sua porcentagem

sobre os lucros de hoje superou a todas as expectativas. Como Genny passou a noite?

— Ela ficou desesperada, mas finalmente foi vencida pelo cansaço e adormeceu. Eu começava a me preocupar com a sua ausência prolongada, Odessa.

— Tudo está acontecendo depressa demais, Angel. — Exausto e angustiado, Odessa encostou-se na parede do quarto. — Se McFee ainda não descobriu quem eu sou, amanhã saberá a verdade. A situação ficará explosiva e sinto medo por Genny!

— Nós conversamos muito sobre a partida dela, mas Genny continua sem aceitar o que considera uma fuga covarde. Acabei concordando porque a partida dela só irá chamar mais atenção sobre você. E melhor que ela fique sob a nossa proteção.

Odessa esfregou os olhos cansados. Ele também chegara a essa conclusão mas não se conformava de ser um prisioneiro das circunstâncias. -

— Vá dormir, Angel. Amanhã será um dia duro.

Depois que a porta se fechou atrás de Angel, Odessa entrou silenciosamente no quarto de Genny.

Ela dormia a sono solto e os cabelos espalhados sobre o travesseiro brilhavam como a luz do crepúsculo. Ao lado de Genny, Odessa tivera-as maiores alegrias de sua vida e sofreria a dor mais profunda.

"Genny, Genny... eu não podia agir de outra forma. Por favor, não me odeie."

Genny se moveu na cama, como se os pensamentos atormentados de Odessa tivessem atingido o limiar de sua consciência. Na mão entreaberta ao lado do rosto, repousava a vida de um homem e toda a felicidade de um futuro quase impossível.

Ele não rezava há tantos anos que já nem sabia mais se ainda acreditava em Deus. Mas, se realmente existia uma força suprema, precisava pedir-lhe que poupasse essa jovem inocente de uma tragédia ainda por findar.

— Se alguém mais deve morrer.., que seja eu, Senhor. O desespero de Odessa acabou despertando Genny, que tocou o rosto inclinado sobre o seu.

— Odessa?

— Não houve nada, querida. Durma...

— Samuel está morto.

— Eu sei.

Uma leve batida à porta da saleta provocou o pânico de Odessa e acabou de acordar Genny.

— Meu Deus! Quem poderia ser agora? Que horas são, Odessa?

— Três horas da manhã.

— Então, só pode ser Angel — declarou Genny, levantando-se da cama. — Eu abrirei...

Antes que Odessa pudesse segurá-la, Genny pousou a mão sobre a maçaneta. Ele imaginou McFee com um revólver engatilhado e saltou da cama para impedi-la de abrir.

— Srta. Carlyle?

A vontade de Odessa era de pedir a Genny que não respondesse à voz muito baixa e, aparentemente, feminina. Mas a sua intuição o forçou a esconder-se na sombra do quarto enquanto ela ia até a saleta abrir a porta.

— Sim? — perguntou Genny, temerosa. — Quem é?

— Meu nome é Beatrice Hodges. O... meu marido é... o governador do Wyoming.

Preciso urgentemente falar com você. Posso entrar, por favor?

CAPÍTULO 20

Tantos imprevistos haviam transtornado a vida de Odessa que nada mais o surpreendia. Se três mulheres se reuniam em plena madrugada para discutir aspectos particulares de sua existência, numa saleta de hotel em Saratoga Springs, ele se limitaria a ser um espectador do drama, um simples ouvinte sem visão das atrizes.

Em silêncio e com movimentos cautelosos, ele colocou-se junto à porta entreaberta do quarto de Genny. Ouviu Beatrice Hodges sentar-se, a voz de Jessamine que fora acordada e as apresentações sendo feitas.

— Posso lhe oferecer algo, sra. Hodges? — perguntou Genny, acendendo mais um abajur.

— Tem alguma bebida... forte?

— Sinto muito. Temos apenas água e sem gelo.

— Obrigada, eu aceito. Prometo-lhe que não tomarei muito do seu tempo e irei embora assim que tiver...

— Não se preocupe, sra. Hodges — a voz de Jessamine soava ligeiramente irônica. — Eu sempre acordo a esta hora.

— Também quer um pouco de água, Jessamine?

— Se não for incômodo...

Odessa ouviu os passos de Genny no tapete e o tinir dos copos sobre o tampo da mesa.

— Como sabe o meu nome, sra. Hodges?

— Eu a vi no parque com Samuel Houseman.

— Conhecia o sr. Houseman?

— Apenas através de meu marido, srta. Carlyle. O sr. Houseman lhe enviou centenas de telegramas e escreveu o mesmo número de cartas durante anos, implorando pelo nome dos homens que haviam matado sua filha. E é sobre isso que eu queria conversar.

— Não entendo, sra. Hodges.

— Compreenda que é difícil para mim...

A voz de Beatrice revelava nervosismo, e a de Genny não disfarçava a impaciência.

— Está insinuando que tem informações sobre a morte de Samuel?

— Não exatamente. — Ela deu uma risada irônica. — A minha vida não valeria um centavo se certas pessoas soubessem que estou aqui, conversando com você. Por favor, seja discreta, srta. Carlyle. A morte de Samuel Houseman não foi um simples ajuste de contas.

— Por Deus! — exclamou Genny, revoltada. — Samuel era um homem decente, jamais fez mal a um outro ser humano! Não poderia estar envolvido com criminosos...

— Por favor, me escute! — interrompeu Beatrice, aflita.

— Meu marido sempre desejou reabrir o caso de Andrew Goldman, por razões políticas. Ele seria amplamente beneficiado pela publicidade, entende? Apesar de os motivos serem errados, Nathan é honesto em seu propósito -de colocar os criminosos atrás das grades.

Embora estivesse exausto, Odessa sentiu-se desperto e alerta com as palavras de Beatrice.

— Por favor, continue, sra. Hodges.

— Nathan tentou, de todos os modos, convencer Andrew Goldman a apresentar uma queixa e testemunhar num tribunal, acusando o sr. McFee e o sr. Platt pelo assassinato de Anne Goldman. Ele se recusou e então Lewis...

— Quem é Lewis? — interrompeu Genny, intrigada.

— E o meu.., é o secretário do meu marido.

A voz de Beatrice se tornara fria e amarga.

— Lewis é muito esperto e extremamente ambicioso. Foi ele quem teve a idéia de surpreender McFee e Platt quando fossem eliminar Andrew Goldman, apanhando-os com as mãos ainda sujas de sangue. Quando Nathan soube que o sr. Houseman passaria o mês de agosto em Saratoga, avisou os dois criminosos que também vieram, mas para arrancar do pobre velho o segredo do paradeiro de seu inimigo.

— Oh! Meu Deus! Eles mataram Samuel para conseguir essa informação?

Um soluço escapou dos lábios de Genny e Odessa quase não conteve o impulso de interromper aquela reunião e tomá-la nos braços.

— E... brutal demais!

— O meu marido pode ser brutal quando seus interesses estão em jogo, senhorita. Acredite em mim e compreenda a minha necessidade de ser discreta.

O silêncio reinou na sala por alguns minutos. Então, Genny começou a andar.

— O seu marido descobriu.., ou esse homem... como é mesmo o nome, sra. Hodges?

Odessa surpreendeu-se com o talento de Genny. Ela era uma verdadeira atriz!

— McFee, srta. Carlyle. Eles não descobriram nada através do pobre Samuel, mas o ataque cardíaco do sr. Platt os alertou. Os guarda-costas que estavam presentes no momento da morte do sr. Platt suspeitam que o homem com quem ele jogou seja Andrew Goldman. Foi por esse motivo que vim à sua procura, senhorita. Você era amiga de Samuel e, se também conhece Goldman, avise-o de que corre perigo de vida. Meu marido deu ordens para que se comece uma busca rigorosa na cidade, amanhã cedo.

Desta vez, o silêncio foi mais longo e nitidamente tenso. Odessa ouvia Genny caminhando de um lado para o outro na saleta da suíte.

— Talvez eu a esteja tratando de forma rude, contudo não tenho motivo algum para desconfiar de sua sinceridade, sra. Hodges. Foi muito corajosa em vir à minha procura, e peço, antecipadamente, que desculpe a minha atitude, mas... a sua franqueza é muito estranha. Por que a esposa do governador do Wyoming me contaria

Cartas da Sorte

Linda Shaw

esses detalhes? E como descobriu todos os fatos? Fico com medo de cair em uma armadilha.

— Eu soube de tudo através de Lewis, srta. Carlyle. Já lhe disse antes que ele é muito ambicioso.

— O secretário do governador? — a voz de Genny revelava incredulidade. — E por que ele lhe contaria?

— Não imagina, srta. Carlyle? Pensei que fosse uma mulher mais sofisticada e entendesse, sem maiores explicações, que Lewis é meu amante.

Jessamine e Genny murmuraram entre si, mas Odessa não conseguiu ouvir seus comentários. Teriam condenado ou absolvido Beatrice Hodges?

— Só me resta dizer que não conheço Andrew Goldman pessoalmente, sra. Hodges — continuou Genny, com a voz mais firme.

— Mas...

— Mas.., se o conhecesse, lhe daria o seu recado. E, tenho certeza, se o conhecesse pessoalmente, que ele lhe agradeceria muito.

Agora, o silêncio entre as duas mulheres significava uma perfeita compreensão. Beatrice Hodges levantou-se da cadeira e Odessa teve certeza de que ela estendeu a mão para Genny.

— Eu lhe agradeço muito por ter me ouvido, srta. Carlyle. Tenho uma suspeita terrível de que McFee é responsável pela morte daquele pobre homem. Não poderia provar nada, mas, se for mesmo verdade, Nathan e Lewis também são culpados por cumplicidade com o crime. Também não ousa procurar as autoridades, mas você pode! Estou arriscando minha vida dizendo-lhe o que penso...

Quando Genny falou, sua voz refletia uma profunda meiguice.

— Eu admiro a sua coragem, sra. Hodges. É uma mulher que conhece o valor da dignidade e, não sei por que motivo, duvido que o governador conheça a esposa que tem.

As palavras de Genny teriam sido seguidas por um soluço de Beatrice.

— Deus a abençoe, srta. Carlyle — a voz de Beatrice estava comovida e à beira das lágrimas.

Após alguns instantes, Odessa ouviu a porta sendo fechada e, antes de poder ir para a saleta, Genny entrou no quarto e jogou-se em seus braços.

— Estou com tanto medo, Odessa.

As lágrimas de Genny eram mais dolorosas do que as tragédias de um passado que ainda ameaçava a felicidade de Odessa.

Walter Reynard procurara, por todos os meios, conseguir informações sobre Genevieve Carlyle. Seus esforços não tiveram sucesso porque descobriu apenas que ela nascera no Wyoming. Ninguém sabia nada sobre a encantadora modelo do *New York Times*.

Então, Reynard a viu na companhia de um senhor idoso e deduziu que existia algum tipo de ligação reprovável entre eles. Mais tarde, soube que o cavalheiro era

Cartas da Sorte

Linda Shaw

Samuel Houseman, um renomado editor, e que o relacionamento não passava de uma grande amizade.

Ele queria ser apresentado a Genevieve Carlyle, mas não tinha esse tipo de experiência social. Além de ser um homem tímido, sempre se relacionara com pessoas que conhecia desde a infância.

Mas, ao saber da trágica morte do sr. Houseman, Reynard decidiu tomar uma atitude. Imaginava que a jovem devia estar chocada e sofrendo com a perda do amigo e queria oferecer-lhe o consolo de uma nova amizade. Pretendia convidá-la para o jantar dançante de quarta-feira, onde ela certamente se distrairia.

O primeiro passo seria encontrar alguém que os apresentasse. Antes disso porém, precisava encontrar Genevieve Carlyle!

Na sexta-feira, Reynard procurou-a o dia todo sem sucesso. Também não a viu no sábado. Nenhum dos seus amigos, sempre a postos nas mesas de maior prestígio na North Piazza, sabia mais do que ele. Todos queriam descobrir o paradeiro da jovem modelo do *New York Times* e a última pessoa que vira Samuel Houseman vivo!

Onde estava Genevieve Carlyle?

Genny permaneceu dois dias sem sair do quarto, paralisada pelo medo. A morte de Manville Platt passara quase despercebida, mas Beatrice Hodges a vira com Samuel e adivinhara que existia uma ligação entre ela, Odessa Gold e Andrew Goldman. Por que o governador do Wyoming não chegaria à mesma conclusão? E também McFee?

Ficar escondida no quarto talvez confirmasse o que não passava de uma dedução sem provas. Ela precisava ser vista por todos, agindo como se nada a preocupasse. Se tivesse sorte, encontraria o governador e, através de seu comportamento alegre e despreocupado, ele se convenceria de que Genevieve Carlyle não era a pessoa certa para levá-lo até Andrew Goldman.

A primeira providência seria escolher uma roupa elegante e sóbria, e Genny decidiu-se por um conjunto azul, quase masculino em sua simplicidade. Ela completou o efeito de austeridade prendendo os cabelos num coque e colocando um colete de brocado sobre a camisa de mangas compridas.

O segundo passo para que seu plano desse certo era sair sem avisar Odessa ou Angel. Eles também estavam trancados em seu quarto, tentando descobrir um modo de frustrar a inevitável vingança de McFee. Reunindo toda a coragem que possuía e levando Jessamine como companhia, Genny foi para o saguão do hotel.

Embora estivesse prestes a entrar em pânico, Genny sabia que sua presença no saguão seria discutida por todos e talvez se esquecessem de falar sobre as mortes de Samuel e Manville Platt.

Disposta a ser vista por todos os hóspedes, ela passeou longamente pelo salão. Comprou cartões postais do hotel, sentou-se a uma mesa para endereçá-los a amigos imaginários, leu uma revista de moda, comentando os detalhes com Jessamine, enquanto comiam doces.

As mulheres, com seus vestidos de cetim, babados de renda e brilhantes

Cartas da Sorte

Linda Shaw

colossais, fingiam não ter percebido a presença de Genny, mas não perdiam uma única chance de espreitá-la às escondidas.

— Vamos até a *piazza* tomar um pouco de sol, Jessamine — sugeriu Genny, impaciente. — Até agora não vi ninguém que tenha aparência de ser um governador do Wyoming.

No momento que Genny se decidiu a sair de carruagem para se mostrar diante do resto da cidade, Walter Reynard resolveu voltar para o quarto. Ele a viu voltando da *piazza* e tomou a decisão mais rápida de sua vida.

Com passos firmes e o coração aos pulos, dirigiu-se à mesa de recepção onde Horace Winnows controlava o movimento do saguão, como um monarca em seu trono.

— *Sir* Walter! — exclamou o subgerente, se desfazendo em sorrisos servis. — É uma surpresa agradável vê-lo tão cedo e tão bem-disposto. Madame Vanderbilt disse-me que o senhor estava indisposto ontem à noite. Terá sido a água de Saratoga ou algo mais sério?

— Não se preocupe com isso, sr. Winnows. — Reynard não queria conversar pois temia que a jovem sáísse do saguão. — Vim pedir-lhe um favor.

— Mas é claro! Peça o que quiser, senhor. Estou às suas ordens.

— Eu gostaria que você me apresentasse a uma jovem.

— Sem a menor dúvida, senhor. Basta me dizer quem é ela.

— É a srta. Carlyle.

Winnows empalideceu. Ele imaginou o ameaçador Odessa Gold aproximando-se de sua mesa, em busca de vingança, e sentiu vontade de fugir do hotel. Também não podia recusar um pedido de Walter Reynard, um dos hóspedes mais ricos e mais importantes do United States!

— O senhor... quer dar a impressão de que se trata de um encontro accidental, não é?

— Eu sabia que você era a pessoa certa para me ajudar, sr. Winnows.

— Então, siga-me, *sir* Walter — disse Winnows, enrubescendo de orgulho. — Tenho um plano perfeito!

Alisando os cabelos, Winnows atravessou o saguão, até chegar bem perto de jovem que se dirigia para a porta do hotel.

— Srta. Carlyle! Espere um instante, por favor!

— Sim? Quer falar comigo, sr. Winnows?

— Por sorte, encontrei-a antes que sáísse, srta. Carlyle. Talvez tenha pressa em saber que coloquei uma mensagem na caixa da chave de seu quarto, junto à mesa da recepção. É um telegrama, vindo de St. Louis.

Genny disfarçou sua emoção. Era Mary Faye, comunicando-lhe o dia de sua chegada em Saratoga!

— Muito obrigada, sr. Winnows — agradeceu Genny, continuando a caminhar para a porta. — Passarei na recepção para retirar o telegrama.

— Sim, e... — Winnows colocou-se diante dela. — Perdoe minha impertinência mas... conhece *sir* Walter Reynard? É um dos hóspedes mais assíduos de nosso hotel,

amigo do juiz Hargreaves e de Ava Vanderbilt.

Antes mesmo de cumprimentá-lo, Genny soube que encontrara em Walter Reynard o método mais seguro de afastar as suspeitas do governador Hodges. Sentia escrúpulos de se aproveitar de um desconhecido, mas, para salvar a vida de Odessa, seria simpática até com McFee!

Afinal, *sir* Walter parecia ser uma pessoa gentil e educada embora Genny tivesse certeza de que era metódico ao extremo. Podia imaginá-lo alinhando os papéis sobre a escrivaninha, conferindo a pilha de camisas até que ficassem simetricamente alinhadas e passando manteiga nas torradas com obstinada meticulosidade.

— Esta é a srta. Genevieve Carlyle, do Wyoming, *sir* Walter — concluiu Winnows, terminando de cumprir sua tarefa.

Reynard seria capaz de jurar que não tinha mais idade para corar! Para sua surpresa, sentiu que seu rosto enrubescia quando beijou os dedos delicados de Genevieve Carlyle.

— E um prazer e um privilégio conhecê-la, srta. Carlyle — murmurou ele, embaraçando-se ao ver que seus óculos haviam caído no bolso do colete da jovem. — Fiquei fascinado com os desenhos publicados no *New York Times*. São retratos seus, não? O artista tem um talento excepcional, mas um modelo tão magnífico certamente despertou a genialidade do pintor.

Também embaraçada, Genny apenas retirou os óculos de seu bolso e os colocou na mão de *sir* Walter. A sua espontaneidade rompeu o gelo e os dois ficaram imediatamente à vontade.

Nos dois dias que se seguiram, Walter Reynard não se afastou de Genny. Ela conheceu lugares e pessoas que não a receberiam se estivesse sozinha ou mesmo na companhia de Odessa.

O assunto mais comentado em Saratoga era a jovem do *New York Times* que tomara o café da manhã na mesa dos Vanderbilt, almoçara com o sobrinho de Jay Gould e jantara na companhia do juiz Hargreaves, sempre na companhia de *sir* Walter.

Os dois compareciam a todos os concertos ao ar livre, visitavam a filial do banco Reynard, na galeria de lojas do hotel, e não perdiam os jantares dançantes. Sempre elegante e despretensiosa, Genny era vista no parque, lendo os jornais ou um livro para *sir* Walter. E, quando ele cochilava, a delicada jovem colocava-lhe uma manta sobre as pernas e guardava seus óculos no bolso do paletó.

Então, ela permanecia imóvel com uma expressão de melancolia no rosto encantador. Todos sabiam que Genevieve Carlyle sofria pelo amigo, o sr. Houseman, que tivera morte tão trágica. E ficavam felizes porque, em sua tristeza, ela se voltara para *sir* Walter, tão querido de todos.

Jason Montague apostou com Eleonor Bentley que Walter pediria a mão da srta. Carlyle, antes do final da semana.

Jessamine McGowan não gostava de interferir na vida de Genny, mas sentiu-se obrigada a censurá-la por estar enganando o gentil Walter Reynard. Entretanto,

compreendia os motivos que levavam sua jovem amiga a agir com tanta falsidade. Se a vida do sr. McGowan fosse ameaçada, ela teria se comportado da mesma forma.

A rotina de todos havia se alterado radicalmente. Genina passava os dias ao lado de *sir* Walter, sacrificando-se para salvar a vida de Odessa Gold, e Angel Tulane tinha assuntos mais sérios para resolver do que servir de ama-seca para uma velha cega. Como Jessamine sentia falta de seu exercício diário e não queria ser uma carga para ninguém, decidiu arriscar-se sozinha pelo hotel.

Eram necessários cinquenta e seis passos para ir da porta do quarto até o elevador. Com mais duzentos passos, ela chegava a mesa da recepção, mas, se desviasse para a esquerda logo após as escadas, bastavam quarenta e oito passos para que Jessamine alcançasse seu refúgio predileto, uma confortável poltrona, quase escondida entre os vasos de samambaia.

Naquela manhã, Jessamine sentou-se como sempre, entre as plantas, feliz por estar quase invisível, fora do caminho dos hóspedes e com condições de retornar à mesa de recepção no momento em que se sentisse solitária demais.

Ela só gostaria de ter colocado um vestido mais leve! O calor e o conforto da poltrona provocaram uma irresistível sonolência e Jessamine sentia-se sem forças para manter os olhos abertos.

Jessamine quase não dormira nas últimas duas noites e, embora resistisse bravamente, acabou perdendo a batalha contra o sono. As pálpebras se fecharam e a cabeça pendeu. Ela não saberia dizer por quanto tempo ficou em seu refúgio entre as samambaias até que vozes masculinas muito próximas a acordassem.

A primeira reação de Jessamine foi lembrar-se das boas maneiras. Achava inadmissível escutar conversas alheias! Apanhando a bengala, resolveu tossir bem alto para revelar a sua presença e depois ir para a recepção onde Genina iria encontrá-la para almoçarem junto com *sir* Walter.

— Você não pode fazer isso!

A voz, nitidamente enfurecida, estava muito próxima das costas de Jessamine.

— Não pode mesmo! Tenho que pensar em minha reputação. São anos e anos de trabalho e um futuro que pode significar a presidência, a Casa Branca! O que pensa que eu sou? Um imbecil? Eu o proíbo de continuar! Exijo que ponha um fim nessa loucura agora!

— Devia ter pensado antes no seu futuro e na Casa Branca. Foi você quem me avisou para vir e agora as coisas foram longe demais. E pode ficar certo de que se enterrou até o pescoço nessa maldita confusão!

— E agora estou avisando-o para desistir. Um homem morreu e...

— Dois homens morreram!

Num gesto instintivo de proteção, Jessamine cobriu o rosto com as mãos.

— Um deles não fará a menor falta. Preste atenção no que vou lhe dizer! Se não voltar atrás, eu o mandarei prender por homicídio.

Ao ouvir a risada sinistra do homem de fala mais rude, o estômago de Jessamine se contraiu de medo. Depois de ter escutado as revelações, veladas mas

Cartas da Sorte

Linda Shaw

alarmantes, de Beatrice Hodges, seria impossível não compreender o significado daquela conversa. Como eles se arriscavam a falar tão perto de uma estranha? Não a teriam visto ou julgaram que a cegueira é acompanhada, obrigatoriamente, por uma incapacidade mental?

— Faça isso, excelência — zombou o homem de fala rude, acendendo um charuto. — Eu irei a um tribunal e jurarei sobre a Bíblia que você estava envolvido conosco desde o primeiro dia. Vou para a cadeia, mas não vou sozinho!

— Que diabo! Seja sensato! Não percebe que está passando dos limites?

Jessamine lutava, desesperadamente, para não se engasgar com a fumaça malcheirosa do charuto.

— Ele também passou e agora não tem mais jeito de voltar atrás. A pessoa que contratei já vai chegar e, na noite de quarta-feira, tudo estará terminado. Por isso, fique quietinho e não pense em cair fora. Afinal, não é a primeira vez que você se mete numa encrenca suja! Não é melhor do que nós, excelência.

Ela não tinha mais dúvidas. Um dos homens era Nathan Hodges. E o de fala rude? Só podia ser McFee!

— Seria muito pedir que me dissesse quem é essa pessoa? — Nathan mexeu-se pela primeira vez e sua voz denotava nervosismo.

— O nome é... Lillian Cavendish.

— Pelo amor de Deus! Contratou uma mulher?

— E por que não? Essa história de sexo frágil é a maior mentira! Não existe fera nenhuma que seja cruel como uma mulher, excelência. As apaches fazem coisas que virariam o seu estômago do avesso. Elas...

— Não estou interessado nos hábitos das mulheres apaches!

— Nem eu, excelência. Voltando à nossa amiga, não se preocupe com nada. Ela não sabe o nome do alvo e assim não poderá abrir o bico para a polícia no caso de ser presa, o que eu acho quase impossível porque a moça é uma profissional.

— Não entendo como...

— Eu pensei em tudo. Ela vai chegar ao hotel e, quando for se registrar, encontrará uma mensagem na caixa de sua chave. Só colocarei o nome e a descrição dele. Não é um plano perfeito? Quem não sabe de nada, não pode falar, certo? Então, durante o grande baile... a moça põe um ponto final nesta maldita história, nós estaremos livres para sempre e poderemos voltar para casa sem medo. Acho que não preciso falar de mais nenhum detalhe, excelência. Conte isso porque assim você fica envolvido e não abre o bico. Entendeu bem?

Um leve movimento das plantas avisou Jessamine que os dois homens se levantavam das poltronas. Deixando pender a cabeça, ela sacrificou-se pelo bem de um perfeito desempenho. Apesar de ter horror de pessoas que dormem de boca aberta, entreabriu os lábios para fingir que estava profundamente adormecida.

Os homens passaram ao lado dela sem dirigir-lhe um segundo olhar. Pelo menos Jessamine deduziu que os dois tivessem se afastado sem nem mesmo notá-la.

Jessamine estava chocada demais, horrorizada com o que ouvira e o pavor a

impedia de se mover. Levou meia hora para recuperar-se e ter forças para se manter em pé.

Ela pensou em pedir ajuda a Marvin a fim de ir para a North Piazza mas julgou que essa atitude incomum chamaria atenção sobre sua pessoa. Se fosse possível, daria um ano de sua vida pela bênção de recuperar a visão por apenas dez minutos e poder encontrar Genina. Como suportaria ser a única a saber desse segredo terrível até a hora do almoço?

CAPÍTULO 21

O trem de Mary Faye chegava na quarta-feira e Genny pediu a *sir* Walter que a acompanhasse até a estação.

Para explicar a vinda da jovem, Genny contou-lhe que Adam Worthington traíra as duas. *Sir* Walter chocou-se com as revelações, mas Genny não conseguia se preocupar com a gravidade dessa situação que despertara seu desejo de vingança. A informação de Jessamine a deixara tão transtornada que perdera o interesse na chegada de Mary Faye.

Genny tinha procurado Odessa para revelar-lhe o plano de McFee, sentindo que todo o seu mundo estava prestes a ser destruído. Ele recebera a notícia sem demonstrar alarme ou preocupação, como se tudo não passasse de um boato sem fundamento.

Inevitavelmente, os dois tiveram uma briga séria. Odessa ameaçou colocá-la à força dentro de um trem se não fosse embora de Saratoga de livre e espontânea vontade, ainda naquela tarde. Genny o enfrentou com idêntica fúria, recusando-se a obedecer. Se partisse, McFee saberia quem era ela!

— Eu estou envolvida nessa situação infernal, Odessa Gold! Não há mais como recuar. E se McFee o matar, eu.,.

— Deixe de bancar a idiota! Eu não tenho a menor intenção de morrer nos próximos dias. — Ele a fitou com ódio.

— Você conseguiu o que queria. Atraíu um marido rico! Vá garantir que ele lhe ofereça uma aliança o mais depressa possível porque a temporada de caça está chegando ao fim, boneca. Deixe-me viver em paz!

Genny jamais erguera a mão para ninguém em toda a sua vida. Quando ela viu a marca de seus dedos no rosto pálido de Odessa, teve um descontrole emocional que durou horas e deixou-a arrasada.

Agora, enquanto esperava que *sir* Walter chegasse para irem juntos à estação, Genny estava tendo uma nova crise de nervos. Ouvia barulhos ameaçadores, quase saltava com o menor ruído e não conseguia ficar parada nem concentrar-se. Sentia que McFee a espreitava de algum canto do saguão e precisava controlar-se para não sair correndo.

Então, ela avançou até a mesa de recepção e parou diante de Winnows. Precisava agir antes de perder a coragem!

— Por acaso, a minha querida amiga Lilian Cavendish já chegou, sr. Winnows?

— Ainda não, srta. Carlyle.

— Ela vai ficar em alguma das suítes do primeiro andar?

— Infelizmente, não foi possível porque não temos nenhuma livre no fim da temporada. Mas a srta. Cavendish ficará muito bem acomodada no quarto andar.

Reservei-lhe o quarto 402, com vista para o Leste.

— Tenho certeza de que ela não terá do que reclamar. — Genny horrorizou-se com a falsidade de sua voz. — Lillian é tão encantadora...

Quando *sir* Walter chegou, com um impecável terno azul e óculos de aro de ouro, Genny estava prestes a perder os últimos vestígios de autocontrole. Durante o percurso até a estação, pedia repetidas desculpas por tê-lo forçado a participar daquela situação sórdida, e ele tentava reconfortá-la, sem muito sucesso.

A chegada do trem a Saratoga fora descrita por Odessa com maestria. O sino tocou e hordas de veranistas entediados invadiam a estação a fim de ver quem chegara para o último jantar dançante da temporada, o glorioso baile de encerramento de um verão dourado. Ele não exagerara ao compará-los a uma nuvem de gafanhotos!

Como um paladino, *sir* Walter enfrentou a multidão, os carregadores de malas e os viajantes que bloqueavam até as ruas laterais e conseguiu trazer Mary Faye para a carruagem.

A volta ao hotel foi ainda mais constrangedora. Genny teve que contar à jovem grávida as últimas notícias sobre Adam e sua nova "amiguinha". Mary Faye, que demonstrara tanta coragem em St. Louis, rompeu num pranto desconsolado.

— Por Deus! Não chore assim, minha querida. — Walter Reynard tentava consolar Mary Faye, enquanto assumia o controle da situação. — Temos que contratar um advogado antes de esta jovem enfrentar o pilantra sem moral que a desonrou. Não concorda comigo, srta. Carlyle?

A sugestão de *sir* Walter foi a mais sensata que Genny ouviu nos últimos dias.

Aquela tarde exigiu de Genny o desempenho mais difícil de toda a sua vida.

Ela arrastou Jessamine pelo saguão e colocou-a em seu lugar predileto entre os vasos de samambaias. Depois de duas horas, a velha senhora afirmou que uma das criadas iria regá-las se não encontrassem um outro local para ficar.

Mais uma vez, Genny tentou encontrar uma ocupação que justificasse sua permanência prolongada no saguão. Se não tivesse certeza de que seria observada por centenas de pares de olhos curiosos, ficaria de plantão ao lado de Winnows!

— Ele disse que colocaria as instruções na caixa da chave — repetiu Genny, indo de uma janela a outra e torcendo as mãos. — E eu não estou vendo papel nenhum! Talvez tenha acontecido algum imprevisto! Talvez ela não venha mais!

— Garantiu-lhe que eu não sei de nada — resmungou Jessamine, lutando para não perder a paciência. — E ainda acho que deveríamos ter contado tudo para o sr. Gold.

— E eu acho que ele me mandaria cuidar da minha própria vida! Sei muito bem o que o sr. Gold vai dizer em todas as situações possíveis!

O suspiro exasperado de Jessamine demonstrava nitidamente que ela concordava com o sr. Gold, de corpo e alma!

Por sorte, a rotina do hotel fora completamente alterada em consequência dos preparativos para o baile. Uma verdadeira multidão cruzava o saguão em todas as

Cartas da Sorte

Linda Shaw

direções e ninguém tinha tempo para notar a presença das duas mulheres entre os vasos de samambaias. Mas a situação tumultuada não tranquilizava Genny. Ela sentia tanto medo de ser vista por McFee quanto por Odessa.

— O maldito McFee sabia que o saguão ficaria assim! — gemeu Genny, começando a roer as unhas. — Há tanta gente andando de um lado para o outro que a moça pode entrar e sair do hotel sem que eu perceba. Então, ficamos sabendo que Odessa foi morto! Meu Deus! Então, o que eu farei da vida?

— Calma, Genina!

Jessamine estava tão nervosa quanto sua amiga, mas não tinha energia suficiente nem para perder o controle

— O importante é saber o que você fará quando avistar essa Lillian Cavendish, Genina. O sr. McGowan sempre dizia que não devemos sequer olhar para o Mal!

Genny sentiu que não responderia mais por suas ações se Jessamine mencionasse mais uma vez o finado sr. McGowan.

— Eu não sei o que vou fazer! — explodiu Genny, descontrolada. — Não tenho a menor idéia!

Sutilmente, ela agarrou o braço de Jessamine que sufocou uma exclamação de susto.

— O que está acontecendo, Genina?

— É ele! É McFee! Ele está indo até a mesa de recepção e... entregou um envelope a Winnows! É a sentença de morte de Odessa, Jessamine! Ajudai-me, Senhor! Ajudai-me a ter forças e encontrar o caminho certo.

McFee se encostara no balcão e Genny percebeu que ele olhou disfarçadamente ao seu redor antes de retirar uma nota do bolso do paletó. Winnows também demonstrou cautela ao estender a mão. Van Yarborough viera para a mesa de recepção por causa do movimento excessivo daquela tarde e certamente despediria o assistente se o visse aceitando um suborno.

— O que Odessa faria se estivesse em meu lugar e soubesse que McFee pretendia me matar?

Só havia uma resposta para aquela pergunta. Uma súbita calma tomou conta de Genny e ela não teve mais dúvidas.

— Winnows acabou de colocar o envelope na caixa da chave. — A voz dela refletia uma estranha serenidade. — Fique aqui, Jessamine. Não mova um só músculo enquanto eu não retornar.

Jessamine não respondeu porque estava paralisada pelo pânico.

Mantendo-se atenta a todos os movimentos das pessoas que se aglomeravam no saguão, Genny caminhou até a escrivaninha onde eram colocados os papéis de carta do hotel. Winnows e Van Yarborough se revezavam, resolvendo as situações de emergência que chegavam à recepção.

No momento em que Genny pousou a pena sobre o papel, lembrou-se de Amélia. A vida realmente forçava as pessoas a tomarem atitudes sórdidas!

Então, ela ergueu a cabeça e encontrou forças para escrever.

"O nome dele é McFee. Alto, cabelos grisalhos, costeletas longas e olhos pequenos. Muito gordo e - muito perigoso. Mantenha-se alerta."

Genny hesitou em colocar alguma referência sobre o pagamento e acabou desistindo. Uma matadora profissional não concordaria em se aproximar de sua vítima se não tivesse sido paga antecipadamente.

O coração de Genny, batendo mais forte, era o único sinal de seu nervosismo enquanto ela fechava o envelope. Esperou até perceber que Winnows se ocupava em solucionar um problema de iluminação com o eletricista e só então aproximou-se da mesa de recepção.

— Sr. Van Yarborough?

O gerente reconheceu-a imediatamente.

— Como está, srta. Carlyle? Em que posso ajudá-la hoje?

As mãos de Genny estavam frias e ela rezava para que seu plano desse certo.

— Eu ando tão distraída que só cometo tolices, sr. Van Yarborough. — Genny sorria meigamente. — A minha amiga Lilian... a srta. Cavendish, está para chegar a qualquer minuto e um compromisso inesperado obriga-me a sair por alguns minutos. Já deixei um recado para ela e terei que alterá-lo. Poderia retirar a primeira mensagem da caixa da chave e colocar esta no lugar?

— Sem dúvida. — O gerente hesitou por um instante, — O quarto da srta. Cavendish é...

— E o quatrocentos e dois.

— Mas é claro! Este foi o problema mais fácil que eu resolvi hoje, srta. Carlyle. Posso jogar fora a primeira mensagem?

— Eu mesma a jogarei, sr. Van Yarborough. — Genny começava a sentir náuseas. — Foi muito gentil...

O gerente colocara o envelope de McFee na mão de Genny, com um sorriso despreocupado.

— Deseja algo mais, srta. Carlyle?

Genny sentiu um gosto amargo na boca. Ela acabara de assinar a sentença de morte de um homem.

— Não, muito obrigada. Preciso me apressar porque quero estar bonita para o baile à noite.

— A verdadeira beleza é a interior, srta. Carlyle.

— Eu sei, mas gostaria que aparecesse no meu exterior, sr. Yarborough.

O idoso gerente ainda estava rindo quando Genny passou com Jessamine a caminho do elevador. Ela conseguiu conter o enjôo até chegar ao quarto e, então, largando a amiga no meio da saleta, correu para o banheiro. De joelhos no azulejo frio, ela não controlou mais as náuseas.

As lanternas de papel brilhavam como pássaros exóticos que tivessem se

aninhado entre as árvores para admirar centenas de pessoas em seus trajes mais suntuosos atravessando o pátio interno a caminho do baile.

O salão começava a encher. Todos os candelabros estavam acesos e a orquestra de cinquenta e seis músicos terminava de afinar os instrumentos. Coberta por seus inseparáveis brilhantes, Ava Vanderbilt ocupou a mesa de maior destaque, preparando-se para receber as homenagens de seus fiéis seguidores.

Eleanor Bentley e Priscilla Davenport chegaram, acompanhadas por um grupo de vinte amigos. Jason Montague, que começara a beber às duas horas da tarde, já estava embriagado e pensando em atrair a tórrida Eleanor para o seu quarto, após o baile.

Nathan Hodges se empenhava, sem esperanças de vitória, numa batalha contra o pânico. Inexplicavelmente, Beatrice estava sóbria. Sua esposa passara o dia todo sem beber uma só gota de álcool e esse fato o inquietava mais do que o assassinato programado por McFee.

O governador do Wyoming determinou que seus guarda-costas permanecessem do lado de fora do salão de baile onde ele entraria acompanhado apenas por McPherson. Eles só o chamariam se alguém visse Andrew Goldman.

A primeira pessoa que Nathan avistou foi McFee, parado à porta do salão. Ele pretendia ficar vigiando a recepção e, quando Lillian Cavendish chegasse, o avisaria através de um sinal.

— Que inferno — reclamou ele para Beatrice, enquanto tentavam chegar até a mesa. — Será que vai caber tanta gente no salão?

Beatrice, usando um magnífico vestido de gaze verde, olhou desdenhosamente para o marido.

— Não adianta se lamentar, meu caro. Sente-se e peça uma bebida.

— Está bem. O que você quer beber? Vinho?

— Não. Prefiro uma limonada.

Nathan sentiu que o pânico aumentava assustadoramente. Ele não entendia a súbita abstinência de Beatrice, mas, por algum motivo obscuro, aquela atitude provocava-lhe uma sinistra premonição de desastre.

Genny chegou com *sir* Walter, mudando de idéia na última hora, pois tinha decidido vir sozinho. Embora Odessa repetisse, insistentemente, que não deveriam ser vistos juntos, tinha certeza de que ele compareceria ao baile e queria atraí-lo com sua beleza para mantê-lo ao seu lado, em segurança.

Então, descobrira que ele havia simplesmente desaparecido do quarto. Genny entrou em pânico. E se Lillian Cavendish tivesse recebido uma outra mensagem de McFee? E se Odessa já estivesse morto?

— Você está ainda mais bela esta noite, srta. - Carlyle.

Genny custou a reconhecer a voz de *sir* Walter e a entender suas palavras. Ele a conduziu até o centro do pátio onde tinham sido colocadas as lâmpadas elétricas, a mais recente sensação que arrancava exclamações de admiração de todos. Ela, porém, só via o corpo de Odessa, largado em alguma viela sórdida.

— Agradeço a sua gentileza, *sir* Walter.

Na verdade, Genny nem sequer se lembrava de seus preparativos para o baile. Automaticamente, escolhera o mais esplêndido dos vestidos criados por madame Desmond, com um ousado decote nas costas e a saia formada por babados esvoaçantes de tule branco. Ela ouvia o farfalhar do tecido enquanto andava e tinha a sensação de que flutuava numa nuvem alva e distante da realidade.

Ela e *sir* Walter entraram no salão de baile acompanhados por Clinton Amesbury, um advogado de Saratoga, conhecido por sua eficiência e discrição.

Amesbury os seguia com o nariz erguido de um cão que fareja a caça. Ele e Mary Faye tinham passado toda a tarde fechados no quarto de Reynard, elaborando o plano perfeito. O advogado chegara à conclusão de que as duas mulheres deviam se apresentar juntas a Adam Worthington, em pleno salão de baile.

Mas esse plano só daria certo se Adam comparecesse ao baile e se eles conseguissem avistá-lo no meio de quase mil pessoas aglomeradas num único salão!

Reynard conseguira conduzi-los até a mesa que reservara e, com sua impecável polidez, ajudou Genny a acomodar-se.

— Onde está a sua amiga, srta. Carlyle? Pensei que ela viesse juntar-se a nos.

— Oh, Deus! — Genny viu o pretexto ideal para fugir. — Esqueci-me de Mary Faye. Ela deve estar intimidada com tanto luxo e sem coragem de vir sozinha para o salão. Vou buscá-la e voltarei num minuto.

Sem dar tempo para que Reynard a detivesse e sem olhar para trás, Genny afastou-se da mesa. Ela tentava abrir caminho entre a multidão que chegava para o baile quando viu McFee parado à porta do salão.

Subitamente, Genny caiu em si. Saber que McFee era um assassino não justificava o crime que ela cometera! Teria sido mais digno segurar um revólver e matá-lo, frente a frente.

Ela assinara, de seu próprio punho, a sentença de morte daquele homem e teria que revogá-la! Genny empurrou as pessoas que bloqueavam o seu caminho e correu para a mesa de recepção.

Tarde demais. Já não havia nenhum envelope na caixa do quarto quatrocentos e dois.

Não havia ninguém transitando na estrada que chegava de Albany pelo lado do sul. Saratoga ainda estava a quatro quilômetros de distância, mas Odessa e Angel detiveram seus cavalos em meio a uma nuvem de poeira.

— Que horas são? — perguntou Odessa, saltando do cavalo. — Eles estão atrasados.

— Mas virão, Odessa. Albany fica a cerca de oitenta quilômetros de Albany e... você lhes enviou três telegramas.

— Talvez tenham se atrasado para sair, algum imprevisto...

— Fique calmo, rapaz. Seu pai disse que iria partir imediatamente pois os dois advogados já estavam prontos para vir.

Odessa avançou alguns passos pela estrada deserta, tentando ouvir algum ruído que indicasse a aproximação de uma carruagem

— A esta hora, Genny deve estar no baile e desesperada porque não tem idéia do meu paradeiro.

— Você fez o possível, Odessa. Não podia imaginar que o juiz Wharton levaria três horas para ouvir o seu testemunho e preparar os papéis oficiais. — Angel deu uma risada maliciosa. — A justiça é sempre muito lenta, amigo.

— Eu devia ter dado o meu depoimento logo que saí da cadeia. Esta situação não ocorreria e Genny não seria obrigada a passar por tanta angústia. Samuel também estaria vivo.

Angel foi o primeiro a ouvir o ruído das carruagens, ainda muito distantes.

— Se você tivesse testemunhado, não chegaria a conhecer a mulher da sua vida.

Apesar de exausto e tenso, Odessa deu uma risada alegre.

— Tem razão, como sempre, Angel.

— E a vida de Samuel sempre esteve nas mãos de Deus. Nunca nas suas, Odessa Gold.

— Acho que agora você precisará me chamar de Andrew. As lanternas das carruagens brilhavam entre as árvores e Odessa sentiu-se invadido por uma onda de felicidade. Estava ansioso por rever seus pais, o que não acontecera no primeiro encontro. Mas agora ele podia ser novamente Andrew Goldman. Embora diferente, voltava a assumir o nome que usara desde o seu nascimento, iria apresentar sua amada a Felicia e a Morgan e dar uma vida de felicidade a Genny.

Se ela ainda o quisesse depois de seu desaparecimento sem explicações! Ele só queria sair de Saratoga com Genny e Jessamine para voltar à sua casa na beira do rio Hudson.

— Eu serei um homem muito rico quando puder chamá-lo de Andrew. — A gargalhada de Angel ecoou na estrada deserta. — Quatro mil hectares das melhores pastagens do Wyoming é bom demais para um negro que engraxava sapatos na estação de St. Louis, patrãozinho!

Depois de tantas semanas de angústia, Odessa surpreendeu-se rindo com a alegria de um jovem sem preocupações.

— Tem razão... Miosótis! Tem toda razão!

Parada diante da recepção, Genny sentiu uma profunda revolta. Por que o destino colocara a vida de um homem em suas mãos? Ela queria salvar Odessa, mas não assumindo a responsabilidade pela morte de um outro ser humano, nem mesmo McFee! Já não havia mais retorno. A sua mensagem fora recebida por Lillian Cavendish.

A apatia provocada pela verdade brutal transformou-se em desespero. Genny atravessou os corredores vazios, correndo à procura de Jessamine que ficara em um dos salões da ala leste, distantes dos ruídos do baile. Ela ajoelhou-se na frente da velha amiga que adormecera em uma cadeira de balanço.

— Jessamine? — a voz de Genny era quase inaudível. — Você viu Odessa?

As mãos magras de Jessamine tocaram os cabelos de Genny.

— Ele não está no baile, Genina?

Lágrimas contidas por toda uma vida embaçavam os olhos de Genny. Se ela começasse a chorar, nunca mais conseguiria parar.

— Não. Ele não está no baile. Oh, Jessamine! O que farei se aquele maldito McFee tiver alterado os planos? E se Odessa já estiver morto...

— Pare! Controle-se, Genina! Você está perdendo a calma e a capacidade de raciocinar. Já o procurou no quarto?

— Lógico que sim! Perdi a conta das vezes que fui até o quarto dele, mas tentarei de novo. Talvez.

— Talvez ele tenha deixado um recado para você na portaria, querida.

— Quem sabe? — Genny sentiu um tímido renascer das esperanças.

Impulsionada pela ansiedade, ela correu até a mesa da recepção, mas não havia nenhuma mensagem para a srta. Carlyle. O pânico voltava a dominá-la e, chegando à porta do quarto de Odessa, ela começou a bater desesperadamente.

— Odessa? Por favor, abra a porta. Sou eu... Abra esta porta. Por Deus, não me deixe sozinha...

Genny encostou-se à parede e deslizou lentamente até o chão. Ele estava morto. Não era mais possível ter esperanças. Fia sempre perdia as pessoas que amava. O pai, Samuel e agora... Odessa.

Com os ombros curvados e os passos trôpegos de uma pessoa vencida pela vida, ela chegou ao corredor que dava acesso ao seu quarto.

Diante da porta, estava Odessa.

Envolta numa nuvem de babados esvoaçantes, Genny correu para os braços dele.

— Graças a Deus — murmurava ela, sentindo-se novamente protegida de todos os perigos.

Os beijos de Odessa traziam de volta a luz que iluminava as trevas, a alegria e a vontade de viver. As ameaças e os terrores pareciam ser sonhos maus e facilmente esquecidos.

— Está tudo bem agora, querida — murmurou ele, sentindo-se finalmente livre para envolvê-la com seu amor.

— Você desapareceu, querido. Pensei que estivesse morto.

— Eu lhe disse que não pretendia morrer tão cedo, srta. Carlyle! — Odessa ria, com os lábios nos cabelos de Genny, a gloriosa moldura de seu rosto irradiante de amor. — Tenho tanto a lhe contar que...

— Pode começar agora mesmo, sr. Gold.

— Passei a tarde toda com o juiz Wharton, dando o meu testemunho sobre os implicados na morte de Anne. Vai haver um julgamento e a justiça punirá os culpados, não eu! Meus pais acabaram de chegar a Saratoga com uma equipe de advogados, que se encarregarão do caso. Olhe para mim, querida. — Odessa ergueu o queixo de Genny e fitou-a com carinho.

— Aceita casar-se comigo? Quer ser a esposa de Andrew Goldman? A minha

mulher?

O pesadelo das últimas horas deu a Genny uma visão mais nítida da felicidade que teria ao lado de Odessa.

— Pelos próximos dez minutos, como no trem? — brincou ela, e suas lágrimas eram de pura alegria.

Mas, durante dez minutos, os dois se fitaram em silêncio, saboreando um amor tão intenso que dispensava as palavras. Então, começaram a percorrer o corredor para voltar ao saguão onde a família Goldman os esperava. Enquanto caminhavam sem pressa, Genny falou de Lillian Cavendish e sobre a atitude que ela tomara.

— Ela chegou ao hotel, Odessa. Tentei voltar atrás, mas não foi possível. A minha mensagem desapareceu da portaria... está nas mãos de Lillian Cavendish.

Quando C. E. McFee fez um sinal para avisar que chegara a hora, Nathan Hodges não perdeu tempo em considerações inúteis sobre os acontecimentos que o haviam levado àquela situação.

Ele era racional demais para se considerar uma vítima do destino que se vê obrigada a tomar a difícil decisão de fazer um pacto com o demônio. Sua vida tinha sido uma sucessão de escolhas, momento a momento, dia a dia, ano a ano. Nathan não saberia precisar quando havia ultrapassado uma linha imprecisa e penetrado num mundo de onde não existe retorno.

Sem recriminações, ele fez um sinal para que McPherson seguisse o fazendeiro do Wyoming.

Sem hesitação, o guarda-costas começou a abrir caminho entre as mesas, dirigindo-se para a porta do salão. Quando tudo estivesse terminado, ele traria McFee até Hodges para que o governador reforçasse a sua posição de comando e preservasse a integridade de seu cargo.

Genny e Odessa queriam usufruir um interlúdio de perfeito lirismo, antes de retornarem à realidade. Paravam de andar, a cada passo adiando o momento de encontrar a geração mais velha e receber a bênção para iniciarem uma vida feliz, mas diferente do conto de fadas dos primeiros passos de um romance.

Envolvida pelos braços de Odessa e pela força de um amor apaixonado, Genny sentiu um breve momento de pânico. Jamais teria um lugar na vida de Andrew Goldman porque não pertencia ao mundo em que ele vivia. Seu futuro seria uma infundável sucessão de falsidades. Como sobreviver através de um fingimento constante?

Por Odessa, ela faria tudo e não recuaria diante de nada. E, mesmo se fracassasse, teria valido a pena.

Ele puxou-a para junto de uma janela, beijando-a ainda uma vez antes de chegarem ao fim do corredor.

— Eu te amo, Genny Carlyle.

— Eu já havia percebido que você me amava muito antes de você descobrir isso, Odessa Gold. — disse Genny, entre um beijo e outro. — Juro que sentirá orgulho de

mim, serei a mulher...

— Não mude nunca, Genny Carlyle. Seja apenas a mulher que eu conheci num trem e pela qual me apaixonei.

Mais tarde, Genny chegou à conclusão de que McFee os espreitava há muito tempo no corredor silencioso. Teria ouvido as declarações de amor e presenciado as carícias íntimas?

Também concluiu que Odessa pressentira a presença do perigo muito antes de ver McFee surgir de um canto do corredor.

O assassino, obeso e com o rosto rubro de ódio, estava a poucos passos deles. Odessa empurrou Genny para o abrigo de uma porta recuada e preparou-se para enfrentar seu último inimigo. Ela o viu caminhar para perto de McFee e teve uma visão muito clara. Ia perder o amor e a felicidade no momento em que começava a viver!

— Não!

Genny viu os dois homens muito próximos, quase se tocando, e jogou-se entre eles. Seu grito ecoou no corredor silencioso, junto com o tiro. Como se estivesse ofuscado pelo brilho fugaz de uma estrela cadente ou de um súbito relâmpago, McFee se imobilizou. Os joelhos se dobraram e o corpo obeso desabou sobre o tapete.

Chocada, Genny colocou as mãos sobre a boca para abafar mais um grito enquanto Odessa ajoelhava-se ao lado do homem caído, com uma expressão de incredulidade.

— Vagabunda estúpida! — berrou uma voz rude e descontrolada. — Matou o homem errado!

Mas não havia ninguém no corredor. Ninguém a não ser o homem que fitava Odessa com a expressão de quem ouviu sua sentença de morte. Ele moveu os lábios, tentou falar, mas perdera a voz e o sangue-frio. Só lhe restava desaparecer.

Odessa correu atrás do homem e Genny o seguiu, chorando e à beira da histeria.

Foi Felicia Morgan que a trouxe de volta à realidade. Ela estava no vestíbulo e tomou Genny nos braços.

— Calma, srta. Carlyle. Genny?

Finalmente Genny olhou para a mulher que a fitava como quem encontra algo que perdeu há longo tempo.

— Obrigada por ter me devolvido Andrew, querida. Obrigada pela vida de meu filho. — Felicia não escondia sua emoção. — Você o salvou. Está me ouvindo, Genny? Morgan? Empréstimo um lenço para que Genny possa enxugar as lágrimas. Vamos levá-la para casa, querida.

Não. Ainda não chegara a hora de acompanhar Andrew para o lar que ele perdera há dez anos e, a partir de agora, seria também o seu. Respirando fundo e tentando se recompor, Genny afastou-se suavemente de Felicia. Odessa estava na porta do salão, emoldurado pela luz de centenas de candelabros.

— Preciso estar junto dele.

— Eu entendo, Genny. — Felicia sorriu. — Vocês voltarão juntos.

Antes de cruzar a soleira da porta, Odessa virou-se para trás e estendeu a mão,

chamando Genny. Ela soltou-se dos braços de Felicia e correu ao seu encontro.

Os advogados e o juiz Barton, que acabara de chegar, se encaminharam para o salão de baile, conduzidos por um gerente tenso e chocado. Percy Van Yarborough nunca tivera que enfrentar uma situação tão embaraçosa.

Os veranistas de Saratoga celebravam o fim de uma temporada gloriosa. Nathan Hodges dançava com Beatrice. Sir Walter e Eleanor Bentley faziam um brinde. Ava Vanderbilt, como sempre, estava rodeada por seus fiéis acólitos, e Mary Faye, que chegara sozinha, continuava encostada à parede de entrada, procurando por Adam Worthington, o pai de seu filho por nascer. A orquestra tocava *Fascinação*.

Van Yarborough aproximou-se do maestro e disse algumas palavras ao seti-ouvido. Ele ergueu a batuta e a música parou. Um murmúrio de curiosidade percorreu o salão. Todos os rostos se erguiam, tentando descobrir o motivo daquela insólita interrupção.

McPherson estava inclinado, falando com o governador Hodges que, ao erguer a cabeça, viu Odessa, parado à porta.

Um silêncio de expectativa tomou conta do salão de baile. Era possível ouvir os passos de Van Yarborough, que voltava para conduzir o juiz Wharton e o grupo de advogados.

— Por favor, Odessa — sussurrou Genny, agarrando a mão dele. — Não vá. Deixe-os se encarregarem de tudo.

O sorriso amargo de Odessa ainda pertencia ao passado.

— Ele não pode mais nos atingir.

— Você já disse isso antes.

— Eu sei, mas agora é verdade.

A multidão se abriu para dar passagem aos representantes da justiça. Quando eles pararam diante de Nathan Hodges, Genny teve certeza de que viu uma expressão de alívio no rosto de Beatrice.

Não foi preciso dizer ao governador o que estava acontecendo. Quando o juiz Wharton lhe pediu que o acompanhasse, ele não fez nenhuma pergunta nem fingiu surpresa. Sem movimentar um só músculo da face, apanhou o chapéu e curvou a cabeça para a esposa. McPherson e Lewis o imitaram e os três saíram do salão, sem trocar palavra, rodeados pelos homens da justiça.

Van Yarborough estalou os dedos, o maestro levantou a batuta e uma valsa alegre reiniciou o baile. As pessoas ainda trocaram alguns olhares intrigados e voltaram a pensar em si mesmas. A interrupção seria comentada, mas logo esquecida. A vida retornava ao normal.

Genny sentiu-se estranhamente perdida e sem um objetivo. Como se percebesse sua desorientação, Odessa segurou-a pelo braço.

— A nossa aventura entre os veranistas de Saratoga Springs terminou, querida. — Ele sorriu para o pai que os esperava à entrada do salão. — Podemos voltar para casa.

Então, Genny avistou Mary Faye caminhando com dificuldade na direção deles.

— Ainda não, Odessa.

— Genny? Genevieve Carlyle? É mesmo você?

A voz vinha do passado. Uma voz menos polida do que ela se lembrava e nitidamente mais receosa.

Genny preferiria ter virado as costas, continuando a caminhar para a porta e para uma nova vida. Ninguém perceberia que ela estava enterrando o último vestígio do passado. Mas havia Mary Faye e uma criança que nasceria sem pai. Virando-se para trás, procurou o homem que a chamara.

Adam Worthington estava a poucos passos de distância, erguendo-se da cadeira. Em sua mesa, a mulher ricamente vestida erguia a taça de champanhe. Ele usava abotoaduras de brilhantes em seu impecável traje de noite.

— Com licença, Odessa. — Genny sorriu, dando tempo para que Adam observasse o seu magnífico vestido e a família Goldman que agora a rodeava. — Tenho ainda uma missão a cumprir.

O sorriso de Adam revelava embaraço. Genny via então o homem fraco e sem personalidade que lhe fizera um grande favor desaparecendo de sua vida. Ele se arrependera de tê-la chamado e, se fosse possível, fugiria daquele encontro.

Com uma sensação de vazio, Genny caminhou para a mesa dele, enquanto os pares rodopiavam na pista ao som de mais uma valsa. Quantas vezes imaginara aquele momento, antecipando o prazer da vingança? E agora, Adam Worthington não significava nada, não valia o esforço necessário para destruí-lo.

Ela parou, surpresa com essa descoberta e, ao virar-se para trás encontrou os olhos de Odessa, refletindo um amor infinito. A sensação de liberdade era inebriante. O passado não merecia sequer um segundo olhar.

Mas Mary Faye, nos últimos meses de gravidez, precisava dela. Genny sorriu para a jovem e, segurando-a pelo braço, conduziu-a até a mesa.

Empalidecendo, Adam recuou e bateu de encontro à mesa. Os copos de vinho caíram, garçons correram para impedir um desastre, e Genny sentiu pena da mulher mais velha que se sujeitara a pagar por um companheiro tão sem caráter.

— Adam? — Ela impeliu a jovem grávida para junto da mesa. — Eu e Mary Faye temos que falar com você.

Adam fitou Genny, sem controlar o desespero. Então olhou para Odessa e depois para Mary Faye que deu uma risada de desprezo. Ele engoliu em seco, sem ter para onde fugir.

— Mary querida...

Antes que Mary desse vazão a sua fúria, Genny tomou as rédeas da situação.

— Creio que já conhece todos, Adam. Com exceção de Odessa e, é claro, do sr. Amesbury. Aquele cavalheiro que está se aproximando da mesa é Clinton Amesbury, o advogado de Mary Faye. Tenho certeza de que vocês dois encontrarão muito sobre o que falar.

Pálido e sem forças, Adam largou o corpo sobre a cadeira. Ele escondeu o rosto atraente entre as mãos, tentando não ver a realidade.

Aquela fraqueza despertou a raiva de Genny, que estivera a ponto de desculpar Adam Worthington.

— Você só pode ser a mãe de Adam — disse ela à mulher que acompanhava a cena com um olhar ofendido. — O seu filho devia ter nos apresentado. Que falta de educação!

— Oh! — Engasgada de raiva, a mulher bateu no ombro de Adam com a mão pesada de brilhantes. — O que está acontecendo? Exijo uma explicação!

— Esta é Mary Faye Spencer — continuou Genny, implacável. — Ela vai ter o seu filho, Adam. Nós todos acreditamos que será um menino. Não acha que precisa comprar peças azuis para o enxoval?

Odessa não conseguia acreditar que a sua doce Genny fosse capaz de ser tão venenosa. Mas ele não a impediria de continuar nem mesmo se um terremoto derrubasse as paredes do hotel! Só esperava que Adam não tivesse um ataque cardíaco antes que ela terminasse de destruí-lo!

— E eu quero o meu dinheiro de volta., antes que você comece a comprar pecinhas azuis para o enxoval — exigiu ela, sempre sorrindo.

— Mas... eu não tenho dinheiro, Genny. — Adam a fitava, implorando por piedade. — Nem um tostão.

— Eu sei disso. Peça a sua mãe! — Genny olhou novamente para a companheira de Adam. — Ele sempre está sem dinheiro, não é? Pobrezinho!

Abrindo a bolsa de festa, Genny retirou um maço de notas, todo o dinheiro que Odessa lhe dera após o jogo em St. Louis. Ela guardara até as moedas, com medo de um futuro incerto, e naquele momento rompia seu último elo com o passado.

— Temos sempre que ajudá-lo, não é? — Ela começou a colocar as notas no bolso de Adam. — Não! Acho melhor entregar a Mary Faye.

Genny sorriu para a jovem que permanecia impassível.

— Você cuidará de tudo, Mary Faye. O sr. Amesbury a ajudará a tomar as decisões corretas. — Virou-se para o advogado. — Entrego-a aos seus cuidados e tenho certeza de que estará protegida de qualquer... desvio!

O empertigado sr. Amesbury colocou-se ao lado de sua jovem cliente. Atrás dele, *sir* Walter sorria.

Subitamente, Genny sentiu remorsos. Walter Reynard era um homem digno que não merecia ser magoado por ela, mas o destino o colocara em seu caminho no momento errado.

Com passos firmes, aproximou-se de *sir* Walter e beijou-o no rosto.

— O senhor foi muito bondoso comigo, *sir* Walter. Peço-lhe que me perdoe...

— Não diga mais nada, minha querida. — Ele colocou os dedos nos lábios de Genny para impedi-la de continuar e corou com a própria ousadia. — O brilho de seus olhos é a melhor explicação. Eu compreendo e desejo-lhe toda a felicidade do mundo. Acho que não nos encontraremos mais, por isso...

— Não. Partirei ainda esta noite... com meu noivo. — Genny sentia uma ponta de melancolia em sua felicidade. — Ele é um artista, o mais talentoso de todos.

— Eu sei.

Colocando-se ao lado de Genny, *sir* Walter estendeu a mão para Odessa e olhou para Felicia e Morgan que estavam a poucos passos de distância.

— São seus pais?

— Sim, senhor.

— Agora tenho certeza de que a srta. Carlyle está em boas mãos.

Odessa queria conduzir Genny para fora do salão de baile e para a nova vida que teriam juntos: Angel tomava as providências necessárias para a partida. Duas carruagens já haviam chegado para levar as bagagens, as contas do hotel estavam sendo pagas e Jessamine preparava-se para vir ao encontro da família Goldman que esperava para levá-los a Albany.

— Ela estará nas melhores mãos do mundo. — Com a voz rouca de emoção, Odessa virou-se para Genny. — Vamos embora, querida. Quero levá-la para a nossa casa.

Genny jamais esqueceria aquele momento mágico. A música invadiu o salão e o mundo se transformou em um lugar de alegria e esperança no futuro ao lado de seu amor.

Fim!